



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA**  
**MESTRADO ACADÊMICO EM LINGUÍSTICA APLICADA**

**MARCOS ROBERTO DOS SANTOS AMARAL**

**ANÁLISE DIALÓGICA DOS SIGNOS IDEOLÓGICOS VERBO-VISUAIS EM  
POESIAS DA OBRA “N. D. A.”, DE ARNALDO ANTUNES**



**F U N C A P**  
**FORTALEZA – CEARÁ**

**2017**

MARCOS ROBERTO DOS SANTOS AMARAL

ANÁLISE DIALÓGICA DOS SIGNOS IDEOLÓGICOS VERBO-VISUAIS EM POESIAS  
DA OBRA “N. D. A.”, DE ARNALDO ANTUNES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Linguística Aplicada.  
Área de concentração: Linguagem e Interação.  
Linha de pesquisa: Estudos Críticos da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. João Batista Costa Gonçalves.



**F U N C A P**

FORTALEZA – CEARÁ

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Amaral, Marcos Roberto dos Santos.

Análise dialógica dos signos ideológicos verbo-visuais em poesias da obra "n. D. A.", de Arnaldo Antunes[recurso eletrônico] / Marcos Roberto dos Santos Amaral. - 2017.

1 CD-ROM: il.; 4  $\frac{3}{4}$  pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 217 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2017.

Área de concentração: Linguagem e Interação.

Orientação: Prof. Dr. João Batista Costa Gonçalves.

1. Análise dialógica do Discurso. 2. Signo ideológico. 3. Bivocalidade. 4. n. d. a.. 5. Arnaldo Antunes. I. Título.

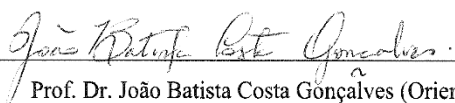
MARCOS ROBERTO DOS SANTOS AMARAL

ANÁLISE DIALÓGICA DOS SIGNOS IDEOLÓGICOS VERBO-VISUAIS EM  
POESIAS DA OBRA "N. D. A.", DE ARNALDO ANTUNES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Linguística Aplicada.  
Área de concentração: Linguagem e Interação.

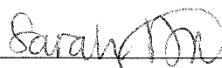
Aprovada em: 12 / 12 / 2017

BANCA EXAMINADORA



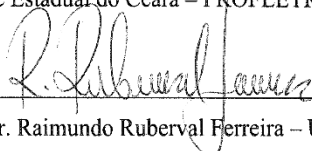
Prof. Dr. João Batista Costa Gonçalves (Orientador)

Universidade Estadual do Ceará – PosLA/UECE



Profª. Dra. Sarah Diva da Silva Ipiranga – PROFLETRAS/UECE

Universidade Estadual do Ceará – PROFLETRAS/UECE



Prof. Dr. Raimundo Ruberval Ferreira – UECE

Universidade Estadual do Ceará – PosLA/UECE

À memória de meus pais.

## AGRADECIMENTO

Sêneca afirmara que a experimentação da ingratidão valeria a pena porque permitiria encontrar um homem grato, do mesmo modo que Drummond observa que é um pecado menor elogiar um mau livro sem o ler do que depois de o ter lido, por isso agradecia logo após receber algum livro. Talvez não saibamos, ao certo, a devida dimensão de cada proposição dessa. Sabemos, é certo, que agradecer é gesto louvável. Isto, sobretudo, porque, em geral, não temos condição de dar a quem se deve o que se merece sempre. Mas tentarei fazê-lo.

Não poderia deixar de agradecer, desde já, a minha esposa, amada Leni, que, desde quando ainda estudava para participar do certame para ingressar no mestrado às vésperas da defesa, esteve cuidando para que não perdessem o rumo e desandassem meus passos, acadêmicos e humanos.

A minha filha, a Flor, que não esquece nunca de avisar-me do necessário recreio, quando, em meio a divagações solitárias, me convidava: - papai, vamos brincar?

Devo lembrar, ainda, de meu irmão, Marcelo, que, com suas contribuições sobre o que seja ciência e sobre qual melhor tradução para o *abstract* também teve mão aqui.

Agradeço também ao meu professor, João Batista, que é um excelente orientador.

Também, à FUNCAP, pela bolsa de estudos.

À SEDUC-CE, pelo afastamento integral para estudos.

E a todos meus professores, desde à escola até agora.

Enfim, é, nesta hora, quando faltam e avoluma-se nomes, que não se sabe se se estende ou se põe fim aos agradecimentos. Quem já teve de fazê-los, em algum instante, ao mínimo, deve ter tido essa excitação.

Para apaziguarmo-nos, reconheço a valia de parentes, amigos, colegas de estudo e tudo o mais que, efetivamente, participaram de meu trabalho, querendo eles ou não. Por fim, termino este agradecimento lembrando, com Bruyere, que não há no mundo exagero mais belo que a gratidão.

“A separação, o desligamento, o ensimesmamento como causa central da perda de si mesmo. Não se trata do que ocorre dentro, mas *na fronteira* entre a minha consciência e a consciência do outro, *no limiar*. O todo interior não se basta a si mesmo, está voltado para fora, dialogado, cada vivência interior está na fronteira, encontra-se com outra, e nesse encontro tenso está toda a sua essência. É o grau supremo da sociabilidade (não externa, não material, mas interna). Nesse ponto, Dostoiévski se opõe a toda cultura decadente e idealista (individualista), à cultura da solidão de princípio e incontrastável. Ele afirma a impossibilidade da solidão, da solidão ilusória. O próprio ser do homem (tanto interno quanto externo) é *convívio mais profundo*” (BAKHTIN, 2015, p. 322).



(ANTUNES, 2010, p. 137)

## RESUMO

Objetivamos analisar em poesias de “n. d. a.”, de Arnaldo Antunes (2010), como são redimensionadas relações hierárquicas, como as posições de dominância entre narrador e personagem, letra e imagem, poesia e prosa, erudição e coloquialismo. Para tanto, questionamos como as relações de autoria se apropriam de signos alheios a sua esfera, desconstruindo redes de sentidos que acentuam negativamente as particularidades constitutivas do signo ordinário. Defendemos que efeitos de sentido dessa obra são estabelecidos segundo uma tessitura textual em que signos ideológicos transitam subversivamente de diferentes esferas para a poesia, ressignificando suas axiologias. Tal tessitura é analisada por conceitos da Análise Dialógica do Discurso: diálogo; esfera discursiva; ideologia; prosa; poesia; dimensão verbo-visual do enunciado; signo ideológico; tema; significação; índice de valor; horizonte social. Fundamentamo-nos, pois, em Bakhtin (2015; 2014; 2011; 2010; 2008), Bakhtin/Volochínov (2014) e autores que discutem a obra círculo-bakhtiniana: Brait (2014; 2013), Fiorin (2014), Gonçalves e Alves (2016), Grillo (2014), Marchezan (2014), Miotello (2014), Silva, (2013), Sobral (2014; 2008) e Tezza (2014; 2003). Operacionalizamos nossa análise aplicando as categorias *bivocalidade* e *dialogismo interno*, que, neste caso, organizam relações de sentido relacionadas a usos do signo, em sua constitutividade situada historicamente. Metodologicamente, discutimos como esse discurso antuniano está sensível às vicissitudes da organização social contraditória, destacando de que maneira ele se organiza por *reinscrições sígnicas verbo-visuais*. Consideramos a organização da forma composicional dessas poesias que se apropria de signos da cidade reconhecendo-lhe, positivamente, as particularidades da interação discursiva cotidiana, para, então, nos concentrarmos na posição autoral que delinea a relação autor-herói-destinatário como um acordo de confiança – a autoridade poética –, por fim, discutindo a constituição da forma poética, da cultura do cotidiano e do engendramento de posições axiológicas e de relações de abuso de poder. A partir desse estudo, percebeu-se que a *bivovalidade* e o *dialogismo interno* da poesia de “n. d. a.” orquestram diversidades contraditórias, que desafiam conservadores limites dos objetos e funções poéticas e ético-políticas, rearticulando formas materiais e simbólicas que indiciam modos de agir a favor do diálogo criativo de vozes cotidianas marginais.

**Palavras-chave:** Análise dialógica do Discurso. Signo ideológico. Bivocalidade. “n. d. a.” Arnaldo Antunes.



## ABSTRACT

We aim to analyze in poetry of “n. d. a.” Arnaldo Antunes (2010), how hierarchical relations are resized, such as the positions of dominance between narrator and character, letter and image, poetry and prose, erudition and colloquialism. To this end, we question how authorial relations take hold of signs alien to their sphere, deconstructing networks of meanings that negatively accentuate the constitutive particularities of the ordinary sign. We defend that effects of sense of the work are established according to a textual tessitura in which ideological signs subversive transit from different spheres to a poetry, resignifying its axiologies. Such a structure is analyzed by concepts of Dialogical Analysis of Discourse: dialogue; discursive sphere; ideology; prose; poetry; verb-visual dimension of the utterance; ideological sign; theme; significance; index of value; social horizon. We are therefore based in Bakhtin (2015; 2014; 2011; 2010; 2008), Bakhtin/Volochínov (2014) and authors who discuss the circle-Bakhtinian work: Brait (2014; 2013), Fiorin (2014), Gonçalves e Alves (2016), Grillo (2014), Marchezan (2014), Miotello (2014), Silva, (2013), Sobral (2014; 2008) e Tezza (2014; 2003). We operate our analysis applying the categories bivocality and internal dialogism, which, in this case, organize relations of meaning related to uses of the sign, in its constitutivity situated historically. Methodologically, we discuss how this antuniano discourse is sensible to the vicissitudes of social struggle, highlighting how it lost its organization through verbal-visual signistical reinscriptions. We consider the organization of the compositional form of these poems that appropriates signs of the city, recognizing, positively, the daily particularities of discursive interaction, in order to *locus* on the authorial position that delineates the author-hero-recipient relationship as a trust agrément – poetic authority -, finally, discussing the constitution of the poetic form, the culture of daily life and the generation of axiological positions and relations of abuse of power. From this study, it was realized that the bivalidade and the internal dialogism of the poetry of “n. d. a”. orchestrate contradictory diversities that challenge conservative boundaries of poetic functions and ethical-political objects, rearranging material and symbolic forms that indicate ways of acting in favor of the creative dialogue of marginal everyday voices.

**Key words:** Dialogical Analysis of Discourse. Ideological sign. Bivocality. “n. d. a.” Arnaldo Antunes.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1 –</b>	<b>ANTUNES, 2010, capa, lombada e contracapa.....</b>	<b>100</b>
<b>Figura 2 –</b>	<b>ANTUNES, 2010, p. 28.....</b>	<b>101</b>
<b>Figura 3 –</b>	<b>ANTUNES, 2010, p. 42.....</b>	<b>103</b>
<b>Figura 4 –</b>	<b>ANTUNES, 2010, p. 43.....</b>	<b>104</b>
<b>Figura 5 –</b>	<b>ANTUNES, 2010, p. 168.....</b>	<b>105</b>
<b>Figura 6 –</b>	<b>ANTUNES, 2010, p. 19.....</b>	<b>106</b>
<b>Figura 7 –</b>	<b>ANTUNES, 2010, p. 202-3.....</b>	<b>108</b>
<b>Figura 8 –</b>	<b>ANTUNES, 2010, p. 95.....</b>	<b>109</b>
<b>Figura 9 –</b>	<b>ANTUNES, 2010, p. 119.....</b>	<b>109</b>
<b>Figura 10 –</b>	<b>ANTUNES, 2010, p. 151.....</b>	<b>110</b>
<b>Figura 11 –</b>	<b>ANTUNES, 2010, p. 159.....</b>	<b>110</b>
<b>Figura 12 –</b>	<b>ANTUNES, 2010, p. 166.....</b>	<b>112</b>
<b>Figura 13 –</b>	<b>ANTUNES, 2010, p. 201.....</b>	<b>112</b>
<b>Figura 14 –</b>	<b>ANTUNES, 2010, p. 173.....</b>	<b>113</b>
<b>Figura 15 –</b>	<b>ANTUNES, 2010, p. 177.....</b>	<b>114</b>
<b>Figura 16 –</b>	<b>ANTUNES, 2010, p. 169.....</b>	<b>115</b>
<b>Figura 17 –</b>	<b>ANTUNES, 2010, p. 197.....</b>	<b>116</b>
<b>Quadro 1 –</b>	<b>Concepção de Linguagem, a partir dos estudos bakhtinianos.....</b>	<b>29</b>
<b>Quadro 2 –</b>	<b>Obras e contribuições para a constituição da ADD, a partir das ideias de Brait (2014) .....</b>	<b>50</b>
<b>Quadro 3 –</b>	<b>Categorias e procedimentos de análise.....</b>	<b>152</b>

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>PUXANDO CONVERSA (INTRODUÇÃO)</b> .....	12
<b>2</b>	<b>O LUGAR DE QUE SE FALA (O CONTEXTO/HORIZONTE ACADÊMICO DA PESQUISA)</b> .....	16
2.1	O CÍRCULO DE BAKHTIN .....	18
2.2	CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM SOB A PERSPECTIVA DIALÓGICA ...	24
2.3	LINGUÍSTICA APLICADA, ESTUDOS CRÍTICOS DA LINGUAGEM E A ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO.....	30
2.4	O ENTENDIMENTO DE CRÍTICA .....	38
<b>3</b>	<b>AS PALAVRAS SOBRE QUE SE FALA (AS CATEGORIAS DE ANÁLISE)</b> .....	48
3.1	ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO.....	49
3.2	DIÁLOGO .....	62
3.3	ESFERA DISCURSIVA.....	67
3.4	IDEOLOGIA .....	71
3.5	POESIA E PROSA .....	75
3.6	DIMENSÃO DA VERBO-VISUALIDADE DO ENUNCIADO .....	83
3.7	SIGNO IDEOLÓGICO .....	85
3.8	TEMA E SIGNIFICAÇÃO.....	88
3.9	ÍNDICE DE VALOR E HORIZONTE SOCIAL .....	90
3.10	BIVOCALIDADE E DIALOGISMO INTERNO .....	92
<b>4</b>	<b>AS PALAVRAS DE/COM QUEM SE FALA (O OBJETO/SUJEITO TEÓRICO E ANALÍTICO)</b> .....	98
4.1	TIPO DE PESQUISA E CONSTITUIÇÃO DO CORPUS .....	99

4.2	AS PALAVRAS DE/SOBRE ARNALDO ANTUNES .....	121
4.3	DÍALOGO ENTRE O CÍRCULO DE BAKHTIN E ARNALDO ANTUNES.....	127
4.4	GÊNEROS DO DISCURSO E AUTORIDADE POÉTICA .....	130
4.5	CATEGORIAS E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE .....	144
5	<b>OS “FINALMENTES” DESSA CONVERSA (ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO DE “N. D. A.” DE ARNALDO ANTUNES)</b> .....	155
5.1	PRA COMEÇO DE CONVERSA: OBSERVAÇÕES GERAIS .....	155
5.1.1	<b>A sobreposição de índices de valor no enunciado de “n. d. a.”</b> .....	155
5.1.2	<b>Diálogo e ideologia: a transitoriedade criativa</b> .....	164
5.2	DANDO PANO PRA MANGAS: QUESTÕES DE EMPODERAMENTO..	173
5.2.1	<b>Emergência do signo reinscrito e a História da palavra</b> .....	173
5.2.2	<b>História da palavra e transformação social</b> .....	179
5.3	OS PINGOS NOS IS: AS FORMAS MATERIAIS DE EMPODERAMENTO NO DISCURSO .....	189
5.3.1	<b>Questões do signo ideológico na poesia de “n. d. a.”</b> .....	189
5.3.2	<b>Questões do material estético na poesia de “n. d. a.”</b> .....	193
5.3.3	<b>Questões de organização de axiologias na poesia de “n. d. a.”</b> .....	198
5.3.4	<b>Questões de autoridade poética e relações de poder</b> .....	203
6	<b>TROCANDO EM MIÚDOS ... (À GUIA DE (IN)CONCLUSÃO)</b> .....	211
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	214

## 1 PUXANDO CONVERSA ... (INTRODUÇÃO)

Se toda coincidência/Tende a que se  
entenda/E toda lenda/Quer chegar  
aqui/A ciência não se aprende/A ciência  
aprende/A ciência em si//Se toda estrela  
cadente/Cai pra fazer sentido/E todo  
mito/Quer ter carne aqui//A ciência não  
se ensina/A ciência insemina/A ciência  
em si (ANTUNES. “A Ciência Em Si”).  
In: <[https://www.letras.mus.br/arnaldo-  
antunes/91283/](https://www.letras.mus.br/arnaldo-antunes/91283/)>

Acesso: 04/11/2017)

O discurso de “n. d. a.” singulariza-se através da desestabilização dos usos comuns de signos ideológicos, reinscrevendo-os em cadeias ideológicas que lhes são estranhas, de maneira que suas axiologias se reorganizem. Tal ato se funda conforme reúna diversas formas materiais discursivas de cadeias ideológicas não-poéticas distintas entre si na esfera poética. O sentido transformador deste ato consiste na problematização do caráter transitório e limítrofe de todo signo ideológico. A organização discursiva desta poesia, de fato, problematiza seu *status* social em função da legitimação de formas plurais de interação verbal e social, opondo-se, assim, a formas consagradas reacionárias.

Em “n. d. a.”, as relações autorais, são apresentadas de maneira que se explicita o fato de ser “resultado” não da intenção de um autor individualizado, mas da ação comprometida entre diversos sujeitos, enquanto ação histórica. Assim, as características desta poesia como discurso unificador – à diferença da unificação de discursos hegemônicos enquanto relações de exclusão de pontos de vista de esferas distintas – delineiam-se na ambivalência das mundivisões cotidianas híbridas que podem se articular sem hierarquização opressora de todos os pontos de vista com que têm contato.

Desse modo, nesta dissertação, pretende-se estudar, nas singularidades do discurso das poesias de “n. d. a.”, os efeitos de sentido decorrentes do movimento da relação dialógica entre suas propriedades significativas e temáticas, que,

ideologicamente, se especifica pelas criativas repetições e transformações contraditórias de valores estabilizados. Também, propomo-nos estudar como estes efeitos de sentido reacentuam positivamente o signo ordinário, que é estabelecido como não podendo mais ser avaliado por convenções conservadoras, em esferas discursivas institucionais, como a poética.

A obra antuniana já fora estudada em muitos trabalhos que, a nosso ver, são excelentes interpretações de suas singularidades, nas suas mais variadas expressões e são também grandes apanhados sobre as suas características artísticas e estilísticas. Tais análises muitas vezes encaminham-se por entre questões de discurso, sociedade, política e ética, o que gerou nosso interesse por saber qual o valor dessa obra não quanto a questões de descrição e classificação da técnica poética antuniana, mas sobre sua relação com tendências discursivas e sociais. Por isso, acreditamos que esta dissertação pode ampliar o debate sobre a obra antuniana e sobre os estudos do discurso destacando a forma como tendências criativas da cultura ordinária participam da criação de efeitos de sentido das práticas verbais e sociais.

A perspectiva dialógica de análise do discurso orienta-se, particularmente, pelo estudo do enunciado concreto<sup>1</sup>, enquanto crítica de entendimentos do uso discursivo como manifestação imanentista da língua, uma vez que ela considera o uso da língua caracterizado pela responsabilização pelo que se diz. Isto pode ser compreendido como a orientação ideológica do discurso, sem o que o destino dele mesmo terá fim na reificação da palavra e das relações humanas, ou seja, na perda do horizonte concreto de uso discursivo. Assim, compreende que o discurso só pode ser autêntico, caso não se limite a apenas uma parte da cultura, abstraída das relações situadas historicamente (reificação).

Considerando que a lógica individualista capitalista, que se define como um desvirtuamento dos diálogos pelos imperativos das esferas de mercado e consumo, se organiza como tendência redutora da complexidade da unidade da cultura, podemos

---

<sup>1</sup> Silva (2013, p. 49) sintetiza da seguinte maneira o conceito de enunciado: “um enunciado é formado pela parte material (verbal ou visual) e pelos contextos de produção, circulação e recepção”, cuja fronteira é a unidade de sentido, que, por sua vez, é desdobrado em tema (momento instável) e significado (momento estável) e possui uma dimensão ética, isto é, está ligado “a uma atividade humana, desempenhada por um sujeito que tem um lugar na sociedade e na história, ou seja, um sujeito que sempre está em interação com outros sujeitos” (SILVA, 2013, p. 51). Desse modo, o enunciado é concreto, situado historicamente e participa de enunciados anteriores e provoca outros ulteriores, além de orquestrá-los pacífica ou polemicamente com vozes de si e de outrem. Silva (2013, p. 64) postula como a “contribuição para os estudos do discurso reside em destacar que o sentido dos enunciados concretos se constrói na relação entre materialidade sógnica e forças históricas e ideológicas, ou seja, entre o texto que se percebe pelos sentidos e as forças constitutivas das atividades humanas envolvidas nas interações dos interlocutores desses textos”.

compreender que o valor transformador do, digamos assim, discurso ordinário empoderador, em esferas oficiais, endossa práticas discursivas pautadas na hibridização integradora de signos ideológicos distintos, assim, se definindo de acordo com que se contraponham à lógica individualista capitalista.

A perspectiva dialógica, de fato, não desconsidera que, por conta da força da particularidade constitutiva contraditória do discurso, de cuja realização se depreende não palavras abstratas, mas posicionamentos sociais, os conteúdos são sempre ideológicos/responsáveis. Estes se constroem na luta ininterrupta de forças sociais de tendência à centralização e à descentralização, num *continuum* movimento de relativa estabilização de sentidos, uma vez que a palavra é uma arena de lutas criativas e transitórias.

Acredita-se que este estudo é justificável, porque este discurso poético indicia uma tendência histórica transformadora das relações discursivas nas formas de relacionamento de posições ideológicas em interação. Esta tendência orienta-se no sentido da reordenação de relações de sentido conservadoras, a se reconhecer a autoridade das formas cotidianas para a constituição de um discurso oficial. Nesse sentido, este estudo problematiza formas hegemônicas de interação com axiologias ordinárias que as tomam como não podendo organizar discursos oficiais.

Desta feita, em última instância, essa problematização engendra-se como um ato discursivo interessado na articulação de formas de empoderamento de sujeitos não-hegemônicos, constituídos em práticas discursivas cotidianas urbanas, cujos índices de valor constituem formas de cultura oficiais. Este empoderamento pode materializar-se conforme estas formas oficiais de cultura sejam acentuadas a partir desses índices de valor ordinários e não mais dos elitistas.

Assumindo a postura de que a perspectiva dialógica propõe que se faça “da análise um processo de diálogo entre sujeitos” (BRAIT, 2014, p. 28), pois “o ponto de vista dialógico não cria um objeto ideal, de sujeito ausente, a ser tratado à distância; orienta, antes o estudioso a participar do jogo, a considerar o enunciado, o texto como vozes a compreender, com as quais dialogar” (MARCHEZAN, 2014, p. 129), a imagem da pesquisa pode ser construída como a de um parceiro que conversa com outro.

Sabendo, então, que cada conversa se situa num lugar e tempo determinados, estabeleceu-se, na organização dos títulos e outros movimentos retóricos desta dissertação, referências aos modos de organização de uma conversa, e, considerando a

especificidade de uma pesquisa acadêmica, também se indicou, em parênteses, qual movimento formal da pesquisa se está desenvolvendo.

Para darmos conta desse ato, esta dissertação organiza-se, metodologicamente, apresentando, de início, uma introdutória discussão concernente a particularidades importantes para o entendimento do que seja o Círculo de Bakhtin e para a elucidação a respeito do seu conceito de linguagem, percebendo, sobretudo, seu fundamento ideológico, como condição de sua constituição enquanto arena de lutas; isto no segundo capítulo.

No terceiro, apresentar-se-ão as categorias de análise de que se valerão os procedimentos analítico-metodológicos desta pesquisa (*bivocalidade e dialogismo interno*), além das noções, princípios, procedimentos e categorias da perspectiva dialógica, utilizados aqui: signo ideológico, tema, significação, índice de valor, horizonte social, diálogo, esfera discursiva, ideologia, prosa, poesia e dimensão verbo-visual do enunciado.

Já no quarto capítulo, propõe-se refletir sobre uma fortuna crítica da obra antuniana, destacando posicionamentos ideológicos sobre arte, poesia, cultura, sociedade, influências e interesses motivadores de sua obra poética. Nesta ocasião, serão definidos a noção de gênero discursivo, a especificidade do gênero poético, na perspectiva dialógica, o *corpus*, e a natureza qualitativa desta pesquisa.

Em seguida, no quinto capítulo, apresentaremos a análise dialógica do discurso de “n. d. a.”, de Arnaldo Antunes, considerando os modos como ele articula as singularidades da tensão marcante das relações sociais, na materialidade sócio-ideológica/discursiva, especificadas por contradições históricas, através das quais as relações sociais urbanas cotidianas emergem em materialidades discursivas oficiais, como as poéticas, afirmando uma lógica – a que propõe o diálogo integral e complexo entre fronteiras distintas – empoderadora de índices de valor ordinários.

Por fim, no capítulo de conclusão, será destacado que as singularidades da poesia de “n. d. a.” problematizam contraditórias diversidades, desafiando vários cânones sociais e verbais, o que, para os propósitos desta dissertação, exige uma análise dialógica; e que o valor transformador do discurso de “n. d. a.” consiste no orquestramento de formas materiais que indiciam modos de agir que questionam atividades de reificação do homem, que silenciam o diálogo criativo de vozes heterogêneas cotidianas.



## 2 O LUGAR DE QUE SE FALA (O CONTEXTO/HORIZONTE ACADÊMICO DA PESQUISA)

Por mais monológico que seja o enunciado (por exemplo, uma obra científica ou filosófica), por mais concentrado que esteja no seu objeto, não pode deixar de ser em certa medida também uma resposta àquilo que já foi dito sobre dado objeto, sobre dada questão (BAKHTIN, 2011, p. 298).

Propõe-se, neste capítulo, apresentar uma discussão introdutória sobre algumas particularidades importantes para o entendimento do que seja o Círculo de Bakhtin, tratando-se das seguintes questões: quais noções estão associadas em geral à concepção de linguagem que podem ser apreendidas a partir dos estudos círculo-bakhtinianos e em que medida estes estão dimensionados pelo conceito de ideologia tomado por este grupo. Outra questão é a seguinte: qual o peso que as preocupações com a especificidade constitutiva intersubjetiva das práticas discursivas têm para as reflexões círculo-bakhtinianas. Buscar-se-á, ainda, relacionar, sumariamente, o contexto histórico em que atuou o Círculo com suas postulações teóricas.

Objetiva-se, elucidar, detidamente, o conceito de linguagem do Círculo, percebendo seu fundamento ideológico, justamente o que constitui a linguagem enquanto arena de lutas. Além disso, será tematizada a implicação do conceito círculo-bakhtiniano de linguagem com contradições sociais, posições axiológicas e comprometimento ético, materializados, multifacetadamente, no signo ideológico, utilizado nas diversas práticas sociais, situadas historicamente.

Serão, também, discutidos os pontos de contato entre essa perspectiva de estudo da linguagem, com as da Linguística Aplicada<sup>2</sup> e dos Estudos Críticos da Linguagem<sup>3</sup>, concentrando-se em suas asserções a respeito da dimensão ética das práticas

---

<sup>2</sup> Sobre a definição do campo de estudos definidos pela perspectiva da Linguística Aplicada, ver, mais a frente, a seção “Linguística Aplicada, Estudos Críticos da Linguagem e a Análise Dialógica do Discurso”.

<sup>3</sup> Segundo Gonçalves e Amaral (no prelo): “quando se se refere a ‘estudos críticos da linguagem’ pensa-se no que o Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada de Universidade Estadual do Ceará –

discursivas – e da atividade acadêmica –; da ampliação do conceito de linguagem, que ressignifica a ideia de contexto; e das questões concernentes à produção e disseminação de efeitos de sentido, nas diversas formas de interação social. Por fim, apresentar-se-á uma visão geral do entendimento de Crítica, adotado aqui, que se pode depreender a partir dos estudos abrigados sob a perspectiva teórica da Linguística Aplicada, dos Estudos Críticos da Linguagem e da Análise Dialógica do Discurso<sup>4</sup>.

A importância dessas discussões para esta pesquisa consiste em permitir situar os fundamentos do conceito de linguagem em que se apoiará toda a análise feita aqui e, ainda, em determinar o lugar cultural de onde se fala nesta pesquisa, apontando as origens e anseios acadêmicos da Linguística Aplicada, dos Estudos Críticos da Linguagem e da Análise Dialógica do Discurso, o que possibilita dar corpo e voz históricos<sup>5</sup> a esta pesquisa, que responde a interesses sociais de transformação e comprometem-se, criticamente, com esse lugar. Isto orientará cada asserção feita na pesquisa.

---

PosLA/UECE estabelece como uma linha investigativa que ‘tem como objetivo gerar conhecimento sobre as operações ideológicas do discurso e as relações de poder nelas implicadas. Volta-se, portanto, para o estudo de fenômenos interacionais de (re)produção/manutenção/problematização/ressignificação de sentidos naturalizados. Volta-se também para processos de negociação identitária, focalizando processos intersubjetivos 1) de posicionamento social, 2) de atribuição de valores à relação identidade-diferença, e 3) de hierarquização e construção de assimetrias’ (UECE/PosLA, 2017).

<sup>4</sup> Brait (2014) destaca que a Análise Dialógica do Discurso possui três características fundantes, a saber, a alteridade constitutiva das noções dialógicas; dialogismo constitutivo de todos os discursos em diversos graus; e interação como processo verbal e social. Brait (2014, p. 28) destaca que isto é o que “ela tem de original: fazer da análise um processo de diálogo entre sujeitos”. Cf. no próximo capítulo, a seção “Análise Dialógica do Discurso”.

<sup>5</sup> Machado (1996;1995) considera que uma pesquisa está sempre situada historicamente, logo, está comprometida com dado horizonte social ao qual se vincula e responde a seus pontos de vista. Pensando, assim, toda pesquisa está orientada por índices de valor determinados, sob os quais sua interpretação deve ser especificada. Tal constatação justifica-se pelo que Brait (2014) aponta como característica fundante da Análise Dialógica do Discurso, a saber, o comprometimento ético do pesquisador para com seu objeto de estudo, que é tomado como, mais do que um “produto abstrato”, um fenômeno social integrado a uma prática social de um sujeito concreto, constituída através da relação entre língua, linguagem, história e sujeito. Enfim, Machado (1996, p. 89-90) explica que “para Bakhtin, tudo o que se diz é determinado pelo lugar de onde se diz”. Por isso, o discurso define-se enquanto prática social.

## 2. 1 O CÍRCULO DE BAKHTIN<sup>6</sup>

Segundo Silva (2013, p. 43), “dá-se o nome de Círculo, em geral, aos grupos formados pelo pensador russo e por seus amigos e colaboradores em diferentes momentos de vida de Bakhtin”. Além deste, Volochínov e Medvedev são dois importantes integrantes desse grupo. Segundo Silva (2013, p. 46), Bakhtin, nascido, em Orel-Moscov, em 1895 e falecido em 1975:

Escreveu muito e teve muitos textos publicados. Nem sempre, no entanto, esses textos foram preparados para publicação pelo autor. Alguns de seus cadernos de anotações acabaram se transformando em ensaios, artigos, escritos. Essa é uma primeira dificuldade para quem quer estudar o teórico: lidar com uma escrita que nem sempre é muito clara, pois não foi pensada para que outra pessoa lesse.

O pensador russo, por questões políticas, viveu em várias cidades, onde travou relações com sua intelectualidade, de cujo resultado se estabeleceu uma reflexão eclética, que passa pela linguística, literatura, arte, cultura popular e religião.

Por seu lado, Volochínov, de acordo com Silva (2013, p. 47):

Aproxima-se de Bakhtin em Nevel, uma pequena cidade onde o pensador residiu entre 1918 e 1920. Lá, formou-se um grupo de estudo que constituiu a primeira formação do círculo de Bakhtin. Volochínov assina algumas das obras mais importantes do Círculo, como *Marxismo e filosofia da linguagem*.

Já Medvedev, ainda segundo Silva (2013, p. 47), “aproximou-se de Bakhtin em outro momento, numa cidade chamada Vitebski, onde vários membros do Círculo passaram a residir entre 1920 e 1924. Credita-se a Medvedev a autoria de “Método formal nos estudos literários”.

Sipriano (2014, p. 23) observa que, na Rússia, havia vários grupos de estudos formados por intelectuais de diversas áreas, entre os anos 1920 e 1970. Bakhtin participara de muitos grupos cujo interesse versava sobre questões linguísticas e de filosofia da linguagem. A autora comenta que o grupo de Bakhtin<sup>7</sup> se reunia em Nevel, Vitebsky e São Petersburgo e que o grupo, além de Medvedev, Volochínov e Bakhtin:

Era constituído por pessoas de diversas formações, interesses intelectuais, e atuações profissionais (um grupo multidisciplinar, portanto), incluindo, entre vários outros, o filósofo Matvei I. Kagan, o biólogo Ivan I. Kanaev, a pianista Maria Yudina, o professor e estudioso da literatura Lev V. Pupianski.

<sup>6</sup> Embora seja corrente o termo “Círculo de Bakhtin”, este sofre algumas ressalvas, já que, de acordo com (SILVA, 2016, p. 18), autores como Sériot defendem que tal expressão “Círculo de Bakhtin” não fora utilizada na época em que o próprio Círculo se reunira, sendo, com efeito, criada pelos estudiosos que se debruçaram, posteriormente, sobre a obra de tal grupo. A despeito disso, o termo tornou-se corrente no meio acadêmico entre os estudiosos da linguagem e outras áreas como literatura e educação. Por isso, utiliza-se sem problemas tal designação para referir-se ao grupo de estudo que ficou conhecido sob a presença e influência de Bakhtin.

<sup>7</sup> O determinante, na expressão “Círculo de Bakhtin”, decorre do fato de este ter tido sua obra “mais reconhecida” academicamente no mundo.

Silva (2013, p. 47) destaca a importância, para o Círculo, do conceito de discurso, entendido como “resultado de condições sociais e históricas, o que faz com que nunca possamos ‘falar sozinhos’”. Em outras palavras, sempre o discurso pressupõe outros discursos com os quais estabelece uma cadeia de sentidos que se inscreve em outras cadeias, a surgir ou já consolidadas. É, inclusive, do confronto entre estas cadeias de sentido/ideológicas que as práticas discursivas se constituem e se renovam.

Diante disso, pode-se afirmar com Grillo (2014) que o Círculo de Bakhtin pode ser caracterizado por seu interesse pelas questões concernentes às produções ideológicas, situadas historicamente, num tempo e lugar concretos. Para confirmá-lo, a autora observa que a expressão esfera da comunicação é retomada por diversas expressões na obra círculo-bakhtiniana, como esfera da criatividade ideológica, da atividade humana, da comunicação social, da utilização da língua, e ideologia.

Desse modo, para Grillo (2014), na obra de Bakhtin e do Círculo, a noção de esfera discursiva é central, pois, a partir dela, se pode compreender a realidade plural das formas de interação entre os diversos sujeitos no terreno comum da linguagem humana. O conceito de esfera, na perspectiva dialógica do Círculo, de fato, entende, criticamente, a constituição humana enquanto mediação ideológica entre grupos sociais específicos, uma vez que esse conceito é compreendido como evento associado a coerções ideológicas, respondendo à lógica singular de cada esfera (GRILLO, 2014, p. 142).

Nesse sentido, o estudo da linguagem implica o estudo das formas como as condições históricas situam os usos linguísticos, de maneira que a relação entre linguagem e ideologia<sup>8</sup> é indissociável. Portanto, os estudiosos da obra círculo-bakhtiniana dão bastante atenção a problematização da noção de ideologia. Sendo assim, Miotello (2014) faz entender que o conceito de ideologia é trabalhado, especialmente, em três obras do Círculo, a saber, *Marxismo e filosofia da linguagem* (Bakhtin/Volochínov), *Problemas da poética de Dostoiévski* (Bakhtin), *O que é linguagem* (Volochínov), porque nelas “as questões que tratam do estudo da ideologia estão abordadas de forma mais ampla e aprofundada” (MIOTELLO, 2014, p. 166).

A partir do estudo dessas obras, chega-se a uma definição de ideologia que a compreende enquanto modo transitório de representação da sociedade e do mundo, que se constrói fundamentado em referências estabelecidas através das diversas interações

---

<sup>8</sup> Sobre a noção de ideologia sob os preceitos teórico-metodológicos da Análise Dialógica do Discurso, cf. a seção “Ideologia”, no segundo capítulo.

sociais e simbólicas de singulares grupos sociais organizados (MIOTELLO, 2014, p. 176).

Os autores do Círculo, portanto, dão atenção especial a este conceito, o qual é construído, então, se considerando, justamente, a natureza heterogênea da linguagem. A obra do Círculo, como não poderia deixar de ser, privilegia a natureza social da linguagem, além da “relação do enunciado com o contexto social imediato e amplo, o modo de constituição da subjetividade na intersubjetividade” (GRILLO, 2014, p. 138).

Esta relação entre enunciado e dinâmica social decorre da particularidade da linguagem estar voltada para a emergência e a organização de acentos sociais contraditórios num mesmo enunciado. A respeito da orientação do enunciado para as relações sociais, evidencia-se, como Machado (1996, p. 100) destaca, o fato de que:

A palavra que entra para a enunciação é uma unidade<sup>9</sup> cultural do discurso-língua vivo, dinâmico; como tal, é dotada de tudo que é próprio da cultura, sobretudo as significações cognitivas, éticas e estéticas. Por isso, explica Bakhtin, “quando construímos nosso discurso, sempre conservamos na mente o todo do nosso enunciado, tanto em forma de um esquema correspondente a um gênero definido, como em forma de uma interação discursiva individual” (M. Bakhtin, 1986: 86, nota b). Esse contato entre vida e enunciado, modulado pelo gênero, imprime um tom, uma entoação expressiva à enunciação.

Conforme Bakhtin (2014, 2015) observa, a linguagem é naturalmente social, porque não pode deixar de orientar-se para a fala do outro e porque tal particularidade faz dela um fenômeno bivocal, isto é, um fenômeno que indicia diversas posições axiológicas em tensão nas práticas sociais e discursivas numa mesma expressão. Por isso que o Círculo se interessou bastante por questões concernentes à pluralidade cultural e linguística e o contato entre ambas, que promove a transitoriedade dos sentidos sociais.

A relação, portanto, entre vozes diferentes passa a nortear o estudo sobre a linguagem. Bakhtin/Volochínov (2014, p. 203) compreende que “toda a atividade verbal consiste, então, em distribuir a palavra de outrem e a palavra que parece ser a de outrem”. Nesse sentido, o problema da citação, introdução de vozes e acentos alheios no discurso, toma uma dimensão cujo foco principal é sua relação com a estratificação social e as formas contingenciais com que estas se articulam.

Assim, a singularidade dialógica da linguagem e a particularidade bivocal de seus enunciados requerem um novo olhar para as formas de participação de axiologias heterogêneas e citação de discursos alheios, e suas transformações históricas, da mesma

---

<sup>9</sup> Na seção “O entendimento de crítica”, a última desse capítulo, há a compreensão da noção de unidade, adotada aqui.

maneira que um novo olhar para como o discurso documenta as mais íntimas transformações sociais através dela. Com efeito, o discurso citado é um documento que:

Dá indicações sobre as tendências sociais estáveis características da apreensão ativa do discurso de outrem que se manifestam. O mecanismo desse processo se situa [...] nas formas da língua na sociedade, que escolhe e gramaticaliza – isto é, associa às estruturas gramaticais da língua – apenas os elementos da apreensão ativa, apreciativa, da enunciação de outrem que são socialmente pertinentes e constantes e que, por consequência, têm seu fundamento na existência econômica de uma comunidade linguística dada (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 152).

Silva (2013) destaca que o Círculo produziu suas obras num período, quando a ideia/imperativo social de afirmação da diversidade linguística era bastante estimulada, de sorte que:

Nos anos entre a revolução e ascensão de Stalin, em 1924, houve um projeto nacional voltado para a alfabetização de milhares de trabalhadores [...] do qual participaram membros do Círculo bakhtiniano, que defendiam a divulgação da língua russa sem supressão das diversas variantes e línguas nacionais faladas pelos trabalhadores (Zandwais, 2009a). Nesse período, entendia-se que a identidade soviética deveria se construir pelo diálogo entre culturas e línguas de todas as repúblicas (SILVA, 2013, p. 48).

Deve-se notar que, após este período de acolhimento e compreensão da palavra alheia, seguiu-se o de Lênin, que assume em 1924, após a morte de Stalin, a direção do estado soviético, cuja política de identidade apresentou-se apoiada, conforme Silva (2013, p. 48) “na ideia de unificar os estados soviéticos e de criar uma unidade da língua, sem respeitar as particularidades das línguas de cada república”. Fica evidente, assim, como se pode compreender o valor engajado através do qual o Círculo pensa a linguagem enquanto prática social de convergência de diferenças e identidades.

A questão do contato e interação igualitária e/ou abusiva entre línguas e culturas, além do vislumbre da relação entre elementos discursivos e ideológicos, e o decorrente interesse pelas formas linguísticas que estariam sensíveis a tais relações e as responderiam afirmativa ou negativamente. Tal questão justifica o interesse que Bakhtin (2014) dá ao problema das relações de poder que a citação envolve, quando estuda a questão da palavra interiormente persuasiva e autoritária.

Segundo Bakhtin (2014, p. 145), a palavra interiormente persuasiva é:

A palavra ideológica do outro, interiormente persuasiva e reconhecida por nós [...] é determinante para o processo da transformação ideológica da consciência individual: para uma vida ideológica independente, a consciência desperta num mundo onde as palavras de outrem a rodeiam e onde logo de início ela não se destaca; a distinção entre nossas palavras e as do outro, entre os nossos pensamentos e os dos outros se realiza relativamente tarde. Quando começa o trabalho do pensamento independente experimental e seletivo, antes de tudo ocorre uma separação da palavra persuasiva da palavra autoritária imposta e da massa das palavras indiferentes que não nos atingem.

Enquanto, ainda com Bakhtin (2014, p. 143), a palavra autoritária:

Exige de nós o reconhecimento e a assimilação, ela se impõe a nós independentemente do grau de sua persuasão interior no que nos diz respeito; nós já a encontramos unida à autoridade. A palavra autoritária, numa zona mais remota, é organicamente ligada ao passado hierárquico. É, por assim dizer, a palavra dos pais. Ela já foi reconhecida no passado. É uma palavra encontrada de antemão. Não é preciso selecioná-la entre outras equivalentes. Ela ressoa numa alta esfera, e não na esfera do contato familiar. Sua linguagem é uma linguagem especial (por assim dizer, hierática). Ela pode tornar-se objeto de profanação. Aproxima-se do tabu, do nome que não se pode tomar em vão.

Esse estudo reverbera no entendimento da relação entre linguagem e ideologia que o Círculo apresenta, uma vez que a palavra interiormente persuasiva seria uma manifestação no discurso das forças que Bakhtin (2011; 2014) chama centrífugas, ao passo que a autoritária, das centrípetas<sup>10</sup>.

De acordo com Miotello (2014, p. 171), pode-se definir ideologia, na perspectiva bakhtiniana, enquanto expressão, organização e regulação tensas das relações histórico-materiais dos diversos sujeitos sociais em contradição. Esta concepção, em estando situada concretamente, é constituída no movimento entre ideias relativamente instáveis e outras relativamente estáveis. O mundo da cultura consiste ambivalentemente tanto em forças centrípetas, via de regra, relacionadas a algum cânone, por ora, socialmente, estabelecido; quanto em forças centrífugas, as marginais, descentralizadoras. A respeito dessas forças constitutivas das relações discursivas e culturais, Morson e Emerson (2008, p. 48) explicam que:

As primeiras buscam impor a ordem<sup>11</sup> num mundo essencialmente heterogêneo e confuso. As segundas, já propositadamente, já sem nenhuma razão particular, estão sempre transtornando essa ordem. As forças centrífugas não se

<sup>10</sup> Cf. no próximo capítulo, na seção “Prosa e poesia”, a discussão sobre a relação dessas forças com a heterogeneidade discursiva e os discursos institucionais. Por ora, pode-se destacar que a poesia assume uma palavra cuja autoridade decorre de sua organização pretender formas “monumentais” que “inspiram” (autorizam) respeito, reverência, não por imperativos de intransigência, patronalismo, patriarcalismo, despotismo, que obrigam a subserviência; mas pela especificidade composicional que pretende a distinção positiva em relação às demais linguagens. Isto faz com que a autoridade poética surja de um ato responsável, ético, que participe da unidade da cultura, o que garante um valor positivo a esta autoridade discursiva. É importante notar que, embora Bakhtin (2014) faça a crítica do valor reacionário da palavra autoritária, o filósofo russo, reconhece a participação necessária desta palavra para a formação ideológica dos sujeitos sociais. De fato, as forças centrípetas da linguagem promovem a concepção de uma ideia de linguagem única, que “em essência, é estabelecida em cada momento da vida” [que] assegura um certo *maximum* de compreensão mútua” (BAKHTIN, 2014, p. 81), sendo “um sistema de normas linguísticas. Porém, tais normas não são um imperativo abstrato, mas sim forças criadoras da vida da linguagem” (BAKHTIN, 2014, p. 81). Essa asserção, pode-se dizer, permite considerar o fato de que as atitudes sociais são orientadas por “essenciais verdades estratégicas”, em consonância com o fato de que a autoridade não se confunde com autoritarismo nas relações sociais, conquanto, possam, em determinados casos, esteja relacionado.

<sup>11</sup> Acredita-se que esta busca de imposição de ordem não quer dizer que seja possível de ser conseguida plenamente; apenas que, socialmente, se possa estabelecer uma organização simbólica e material que constranja e deflagre determinadas práticas sociais, recorrendo-se a um pretenso estado de ordem.

interpretam como uma oposição unificada [...]. Em vez de uma unidade são uma panóplia dos mais heterogêneos elementos.

Este movimento de relativa estabilidade de formas discursivas emerge do confronto dialógico de diversas vozes. Certamente, todo discurso está aberto ao debate, que estará sempre orquestrando índices de valor<sup>12</sup> de palavras alheias que já foram faladas sobre ele. O discurso, portanto, responde a um ambiente dialogicamente tenso de palavras, juízos de valor e acentos heterogêneos, “urde dentro e fora de inter-relações complexas, funde-se com algumas, afasta-se de outras e cruza-se ainda com um terceiro grupo” (BAKHTIN, O Discurso no Romance) (MORSON; EMERSON, 2008, p. 70).

Estão orientados para essa tensa dinâmica social, da qual o Círculo busca fazer a crítica, todos os conceitos, categorias, princípios e métodos de sua teoria. Gonçalves (2015) destaca que é por considerar diferenças ideológicas sociais, de cujo confronto, a linguagem se estabelece enquanto uma arena de luta entre axiologias contraditórias, que a concepção dialógica da linguagem problematiza o fato de que, ao se inscrever/ser inscrito, numa prática discursiva, o sujeito ideológico organiza sua fala conforme a orientação que tem sobre a imagem típica representativa do outro sujeito com quem entra em interação, como integrante de dado grupo social. Esta forma singular de conceber as relações dialógicas caracteriza, em geral, a concepção de interação do Círculo.

Para finalizar esta discussão a respeito das particularidades da obra círculo-bakhtiniana, destaca-se que, em suma, o Círculo buscou estudar, sobretudo, as formas de organização das práticas culturais, no que toca a sua relação com a questão da organização das práticas discursivas. Nesse sentido, os problemas concernentes às forças transformadoras e reacionárias das formas de produção discursiva e cultural, específicas de uma estrutura social estratificada juntamente com as formas sociais de abuso e solidarização destas com a palavra alheia, são pontos centrais para a compreensão da obra círculo-bakhtiniana. Todo esse debate é considerado tomando em conta as formas linguísticas/discursivas que estão sensíveis a esses problemas. Por isso, redimensiona-se a noção de enunciado e enunciação<sup>13</sup>, além de que se enfatiza, nesta perspectiva, as relações entre estes e as especificidades da ideologia, pluralidade sociocultural e esfera discursiva.

<sup>12</sup> A noção de índice de valor é discutida na seção “Índice de valor e horizonte social” do segundo capítulo.

<sup>13</sup> Na seção “Linguística Aplicada, Estudos Críticos da Linguagem e a Análise Dialógica do Discurso”, desenvolve-se a noção de enunciado e enunciação, segundo a perspectiva dialógica.



Por conseguinte, a concepção de linguagem do Círculo, que subjazerá, juntamente, com as outras noções acima discutidas, em cada asserção e conclusão feita nesta pesquisa constitui-se, a partir das constatações advindas dos encaminhamentos que o debate sobre a organização dialógica das práticas culturais tem na perspectiva círculo-bakhtiniana. Nesse sentido, a próxima seção será dedicada à discussão da concepção de linguagem segundo essa perspectiva de estudo.

## 2. 2 CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM SOB A PERSPECTIVA DIALÓGICA

A concepção de linguagem que subjaz os estudos bakhtinianos define-se pela devida consideração da especificidade ideológica da linguagem. Nesse sentido, tal concepção recobre as particularidades de criação, circulação e disputa de sentidos que se estabilizam socialmente e se especificam conforme as singularidades das práticas sociais as quais estão relacionadas, pois a língua, enquanto sistema abstrato de signos, não passa de um recorte de sua forma real de uso, ou seja, o discurso, o qual a compreende quando utilizada numa situação concreta, situada historicamente, envolvendo sujeitos sociais e posições ideológicas (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014). Bakhtin (2015, p. 207) entende a linguagem/discurso, “em sua integridade concreta e viva, e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida do discurso”. Nesse sentido, o pensador russo destaca que o discurso é um “fenômeno concreto, muito complexo e multifacético” (BAKHTIN, 2015, p. 207).

Os aspectos da vida do discurso que tornam a linguagem um fenômeno concreto e ideológico são sua natureza dialógica, que pressupõe a presença de posições ideológicas contraditórias articulando-se num mesmo enunciado. Assim, é que essa concepção de linguagem implica, em sua constituição, a atividade autoral de diversos sujeitos históricos em contradição.

O reconhecimento da presença concreta do sujeito histórico como constitutivo das práticas discursivas toma lugar fundante nessa concepção de linguagem, o que é bastante importante para os estudos linguísticos, por conta de, dessa forma, ser possível a consideração da dimensão política dos usos concretos da linguagem, assim reconhecendo o primado do ético sobre o lógico na constituição do discurso. Justamente, por força das particularidades de fenômeno social e de dimensão política da linguagem, decorre que a linguagem implica comprometimento ético dos sujeitos sociais para com

sua concretização em cada situação singular de uso, situada, indissociavelmente, em lugar e tempo históricos particulares.

Segundo Silva (2013, p. 51), o comprometimento ético a que está associado tal entendimento de linguagem deriva por conta desta estar ligada, fundamentalmente, “a uma atividade humana, desempenhada por um sujeito que tem um lugar na sociedade e na história, ou seja, um sujeito que sempre está em interação com outros sujeitos”. Isto, na medida em que o falante, “ao fazer uso da língua e se instaurar como sujeito do discurso, assume, com esses discursos, um comprometimento ou um embate, reproduzindo-os em inúmeras variações de grau” (SILVA, 2013, p. 56).

Enfim, a situacionalidade histórica é tomada como particularidade constitutiva da linguagem, o que se orienta para a interconstitutividade das atividades humanas e discursivas. Por conseguinte, a concepção de linguagem advinda dos estudos bakhtinianos constitui-se pela “indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos” (BRAIT, 2014, p. 10).

Em estando a linguagem relacionada a usos situados, isto é, respondendo concretamente a dado contexto sociodiscursivo, carrega-se de acentos ideológicos e, portanto, reverbera e institui contradições históricas. A concepção bakhtiniana de linguagem, portanto, compreende-a “como lugar de produção de conhecimento de forma comprometida, responsável, [...] de construção e produção de sentidos necessariamente apoiadas nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados” (BRAIT, 2014, p. 28).

Definindo-se enquanto fenômeno social, político, ético, situado historicamente, ou seja, ideológico, a linguagem, tomada concretamente, implica usos em diversas formas de interação, sendo, por isso, atravessada por acentuações que, simbolicamente, legitimam bem como marginalizam sentidos e visões de mundo. Daí se destaca que a linguagem é uma prática social orientada por lutas sociais e semióticas.

Ora, do que se vem apontando, até então, fica evidente que a concepção de linguagem, segundo os estudos bakhtinianos, a prevê como um fenômeno dialógico. Isto, porque a linguagem é carregada de avaliações axiológicas de sujeitos situados em espaço e tempo concretos e marcada em sua materialidade por relações de autoria<sup>14</sup>, que

---

<sup>14</sup> “Autor” e “Herói” são designações que Bakhtin usa, em seus estudos, especialmente, em “Para uma Filosofia do ato responsável” (2010), “Questões de literatura e estética” (2014), “Estética da criação verbal” (2011) e “Problemas da poética de Dostoiévski” (2013), para referir as vozes que dialogam numa determinada obra. O entendimento de autor contempla a posição de organização da fala alheia no enunciado, que responde dialogicamente às práticas cotidianas de imaginar a alteridade. Autoria, então,

impregnam posicionamentos ideológicos. Ela, portanto, define-se enquanto tensão contínua entre impulsos contraditórios, que oscilam entre a monovalência, as quais conservam tendências sociais reacionárias, e a polivalência, as quais se orienta para a ruptura, inescapável e transitória, dessas cadeias de sentido.

Segundo Bakhtin/Volochínov (2014, p. 48), “o caráter refratário e deformador do signo ideológico nos limites da ideologia dominante” decorre de, habitualmente, na ideologia hegemônica, um anacronismo reificador específico tentar, “por assim dizer, estabilizar o estágio anterior da corrente dialética da evolução social e valorizar a verdade de ontem como sendo válida hoje em dia” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 48). Tal reificação é a consequência da tendência à monovalência (YAGUELLO, in: BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 15).

Bakhtin/Volochínov (2014) entende que, em toda forma discursiva interinfluenciam-se as forças tendentes à monovalência e à polivalência. E que em todo discurso há orientações contraditórias antagônicas. Isto mesmo é o que constitui o próprio discurso, do mesmo modo, que a sua força transformadora, visto estar aberto às novas interações sociais, sobretudo, às heterogêneas de grupos não-hegemônicos. O autor reconhece que o discurso não se trata de instrumento da ação, mas é constitutivo da própria ação das práticas discursivas.

Segundo Bakhtin/Volochínov (2014), o que interessa no estudo da presença do discurso alheio no discurso enunciado é a interação dinâmica do discurso a transmitir e aquele que serve para transmiti-lo (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 154). Nesta interação, há a contradição de vozes de dois sujeitos em conflito no discurso, podendo haver que uma dessas vozes perca sua autenticidade e seja reificada pela outra, haja vista que a linguagem organiza-se, materialmente, por “meios sutis e versáteis para permitir ao autor infiltrar suas réplicas e seus comentários no discurso de outrem” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 156), podendo estas réplicas e comentários serem acentuados por índices de “estágios de autoritarismo e dogmatismo” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 156), o que tenderia a fala alheia à reificação e o discurso à monovalência.

---

refere-se a posições ideológicas, que no discurso demarcam acentos contraditórios diversificados que são orquestrados no enunciado. Entre os termos que são utilizados para referir quem fala no enunciado estão discurso referente, referido, autor, herói, narrador, personagem. Por fim, deve-se entender que autor e herói referem-se não a pessoas individuais, mas a posições ideológicas, que no discurso demarcam acentos diversificados que são orquestrados no enunciado.

Contra esta reificação está a tendência à polivalência<sup>15</sup>, que dinamiza os usos concretos da linguagem no sentido de permitir formas novas de interação e transformação das relações entre os sujeitos sociais. Desse modo, uma tendência da dinâmica social da linguagem é estar sensível às mais pequenas e assistemáticas transformações sociais, através do descentramento de ordens discursivas conservadoras. Tal constatação apoia-se no fato de que, para a organização material da linguagem, conforme Bakhtin (2011, p. 268), “os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros do discurso, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem”<sup>16</sup>. Pode-se dizer, enfim, que a linguagem é um fenômeno dialógico e que, por conseguinte, participa das mesmas particularidades que caracteriza um signo ideológico, enquanto processo social e histórico.

Bakhtin/Volochínov (2014, p. 71), aponta, “a natureza real da linguagem enquanto código ideológico”, e definem esta natureza como inscrição numa situação social definida, como se vê, a seguir:

Para observar o fenômeno da linguagem, é preciso situar os sujeitos – emissor e receptor do som –, bem como o próprio som, no meio social. Com efeito, é indispensável que o locutor e o ouvinte pertençam à mesma comunidade linguística, a uma sociedade claramente organizada. E mais, é indispensável que estes dois indivíduos estejam integrados na unicidade da situação social imediata, quer dizer, que tenham uma relação de pessoa para pessoa sobre um terreno bem definido (BAKHTIN /VOLOCHÍNOV, 2014, p. 72).

Enfim, os interlocutores precisam partilhar da “unicidade do meio social e a do contexto social imediato” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 73) em que a linguagem se constitui. Essa unicidade e esse contexto sociais importam, na medida em que a concepção de linguagem, de acordo com Bakhtin/Volochínov (2014, p. 71), associa-se “com uma tomada de posição ativa a propósito do que é dito e compreendido”. A forma desse dizer e compreender está na enunciação, que está associada à dinâmica transitória “da interação de dois indivíduos socialmente organizados”

<sup>15</sup> Como se verá posteriormente (cf. nota 111), tendência é uma posição num *continuum* cujos extremos orientam, embora não se atinjam e, como se disse (cf. seção anterior), as tendências centrífugas são uma panóplia que necessariamente não seguem um projeto rigoroso e ou dado de antemão, bem como não há apenas duas forças opostas (caricatas) rivalizando nas práticas sociais e verbais, antes, há, de fato, tanto palavras autoritárias, interiormente persuasivas, quanto, como destaca Bakhtin (2014, p. 145), há também aquela massa de “palavras indiferentes que não nos atingem” (mas podem atingir outros). Tudo isso é dito para deixar claro que esta disputa não é uma disputa estereotipada; é uma luta imprevisível e indeterminável nos seus motivos e destinos.

<sup>16</sup> Segundo Bakhtin/Volochínov (2014, p. 42), “a palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais”. Sobre essa sensibilidade da palavra para as particularidades históricas, cf. a seção “Gêneros do discurso poéticos e autoridade poética”, no terceiro capítulo.

(BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 116), e, por isso mesmo, sua palavra está sempre orientada para outrem. O autor ainda faz observar que cada enunciação compreende um acento apreciativo, que “serve antes de mais nada para orientar a escolha e a distribuição dos elementos mais carregados de sentido da enunciação” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 140).

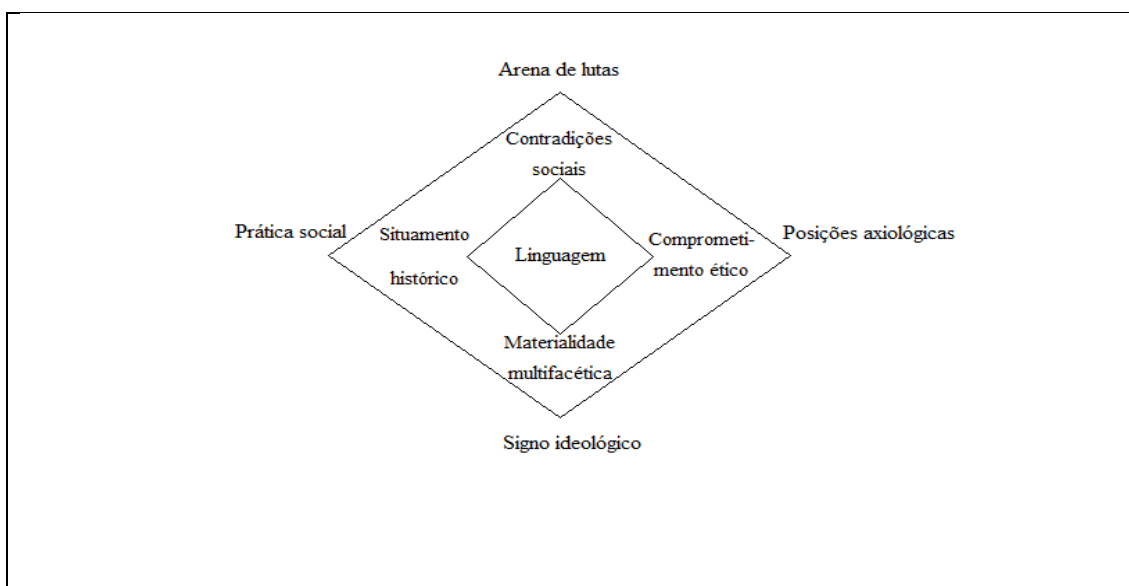
A respeito da materialidade da linguagem, os estudos bakhtinianos compreende-a multifacetada, isto é, não restringe a linguagem à sua especificidade abstrata verbal, antes, conforme esteja relacionada ao signo ideológico e à produção de sentidos sociais, ela é um fenômeno semiótico que toma corpo, plural e criativamente, verbal e não-verbal. Logo, linguagem, nessa perspectiva, é qualquer signo que indique algum sentido ideológico. Além disso, ela é heterogênea, apresentando sempre: 1) pluralidade linguística, caracterizada pela presença de linguagens sociais heterogêneas, como jargões profissionais, idiomatismos; 2) pluralidade vocal, caracterizada pela presença de índices de valor ideológicos distintos, sentidos consagrados, preconceituosos; e 3) pluralidade estilística, caracterizada pela presença de diversos gêneros discursivos, como notícia, vídeo-clip, poesia.

Bakhtin (2015, p. 105) explica que o discurso está orientado “por entre enunciações e linguagens alheias e todos os fenômenos e possibilidades específicas ligados a ele”. Enfim, o discurso/linguagem está impregnado de vários “momentos, intenções e acentos alheios” (BAKHTIN, 2015, p. 104).

Bakhtin (2015, p. 310) conclui que o discurso bivocal é uma particularidade da natureza dialógica da linguagem e que o discurso se torna bivocal quando “as palavras do outro, introduzidas na nossa fala, são revestidas inevitavelmente de algo novo, da nossa compreensão e da nossa avaliação”. Bakhtin (2014, p. 88) destaca que “a orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. [...] O discurso se encontra com o discurso de outrem, e não pode deixar de participar com ele de uma interação viva e tensa”.

O seguinte diagrama ilustra as particularidades da linguagem, a partir da perspectiva dialógica bakhtiniana:

### Quadro 1 – Concepção de Linguagem, a partir dos estudos bakhtinianos



Fonte: Elaborado pelo autor.

Algumas especificidades fundamentais podem ser destacadas, após a discussão feita até aqui sobre a concepção de linguagem sob a perspectiva dialógica, a saber:

a. assumindo a intenção de problematizar a organização complexamente estratificada tensa da sociedade, impregnada em formas discursivas tensas de acolhimento e exclusão de axiologias distintas, a noção dialógica de linguagem tematiza sua dimensão ideológica, (translinguística<sup>17</sup>) para além da sua dimensão lógica linguística;

b. esse postulado implica que o uso linguístico está associado a um comprometimento ético do sujeito, em seu discurso, com uma situação histórica singular;

c. isto, porque implica tomadas de posição entre sujeitos diversos e a intrínseca orientação para a fala alheia, materializada, semioticamente, em acentos apreciativos;

d. enfim, considerando que cada horizonte social se especifica por pontos de vista distintos, tensões discursivas reverberam tensões culturais, uma vez que as interações discursivas põem em contradição as axiologias que as atravessam;

<sup>17</sup> Cf. a próxima seção, onde se tratará do campo de estudo que se forma, a partir da consideração da dimensão dialógica/ideológica: o da Translinguística bakhtiniana.

e. de fato, compreende-se que as práticas discursivas são desencadeadas, em parte, por forças transformadoras e reacionárias (as monovalentes e polivalentes, respectivamente).

Linguagem, portanto, é um fenômeno social de cujo uso emergem atividades históricas que participam – e sofrem – das mesmas contradições que organizam as práticas culturais. Estas e aquela, pode-se dizer, possuem a mesma lógica. Esta concepção de linguagem apresenta uma orientação para perspectivas críticas de análise da sociedade e de suas relações constitutivas, por isso consegue integrar-se às discussões gerais de outros campos de estudos como o dos Estudos Críticos da Linguagem e da Linguística Aplicada, sobretudo, no que toca ao viés crítico desses campos. É o que será visto na seção seguinte.

## 2. 3 LINGUÍSTICA APLICADA, ESTUDOS CRÍTICOS DA LINGUAGEM E A ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO

Segundo Moita Lopes (1996), é um procedimento peculiar da produção científica esclarecer seus paradigmas, isto é, problematizar os percursos de investigação sob os quais se opera na atividade deste meio, o que para a Linguística Aplicada (doravante, LA) é uma maneira de refinar seus *modus operandi* produtivos nos limites de sua pesquisa, sobremaneira, quando se pensa em uma LA que percorre as sendas de preocupações das Ciências Sociais (e Filosofia) que focalizam a ação humana concreta, e, conseqüentemente, a linguagem como processo; e que, além disso, requer reformulação teórica constante. O desenvolvimento da pesquisa em LA, nesse sentido, contribui para tentativas de apontar soluções para problemas de uso da linguagem na sociedade, bem como divulga suas preocupações e imperativos epistemológicos.

Assim, de acordo com Moita Lopes (1998), a LA parte de problemas com os quais as pessoas se deparam ao usar a linguagem nas práticas sociais correntes, por isso seu termo “aplicada” define-se por indicar ocorrências de aplicação de uso da linguagem em contextos específicos. Esta intenção busca suporte teórico “Indisciplinar”: integração de ideias de campos diferentes como forma de pensamento crítico. Nesse sentido, o autor explica que a secularização (negação do padrão logocêntrico) do conhecimento implica uma territorialidade em desagregação (busca por novas perspectivas teóricas e analíticas) que reclama uma reorganização das estruturas acadêmicas em consonância com as demandas das grandes causas sociais. Os modelos consagrados de fazer científico, então, são postos ao limite crítico para se abrir espaço para a complexidade das relações sociais contemporâneas.

A pesquisa em LA é já tomada, ela mesma, como uso social não apartada dos problemas políticos, de modo que se deve pensar que a organização dos momentos da pesquisa, como escolha de fundamentação, objeto, objetivos e método, tem peso ético. Portanto, fazer uma pesquisa que responda eticamente à comunidade e que esteja bem embasada teórica e metodologicamente é uma preocupação que estes estudos da linguagem têm em seu horizonte. Preocupação semelhante a que os estudos do Círculo de Bakhtin motivam para consolidação da perspectiva de estudo da linguagem chamada Análise Dialógica do Discurso (doravante, ADD).

A ADD tem como fundamento epistemológico e ontológico, de acordo com Brait (2014), o comprometimento ético do estudioso da linguagem para com as grandes causas da sociedade em que está inserido, uma vez que seu objeto, entendido enquanto fenômeno sempre associado, inerentemente, a um sujeito concreto, indicia as contradições da relação entre língua, linguagem, história e sujeito. Para a perspectiva da ADD, a construção concreta de sentidos pelo uso da linguagem emerge, a partir de práticas discursivas historicamente situadas (BRAIT, 2014, p. 10). Nesse sentido, a autora conclui o seguinte:

Uma teoria/análise dialógica do discurso, sem configurar uma proposta fechada e linearmente organizada, constitui de fato um corpo de conceitos, noções e categorias que especificam a postura dialógica diante do *corpus* discursivo, da metodologia e do pesquisador. A pertinência de uma perspectiva dialógica se dá pela análise das especificidades discursivas constitutivas de situações em que a linguagem e determinadas atividades se interpenetram e se interdefinem, e do compromisso ético do pesquisador com o objeto, que, dessa perspectiva, é um sujeito histórico (BRAIT, 2014, p. 29).

Os trabalhos da LA e dos Estudos Críticos da Linguagem (doravante ECL) têm ressonâncias com as reflexões sobre a contemporaneidade, que traz uma crítica da dinâmica social da globalização, a qual, segundo Bohn (2005), com as facilidades da comunicação em tempo real, levanta expectativas de inclusão e de participação na fruição de bens disponíveis para membros sociais, embora a maioria não possa concretizá-las. Tais expectativas de inclusão e frustração da possibilidade de sua democratização são textualizadas, por meio do que, onde e quando, diferenças identitárias são constituídas. É, pois, tal qual observa Bohn (2005, p. 21), nas:

Culturalidades diferentes, minoritárias, às vezes exóticas, muitas vezes transgressoras, revolucionárias que se revelam as diferenças, talvez aí estejam as compreensões dos fenômenos, dos comportamentos, das aprendizagens, da construção do ser humano e suas relações.

Nesse sentido, perceber novas formas de relação discursiva advindas de espaços marginais, de acordo com Fabrício (2006, p. 52), possibilita a emergência de



percepções e organizações da experiência social não comprometida com lógicas e sentidos conservadores. A contemporaneidade, de fato, demarca-se, ao lado de uma forte tendência ultraconservadora, por vontades de uma filosofia pós-modernista que, nos termos de Kumaravadivelu (2006, p. 139):

Celebra a diferença, desafia as hegemonias e busca formas alternativas de expressão e interpretação. Ela procura desconstruir os discursos dominantes, tanto quanto os contradiscursos, ao fazer indagações nos limites da ideologia, do poder, do conhecimento, da classe, da raça e do gênero.

Ora, foi a tecno-informação, levada ao limite pelas práticas específicas das práticas de organização social globalizadas, que proporcionou avanços de um mundo absurdamente veloz que possibilita ser virtualmente alteridades distantes, questionando e confirmando verdades e fundamentalismos, que ampliam letramentos mutissemióticos, como também, simultaneamente (e perigosamente), a exclusão exacerbada em todas esferas da vida social, regidas por lógicas do mercado, como um novo deus, cujos discursos colonizam a vida social (MOITA LOPES, 2006, p. 91-2).

Pode-se dizer que a LA e os ECL enfatizam sua inter-relação quando tratam da desconstrução de discursos hegemônicos, problematizando questões fundamentais sobre ideologia, poder, conhecimento, classe, raça e gênero, enfim, tudo aquilo que é expressão da transitoriedade da estratificação cultural. Os ECL o fazem, por exemplo, pela crítica da modernidade, a LA, dentre outras formas, pela crítica das formas de produção das relações ideológicas no discurso, os quais são também de interesse da ADD.

A LA, os ECL e a ADD redimensionaram a reflexão sobre os usos da linguagem, na medida em que ampliam sua compreensão no sentido de incorporar ao signo linguístico os elementos da situação comunicativa concreta. Essa dimensão da linguagem foi sendo apropriada, claramente, a partir da atenção crítica dada à noção de contexto, “pois não podemos descrever a linguagem e seu uso fora do contexto desse uso, ou seja, da sociedade na qual ela é usada” (MEY, 1985, apud RAJAGOPALAN, 2010, p. 32).

É preciso afirmar que contexto, aqui, não é entendido como um conjunto de traços extralinguísticos, determinável aprioristicamente; antes, é compreendido, de acordo com Rajagopalan (2013, apud FERREIRA e ALENCAR, 2014, p. 201), nos termos a seguir:

Não é ao contrário do que muita gente pensa, um adendo, um acréscimo, a um “dado” previamente identificado e cuja existência está garantida ontológica e epistemologicamente. O contexto, uma vez reconhecido, acaba se mesclando ao dado, para transformar-se em um dado novo, mais “realista”. Mas isso jamais pode ser o fim da linha, pois o novo amálgama que acaba de despontar,

a saber, “dado-mais-seu-contexto-imediato”, suscita, ou melhor dizendo, nos obriga a uma nova procura de contexto [...]. Qualquer enunciado está inserido em um contexto maior. Só que o tal do contexto que imaginamos inicialmente não exaure toda a questão do contexto [...]. Isso porque, uma vez delineado o contexto imediato, resta delinear um novo contexto para aquilo que já é um outro enunciado, a saber, o enunciado-inserido-no-seu-contexto. *Ad infinitum. Ad nauseum.*

Enfim, contexto não é algo fixo, nem transparente. Caracteriza-se pela opacidade e pela fluidez, as quais decorrem, certamente, do fato de que o contexto se define/surge juntamente com a própria constituição da prática discursiva – ele é da ordem do discurso e não do “sistema” da língua<sup>18</sup>. Bakhtin (2011, p. 407) observa que “o contexto é sempre personalista (o diálogo sem fim, onde não há a primeira nem a última palavra)” e que é “potencialmente inacabável” (BAKHTIN, 2011, p. 383).

Logo, contexto é associado à especificidade transitória que o Círculo bakhtiniano observa do enunciado de estar sempre orientado para outro enunciado. Com efeito, toda enunciação é uma resposta e constitui um elo na cadeia dos atos discursivos concretos das práticas discursivas, dialoga com os que o precederam e antecipa ainda outros, entrando em tensão com ambos. Marchezan (2014, p. 123), nesse sentido, destaca que, segundo a perspectiva teórica bakhtiniana, a enunciação emerge “da reação do eu ao outro, como ‘reação da palavra à palavra de outrem’”, sendo assim, expressão da tensão ideológica social, entre diversas forças e axiologias sociais. Desse modo, o enunciado constitui-se de atos ativos de sujeitos históricos, isto é, sua palavra não é “passiva e solitária, mas é a palavra na atuação complexa e heterogênea dos sujeitos sociais, vinculada a situações, a falas passadas e antecipadas” (MARCHEZAN, 2014, p. 123).

O entendimento de contexto está intimamente relacionado à situação em que se inscreve uma relação (interação dialógica) entre sujeitos sociais que entram em contato/contradição<sup>19</sup> numa prática discursiva. O contexto, aí, é compreendido como ininterrupto *continuum* tenso de sentidos históricos situados em tempo e lugar determinados, que integram diversas práticas sociais e verbais, porque a significação do diálogo depende “diretamente da situação, que, assim, pode-se dizer, também, o

---

<sup>18</sup> Nesse sentido, contexto está associado ao enunciado concreto, utilizando-se dos termos círculo-bakhtinianos. Pensando, assim, é possível considerar que o contexto também participa das mesmas singularidades dialógicas que constituem as práticas discursivas, visto que, “embora pressuponham uma língua, as relações dialógicas não existem no sistema, mas nos enunciados concretos elaborados no processo da interação sócio-histórica” (MACHADO, 1996, p. 94).

<sup>19</sup> É interessante resgatar a etimologia de contradição como contra argumentação, “contrapalavra”, de “contra dicere”: falar frente a outro.

constitui” (MARCHEZAN, 2014, p. 120). Por conta disso, é importante compreender que, conforme Bakhtin/Volochínov (2014, p. 111):

Toda enunciação efetiva, seja qual for a sua forma, contém sempre, com maior ou menor nitidez, a indicação de um acordo ou de um desacordo com alguma coisa. Os contextos não estão simplesmente justapostos, como se fossem indiferentes uns aos outros; encontram-se numa situação de interação e de conflito tenso e ininterrupto.

Nesse caso, os contextos<sup>20</sup> são concebidos como construções situadas historicamente, não imunes, portanto, às contradições e transformações singulares das práticas sociais. Logo, cada enunciado/enunciação responde às contingências específicas de pontos de vistas particulares de axiologias de grupos sociais determinados, de cuja interação:

Uma nova significação se descobre na antiga e através da antiga, mas a fim de entrar em contradição com ela e de reconstruí-la. O resultado é uma luta incessante dos acentos em cada área semântica da existência. Não há nada na composição do sentido que possa colocar-se acima da evolução, que seja independente do alargamento dialético do horizonte social. A sociedade em transformação alarga-se para integrar o ser em transformação. Nada pode permanecer estável nesse processo. É por isso que a significação, elemento abstrato igual a si mesmo, é absorvida pelo tema, e dilacerada por suas contradições vivas, para retornar enfim sob a forma de uma nova significação com uma estabilidade e uma identidade igualmente provisórias (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 141).

Bakhtin/Volochínov (2014), diante disso, demonstra o caráter sociointeracional da linguagem elucidando a especificidade ideológica do signo

---

<sup>20</sup> A respeito da ideia de contexto que se pode obter a partir da perspectiva círculo-bakhtiniana, apoiando-se em Machado (1996, p. 89), pode-se dizer que o contexto sociocultural, juntamente, com o mundo verbal, constitui a noção de texto como enunciação, isto é, uma representação de uma cadeia de relações cronotópicas – situadas num tempo e espaço determinados historicamente. Cronotopo, segundo Machado (1995, p. 309), é “um termo adaptado da teoria da relatividade para designar a relação de interdependência existente entre as categorias de tempo e espaço no romance. O tempo, ao se inscrever no espaço, torna-se não somente uma outra dimensão deste (o espaço), como também resgata o modo de ver o mundo de uma época e um autor. O cronotopo possibilita a leitura do tempo no próprio discurso no romance, o cronotopo é centro organizador dos principais acontecimentos temáticos e o princípio determinante do gênero”. Amorim (2014, p. 95) destaca que a ideia de tempo e espaço como estruturas constitutivas do sentido em formas discursivas é desenvolvida pelo conceito de exotopia, além do de cronotopia. Aquele extrapolaria os limites da produção artística, referindo-se à atividade criadora humana em geral. Amorim (2014, p. 95) relaciona estes conceitos às ideias de “acabamento e inacabamento, totalização e abertura”, o que permite compreender a cronotopia/exotopia enquanto forma geral de construção de sentidos, nas práticas discursivas, comprometida com um tempo e lugar situados historicamente, ou seja, reverberando os índices de valor de determinada esfera discursiva. Morson e Emerson (2008, p. 383) observam que em “Formas de tempo e de cronotopo” sustenta que as descobertas mais ricas sobre a relação entre pessoas e os eventos no tempo e espaço foram feitas pelos gêneros narrativos da literatura. A grande vantagem dos gêneros narrativos deve ser encontrada em sua ‘densidade e concretude’. Para apreender a variedade de maneiras pelas quais se pode entender a relação das pessoas com o mundo, precisamos examinar as numerosas possibilidades concretas e altamente pormenorizadas que os gêneros literários elaboraram. Bakhtin chama essas possibilidades concretas [...] de cronotopo”. Assim, a visão cronotópica (que não se limita a produções literárias) é uma forma de organizar, historicamente, os sentidos produzidos nas relações semióticas, a qual, enfim, pode explicar o modo como o contexto se organiza/institui.

discursivo, o qual é tangenciado epistemologicamente através da análise dos contextos concretos imediatos e amplos das práticas discursivas. Enfim, o problema do contexto, para as considerações círculo-bakhtinianas, bem como para as da LA e dos ECL, pode-se dizer, ecoa o entendimento ampliado de linguagem que toma prática discursiva e sociocultural como fenômeno humano integrado. A enunciação, desse modo, constitui-se enquanto materialidade ideológica que emerge na fronteira entre a vida e o aspecto sógnico-ideológico, impregnando-se e disseminando as singularidades do fenômeno cultural.

Pode-se dizer que a revisão do conceito de contexto e o correspondente situamento do estudo da linguagem na dimensão prática e, especialmente, na ordinária corroboram a tese de que a LA, os ECL e ADD concebem a interação entre sociedade e linguagem e seus sujeitos como meio de construção de sentidos, na medida em que, conforme Oliveira (2001, p. 126), apoiado na perspectiva wittgensteiniana, o homem e seu conhecimento estão situados “no processo de interação, o que vai levar à consideração da relação entre conhecimento e ação, linguagem e práxis humana na constituição do conhecimento (melhor dito: do conhecimento linguisticamente mediado do homem)”.

Fabrizio (2014, p. 145-6) defende que a “referência a práticas de atribuição de significado pela ótica do fluxo envolve não apenas o acolhimento do princípio dialógico bakhtiniano, mas também sua radicalização”, de maneira que o dialogismo deveria ser concebido como “um fenômeno multidirecional”, já que o contexto seria o resultado de práticas de interpretação particulares de grupos específicos de lugares específicos, o que justifica abordar o dialogismo “como compreendendo atritos contínuos e lutas de poder pelo domínio dos processos de contextualização” (FABRÍCIO, 2014, p. 152). Estes contextos/processos de contextualização “originam relações sociais à medida que categoriza, rotula e valoriza objetos, pessoas e seus ambientes circundantes tornando-os perceptíveis e iteráveis em muitos encontros” (AGUA, 2007, apud FABRÍCIO, 2014, p. 149).

Para Fabrizio (2014), a radicalização do dialogismo bakhtiniano estaria em função deste poder acolher a noção de iterabilidade para engendrar uma visão de transcontexto, cujo fundamento constitui-se através da ininterrupta repetição-transformação de sentidos.

Silva e Alencar (2014, p. 30), a respeito da constitutividade iterável dos processos de significação nos jogos de linguagem, asseveram:

Uma condição de possibilidade de uso dos signos é que sejamos capazes de extrair o signo de um contexto e levá-lo a outro. Estamos, assim, provocando rupturas nesse uso, nas contínuas extrações que fazemos dos signos de um lugar e de um tempo para outro(s). A linguagem performativa seria, para Derrida, estruturada pela “iterabilidade”, essa lógica da repetição com ruptura que caracteriza todo uso do signo, toda pragmática.

Tanto a noção de transcontexto quanto de iterabilidade avizinham-se das de tema, significação, índice de valor e horizonte social, conceitos desenvolvidos por Bakhtin/Volochínov (2014), porque estes implicam relações de sentido marcadas pela constante instabilização e reestabilização de sentidos “velhos” e “novos”, isto é, ruptura e conservação de efeitos de sentidos caracterizados, através da contradição ideológica, pela impossibilidade de repetição plena das diversas formas de interação discursiva, embora apresentando marcas históricas reiteráveis. Essas relações de sentido são relações constitutivamente genéricas<sup>21</sup> enquanto modos de apreensão da “reiteração na diversidade, organização da multiplicidade buscando o comum, sem cair em abstrações dessoradas de vida” (MARCHEZAN, 2014, p. 118).

Com efeito, índice de valor e horizonte social indiciam a particularidade de multidirecionalidade do contexto, ou, em outras palavras, as diversas arenas discursivas, onde diversos atores de diversos lugares interagem ambivalentemente, ao passo que tema e significação encenam a ideia de ruptura e repetição.

O Tema seria a tendência à transformação e a significação a tendência à repetição dos sentidos. Este movimento faz parte da especificidade ideológica do signo discursivo por oscilar tensamente entre relativa estabilidade e instabilidade nos processos de instituição de sentidos nas práticas sociodiscursivas. Veja-se:

O tema é um sistema de signos dinâmico e complexo, que procura adaptar-se adequadamente às condições de um dado momento da evolução. O tema é uma reação da consciência em devir ao ser em devir. A significação é um aparato técnico para a realização do tema. Bem entendido, é impossível traçar uma fronteira mecânica absoluta entre a significação e o tema. Não há tema sem significação, e vice-versa. Além disso, é impossível designar a significação de uma palavra isolada (por exemplo, no processo de ensinar uma língua estrangeira) sem fazer dela o elemento de um tema, isto é, sem construir uma enunciação, um “exemplo”. Por outro lado, o tema deve apoiar-se sobre uma certa estabilidade da significação; caso contrário, ele perderia seu elo com o que precede e o que segue, ou seja, ele perderia, em suma, o seu sentido (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 134).

Segundo Bakhtin/Volochínov (2014, p. 135), “a multiplicidade das significações é o índice que faz de uma palavra uma palavra”, o que permite percebê-la

---

<sup>21</sup> Cf. o próximo capítulo, na seção “Os gêneros do discurso e a autoridade poética”, onde se discutem detidamente as relações genéricas que constituem os gêneros do discurso.

pela ótica da multidirecionalidade e inserida em jogos de linguagem, sobre os quais há disputas ideológicas pelo poder de contextualização. Bakhtin/Volochínov (2014), nesse sentido, entende que a compreensão é um processo dialógico orientado para o (com)partilhamento e endosso do fluxo ideológico, os quais são refratados por diversas cadeias de sentido, que, por sua vez, são materializadas em atos responsáveis concretos, conforme o fato de que:

Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p.137).

Nesse sentido, o autor coloca que todo uso real/vivo da linguagem “possui não apenas tema e significação no sentido objetivo, de conteúdo, desses termos, mas também um acento de valor ou apreciativo” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 137), que, como se viu, é utilizado para orientar o modo como as principais acentuações sociais são carregadas no enunciado (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 140).

Ferreira e Alencar (2014, p. 1998) entendem que as interações discursivas ocorrem iterativamente e explicam que elas se movimentam como o que:

Derrida (1999 [1973]) chama de *bustrophédron*, arado de boi, que se movimenta sem interrupção, da esquerda para direita e da direita para a esquerda, ininterruptamente, ora revolvendo a terra nova da linguagem, ora levantando as terras mais antigas – linguagem aproveitada, reaproveitada, ressignificada em sua natureza de iterabilidade.

Enfim, os processos de construção de sentidos e seus efeitos relacionados a práticas discursivas constituem-se num fluxo ininterrupto de repetição e transformação, iterável, de reavaliação desses sentidos, que atravessa diversos horizontes/limites, a partir do que, os sentidos são postos em deriva, como “reação da consciência em devir ao ser em devir” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 134,). Sendo assim, corrobora-se a condição de possibilidade de uso dos signos, definida há pouco, como a movimentação/reinscrição de um signo extraído de contextos distintos, bem como a apreciação de que “uma nova significação se descobre na antiga e através da antiga, mas a fim de entrar em contradição com ela e de reconstruí-la” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 141), pois, como se disse, não há nada no sentido que não se oriente para as “mutações” material-simbólicas sociais, de sorte que tanto significado quanto tema estejam em constante transformação e retomada de sentidos ideológicos.

Portanto, a especificidade situada e contínua dos usos discursivos é preocupação dos posicionamentos da ADD, dos ECL e da LA. O diálogo entre estas perspectivas estabelece-se, principalmente:

1. pela preocupação com problemas éticos da pesquisa e busca de solução de questões sociais;
2. além de pela preocupação com a crítica da constituição e *status* do próprio discurso acadêmico, como representação não neutra, nem ingênua, mas interessada de grupos sociais específicos;
3. bem como pela ampliação indisciplinar dos campos de estudos;
4. e pela atenção com a constituição de seus *corpora*, a partir de expressões semióticas representativas de lugares de cultura marginalizados, a fim de fazer frente contra tendências sociais conservadoras;
5. do mesmo modo que por assumir como objetivo a discussão das diferenças culturais, enquanto condição constitutiva das interações sociais e semióticas.

Nesse sentido, estas perspectivas comungam de uma vontade de redefinição do conceito de linguagem que se constrói, especialmente, pelo redimensionamento da noção de contexto, como lugar de transformação e consolidação de sentidos sociais, não saturável, e inexoravelmente, integrado e constituído, *pari passu*, com a constituição do próprio discurso. Todas estas reformulações repercutem a virada crítica que estas perspectivas assumem ao discutir as questões históricas características dos estudos da linguagem, por isso, faz-se mister estabelecer o conceito de crítica desenvolvido nos trabalhos relacionados à LA, aos ECL e à ADD. Assim a última seção deste capítulo tratará desse tema.

#### 2. 4 O ENTENDIMENTO DE CRÍTICA

Em Ferreira e Rajagopalan (2016), problematiza-se o que seria uma abordagem crítica da linguagem. Para se responder tal questão, faz-se uma coordenação, em seus avizinhamentos, das diversas noções de crítica em perspectivas teóricas de estudos da linguagem e do discurso buscando encontrar um lugar, onde se tem uma unidade (em devir), que ultrapasse noções tradicionais logicistas de linguagem como representação do mundo (e de suas pretensões de verdade, justiça, práticas sociais e subjetividades), em favor da consideração da especificidade da contradição contingente constitutiva deste mundo.

Notoriamente, é indispensável compreender o que seja crítica nos estudos da linguagem que se assumam ou são tomados como estudos críticos. Esse debate, passa, impreterivelmente, pela problematização das formas de teorização e análise dos próprios *modus operandi* das diversas perspectivas que o compõem. Nessas circunstâncias, questionar sobre “onde, quando e por que se começa a pensar a linguagem criticamente e o que isso significa em cada momento em que é possível dizer que há um tipo de crítica da linguagem em funcionamento” (FERREIRA; RAJAGOPALAN, 2016, p. 15) é, em última instância, questionar sobre o que esse tipo de crítica vislumbra como horizonte ético-político. Tais questões são decorrentes do reconhecimento irresistível de que discutir linguagem é discuti-la de maneira indissociável de relações sociais.

Para tanto, é imprescindível reconhecer que as primeiras atitudes filosóficas respondiam à “necessidade de se estabelecer uma ordem para o mundo, de se encontrar princípios explicativos para o seu aparente caos, por traz do qual se esconderia alguma forma de ordem” (FERREIRA; RAJAGOPALAN, 2016, p. 15-6). No caso específico dos estudos da linguagem, essa origem de busca de ordem para as experiências de mundo fá-la ser considerada com desconfiança, uma vez que as primeiras sistematizações do mundo eram sobredeterminadas pela crença de que o pensamento, o *logos*, almejava correspondência imediata com as estruturas verdadeiras do mundo, a qual era transtornada pela obscuridade/ambiguidade da linguagem, que mediatiza essa relação.

O corolário dessa crença representacionista é considerar que o mundo tinha uma ordem e que o pensamento não a alcançava, porque a linguagem era falha. Ora, por conta disso, ocorreu uma postura constantemente atenta para que o pensamento não fosse corrompido pelas formas impróprias de representar o mundo, por exemplo, a linguagem<sup>22</sup>.

Como resposta a esta tradição, a mudança de paradigma que a modernidade trouxe para a questão mente/mundo/linguagem propôs a crítica da razão logicista, o que proporcionou uma virada nos termos da equação conhecimento e mundo, agora não mais impossibilitada pela impropriedade racional da linguagem, mas apenas permitida pelos limites dela mesma. O foco do problema, então, para alcançar/compreender/experimentar o mundo é a linguagem e suas especificidades (e o pensamento também é explicado por ela). Essa noção é radicalizada nos últimos anos com a consideração de que não existe

---

<sup>22</sup> É interessante notar aqui uma posição semelhante entre linguagem e sentidos/corpo como meios de experimentação impura da ordem sublime do mundo.



um mundo único, mas mundos diferentes, cuja marca é a diferença expressa na multiplicidade ética, estética e política.

Daí novos problemas surgem na tentativa de encontrar a ordem/contiguidade/linearidade ou desordem/contingência do mundo: os que “resultam de nossa resistência em negligenciar todas essas dimensões em nossas formas de teorização” (FERREIRA; RAJAGOPALAN, 2016, p. 18).

Veja-se que o debate sobre linguagem se funda através de preocupações sobre a possibilidade de se estabelecer um conhecimento considerado oficialmente verdadeiro e sobre estar enviesado pela possibilidade de cair em falácia pelas especificidades<sup>23</sup> do uso da linguagem. Esta postura consolidou o senso de que a crítica se define pela problematização dos fundamentos analíticos e teóricos que sustentam a atividade científico-filosófica. Este entendimento está ao lado de outros como o senso de que crítica é o reconhecimento de problemas, bem como o de que está associado à emancipação social. Quanto a este último ponto, Ferreira e Rajagopalan (2016, p. 18-9) observam que:

Ainda hoje o debate em torno da necessidade de empreendimentos teóricos críticos e epistemologias cujo horizonte seja a insistência em alguma forma de emancipação continua bastante caloroso, de forma que, se por um lado, encontramos, nos tempos atuais, apostas em critérios normativos que possam definir uma postura genuinamente crítica, por outro, encontramos um total descrédito na possibilidade de se chegar a esses critérios, restando-nos, pois, o desafio de pensar o conceito de emancipação em função de uma pluralidade de demandas e de um conjunto de tensões não imaginado pela modernidade filosófica e seu projeto de ciência.

Especialmente, no que toca à ADD, sua criticidade tece-se por, além da humanização do objeto<sup>24</sup> (através do reconhecimento de que há sempre contraditórios “sentidos possíveis para qualquer objeto sobre que se debruce” (GERALDI, 2016, p. 37), por conta de ser qualquer atividade de compreensão um procedimento territorialista que exclui o que não é aceito como critério de validação desse saber/sentido<sup>25</sup>), por seu “gesto epistemológico radical” (GERALDI, 2016), que consiste na problematização de toda forma de saber universalista e essencialista.

---

<sup>23</sup> Estas especificidades organizam-se em função do caráter não-representacionista, ou seja, constitutivo do mundo. É por conta disso que a tradição filosófico-científica de raízes racionalistas, universalista e idealistas percebe negativamente o papel da linguagem para a compreensão do mundo.

<sup>24</sup> Cf. a seção “Análise Dialógica do Discurso”, no próximo capítulo, onde se desenvolve a ideia de objeto como sujeito com quem se dialoga.

<sup>25</sup> Segundo Geraldi (2016, p. 35), o filósofo Larrosa (1997, p. 38) observa que a concepção socrática de saber é pautada na ideia de que o saber está delimitado por procedimentos fundados em mecanismos baseados na exclusão de sentidos desqualificados para o reconhecimento da suposta verdade. Tal gesto implicou na formação de zonas de saber legitimadas por esses procedimentos e outras não, de maneira que a maioria das formas de conhecer foi relegada à “baixa nobreza” em relação àquelas submetidas aos critérios da tradição socrática.

Segundo Geraldi (2016, p. 35), perceber este gesto é uma forma de compreender o caráter crítico dos estudos do Círculo de Bakhtin, na medida em que estes ressaltam a singularidade dos fenômenos culturais, enquanto realidades concretas únicas e irrepetíveis, cujo relacionamento constitui o mundo da cultura, impregnadas de múltiplos sentidos.

Nesse sentido, conforme o autor, pode-se dizer que os estudos círculo-bakhtinianos buscam uma ciência do singular, organizada, a partir do reconhecimento de que abstrações intransigentemente rigorosas (cujos resultados são a apresentação de uma unidade universalista de pretensa ordem teórica, a qual o estado de coisas do mundo deve adequar-se, caso queria ser tido por verdadeiro) são mais uma forma de excluir tudo aquilo que manchava a imagem ideal (em conformidade com a perspectiva hegemônica) de mundo e de homem, arquitetada numa lógica essencialista e positiva.

É importante destacar que o problema da universalidade, na perspectiva do Círculo, concentra-se na ideia de que ela se funda na absolutização de uma essência que seria alheia à existência viva humana e na ideia de que a ação humana se realizaria de tal maneira que houvesse uma linearidade sistemática à qual toda atividade humana estivesse subordinada. Isto faz com que o Círculo de Bakhtin considere que haja uma unidade da cultura à qual respondem às diversas formas de interação humana, mas que ela não seja compreendida enquanto categoria formal ideal. Por isso, lembra Geraldi (2016, p. 36):

Ao invés de construir uma ciência particular para cada área da criação ideológica (arte, moral, religião, ciência), o projeto era construir uma ciência geral que mostrasse o lugar da unidade, sem, no entanto, esquecer as especificidades de cada uma das áreas da criação ideológica e cultural dos homens.

Esta ciência proposta pelo Círculo de Bakhtin está interessada não no universal, na homogeneidade abstrata que iguala a tudo e a todos, como produtos isolados e acabados, ou seja, que congela os sentidos possíveis para qualquer objeto/fenômeno do mundo, mas, ao contrário, está interessada no particular (que constitui transitoriamente o “universal”, também, sempre transitório e contingencial), na heterogeneidade das ações humanas situadas historicamente, cuja compreensão jamais será definitiva, nem exata<sup>26</sup>. Por isso, esse congelamento é para a perspectiva dialógica uma forma de matar o objeto, que como se sabe é um fenômeno impregnado de humanidade/relações ideológicas.

---

<sup>26</sup> Este, nos termos de Geraldi (2016, p. 37), seria o “escândalo da heterocientificidade” fundada pelos estudos feitos pelo Círculo de Bakhtin.

A metáfora da morte do objeto remete ao fato de que o conhecimento tradicional, a abstrair/excluir a singularidade, irrepitibilidade e inconclusibilidade das percepções/vivências do mundo, estaria violentando/reificando-o, por conta de que o que se teria como objeto deste conhecimento seria apenas uma faceta superficial do fenômeno, nunca um autêntico contato, que é caracterizado pela multiplicidade de olhares, tal qual a especificidade cultural e humana.

Por outro lado, a ressurreição do objeto, como uma atitude contra as tendências idealistas e positivistas reificadoras da relação sujeito/objeto (sujeito), dá-se pela relação humanizadora, ou seja, dialógica/ideológica que reabilita as dimensões outrora negligenciadas – aquelas mesmas excluídas da condição de critério *sine qua non* de verdade pelo seu caráter ambivalente, decorrente das singularidades heterogêneas constitutivas dos fenômenos sociais.

Essa relação estabelece-se conforme esteja orientada pela relação entre mundo da cultura (que se concretiza enquanto lugar limite entre fronteiras – como se viu, os sentidos estão sempre entre fronteiras – das diversas esferas ideológicas<sup>27</sup>) e da vida (que se concretiza, por sua vez, pela irrevogável constitutividade historicamente situada) desentranhada da lógica cientificista, fundada em generalizações reducionistas da dimensão contraditória das relações humanas, estas que estão “sempre saturadas de relações concretas de suas produções” (GERALDI, 2016. p. 36).

Pode-se dizer que a ressurreição do objeto figuraria uma postura que criticaria formas de conceber o mundo apartadas de outras formas, “não legítimas” de fazê-lo, ou seja, seria uma perspectiva que se concentraria justamente naquilo que a tradição cientificista relegou como obscuro, por não ser, logicista, logocêntrico.

Essa atitude crítica é percebida, segundo Geraldi (2016, p. 59), especialmente, em como os estudos bakhtinianos sobre gênero do discurso<sup>28</sup> são operacionalizados, principalmente, quando sua metodologia implica em:

Não isolamento da vida social (as esferas de comunicação) e sua instabilidade, sua não fixidez, porque as relações intergenéricas se sobrepõem à fixidez pretendida por cada esfera para se fazer identificar sem ambivalências, sem contrastes, sem conflitos.

---

<sup>27</sup> Cf. as seções “Diálogo” e “Ideologia”, no próximo capítulo, a respeito da relação entre mundo da cultura e da vida.

<sup>28</sup> No próximo capítulo, na seção “Gêneros do discurso poéticos e autoridade poética”, tratar-se-á, especialmente, do entendimento de Bakhtin (2011) sobre gênero do discurso e de como este servirá para a análise do discurso de “n. d. a.”.

São justamente estas ambivalências, contrastes e conflitos constitutivos das relações concretas de sentido próprias das práticas sociais que causa um mal-estar para percepções ordeiras e positivas de percepção de mundo. E são estas mesmas que importam para uma postura crítica. Como se viu, a ciência fundou-se, através de um gesto filosófico que relegou as ambivalências, os contrastes e os conflitos das contingências sociais à condição de *lusus naturae* do estado natural (idealizado) das coisas.

Assim, muitas formas de se explicar as particularidades concretas das relações sobre o mundo foram tidas como ilegítimas, porque as próprias particularidades destas formas não compartilhavam dos critérios estabelecidos pelos modos abstracionistas de proceder. Assim, aquilo que era constitutivamente social foi renegado com não, científica e filosoficamente, validável. Ora, daí se delineia grande parte do histórico problema, para a ciência, da consideração das condições ambivalentes e contraditórias específicas das práticas sociais, pelo caráter refratário a sistematizações científicas.

No entanto, que se destaque, dificilmente, algum cientista (bem como algum filósofo, artista, ou outro sujeito social) tenha produzido alguma obra que não esteja interessada por dada questão social. Atesta-o o fato de que questões como relevância social são critérios para a qualificação/aceitação da pesquisa (bem como para outros tipos de trabalhos de outras esferas discursivas<sup>29</sup>). Por isso, pode-se dizer, toda a tradição científica dialogou com questões sociais (sobretudo, as grandes causas), o que não significa que em diversas ocasiões não tenha sido escuso tal diálogo em função de interesses políticos, por exemplo, quando se popularizou o mito da neutralidade científica. Logo, aventa-se, que a atividade científica, de uma forma ou de outra, sempre incorporou aspectos ideológicos na sua constituição, portanto, sempre teve caráter social, por conseguinte, ecos humanos.

O que ocorre, porém, é que certas atitudes científicas em nome de uma cientificidade apriorística, absoluta, ideal, puramente objetiva, funda-se, a partir da negação de validade de outras formas que não sejam as suas preferidas, o que está associado, ou pode desencadear, práticas socialmente conservadoras. Acredita-se, aqui, que a objetividade pura/reificação/morte do objeto está voltada para esta postura.

A contrapartida/contrapalavra dessa postura seria uma postura de humanização/ressureição do objeto, pautada pela percepção da inseparabilidade entre

---

<sup>29</sup> Cf. o próximo capítulo, na seção “Esfera Discursiva”, para o entendimento desta noção.

pesquisador/objeto (sujeito) e interesses sociais, de maneira que a exegese deste objeto estivesse comprometida com as vicissitudes de condições históricas específicas, o que faria de uma análise um diálogo com diversas contradições ideológicas impregnadas naquele objeto.<sup>30</sup>

Muito da discussão a respeito da neutralidade científica (ao sabor da moda e rancor acadêmicos) está armada sobre uma, dir-se-ia, ribalta esquizofrênica, cujo transtorno se desdobra na dificuldade de se aceitar a duplicidade da atividade científica enquanto atividade, estritamente, acadêmica e, intrinsecamente, cultural, sendo, por isso mesmo, atividade ético-política, ou seja, comprometida com interesses históricos. A partir do advento da modernidade, via de regra, caracterizada como racionalista, positivista e liberal, o cientista é constrangido a assumir uma postura asséptica no que toca às práticas ordinárias e/ou às não validadas pela comunidade acadêmica tradicional/oficial. Como contrapeso, outro constrangimento emergiu (pode-se enfatizar, quase que concomitantemente): o da necessidade de politização da ciência. Estas duas pressões, tantas vezes, fizeram o ato científico perder de vista sua historicidade (por excelência, contraditória e enviesada), enquanto fenômeno participante das práticas culturais em geral. Em outras palavras, enquanto prática social inscrita por entre as fronteiras de diversas esferas de criação ideológica, como as políticas, artísticas, de consumo, midiáticas, cotidianas, etc.

Nesse sentido, é pertinente o que a perspectiva dialógica apresenta como noção de unidade<sup>31</sup>, enquanto categoria analítica e teórica aplicável à interpretação das vivências sociais. Conforme Machado (1996), nessa perspectiva, unidade não se define por unicidade diferenciadora, traços distintivos, mas por participação como elo constitutivo na cadeia complexa das relações entre as esferas ideológicas. É o que Geraldi (2016, p. 36) destaca como sendo o lugar da unidade evidenciado pelo encontro das especificidades de cada uma dessas esferas.

---

<sup>30</sup> No próximo capítulo, na seção “Análise Dialógica do Discurso”, tratar-se-á detidamente do comprometimento ético de seu tipo de pesquisa, e, a partir de tal entendimento, da questão da humanização do objeto, dentre outros elementos da pesquisa.

<sup>31</sup> É importante ter em mente que diversos termos consagrados como *unidade*, bem como *intenção*, *vontade*, etc., são referidos sob uma outra ótica diferente da clássica, na perspectiva círculo-bakhtiniana. Esta outra ótica privilegia sentidos deslocados daqueles que a tradição filosófica e científica estabeleceu como cânone. Logo, tais entendimentos antes que um procedimento que exclua sentidos marginais destes termos, problematiza-os focalizando uma nova orientação, que abranja diversas dimensões, tanto oficiais quanto periféricas, para eles.

Esse entendimento consubstancia-se de acordo com a postura dialógica de que a condição – simbólico-material e histórica – imprescindível para que a unidade da cultura seja vivenciada concretamente é estar tensionada por limites criativos, pois qualquer sentido abstraído/isolado das diversas relações com outros sentidos é uma “*contradictio in adjecto*” (BAKHTIN, 2014, p. 16), uma vez que, de acordo com Velmezova (2005, p. 76), Bakhtin afirma que “o domínio da cultura não tem fronteiras, ele se situa inteiramente sobre fronteiras, suas fronteiras passam por tudo, penetrando todos os seus elementos”. Portanto, a unidade real/viva do fenômeno discursivo (e da cultura/ação humana) está em perceber a relação contraditória entre particularidades distintas, como condição constitutiva dos fenômenos culturais/humanos, que, conforme Bakhtin (2014, p. 29), refletem tudo em si e estão refletidos em tudo.

Por fim, após se ter feito uma discussão sobre a noção de crítica, que, em geral, associa-se à ideia de problematização das bases ontológicas e epistemológicas da prática científica e à de engajamento social, pode-se dizer que este entendimento de unidade, juntamente com a ideia de que a heterogeneidade constitui a ordem do mundo, fazem de uma análise do uso linguístico uma perspectiva crítica dos seus próprios fundamentos teóricos e analíticos, na medida em que problematiza seu próprio enunciado (seus objetos, categorias e princípios, além de seus objetivos e justificativas) – ou o que eles mesmos dizem sobre si, na condição de sujeito, que, como tal, está marcada pela possibilidade de vivência apenas na forma disseminada por entre fronteiras.

Esta perspectiva, de fato, tanto se concentra em temas sob cujos limites se delineiam questões de práticas discursivas concretas, intimamente, relacionadas às ambivalências que lhe são características, por participarem ativamente das relações sociais, quanto problematiza os procedimentos conservadores universalistas da atividade científica. Isso tudo, além de se interessar por questões concernentes às grandes causas sociais, como as emancipatórias/legitimantes de práticas discursivas não-hegemônicas, o que reafirma seu gesto crítico. É, justamente, sob esta perspectiva que a análise do discurso de “n. d. a.” será empreendida, nesta dissertação, na medida em que, concentrando-se na análise de como ocorre no discurso antuniano estudado a crítica de convenções reacionárias que deslegitimem formas coloquiais e marginais como material fundamental da constituição de práticas discursivas institucionais, como a poética. Isto como ato ético em favor do signo ideológico ordinário transformador.

Cabe, ainda, discutir, aqui, a posição crítica de engajamento contra a ideologia capitalista/liberal que Bakhtin (2015) empreende quando explica que a

bivocalidade no discurso polifônico de Dostoiévski é uma resposta à ideia<sup>32</sup> de indivíduo que o capitalismo forjou, “cultura decadente e idealista (individualista), a cultura de solidão de princípio e incontrastável” (BAKHTIN, 2015, p. 322). Segundo o pensador russo, “o capitalismo criou as condições para um tipo especial de consciência permanentemente solitária. Dostoiévski revela toda a falsidade dessa consciência” (BAKHTIN, 2015, p. 323). É por isso que, conforme Paulo Bezerra, (in: BAKHTIN, 2015, p. 321):

O sentido de indivíduo em Dostoiévski tem sentido filosófico muito particular: é um ser situado em fronteira, em um limiar em que interage com o outro, de quem recebe muitos adendos à sua personalidade e à sua consciência e a quem ele também transmite adendos similares. É o indivíduo em convívio, entre uma multiplicidade de consciências, o indivíduo em processo de construção dialógica.

Qualquer ação que transtorne esse indivíduo coletivo, rompendo essa condição limiar com outros indivíduos, é uma forma de violência/reificação do homem:

Na sociedade de classe, levada ao extremo nas condições do capitalismo. Essa reificação é causada por forças externas que agem de fora e de dentro sobre o indivíduo; é a violência em todas as formas possíveis (econômica, política, ideológica), e só é possível combatê-las externamente e com forças externas (a violência revolucionária justificada); o indivíduo é o fim (BAKHTIN, 2015, p. 335).

É, justamente, por buscar esse indivíduo limiar – coletivo, constituído sob fronteira com os outros – que a forma bivocal é revolucionária, uma vez que assegura a interconstitutividade dialógica (ininterruptibilidade/inconclusibilidade do ser e da vida) dos sujeitos sociais. Não é à toa que “todas as personagens centrais [de Dostoiévski] são participantes do diálogo. Escutam tudo o que as outras dizem a seu respeito e a todas respondem (sobre elas nada é dito à revelia ou a portas fechadas)” (BAKHTIN, 2015, p. 333). Veja-se que os fundamentos/motivos ideológicos subjacentes ao estudo da palavra bivocal – objeto da Translinguística<sup>33</sup> – estão orientados para a crítica dos fundamentos radicais da lógica capitalista/neoliberal pautada na ideia/acometimento/ação, decadente e individualista, de indivíduo, que se definiria a despeito dos outros<sup>34</sup>. Logo, a crítica dos

<sup>32</sup> Bakhtin (2015, p. 316) compreende ideia como acontecimento, o que, pode-se dizer, implica ação concreta.

<sup>33</sup> Cf. o próximo capítulo, na seção “Análise Dialógica do Discurso”, onde serão definidos tanto Translinguística, quanto bivocalidade, segundo a perspectiva dialógica.

<sup>34</sup> Note-se que a reponsabilidade como resposta responsável pelo outro e não a despeito do outro permite a negativização de práticas discursivas conservadoras. Exemplifica-o o caso do juiz José Eugênio do Amaral Souza Neto, do Fórum da Barra Funda que libertou acusado de ejacular em uma mulher em ônibus, e o da Associação Paulista de Magistrados, que não repudiou tal prática. Ambos se pautam numa interpretação técnico-jurídica que se sobredetermina, por assim dizer, a uma volitivo-responsável. Esta, por princípio, não pode reduzir a unidade humana da cultura a uma unidade abstrata tecnicista/cientificista da cultura, que sempre será menor que uma vida. Sobre a responsabilidade na

modos de organização dessa palavra é indissociável da crítica das relações hegemônicas dos *modus operandi* da lógica capitalista. Nesta pesquisa, tentar-se-á, portanto, indicar de que maneira discursos dialógicos/polivalentes contribuem para a consolidação de práticas sociais voltadas para a construção de lógicas/lugares de cultura organizados, através de individualidades limiares/dialógicas.

Ao final deste capítulo, deve-se destacar que a concepção de linguagem sob a perspectiva dialógica vislumbra as práticas sociais que se conformem singularizadas pela contradição e luta social por sobredeterminação de posições ideológicas, o que lhe confere uma dimensão ética comprometida com interesses sociais específicos. A ADD, enquanto perspectiva de análise discursiva, ao assumir essa concepção de linguagem, inscreve-se num espaço de diálogos sociais e científicos pautados pela crítica de posições acadêmicas “desinteressadas” pelo engajamento ético-político, o que faz de sua atividade uma prática de problematização dos seus fundamentos epistemológicos e ontológicos, a fim de se aproximar das relações subjetivas concretas. É por isso que a ADD se insere dentro das, por assim dizer, territorialidades alternativas contra-hegemônicas reclamadas pela LA e pelos ECL e lhes reforça o imperativo contra o alheamento e negligência das causas sociais de empoderamento de grupos destamarginalizados.

Daí que o entendimento de crítica como forma de garantir a refundação dos preceitos teóricos e analíticos “logicistas” concorre para a consolidação de uma pesquisa eticamente comprometida com marginalizados – como é o caso desta dissertação – na medida em que considera a positividade dos índices de valor coloquial-urbano de serem legitimamente constitutivos de discursos oficiais, isto como forma de viabilizar uma alternativa frente a procedimentos alienadores que tentam massificar práticas discursivas cotidianas. O próximo capítulo tratará dos fundamentos ontológicos e epistemológicos, desta pesquisa.

---

perspectiva bakhtiniana, Faraco (2017, p. 52) assevera que “ser responsabilmente participante é realizar sua singularidade não para si, mas na relação com o outro. A interação é constitutiva (é o princípio arquitetônico) do mundo real do ato; e o outro, irredutível na sua diferença, mas correlato com o eu, é a efetiva baliza do agir; funciona, portanto, como antídoto do irracionalismo em qualquer de suas dimensões): ‘o princípio arquitetônico supremo do mundo real do ato é a contraposição concreta, arquitetonicamente válida, entre eu e outro. A vida conhece dois centros de valores, diferentes por princípio, mas correlatos entre si: o eu e o outro, e em torno destes centros se distribuem e se dispõem todos os momentos concretos do existir’ (BAKHTIN, 2010, p.142). Assim, viver é agir responsabilmente a partir de si e em correlação com o outro, é posicionar-se axiologicamente, é participar do diálogo aberto, do simpósio universal. Três verbos ativos – agir, valorar, interagir – tecem o viver”. Parece que o ato discursivo do juiz José Eugênio do Amaral Souza Neto e da Associação Paulista de Magistrados se limitaram a posicionar-se em favor do texto (de si, a “lógica individualista/capitalista”) em detrimento do sujeito (o outro, a lógica “responsável/dialógica”).



### 3 AS PALAVRAS SOBRE QUE SE FALA (AS CATEGORIAS DE ANÁLISE)

Esses dois movimentos (o reconhecimento do repetível e a descoberta do novo) devem estar fundidos indissoluvelmente no ato vivo da compreensão: porque a não repetitividade está refletida também em cada elemento repetível, coparticipante do todo (por assim dizer, é repetível-não repetível). A metodologia da explicação e da interpretação se reduz com muita frequência a essa descoberta do repetível, ao reconhecimento do já conhecido, e se percebe o novo o faz apenas em forma extremamente empobrecida e abstrata (BAKHTIN, 2011, p. 378-9).

Este capítulo pretende apresentar as categorias de análise de que se valerão os procedimentos analítico-metodológicos desta pesquisa, a saber, *bivocalidade e dialogismo interno*. Estas duas categorias permitem identificar-se os efeitos de sentidos que interessam para esta análise dialógica do discurso na obra “n. d. a”, de Arnaldo Antunes, materializados no que se chama aqui *reinscrição signica verbo-visual* nas suas formas *tendência à desestabilização do significado e tendência à onissignificação temática*. Para tanto, sabendo que toda noção, princípio, procedimento e categoria estão enviesados por uma perspectiva teórica subjacente, antes de se apresentarem as categorias de análise, será feita uma resenha dos principais conceitos que as fundamentam: signo ideológico, tema e significação; índice de valor e horizonte social. Nesse sentido, como maneira de situá-los teoricamente, serão discutidos, na seguinte ordem<sup>35</sup>, conceitos-chave

---

<sup>35</sup> Diferentemente de métodos que partem de uma teoria acabada, pretendida universal para tomar o objeto apenas como forma de confirmação de tal ou qual axioma ou princípio, a postura da ADD busca, antes, dialogar com o objeto, entendido como um sujeito do processo de pesquisa, para, só então, se definir algum postulado teórico. Tal abordagem leva ao “inusitado de sua forma de ser discursivamente [diálogo com o objeto de análise], à sua maneira de participar ativamente de esferas de produção,

da chamada Análise Dialógica do Discurso (BRAIT, 2014; GONÇALVES e ALVES 2016), a saber, as noções de diálogo (MARCHEZAN, 2014); de esfera discursiva (GRILLO, 2014); de ideologia (MIOTELLO, 2014); de poesia e prosa (FIORIN, 2014; SOBRAL, 2008; TEZZA, 2003; 2014); e da dimensão verbo-visual do enunciado (BRAIT, 2013). Então, logo, em seguida, as noções de signo ideológico; tema e significação (SOBRAL, 2014; GRILLO, 2014; SILVA, 2013); e índice de valor e horizontes social (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014) serão definidos. Cada um desses conceitos, princípios e noções estarão orientados segundo as discussões círculo-bakhtinianas (BAKHTIN, 2015; 2014; 2011; 2010; BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014).

### 3. 1 ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO

Brait (2014) sustenta que o conjunto das obras do Círculo bakhtiniano motiva a consolidação de uma perspectiva de estudo da linguagem: a Análise Dialógica do Discurso. Esta tem como embasamento constitutivo, por um lado, o comprometimento ético do pesquisador para com o objeto estudado, que é também um sujeito, um fenômeno social concreto, instaurado pela relação entre língua, linguagem, história e sujeito e, por outro lado, o entendimento de que a construção de sentidos na linguagem apoia-se em relações discursivas historicamente situadas (BRAIT, 2014, p. 10).

Nesse sentido, a autora conclui que a ADD constitui-se de conceitos, noções e categorias características da postura dialógica diante do *corpus* discursivo, da metodologia e do pesquisador, importando, teórica e metodologicamente, porque permite a análise das especificidades discursivas constitutivas de situações em que a linguagem e determinadas atividades se interpenetram e se interdefinem, além de assumir o compromisso ético que o pesquisador tem para com o objeto de pesquisa, que, dessa perspectiva, como se disse, também é um sujeito histórico (BRAIT, 2014, p. 29).

A autora percorre a trajetória da obra e do pensamento de Bakhtin e do Círculo aqui no Brasil, indicando em que cada livro do Círculo contribuiu para a corporificação da ADD, conforme o quadro:

---

circulação e recepção, encontrando sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos (BRAIT, 2014, p. 14). É assumindo tal postura que se trata o “objeto” desta dissertação, a obra “n. d. a.”, de Arnaldo Antunes, como um sujeito histórico, reconhecendo nele, um fenômeno social impregnado de sentidos sociais vivos, dialogando, por meio de sua tessitura verbal e social, com outros sujeitos/vozes sociais, dentre eles, inclusive, pesquisadores, além de críticos literários, de outros do meio artístico, do midiático, e do público em geral. A propósito dessa discussão, cf. no próximo cap., a seção “As palavras de/com quem se fala (o objeto/sujeito teórico e analítico)”.

### Quadro 2 – Obras de Bakhtin e sua contribuição

<p><i>Marxismo e filosofia da linguagem</i> (1997)</p>	<p>A noção de signo ideológico, que introduz as questões da situacionalidade do discurso, do uso concreto da linguagem e da presença constitutiva do outro, além da crítica construtiva do estruturalismo e estilística clássica.</p>
<p><i>Problemas da poética de Dostoievski</i> (2002)</p>	<p>Configuração da metodologia não apriorística e <i>ad hoc</i>, isto é, uma metodologia que a partir da leitura minuciosa do conjunto de uma obra, chega <i>a posteriori</i> a um conceito.</p>
<p><i>A obra de François Rabelais e a cultura popular na idade média</i> (1965); e <i>Questões de literatura e estética</i> (1975)</p>	<p>Confirmam o método dialógico utilizado em <i>Problemas da poética de Dostoievski</i> (2002) e estudo da linguagem em uso e sua concepção social e histórica não descartando nenhum tipo de discurso.</p>
<p><i>Estética da criação verbal</i> (1979)</p>	<p>O acabamento final de uma ideia de pensamento bakhtiniano, no que toca aos conceitos dialógicos e à discussão da relação ética eu/outro.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Também foram estudados *Discurso na vida e na arte*, de Volochínov e *Por uma filosofia do ato*, de Bakhtin. O primeiro contribui para o aprofundamento das noções de interação verbal e acentuação; o outro traz as bases filosóficas de Bakhtin. Note-se que Brait (2014) não segue a cronologia de produção das obras, mas a cronologia do acesso a elas pelos estudiosos brasileiros, que segue um caminho marcado por idiosincrasias e particularidades que afetam o modo (o qual, por força dos limites de nosso trabalho, não se pode desenvolver) como ADD foi historicamente emergindo nas relações institucionais acadêmicas.

Baseada nessa trajetória, a autora explica que a concepção de linguagem da ADD define-se “como lugar de produção de conhecimento de forma comprometida, responsável” (BRAIT, 2014, p. 28) e “de construção e produção de sentidos necessariamente apoiadas nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados”<sup>36</sup> (BRAIT, 2014, p. 28). Brait (2014) aponta três características fundantes da ADD, “no que ela tem de original: fazer da análise um processo de diálogo entre sujeitos”<sup>37</sup> (BRAIT, 2014, p. 28), a saber: 1) a alteridade constitutiva das noções dialógicas; 2) dialogismo constitutivo de todos os discursos em diversos graus; e 3) interação como processo verbal e social. Nesse sentido, ao não perder de vista a concretude da ação humana nos momentos analíticos, torna-se a ADD uma perspectiva comprometida com as situações concretas específicas de cada tempo e lugar históricos.

Efetivamente, Brait (2014, p. 10) reitera que a ADD não busca uma teoria tradicional fechada, porque isto seria uma contradição em relação aos próprios conceitos construídos pelo Círculo de Bakhtin, que são especificados pela heterogeneidade verbal e social, particularidade mesma do fluxo ininterrupto de criação ideológica que constitui as práticas sociais. Por isso, sugere a reflexão sobre como os diversos conceitos do Círculo de Bakhtin vão sendo constituídos no conjunto da obra e como eles vão sendo apropriados. A autora constata que a análise dialógica compreende os discursos como produções humanas históricas em busca de resgatar o sujeito concreto, com cujo confronto as práticas discursivas são (re)significadas. Isto num movimento que supera a pretensa e reificadora neutralidade científica, visto que esta perspectiva se assume comprometida eticamente pelo outro, pois, considerando o pesquisador enquanto sujeito histórico:

Devo identificar-me com o outro e ver o mundo através de seu sistema de valores, tal como ele o vê, devo colocar-me em seu lugar, e depois, de volta ao meu lugar, completar seu horizonte com tudo o que se descobre do lugar que

---

<sup>36</sup> Note que Brait (2014) sintetiza, aí, conforme foi destacado no primeiro capítulo, a consideração da organização dialógica das práticas culturais na perspectiva círculo-bakhtiniana que orienta a sua concepção de linguagem, enquanto o uso linguístico concreto associado a um comprometimento ético do sujeito com uma situação histórica singular, uma vez que está relacionada com tomadas de posição entre sujeitos diversos e com uma intrínseca orientação para a fala alheia, através de acentos apreciativos específicos de esferas ideológicas determinadas.

<sup>37</sup> É pensando nisso que se enfatiza na “organização retórica” do discurso desta dissertação que ela é, fundamentalmente, assim como todo discurso vivo, orquestrada a partir de diversos diálogos. Por isso, essa ênfase acaba sendo uma forma de reforçar a ideia de que pesquisa é diálogo entre pesquisador e objeto/sujeito tal qual a ADD, de acordo com o que se explicitou, no primeiro capítulo, concebe-a como uso social não dissociado de problemas da ideologia, considerando que a organização dos momentos da pesquisa (fundamentação, objeto, objetivos e método) tem peso ético. Em outras palavras, respondem a contextos históricos determinados, sendo, assim, representantes de pontos de vista particulares, ou seja, fenômenos vivos axiologizados.

ocupo, fora dele; devo emoldurá-lo, criar-lhe um ambiente que o acabe, mediante o excedente de minha visão, de meu saber, de meu desejo e de meu sentimento (BAKHTIN, 2003, p 45, apud BRAIT, 2014, p. 27)<sup>38</sup>

A ADD justifica sua singularidade, porque reconhece a presença constitutiva do outro no discurso, ou seja, é aberta à alteridade. Abertura que se define também ao passo que se opõe ao caráter descomprometido das teorias que se pretendem neutras em relação ao objeto (o outro). Decorre, então, que ADD, dessa maneira, constitui-se no sentido de que assume um papel ético-político de compromisso e responsividade no seu dizer e interagir, reconhecendo que “as atividades intelectuais e/ou acadêmicas são atravessadas por idiosincrasias institucionais e, necessariamente, por uma ética que tem na linguagem e em sua implicação nas atividades humanas, seu objeto primeiro” (BRAIT, 2014, p. 10).

O ato ético da ADD concretiza-se, portanto, nos caminhos metodológicos particularizados pelo reconhecimento do caráter conflitual dos processos de construção dos sentidos assinados e disputados por diversas autorias sociais, inclusive, pesquisador e pesquisado. Portanto, através do reconhecimento da especificidade opaca do uso da linguagem, a marca concreta do sujeito histórico como constitutivo das práticas discursivas toma lugar fundante nos estudos da linguagem.

A ADD assume-se, então, compromissada eticamente, pois esta presença traz consigo a observação das tensões das criações ideológicas, que decorrem da heterogeneidade verbal e social constitutiva das práticas discursivas, já que, ao aproximar-se das relações concretas, marcadas por contradições ideológicas, supera o mito da neutralidade científica, que, por sua vez, organiza relação de abuso e naturalização das assimetrias de poder ao negligenciar a necessidade de engajamento social.

Nesse sentido, ADD entende que esferas científicas devem reconhecer formas próprias de discursos não-hegemônicos, os quais, ao terem seus atos discursivos legitimados por cadeias ideológicas oficiais, como, por exemplo, as das esferas da ciência e da literatura, podem<sup>39</sup> reivindicar legitimidade de suas práticas sociais. Assim, a

---

<sup>38</sup> As citações indiretas feitas, aqui, mantêm-se não por não se ter consultado o texto-fonte, quando se trata de Bakhtin, mas por se respeitar o trabalho interpretativo do autor a quem se está recorrendo para desenvolver o tema em questão.

<sup>39</sup> Não se está afirmando que esta seja uma articulação necessária nem suficiente, pois outras formas de legitimação orgânicas de práticas marginalizadas historicamente podem ocorrer. Diz-se tão somente que, quando em discursos oficiais há a reorganização de seus limites em função de signos ideológicos de práticas ordinárias, a luta contra hegemônica se fortalece.

linguagem tomada concretamente é utilizada em diversas formas de interação e é atravessada por acentuações que legitimam, bem como marginalizam, por isso a vigilância a que o analista deve se ater para que sejam “favorecidas” formas de empoderamento de posições axiológicas não-hegemônicas em esferas oficiais<sup>40</sup>. Portanto, o que ocorre através da ADD é um diálogo transformador em que os sujeitos concretos, por exemplo, aqueles representantes das esferas científicas, literárias e cotidianas, podem ampliar seus horizontes e práticas discursivas, através da corresponsabilização entre si, como a “lógica” que “governa”, em oposição à da abstração do homem e da vida reais da cultura ideal.

Assim, politicamente, a ADD pôde pôr em perspectiva os *apartheid* discursivos que marginalizam diversos sujeitos sociais das esferas oficiais de criação ideológica estabelecidos, em nome de uma visão de mundo cientificista conservadora. Isto tanto por causa do reconhecimento do poder constitutivo do discurso concreto das relações dialógicas; quanto por causa da assunção ética da heterogeneidade constitutiva no fluxo ininterrupto concreto de criação e trajetória histórica ideológicas das interações verbais e sociais.

Em consonância com o que Brait (2014) discute a respeito da ADD, destacando a sua possibilidade de aplicação metodológica, Gonçalves e Alves (2016) refletem sobre o que Bakhtin chama de Translinguística (expressão preferida à Metalinguística por questão de ambiguidade, por este termo já ser corrente, por exemplo, como uma função jakobsoniana da linguagem). Ela dá bases para o estabelecimento da ADD. Os autores delineiam os pressupostos da ótica da Translinguística bakhtiniana, “segundo a qual o texto deve ser entendido como um enunciado, por sua natureza autoral, bivocal e responsiva pelas relações dialógicas que estabelece com outros enunciados” (GONÇALVES e ALVES, 2016, p. 220). Nesse sentido, a Translinguística concorre para o estabelecimento de um ponto de vista de estudo que considere fundamentalmente a presença da alteridade e historicidade das práticas discursivas, já que todo discurso é marcado por acentuações específicas de dado espaço, tempo e sujeitos situados imediata e amplamente em contextos históricos. Caracteriza-se, assim:

A especificidade Translinguística do texto enquanto fenômeno avaliado por sujeitos situados em pontos contingentes do espaço e do tempo que deixam na

---

<sup>40</sup> É nesse sentido que se entende que esta pesquisa pode identificar-se como uma forma de intervir socialmente, tanto porque problematiza os *modus operandi* conservadores de ciência, quanto porque assume o enfrentamento de práticas que estigmatizam índices de valor de grupos marginalizados, através da crítica de tendências de intrusão de discursos cotidianos em esferas oficiais. Cf. a seção “Categorias e procedimentos de análise”, no cap. quatro, a esse respeito.

materialidade do texto suas marcas de autoria através de seus posicionamentos ideológicos (GONÇALVES e ALVES, 2016, p 226).

Note-se que os autores destacam que a análise translinguística cria condições de abordagens de discursos mais complexos que não se limitem aos aspectos formais, nem verbais, pois serve a “perspectiva translinguística para analisar diferentes tipos de texto que circulam socialmente em diferentes materiais semióticos” (GONÇALVES e ALVES, 2016, p. 238). Logo, tal aplicação precisa ter clara uma noção de texto que contemple a dimensão dialógica das práticas discursivas, por isso, Gonçalves e Alves (2016, p. 220) destacam que a Metalinguística/Translinguística/ADD “tem como propósito ultrapassar os limites de um estudo da linguagem estritamente linguístico baseado nas relações lógicas para se preocupar com analisar o discurso bivocal nas suas relações dialógicas” (GONÇALVES e ALVES, 2016, p. 221). Sobre a relação da Linguística com a Translinguística, os autores observam que o filósofo russo afirma que tanto a Linguística quanto a Translinguística tomariam para si um mesmo objeto, concreto, complexo e multifacetado, a saber, o discurso; muito embora desenvolvam seus estudos sob perspectivas diferentes. Daí a imprescindibilidade de complementarem-se.

Como se viu, está, pois, a Linguística interessada nos aspectos lógico-formais do sistema linguístico, enquanto a Metalinguística se interessa pelo “aspecto verbal como relacionado ao aspecto extraverbal, em que o aspecto lógico/linguístico está em constante tensão com o aspecto dialógico/translinguístico da linguagem e dos sujeitos que a utilizam na produção de sentidos” (GONÇALVES e ALVES, 2016, p. 223). Para tanto, a Translinguística permite a operacionalização de procedimentos analíticos que considerem, de fato, a presença, historicamente situada, de marcas de autoria.

Certamente, a aplicabilidade de uma análise em função dos aspectos dialógicos dos discursos é defendida em Bakhtin (2015), onde o filósofo mostra que o objeto principal da Translinguística é a palavra bivocal. Aí, explica-se que a Linguística se concentra em abstrações, cuja significação discursiva define-se conforme a criação de imagens objetificadas e acabadas das pessoas e seus signos, do uso da linguagem, a partir dos quais usos caricaturais são tematizados, ou seja, sob a forma da chamada Linguística pura. Sob seu ponto de vista, a distinção entre o uso monológico e o polifônico não pode ser delineada satisfatoriamente, logo, os interesses práticos desse estudo, tal o vislumbre de questões éticas envolvidas na tensa relação entre linguagens distintas, não são devidamente, apropriados.

Pode-se dizer que o que se propõe como contexto monológico, na perspectiva dialógica, é o discurso composicionalmente concentrado em seu objeto e não na orientação que seu discurso tem sobre o objeto do outro (destaque-se que se pensa aqui em concentração, não em exclusividade, logo ambas as orientações – para o objeto próprio e para o alheio – constituem o enunciado). É o que Bakhtin/Volochínov (2014, p. 150) aponta como “o discurso no discurso, a enunciação na enunciação” (enunciado concentrado em seu objeto) como contraparte do “discurso sobre o discurso, da enunciação sobre a enunciação (enunciado concentrado no objeto alheio). Isto não quer dizer que a composição monológica negue a constitutividade dialógica geral das práticas discursivas, pelo contrário, em sendo discurso no discurso, é também discurso sobre o discurso, embora esteja concentrada nas relações entre autor e objeto e não nas entre autor e o objeto dos heróis.

Tais asserções problematizam um senso de que a monologia seria uma espécie de *persona non grata* do ideário ético-político, visto que a “garantia” da diversidade estaria associada tão-somente com a dialogia. Bakhtin/Volochínov (2014) estuda as relações dialógicas sob o foco da necessidade da superação das relações assimétricas de poder que tendem a administrar a homogeneidade discursiva e, por isso mesmo, assegurar o desempoderamento social daqueles que destoam desta homogeneidade. Assim, a evidenciarem-se as relações estruturais ideológicas do discurso, demonstram-se os conflitos antagonísticos que se lhe subjazem, em cujas forças conservadoras a tendência à monovalência estabiliza-se na medida em que os oblitera. Segundo Bakhtin/Volochínov (2014, p. 48), a deformação/refratariedade do signo ideológico, em consonância com os limites da ideologia dominante, decorre do fato de, na ideologia hegemônica, rotineiramente, se estabilizarem estágios anteriores da corrente dialética da evolução social, de forma que se valorize práticas sociais anacrônicas<sup>41</sup>.

É nesse sentido que se compreende que não cabe à monologia a pecha de “antidemocrática”, ela é apenas uma forma de organização discursiva; antes o que se deve combater são os meios ideológicos de reificação do sujeito que se valem de anacronismos discursivos, como se viu e, que se deve crer, tanto pode ocorrer com enunciados dialógicos quanto monológicos, pois não existe nenhuma forma intrinsecamente “boa” ou “má”<sup>42</sup>.

---

<sup>41</sup> A respeito, cf., neste capítulo, a seção “Diálogo”, onde se discute este problema.

<sup>42</sup> Por exemplo, um panfleto político ou um livro como “Manifesto comunista” traz uma estrutura formal monológica, no entanto, politicamente, trouxe bastante ganhos para a compreensão das condições de



Ressalte-se que o que interessa, para a perspectiva dialógica, é a organização axiológica de linguagens revelada não “na existência de certos estilos [e modalidades] de linguagem, dialetos sociais, etc., existência essa estabelecida por meio de critérios meramente gramaticais”, mas “sob que ângulo dialógico eles confrontam ou se opõem na obra” (BAKHTIN, 2015, p. 208).

Essa discussão desenvolve-se sob o raciocínio de que o discurso, enquanto fenômeno concreto, complexo e multifacetado, estudado tanto pela Linguística quanto pela Translinguística, funda-se por relações concretas que podem ser estudadas pela sua generalidade (o que a primeira faz); quanto por sua expressividade de posicionamentos axiológicos (o que faz a outra), ambas disseminadas e corporificadas numa forma material (o enunciado). A Translinguística concentra-se em relações lógicas e concreto-semânticas, na medida em que estas indicem relações dialógicas. As relações lógicas, por assim dizer, são “assertivas”; as dialógicas, “replicantes”<sup>43</sup>. Estas últimas podem ocorrer entre obras, enunciações, ou em parte delas, e, ainda, numa única palavra, ou mesmo entre estilos e dialetos, bem como em outras semioses. O importante é que sejam bivocais e internamente dialogizadas.

Enfim, para esta perspectiva de estudos, deve-se ter em vista que o dialogismo é uma dimensão constitutiva da linguagem materializada numa composição discursiva (assim como a monologia). O problema, portanto, da Linguística e da Metalinguística é de se saber de qual perspectiva e limites se está falando a se tratar o material linguístico.

Para ilustrar-se esta constatação, Bakhtin (2015) aplica “observações metodológicas prévias” (BAKHTIN, 2015, p. 208), a respeito da análise dialógica do objeto da Translinguística – a palavra bivocal. De fato, o filósofo russo destaca que alguns discursos podem ser organizados segundo uma meta polifônica, o triunfo da multiplicidade de vozes nunca obliterada por uma voz finalizadora/autoritária do autor. Seu exemplo é o da obra de Dostoiévski, sobre quem diz que a meta artística é desafiar “a mais extrema ativação, no discurso bivocal, dos acentos orientados para diversos fins. [...] É precisamente dessa ativação que ele necessita para atingir seus fins” (BAKHTIN,

---

exploração dos trabalhadores. Já um blog como “Blog Família Bolsonaro” (hospedado no seguinte endereço <<http://familiabolsonaro.blogspot.com.br/>>, acesso 30/08/2017) que apresenta uma estrutura dialógica, que se compõe de reacentuações de falas de outrem críticas contra Bolsonaro, é profundamente reacionário às causas populares. Este entendimento, inclusive, é importante para superar o receio que se tem pela perspectiva dialógica de descrever a poesia como um enunciado cuja tessitura tende à monologia.

<sup>43</sup> Inclusive, em Bakhtin (2015), é sobre a estrutura replicante que as organizações nodais dialógicas, a saber, estilização, paródia, *skaz*, diálogo, são delineadas.

2015, p. 234). A vivacidade (não abstração) polifônica de uma obra é percebida em unidades composicionais, como por exemplo, na enunciação do herói; do narrador e autor; e do diálogo entre estes e outros personagens.

Bakhtin (2015) nota que tanto a Linguística quanto a Estilística tradicionais tratam do discurso do autor sobre seu referente, ao passo que a Metalinguística trata do discurso do autor sobre o discurso dos heróis sobre seus objetos (os quais, inclusive, podem ser o mesmo do autor, donde está, aí, a expressão, por excelência, de internalização do dialogismo e bivocalização do enunciado). De acordo com Bakhtin (2015, p. 232), “a orientação da palavra entre palavras, as diferentes sensações das palavras do outro e os diversos meios de reagir diante dela são provavelmente<sup>44</sup> os problemas mais candentes do estudo metalinguístico de toda palavra, inclusive da palavra artisticamente empregada”.

Nas poesias que se estudarão, nesta pesquisa, ocorre, justamente isto: uma posição autoral que problematiza outras posições de autoria. Isto tematiza como diversas acentuações contraditoriamente emergem num material discursivo (no caso, o enunciado poético) comum a diversas consciências e sujeitos impregnados em linguagens distintas, através do que há uma (com)fusão entre modalidades e estratos discursivos do autor e de outrem num mesmo enunciado (no caso, o verbo-visual). É importante, *ipso facto*, compreender que, segundo Bakhtin (2015, p. 215), é variado “o grau de objetificação da palavra representada da personagem”, na medida em que este grau decresce, o que corresponde à elevação “do grau de atividade das próprias aspirações da palavra do outro” (BAKHTIN, 2015, p. 227).

Nesse sentido, nessas poesias, a necessidade de responder às particularidades das formas de relação entre as diversas linguagens (heteroglossias) – estilos, registros, códigos e semioses, etc. – acaba por gerar um questionamento sobre a “não-oficialidade” e “ilegitimidade” de modelos não-padrão de entendimento delas mesmas, baseados tão somente na dimensão lógica (não confusa) da organização dos discursos. Isto, porque, cada linguagem dessas, antes que servir à tipificação dos sujeitos que se valem delas, serve para pôr em contradição (“confusão”) os discursos destes, sobretudo, na condição de autoria, na medida em que os tornando internamente dialogizados e bivocais<sup>45</sup>, apresenta axiologias em tensão num mesmo objeto. Tal se percebe, especialmente, no

---

<sup>44</sup> É dispensável dizer que este modalizador é apenas retórica.

<sup>45</sup> Cf. a seção “Bivocalidade e dialogismo interno”, neste capítulo e “Categorias e procedimentos de análise”, no quarto cap., onde se apresenta o desenvolvimento das ideias que levarão aos entendimentos concluídos aqui para aquelas duas noções.

discurso antuniano na obra estudada, porque, ela, acredita-se, não ignora o que Bakhtin (2015, p. 230) destaca sobre as relações axiológicas no discurso fundadas através da não ignorância das:

Mudanças que a palavra sofre no processo de sua passagem de um enunciado concreto a outro e o processo de orientação mútua desses enunciados, [...] as relações interiormente dialógicas da palavra com a mesma palavra em um contexto de outros e em lábios outros.

Os exemplos que Bakhtin (2015) discute detidamente são os seguintes. O primeiro é a “palavra refrativa” especificada pela antecipação da palavra alheia<sup>46</sup>. Esta palavra permite ao autor convocar um outro narrador que refrate outras palavras com outros acentos. Tal palavra, como se disse, eminentemente, organiza-se pela antecipação/mirada da/para a palavra alheia e é o que faz com que a consciência de si através do outro seja constitutiva da criação discursiva. Desta feita, segundo Bakhtin (2015, p. 237):

A atitude do herói em face de si mesmo é inseparável da atitude do outro em relação a ele. A consciência de si mesmo fá-lo sentir-se constantemente no fundo da consciência que o outro tem dele, “o eu para si” no fundo do “o eu para o outro”. Por isso o discurso do herói sobre si mesmo se constrói sob influência direta do outro sobre ele.

Materialmente, as consciências avizinhas pela mirada para o discurso de outrem corporifica-se numa sintaxe intercalada, marcada pela introdução de enunciados (desde uma palavra a longas sentenças), cujo acento não é o do autor. No entanto, a sobredeterminação não pode ser separada, nítida e rigorosamente, em enunciados “dialogizáveis” (que podem ser separadas formalmente); ela é, antes de tudo, uma “plasmação” de enunciados em fronteira de outros, como se a consciência/axiologia de um enunciado fosse o limite da de outro. Bakhtin (2015, p. 241) destaca que, no fim das contas, o autor é um herói iluminado pela autoconsciência, que conseguiu/corporificou-se numa linguagem singular e “elaborou estilo”.

Essa consciência do eu (autoria) sobre a presença constitutiva do outro (heterogeneidade discursiva) em si mesmo (no enunciado) decorre do fato de que, em última instância, o problema do dialogismo consiste em:

Em diferentes graus e em diferentes sentidos ideológicos, casos em que a voz do outro cochicha ao ouvido do herói as próprias palavras deste com acento deslocado e uma resultante combinação singularmente original de palavras e

---

<sup>46</sup> Vale ressaltar que essa especificidade está associada a gêneros epistolares e confessionais incorporados a alguns narrativos, o que demonstra a importância da intersecção de gêneros para as bivolocalização e internalização dialógica, por isso, defende-se esta intersecção como organizadora do discurso antuniano estudado, já que não distingue os limites entre o gênero poético e não-poético.

vozes orientadas para diferentes fins numa mesma fala (BAKHTIN, 2015, p. 256).

Da mesma forma que consiste em “encontrar sua voz [a do autor/herói] e orientá-la entre outras vozes, combiná-la com umas, contrapô-la a outras ou separar a sua voz da outra à qual se funde imperceptivelmente” (BAKHTIN, 2015, p. 277); e, por fim, em estar voltado para fora, dirigir-se intensamente “a si, a um outro, a um terceiro” (BAKHTIN, 2015, p. 292). Enfim, “tudo reside na reação do outro, na palavra do outro, na resposta do outro”<sup>47</sup> (BAKHTIN, 2015, p. 245-6), cujo procedimento básico é o de fazer reconhecer quem fala “a si, a sua ideia, a sua própria palavra, a sua orientação, o seu gesto em outra pessoa, na qual todas essas manifestações mudam seu sentido integral e definitivo” (BAKHTIN, 2015, p. 249)<sup>48</sup>.

Além da mirada para o discurso de outrem que permite a palavra refrativa, há a evasiva. Ela torna o discurso ambíguo e multifacetado, daí, em oposição ao “discurso-apreciação”, essa forma aproxima-se da de um “discurso-apelo”, isto é, da que recorre ao outro, “que contata dialogicamente com outro discurso, o discurso sobre o discurso, voltado para o discurso” (BAKHTIN, 2015, p. 274). Ressalve-se que essas formas de intrusão de axiologias alheias no enunciado são, estritamente, características de monólogos.

O “discurso-penetrante” é a forma pela qual a fala de um terceiro interfere ativamente na de um narrador revelando-lhe algo que lhe era obscuro; é uma espécie de chamamento a alguma voz do outro, problematizando-a. Tal penetração da fala de outrem na fala do narrador requer uma composição frasal desarmoniosa, desagregada, deformada (considerando-se um cânone conservador/logicista). Essa “estilística da desorganização” dos sintagmas que compõem o diálogo (estrito, no sentido de forma oposta ao monólogo) decorre da possibilidade de decomposição interna de cada fala desse diálogo, em virtude de estar ela mesma impregnada de acentos alheios.

Logo, a frase esdrúxula é antes *novus via* da organização discursiva, orientada, a partir de então, para a internalização do diálogo (em transformando-se em

<sup>47</sup> Note-se que o determinante “tudo” está relativizado pela dimensão da Translinguística/ADD concentrar-se na palavra bivocal, logo é dentro de seus interesses que o “tudo” é tematizado. Assim, não se deve entender que fora a de relações dialógicas nenhuma análise seja válida.

<sup>48</sup> Pode-se dizer que tal asserção está associada ao princípio do que se tratará, nesta pesquisa, como reinscrição sígnica, na medida em que ela se define pelo movimento de signos ideológicos particulares de dadas esferas discursivas entre outras esferas. Cf. a seção “Categorias e procedimentos de análise”, no quarto capítulo.

dialogismo)<sup>49</sup>. Outros aspectos formais-composicionais basilares são o compartilhamento de enunciados por sujeitos distintos, isto é, a “coincidência parcial entre as palavras do outro em um herói e o discurso interior e secreto de outro herói” (BAKHTIN, 2015, p. 296). Há, ainda, a dissimulação do monólogo em diálogo, em que a palavra evocada não é uma réplica dialógica, propriamente dita, mas “uma réplica do diálogo interior” (BAKHTIN, 2015, p. 304), devendo persuadir o próprio falante, embora seja direcionada ao ouvinte.

Bakhtin/Volochínov (2014) corrobora tal perspectiva, destacando que a bivocalidade realiza-se no discurso, através de relações dialógicas sobre as quais o enunciado se organiza, principalmente, sobre o preceito de que há “uma orientação recíproca do discurso citado e narrativo” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 161). Baseado nele, aplica-se uma análise de formas de emprego de recursos discursivos gramaticais para a intrusão da citação no enunciado. A análise do conteúdo, expressão e impressão do discurso citado ou o estado emocional do sujeito de quem o discurso será citado, desenvolve-se, literalmente, expresso no enunciado, por construções morfossintáticas – cujo objeto é ou o tema enunciado, ou o modo de falar –; e por construções gráficas – pontuações, destaques, etc.

Uma dessas formas de intrusão da fala alheia no discurso é a “assinatura múltipla”, que consiste na ausência de marcações de assunto e composição do enunciado que pode ser assinado por diversas vozes. Outra forma é a “tipificação” que ocorre através da utilização de expressões características de outrem pelo enunciador. Outra mais delinea-se a partir do uso de dado enunciado em nome de outra pessoa. Essas formas possuem em comum a particularidade de se realizarem, a partir de recursos gramaticais, tais como: ordem de palavras; e de tempos e pessoas verbais; elisão de conectivos interseccionados; organização direta e indireta do discurso; jogo com a possibilidade de identificação com palavras e acentos, por parte do autor e do herói.

Não se deve perder de vista que cada uma dessas “estruturas gramaticais” que participam da organização do enunciado apenas terá sentido em conjunção com os aspectos ideológicos que lhe são constitutivos, visto ser a intrusão do discurso citado uma

---

<sup>49</sup> Essa asserção importa para a análise dialógica do discurso da referida obra de Arnaldo Antunes, conforme sua consideração, para além de uma simplória oposição, por ela mesma, ao cânone, através da assunção de formas estranhas a formas poéticas conservadoras, seja, antes de tudo, o anúncio/elogio/crítica de novas formas de organização discursiva que reconheça a presença constitutiva de índices de valor particulares de esferas cotidianas, historicamente, marginalizadas.

atividade que relativiza pontos de vista sociais responsáveis/sensíveis às vicissitudes sociais e verbais (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 201).

Em Bakhtin (2010), explica-se que a dimensão axiológica/ideológica/dialógica com que cada enunciado está impregnado implica haver diversos acentos discursivos que lhe estão associados. Estes organizam-se em torno de centros de valores que “vocalizam” ambivalentemente este mesmo enunciado. Assim, são os tons emotivo-volitivos dos heróis e autores que concretizam, dão vida, humanizam as formas materiais do enunciado, que, por isso, torna-se ideológico por excelência. Instrumentalmente, esses tons emotivo-volitivos são rastreados em lexemas, modalizações, tropos e ritmos, desde que acentuados, isto é, envoltos em atividades valorativas<sup>50</sup>, pois:

O componente valor é em todo lugar condicionado não por um princípio logicamente fundante, mas do lugar único que ocupa um objeto na arquitetônica concreta do evento, do ponto de vista do lugar singular de um sujeito participante. Todos os componentes da arquitetônica são afirmados como momentos da singularidade de um ser humano concreto (BAKHTIN, 2010, p. 139-140).

Assim, em consonância com Bakhtin (2015) e Bakhtin/Volochínov (2014), a análise da *bivocalidade e dialogismo interno* do enunciado é feita reconhecendo que as particularidades linguísticas possuem uma dimensão translinguística. Portanto, pode-se dizer que a ADD se interessa, através dos exemplos de Bakhtin (2015; 2010) e de Bakhtin/Volochínov (2014), pela valoração axiológica orquestrada no material discursivo.

Em Bakhtin (2014) encontram-se como exemplos de estruturas composicionais que, em diversos graus, são bivocais e internamente dialogizadas as “falas dissimuladas”. Estas organizam-se em duas construções típicas: as motivações “pseudo-objetivas” e “construções híbridas”. A primeira organiza-se como oração indireta do herói em que se expõem suas intenções, no entanto, sendo, na verdade, as intenções dissimuladas do autor, que, em algum momento assume diretamente o discurso.

---

<sup>50</sup> Essa atividade valorativa, pode-se dizer, é indexicalizada pela orientação para dado horizonte social e seus índices de valor. A propósito, é sobre essa territorialização que Bakhtin (2010) aplica a noção de tom emotivo-volitivo (o que bivocaliza e dialogiza internamente o enunciado) do autor e do herói na análise do poema “Razluka” (separação), de Pushkin. Quando a escolha das categorias e instrumentos de análise desta pesquisa se fundam sobre este entendimento de que a prática discursiva se organiza sobre valorações dialógicas/ideológicas/axiológicas, pensa-se que tal preceito teórico-metodológico permite vislumbrar os momentos de interpretação e distinção valorativa como constituinte das práticas discursivas. Dessa forma, pode-se reconhecer, aí, as lutas sociais e verbais fundantes das relações ético-políticas das práticas discursivas, conforme apresente o discurso enquanto modo de organização de posições ideológicas (implicando questões de legitimação/deslegitimação de índices de valor).

(BAKHTIN, 2014, p. 122). A outra organiza-se pelo arremedo por parte do autor dos acentos do herói, que se estrutura por uma frase em parte composta por léxicos e sintaxes típicas deste e daquele. Enfim, Bakhtin (2014, p. 123) destaca que (observação que poderia figurar tanto em Bakhtin (2015; 2010), quanto em Bakhtin/Volochínov (2014)):

A mesma hibridização, a mesma mistura de acento, o mesmo apagamento das fronteiras entre o discurso do autor e do herói são alcançados graças a outras formas de transmissão dos discursos das personagens. Com apenas três modelos sintáticos de transmissão [...], com as diferentes combinações desses modelos e, principalmente, com os diversos procedimentos da sua réplica de enquadramento e estratificação por meio do contexto do autor, realiza-se o jogo múltiplo dos discursos, seu entrelaçamento e seu contágio recíproco.

Para finalizar esta seção, pode-se dizer que, enquanto análise aplicada ao material discursivo situado historicamente e enquanto ato ético, a ADD será a perspectiva teórico-metodológica que sustentará esta pesquisa, porque as poesias selecionadas no *corpus*, tanto geram efeitos de sentido em problematizar as condições imediatas de interação discursiva, marcadas pela tensão entre discursos acentuados diferentemente, a depender de seu *status* social e do *stablishment* que regula as relações discursivas; quanto em desconstruir os discursos fundantes consagrados a respeito das formas de produção de textos poéticos, possibilitando a resignificação de formas discursivas marginalizadas historicamente por este discurso oficial poético<sup>51</sup>.

Passemos, então, à discussão da noção de diálogo, a qual é fundamental para a compreensão da ADD.

### 3. 2 DIÁLOGO

Certamente, dialogismo é a interação de, pelo menos, duas enunciações, num mesmo enunciado concreto e constitui-se enquanto discurso enleado em outros discursos. Logo, compreende-se diálogo no sentido de atos discursivos tendo como condição *sine qua non* de sua realização o enunciado concreto<sup>52</sup>. Assim, conforme Marchezan (2014, p.

<sup>51</sup> Por discurso poético oficial, refere-se a textos que circulam, são produzidos e consumidos numa esfera discursiva demarcada por um conjunto de convenções que elegem um grupo de escritores, críticos e obras como o maior modelo de qualidade. Exemplos das singularidades desse discurso oficial poético encontra-se na obra de Manoel de Barros, Bandeira, Leminski, etc. As principais características dessa literatura, contemporaneamente, são o ecletismo estético; experimentalismo formal; e metalinguagem. Este cânone oficial opõe-se a outros “cânones” não oficiais como a literatura de autoajuda e de *best-sellers*, por exemplo.

<sup>52</sup> Marchezan (2014) explica que enunciado é um conjunto de vozes a travar contato para se compreender, como vivência de tendências discursivas. Sua concretude, de fato, evidencia-se porque ele é algo mais que uma construção linguística lógica geradora de efeitos de sentido relativos à atividade individual de um só sujeito. Ele é, pois, antes, a conjugação, numa mesma construção linguística, de posições sociais concretas postas em tensão numa dada prática social. Fica, evidente, portanto, que, dessa forma, a concepção de enunciado concreto vem ao encontro da particularidade da Translinguística, como

123), diálogo, na perspectiva bakhtiniana, define-se pela palavra que se organiza complexa e heterogeneamente com a atuação dos sujeitos sociais vinculada a situações e falas passadas e projetadas.

Diálogo, portanto, inter-relaciona-se com o fluxo ininterrupto e, por isso, transitório de criação ideológica. Pode-se dizer que o conceito de diálogo, segundo Marchezan (2014), ao buscar interagir e compreender outras vozes, é um fenômeno verbal e social que supera as particularidades meramente formais e operatórias do signo linguístico e “instrui a perspectiva de análise, ao mesmo tempo em que nomeia seu próprio objeto” (MARCHEZAN, 2014, p. 129).

A autora fundamenta-se em *Marxismo e filosofia da linguagem* (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1979), *Estética da criação verbal* (BAKHTIN, 1997), *Questões de literatura e estética* (BAKHTIN, 1988), *Discurso na vida e na arte* (VOLOCHÍNOV/BAKHTIN, 2001), *Problemas da poética de Dostoiévski*, (BAKHTIN, 1981), para compreender diálogo, a partir da vida cotidiana em “consideração da linguagem em ato, que constitui e movimenta a vida social, que surge como réplica social e contra a réplica que consegue antever” (MARCHEZAN, 2014, p. 128). Para tal, é necessário concebê-lo:

No contexto bakhtiniano, como reação do eu ao outro, como “reação da palavra à palavra de outrem”, como ponto de tensão entre o eu e o outro, entre círculos de valores, entre forças sociais. A essa perspectiva, interessa não a palavra passiva e solitária, mas a palavra na atuação complexa e heterogênea dos sujeitos sociais, vinculada a situações, a falas passadas e antecipadas (MARCHEZAN, 2014, p. 123).

A autora correlaciona o conceito de diálogo, por um lado, ao de enunciado, como se viu, por sua especificidade de ser réplica de outros enunciados socialmente situados e, por outro lado, ao de gênero, já pela especificidade de ser reiteração de marcas sócio-históricas. Este posicionamento possibilita uma postura engajada da ADD, no sentido de inserir sujeitos históricos em atos concretos de interação na rede de relações produtivas da sociedade.

Em conformidade com a Translinguística/ADD, os enunciados concretos inscritos numa situação de fala/escrita real, viva, envolvendo um lugar, tempo e sujeitos históricos definidos podem ser, devidamente, apreciados/analísados discursivamente,

---

destacou-se acima, de considerar o texto/enunciado concreto como lugar de confluência de axiologias de sujeitos situados historicamente marcada na materialidade do texto por posições autorais. Uma particularidade do enunciado concreto é constituir-se dialogicamente, tornando-se duplamente orientado, uma vez que, nele, “as relações lógicas ou as concreto-semânticas [...] convertem-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem” (BAKHTIN, 2015, p. 209).



porque, de acordo com Silva (2013, p. 49), “um enunciado é formado pela parte material (verbal ou visual) e pelos contextos de produção, circulação e recepção” cuja fronteira é a unidade de sentido, que, por sua vez, é desdobrado em tema (momento instável) e significado (momento estável), possuindo uma dimensão ética. Em outros termos, está ligado “a uma atividade humana, desempenhada por um sujeito que tem um lugar na sociedade e na história, ou seja, um sujeito que sempre está em interação com outros sujeitos” (SILVA, 2013, p. 51).

Esta definição de enunciado, portanto, está relacionada com a ideia de gêneros de discurso sob a perspectiva bakhtiniana, os quais são considerados segundo o entendimento de que:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolúvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pelas especificidades de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2011, p. 261-2).

A noção de gênero do discurso é fundamental para se proceder a uma análise dialógica do discurso, sobretudo, porque considera a dimensão, internamente dialogizada e bivocalizada, constitutiva do enunciado concreto, visto que, ao participar de dado gênero discursivo, o enunciado assume uma relação dialógica entre materialidades semióticas e forças históricas e ideológicas percebida pelos sentidos e pelas tendências constitutivas das atividades humanas específicas das interações dos interlocutores através de discursos (SILVA, 2013). Desta feita, este entendimento evidencia a relação íntima entre o diálogo, através de suas organizações enquanto enunciado e gênero e a constituição de valores sociais, por meio das práticas discursivas.

Esta constatação corrobora tanto a proposta aberta e dialógica da arquitetura bakhtiniana quanto indicia o potencial transformador das relações dialógicas nas estruturas sociais, no sentido de ser esta uma relação de reorganização de posições ideológicas. O diálogo está inserido no movimento crítico de relações de relativa estabilidade, donde a desconstrução e a reconstrução das materialidades históricas. O poder criativo do diálogo está na interação entre diálogos cotidianos e institucionalizados (por exemplo, entre gêneros poéticos e cotidianos). Os diálogos, característicos de esferas

oficiais, de fato, são mais fortemente estabilizados, institucionalizados, mas continuam a receber dos diálogos cotidianos, mais permeáveis a mudanças sociais, o alimento de mudança e transformação (MARCHEZAN, 2014, p. 119).

Sob a perspectiva bakhtiniana, superar o dualismo entre teoria e vida é de grande interesse, o que se orienta para a relação íntima entre vida, enquanto existência e valor; e enunciado, enquanto ato de comunicação viva (VOLOCHCHÍNOV/BAKHTIN, 2001, apud MARCHEZAN, 2014, p. 115). De fato, a postura dialógica é forma de enfrentamento da reificação do homem cujos contextos de produção decorrem de práticas sociais homogeneizadoras e discursivas monovalentes. Pensando em romper com estas relações alienadoras, Bakhtin/Volochínov (2014, p. 47-8) observa que:

Em todo signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditórios. O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes. Esta pluralidade social do signo ideológico é um traço da maior importância. Na verdade, é este entrecruzamento dos índices de valor que torna o signo vivo e móvel, capaz de evoluir. O signo, se subtraído às tensões da luta social, se posto à margem da luta de classes, irá infalivelmente debilitar-se, degenerará em alegoria, tornar-se-á objeto de estudo dos filólogos e não será mais um instrumento racional e vivo para a sociedade. [...]. Mas aquilo mesmo que torna o signo ideológico vivo e dinâmico faz dele um instrumento de refração e de deformação do ser. A classe dominante tende a conferir ao signo ideológico um caráter intangível e acima das diferenças de classe, a fim de abafar ou de ocultar a luta dos índices sociais de valor que aí se trava, a fim de tornar o signo monovalente. Na realidade, todo signo ideológico vivo tem, como Jano, duas faces. Toda crítica viva pode tornar-se elogio, toda verdade viva não pode deixar de parecer para alguns a maior das mentiras. Esta dialética interna do signo não se revela inteiramente a não ser nas épocas de crise social e de comoção revolucionária. Nas condições habituais da vida social, esta contradição oculta em todo signo ideológico não se mostra à descoberta porque, na ideologia dominante estabelecida, o signo ideológico é sempre um pouco reacionário e tenta, por assim dizer, estabilizar o estágio anterior da corrente dialética da evolução social e valorizar a verdade de ontem como sendo válida hoje. Donde o caráter refratário e deformador do signo ideológico nos limites da ideologia dominante.

Certamente, Bakhtin/Volochínov (2014) entende que em toda forma discursiva interinfluenciam-se forças tendentes à monovalência e à polivalência<sup>53</sup>, já que,

---

<sup>53</sup> Veja-se que são essas forças discursivas, as monovalentes e as polivalentes, que Bakhtin/Volochínov (2014) aponta como identificadas com modos de ação político-social conservadores e transformadores, porque essas endossam as novas “verdades/interesses sociais” emergentes, ao passo que as outras querem as suplantam em nome de uma ordem social retrógrada. Tal asserção importa no sentido de que desvincula o monologismo e dialogismo (de segunda ordem – cf. a seção “Categorias e procedimentos de análise”, no quarto capítulo, onde se nota os três sentidos de dialogismo, sob a perspectiva bakhtiniana) dessa especificidade, de tal feita que se pode dizer que as tendências monológicas e dialógicas do discurso se orientam primeiramente para a organização da relação autor-herói, podendo ou não, de acordo com as particularidades da situação histórico-discursiva, participar/deflagrar/constranger ações conservadoras ou transformadoras. Estritamente, para esta dissertação, importa, ainda, para se desvencilhar o conceito de autoridade poética (que será discutido ademais, na seção “Poesia e prosa”, deste capítulo e na seção “Gêneros do discurso e autoridade poética”, no próximo) de qualquer senso negativo e permitir a devida apreciação de que todo discurso

em todo discurso, há orientações antagônicas, por sua particularidade ideológica. Na elaboração concreta do discurso, “meios sutis e versáteis para permitir ao autor infiltrar suas réplicas e seus comentários no discurso de outrem” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, p. 156) podem ser operacionalizados de maneira que seja acentuado/ideologizado por posições axiológicas de “estágios de autoritarismo e dogmatismo” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, p. 156), o que o tenderia a uma fala alheia dogmática, o sujeito dessa fala à reificação e o discurso à monovalência.

Em rompendo com estas relações alienadoras, a particularidade dialógica do discurso pode reconstruir no homem o humano, uma vez mesmo que, segundo Marchezan (2014, p. 129):

O texto não se dirige, ele também, a um outro ausente, reificado. O esforço do diálogo do estudioso com o texto é, então, de se aproximar, compreender as forças vivas de que surge em que atua, de vivenciá-las, para depois – de volta ao seu cronotopo, ao presente e às fronteiras da reflexão teórica, sem confundir seus posicionamentos e a especificidade de sua atividade –, examinar o texto de fora, com a visão de um todo.

A enunciação está “na fronteira entre a vida e o aspecto verbal do enunciado” (VOLOCHÍNOV/BAKHTIN, 2001, apud MARCHESAN, 2014, p. 115). As particularidades, a seguir, podem ser destacadas sobre o conceito de diálogo, orientado: 1) pela concretude dos acontecimentos e a experiência viva; 2) pelo situamento no contexto amplo da comunicação; 3) pelo posicionamento responsivo entre sujeitos; 4) pela concretude material; 5) pela heterogeneidade; e 6) pela constituição em gêneros discursivos.

O diálogo identifica-se, enfim, no embate presente na ação entre “sujeitos sociais que, em espaços e tempos diversos tomam a palavra ou têm a palavra representada, ressignificada” (MARCHESAN, 2014, p. 128), no movimento dialógico, de cujo retorno pode-se mais apropriadamente (humanamente) encontrar, como se viu acima, o homem no homem, ou seja: superar, no mais possível, relações de exclusão social, forjadas em ordens discursivas estabilizadas conservadoras, homogeneizadoras e monovalentes, por meio do vislumbre do poder transformador da heterogeneidade<sup>54</sup>, o qual se define por

---

repousa sobre uma autoridade, entendida como reconhecimento social (dos autores/heróis/destinatários), sem o qual qualquer unidade cultural seria impossível.

<sup>54</sup> É importante notar que, embora faça-se o elogio do poder transformador da presença da heterogeneidade discursiva como forma de legitimação de axiologias de sujeitos sociais marginalizados, tem-se consciência de que a pluralidade, *per se*, pode ser explorada por discursos representantes de tendências hegemônicas. Pode-se percebê-lo em práticas contemporâneas tais, por exemplo, a incorporação de “bandeiras” esquerdistas por grupos, historicamente, conservadores, vejam-se as recentes campanhas políticas de partidos de centro-direita “assumindo” discursos feministas, de juventude, ou de luta racial. Reconhece-se mesmo que nas reestruturações contemporâneas de instrumentos de conservação do

levar a pluralidade/heterogeneidade ao limite e considerá-la como fluxo criativo ideológico ininterrupto e inconcluso do diálogo, na representação da história do homem e de seu discurso.

De acordo com o que se vem discutindo até aqui, a noção de esfera se torna indispensável para a organização desta pesquisa, pois, de acordo com esta noção, pode-se considerar a produção de sentidos como construção histórica, admitindo a constitutividade dialógica destes. A próxima seção tratará desta questão.

### 3. 3 ESFERA DISCURSIVA

Onde há embate de diversas vozes, este é o local de partida da constituição de uma nova cadeia de produção de sentidos. Certamente, os efeitos de sentidos produzidos, no discurso de “n. d. a”, podem ser compreendidos como reacentuações, porque os índices de valor relacionados aos signos ideológicos poéticos presentes aí são tematizados (ressignificados/reinscritos/disseminados), por estarem sendo deslocados de suas esferas comuns. Este percurso sígnico desestabiliza sentidos conservadores que posicionariam hierarquicamente as diversas formas ideológicas de organização das culturas sociais institucionalizadas, e, por isso mesmo, canonizadoras e marginalizadoras.

Para Grillo (2014), na obra de Bakhtin e do Círculo, apresenta-se uma discussão que considera complexos os fenômenos sociais e, para a compreensão dos quais, a noção de esfera discursiva importa porque “dá conta da realidade plural da atividade humana ao mesmo tempo que se assenta sobre o terreno comum da linguagem verbal humana” (GRILLO, 2014, p. 147), além de tratar das questões concernentes às produções ideológicas, “que sofrem as coerções e adquirem um valor relativo no domínio em que são produzidas (literatura, ciência, religião, mídia, educação, etc.)” (GRILLO, 2014, p. 147). Entendendo que “a obra do Círculo privilegia a natureza social da linguagem” (GRILLO, 2014, p. 137), a autora destaca:

Os principais aspectos da teoria dialógica da linguagem: a relação do enunciado com o contexto social imediato e amplo, o modo de constituição da

---

poder, na sua dinâmica, assimila-se características de multiplicidade, flexibilização, fluidez e pluralidade. Ora, sabendo que, em última instância, toda atividade discursiva está marcada por contradições de interesses, faz-se mister problematizar o *cui bono* de qualquer atividade, até porque, via de regra, as relações de poder se estabelecem pelo abuso deste (sentido negativo), embora se possa fazê-lo pela sua coordenação (sentido positivo). Isto exige que sempre se esteja crítico em relação às diversas formas de contradição social/ideológica, visto que o simples elogio de dada tendência não pode sê-lo por, tão somente, ser “plural”, mas deve se pensar, em todos os momentos, algo como “que-onde-quando-e-para-que-e-quem-ser-plural/heterogêneo”. Esse neologismo, acredita-se, é uma expressão que enquadra bem a necessidade de não “absolutização”, isto é, a não apropriação crítica, de qualquer conceito, noção e princípio.

subjetividade na intersubjetividade e a delimitação do conteúdo temático (GRILLO, 2014, p. 138).

A sobreposição entre esfera e ideologia contribui, para esta perspectiva, porque, assim como a ideologia é transitória, a esfera é entendida da mesma forma. Disto decorre que a contradição além de constitutiva de ambas indica que transformações estão sempre ocorrendo, porquanto a abertura a novas formas de interações discursivas, uma vez mesmo que “os sujeitos atribuem um sentido evidente às práticas e avaliações, sendo que o seu questionamento é sinal de que elas estão em vias de alteração” (GRILLO, 2014, p. 141).

No entanto, não se pode crer que as vicissitudes que instauram as relativas formas de estabilização de práticas discursivas sejam todas elas, em completude, evidentes. São antes tais vicissitudes ambíguas e transitórias, opacas. Certamente, uma marca da dinâmica social é a estabilidade como garantia da institucionalidade das formas de organização social. Por outro lado, outra marca é o estado de crise latente, que, apenas em períodos de intensas contradições entre modos de produção e horizontes sociais heterogêneos, se tornam flagrantes.

Desse modo, “as principais avaliações, que se enraízam imediatamente nas particularidades da vida econômica de certo grupo social, não são, na maioria das vezes, enunciadas” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1981, apud GRILLO, 2014, p. 140). Logo, pode-se dizer que as novas formas de interação verbal e social estão contraditoriamente sensíveis às dinâmicas sociais complexas e multifacetadas que se materializam em enunciados cujos sentidos são internamente dialogizados<sup>55</sup>. Diante disso, o conceito de esfera contribui para a validação de um entendimento crítico da constituição das interações humanas como mediadas ideologicamente, pois:

A noção de esfera é compreendida como um nível específico de coerções que, sem desconsiderar a influência da instância socioeconômica, constitui as produções ideológicas, segundo a lógica particular de cada esfera/campo (GRILLO, 2014, p. 142).

Em suma, algumas características da esfera discursiva, conforme Grillo (2014), podem ser destacadas, por exemplo, as seguintes: 1) sua especificidade coercitiva; 2) sua constituição semiótica; 3) seu estabelecimento na relação entre as diversas

---

<sup>55</sup> Note-se que o conceito de diálogo permite bem a apropriação do discurso como ininterruptas reinscrições de enunciados concretos em cadeias ideológicas específicas. Por isso, é importante compreender que a ADD contempla o entendimento de diálogo como princípio fundante das relações discursivas e humanas, especificadas em esferas ideológicas determinadas.

interações subjacentes na ideologia do cotidiano<sup>56</sup> e as características das esferas ideológicas constituídas; e, por fim, 4) sua constituição orientada pela forma de apropriação da palavra alheia.

Desse modo, o conceito de esfera discursiva permite a compreensão crítica de um conjunto de fenômenos sociais, como por exemplo, a relação interconstitutiva entre homem e mundo, mediatizada a partir de criação de sentidos situados historicamente. Vale ressaltar, por conta disso, o fato de que os estudos círculos-bakhtinianos vislumbram, como fundante das práticas discursivas, a interconstitutividade das relações sociais, da história e dos sujeitos concretos nas formas de criação de ideologias/sentidos, a partir das vivências do homem no mundo.

A consequência epistemológica é que a relação homem/mundo não se pode explicar simplesmente conforme determinações mecanicistas, fundamentalistas e exclusivistas, de algum destes sobre o outro, de maneira que ou o homem ou o mundo seja postulado como uma estrutura independente em detrimento das particularidades do outro, que passa a ser tido apenas como produto da ação dominante daquele.

Há, portanto, uma crítica da lógica idealista e estruturalista e um deslocamento da perspectiva de percepção da relação simbólica humana sobre a realidade para uma apreciação dessa relação enquanto fenômeno situado e contraditório, construído através de efeitos de sentidos decorrentes de diversas formas de interação verbal e social em confluência e impossibilidade de conclusão. Os sentidos, produzidos e circulados pelo homem nas suas formas particulares de práticas de produção material e semiótica, são

---

<sup>56</sup> A ideologia do cotidiano, de acordo com Bakhtin/Volochínov (2014, p. 123), [em distinção de] “sistemas ideológicos constituídos, tais como a arte, a moral, o direito, etc. constitui o domínio da palavra interior e exterior desordenada e não fixada num sistema, que acompanha cada um dos nossos atos ou gestos e cada um dos nossos estados de consciência”. Embora haja essa distinção, que, em última instância, é de grau, a relação entre ideologias do cotidiano e ideologias sistematizadas, oficiais estabelece-se de maneira interconstitutiva, visto que: “os sistemas ideológicos constituídos da moral social, da ciência, da arte e da religião cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano, que exercem por sua vez sobre esta, em retorno, uma forte influência e dão assim normalmente o tom a essa ideologia. Mas, ao mesmo tempo, esses produtos ideológicos constituídos conservam constantemente um elo orgânico vivo com a ideologia do cotidiano; alimentam-se de sua seiva, pois, fora dela, morrem” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 123). É importante notar que, por estar mais sensível às mais íntimas mudanças dos modos de produção material das práticas sociais, a ideologia do cotidiano particulariza-se por “um caráter de responsabilidade e de criatividade” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 124), conforme esteja em fronteira tanto com as ideologias oficiais, que a submetem a sua influência e a fazem assimilar parcialmente as suas sedimentadas “formas, práticas e abordagens ideológicas” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 124-5), quanto com forças sociais ainda em estágio embrionário, por assim dizer, que repercutem “as mudanças da infraestrutura socioeconômica mais rápida e mais distintamente” e “efetuam as revisões parciais ou totais dos sistemas ideológicos” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 124). Em suma, de acordo com Yaguello (in BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 16), “a ‘ideologia do cotidiano’, que se exprime na vida corrente, é o cadinho onde se formam e se renovam as ideologias constituídas”.

constituídos dialogicamente num processo contínuo que envolve, ao mesmo tempo e no mesmo espaço, ação do homem que constitui conhecimento sobre o mundo e a recíproca ação deste conhecimento, (vivo, humanizado) que, por sua vez, também constitui o homem<sup>57</sup>.

Por serem dialogicamente orientados, os sentidos constituem-se socialmente respondendo aos índices de valor de cada horizonte social<sup>58</sup> marcado pelas particularidades de esferas discursivas específicas. A relação entre homem/mundo/sentido estabelece-se a partir de diversas reinscrições/ressignificações sucessivas e conflituosas de vivências coletivas, pois as esferas discursivas se estabelecem em contato com as bases socioeconômicas e simbólicas, ou seja, os diversos meios de produção cultural do homem. A partir destes meios, os sentidos vão sendo axiologizados conforme as vicissitudes de horizontes sociais singulares.

A noção de esfera, logo, coloca em perspectiva a criação de sentidos orientada pelas especificidades das diversas formas de atividade humana situadas historicamente. Enfim, a noção de esfera pressupõe a relação homem e mundo mediada por relações ideológicas em práticas sociais de criação de sentidos tensas, não redutíveis a determinismos nem independentes das relações de produção simbólico-material, além de modos de axiologização das/nas formas particulares de interações discursivas.

Note-se que, nesse conceito, o poder organizador dentro das práticas sociais não é nem estático, nem absoluto, ou seja, é falível. Isto importa, para a análise das questões ideológicas, no discurso, no sentido de que prevê o deslocamento dinâmico das formas de interação, e, conseqüentemente, dos sentidos, aí, produzidos, de sorte que haja o reconhecimento de que as relações assimétricas no discurso, no que toca ao estabelecimento de padrões discursivos, estão, sempre, em crise, donde a possibilidade de transformação.

Como cada esfera é singular, dependendo de cada situação histórico, pode-se dizer que os efeitos de sentido em cada esfera discursiva não são acentuados socialmente tão somente em função das relações exclusivas de sua extensão, mas, especialmente, nas que se tem entre seus limites com outras esferas. É no contato, na contradição entre práticas e horizontes heterogêneos, que o sentido emerge e se

---

<sup>57</sup> Nesse ponto, pode-se insistir, que se considera, nesta pesquisa, que ela é menos uma experimentação “laboratorial” de um objeto abstrato que um diálogo com diversos sujeitos cujas axiologias estão impregnadas numa materialidade discursiva, no caso, as poesias que compõem o livro “n. d. a.”.

<sup>58</sup> A devida discussão sobre o entendimento de índice de valor e horizonte social será apresentada posteriormente neste capítulo, na seção “Índice da valor e horizonte social”.

dissemina. Enfim, esfera discursiva é, portanto, um modo próprio de elaboração da realidade segundo sua lógica imediata específica de produzir sentidos e valores para seus signos ideológicos, bem como segundo uma resposta às coerções sociais amplas.

Deve ter ficado claro que tanto em relação ao conceito de diálogo quanto ao conceito de esfera discursiva o de ideologia foi tangenciado. De fato, é a transitoriedade das formas de interações sociais e verbais axiológicas a que cada um destes conceitos está orientado que permite sua intersecção. Por isso, faz-se necessário, agora, estabelecer quais os fundamentos que delineiam a noção de ideologia. Esta tarefa será o objetivo da próxima seção.

### 3. 4 IDEOLOGIA

A partir do que se discutiu por ora, fica evidente que a ADD não perde de vista o entendimento de ideologia enquanto movimento transitório de relativas estabilidades axiológicas. De fato, o conceito de ideologia atravessa a obra círculo-bakhtiniana e o próprio entendimento de discurso é orientado conforme as especificidades das formas ideológicas. Miotello (2014) tenta dar algumas respostas para questões a respeito das especificidades do conceito de ideologia no edifício teórico-metodológico círculo-bakhtiniano.

Para tal, faz um enfrentamento de fundamentais problemas a que os estudiosos do Círculo se debruçaram em suas obras, quais sejam: a crítica ao caráter mecanicista e subjetivista dos estudos tradicionais; a relação entre ideologia e signo; as particularidades (orientação social, contradição e transitoriedade) do signo ideológico; e os níveis de construção da ideologia (ideologia do cotidiano e seus estratos inferiores e superiores e ideologia oficial). Detém-se, especialmente, em *Marxismo e filosofia da linguagem e Problemas da poética de Dostoiévski* porque nelas “as questões que tratam do estudo da ideologia estão abordadas de forma mais ampla e profunda” (2014, p. 166), embora se utilize de outras obras como *O que é linguagem*, de Volochínov. Assim, chega a seguinte definição de ideologia:

A ideologia é o sistema sempre atual de representação da sociedade e de mundo construído a partir das referências construídas nas interações sociais e nas trocas simbólicas desenvolvidas por determinados grupos sociais organizados (MIOTELLO, 2014, p. 176).

Interessante notar, nesta definição, o entendimento de ideologia como construção semiótica histórica de representação da sociedade, o que evidencia sua especificidade situada e orientada, característica do pensamento bakhtiniano, de cujas



bases se constrói a ADD, que se concentra na concretude ambivalente das práticas discursivas. Também se note que, conforme histórica, a ideologia é engendrada consoante às práticas sociais estabelecidas materialmente pelos grupos sociais, no *hic et nunc* de cada evento discursivo. Por fim, em sendo estruturação de representação orientada de grupos organizados em contextos específicos, situados historicamente, é forma de ordenar o mundo, ou seja, nos termos bakhtinianos, dar-lhe acabamento (mesmo que na condição de inconclusibilidade constitutiva das relações dialógicas).

De fato, “se poderia caracterizar ideologia, da perspectiva bakhtiniana, como a expressão, a organização, e a regulação das relações histórico-materiais do homem” (MIOTELLO, 2014, p. 171), pois esta concepção de ideologia é “construída no movimento entre ideias relativamente instáveis e ideias já relativamente estáveis” (MIOTELLO, 2014, p. 170). Destaca-se, então, a constitutividade entre relações de produção, sentido de mundo, grupos e relações sociais e o fato de que a definição que Miotello (2014) dá para ideologia compreende-a de forma dialética e não causal, isto é, (re)construindo-se dialogicamente, a partir de práticas sociais contraditórias.

A importância do enfrentamento deste conceito justifica-se tanto porque responde às questões sobre como os conceitos de Bakhtin e do Círculo são apropriados e postos em curso na sociedade, quanto por metodologicamente tentar ocupar espaços ainda bastante obscuros como o da definição pontual e indicativa do conceito de ideologia, visto que apenas uma “única definição de ideologia é dada por alguém do Círculo em forma direta e explícita” (MIOTELLO, 2014, p. 169), é a de Volochínov (1998), que a situa em relação com a linguagem e a realidade material. Ei-la, pois:

Por ideologia entendemos todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio de palavras [...] ou outras formas sígnicas (VOLOCHÍNOV, 1998, apud MIOTELLO, 2014, p. 169).

Depreende-se que “o conjunto ideológico de uma dada sociedade se apresenta como um conjunto único e indivisível, e em constante movimento, pois reage às transformações que se dão nas esferas produtivas” (MIOTELLO, 2014, p. 175). Nesse sentido, as regras metodológicas desse estudo preveem a não dissociação da ideologia da realidade material do signo ideológico e deste da concretude da comunicação e esta, por sua vez, da sua materialidade histórica (MIOTELLO, 2014, p. 175). O estudo das relações infra (ordinárias) e superestruturais (institucionais) importa, então, porque a construção da ideologia engendra e é engendrada em um movimento estratificado de estabilização e desestabilização de sentidos ordenadores (ou que podem ordenar) do mundo.

Daí, decorre uma das principais contribuições círculo-bakhtianas: a ideia de que a ideologia não se tece mecanicamente, nem apriorística e subjetivamente, mas se organiza dialeticamente, a partir das relações contingentes e cotidianas, juntamente com as institucionalizadas e oficiais, numa dada estrutura social marcada pelo conflito de interesses (ambivalentes) de grupos sociais<sup>59</sup>.

Logo, a perspectiva círculo-bakhtiniana posiciona-se contra o conceito clássico de ideologia como falsa consciência conservadora da ordem social. Por conseguinte, é necessário analisar a ideologia, segundo orientações de grupos sociais específicos, posto que cada grupo se orienta em suas próprias e contraditórias e complexas formas de organizar o mundo e se relacionar com ele. As interações verbais e sociais se organizam segundo as diferentes respostas a essas formas contraditórias de mediação da realidade. E, do mesmo modo, é necessário reconhecer a importância das relações cotidianas como espaço heterogêneo e, por isso mesmo, de contestação das formas de hegemonia homogeneizadoras.

Nesse sentido, Miotello (2014, p. 168) observa que a relação entre ideologia oficial e ideologia do cotidiano é dialógica e não tirânica. Elas relacionam-se, respectivamente, com a superestrutura, mais estável, homogeneizadora e autoritária; e com a infraestrutura, mais instável, heterogênea e criativa. Na discussão de Miotello (2014), encontra-se esta postura conforme a proposta de Bakhtin/Volochínov (2014) de preencher lacunas e aprofundar “questões que Marx e Engels apenas tinham tocado” (MIOTELLO, 2014, p. 167), como a relação concreta entre infraestrutura e superestrutura que é explicada por Bakhtin/Volochínov (2014) através das especificidades do signo ideológico. Pode-se defender que a perspectiva dialógica não é desenvolvida a fim de tão somente descrever um fenômeno linguístico ou social, numa análise abstrata *pro forma*, mas para contribuir para o desmantelamento de estruturas sociais fundadas no abuso de poder, por isso, a entonação engajada dos estudos círculo-bakhtinianos ecoada por Miotello (2014). Isto explica a importância que os estudos do Círculo atribuíram à relação da linguagem com a ideologia a partir do método material-dialético.

Assim, a ideologia é compreendida segundo o reconhecimento das particularidades do signo em uso, em vista de:

---

<sup>59</sup> A partir desta constatação, pode-se, nesta pesquisa, considerar a emergência do discurso de “n. d. a.” como uma forma que permita adentrar em discursos oficiais formas não-hegemônicas. Isto, como uma tendência transformadora das práticas sociais.

A não organização dos indivíduos em uma unidade social impossibilitaria a constituição de um sistema de signos, exigência absoluta para que a realidade seja construída como material significativo, e, portanto, como material ideológico (MIOTELLO, 2014, p. 175).

A relação entre signo e ideologia funda-se no movimento estrutural de relativas estabilidade e instabilidade, (re)articulando relações simbólico-materiais/sentidos de mundo. As particularidades do signo do mesmo modo corroboram esta relação: 1) o signo é socialmente orientado; 2) apresenta fios ideológicos contraditórios; e 3) é transitório. Por conseguinte, o signo ideológico pode ser problematizado e transformado, e, da mesma forma, os modos de produção que fundam a estrutura social.

Em sendo uma forma dialógica de dar valor ao mundo, o signo/ideologia traz para si a responsabilidade de completar o horizonte de ação do homem no mundo, uma vez mesmo que “os índices de valor, adequados a cada nova situação, negociados nas relações interpessoais, preenchem por completo as relações Homem x Mundo e as relações Eu x Outro” (MIOTELLO, 2014, p. 175). É nesse sentido que se pode vislumbrar a proximidade conceitual e operacional entre ideologia e diálogo, de tal sorte que haja uma sobreposição das categorias fundantes desses conceitos.

Como se pode perceber ao tratar da valoração decorrente do ponto de vista de determinado grupo, chega-se, por ora, ao caráter simbólico e interessado da ideologia, conforme apontado na primeira definição de Miotello (2014) acima. Isto por força de ser um ato responsivo aos diversos discursos a respeito da proposta da ADD como uma análise aberta e que parte não dos conceitos para o texto, mas do discurso para a conceituação, construindo o conceito conforme as especificidades do objeto estudado. O conceito de ideologia é entendido dialogicamente como uma forma de enfrentamento das relações produtivas que orientam os modos de ser e agir no seio das diversas práticas, relações e discursos sociais, o que permite o “desvelamento”<sup>60</sup> do diverso, do outro, tudo aquilo que humaniza as vivências do eu com o outro.

Estes três conceitos, diálogo, esfera discursiva e ideologia, situam, fundamentalmente, os entendimentos de signo ideológico; tema e significação; índice de valor e horizonte social, os quais, especificamente, orientam a interpretação de que efeitos

---

<sup>60</sup> Por mais que se conteste que o desvelamento dificilmente não esteja enviesado, e, portanto, também seja interessado; deve-se reconhecer que qualquer problematização passa por ele, uma vez mesmo que *ex nihilo nihil fit*, ou seja, nada vem do nada. E, como se defende, aqui, é preciso conhecer/estabelecer (mesmo de forma “impossível”/precária, considerando a particularidade transitória das relações que compõem os objetos de estudo) o lugar de onde se fala. Enfim, acreditamos que “desvelar o diverso” implica menos “revelar uma verdade que salva” que propor uma alternativa que pode incluir.

de sentido na obra estudada decorrem da reinscrição<sup>61</sup> de signos característicos de esferas alheias na poética. Destaque-se que, operacionalmente, o que se trata por *reinscrição signica verbo-visual* nas suas formas *tendência à desestabilização do significado* e *tendência à onissignificação temática*, delinea-se conforme a atividade discursiva singular que se dá à crítica do signo ideológico, sobretudo, nas particularidades temáticas e significativas; axiológicas; e de inscrição histórica. Vale, ainda, ressaltar que as categorias de análise acionadas, nesta pesquisa, a saber, *bivocalidade e dialogismo interno*, são construções que podem dar conta das especificidades das relações constitutivas dessa atividade.

Em sendo o objeto/sujeito com quem se dialoga, nesta dissertação, um conjunto de poesias, não se prescinde uma devida inscrição da perspectiva em que esse estudo se apoia para compreender poesia. Como já se estabeleceu, a perspectiva dialógica círculo-bakhtiniana é a que a orienta. E, como se verá adiante, a concepção dialógica de poesia assume que sua materialidade compreende a dimensão verbo-visual do enunciado. Nesse sentido, serão discutidos os conceitos de prosa e poesia e dimensão verbo-visual do enunciado, doravante.

### 3. 5 POESIA E PROSA

Agora, após se situarem as noções de diálogo, esfera e ideologia, segundo leitura e perspectiva de autores que se relacionam com a proposta da ADD, passa-se a delinear o entendimento de prosa e poesia, segundo a mesma perspectiva. Fiorin (2006) caracteriza a poesia e a prosa com as seguintes especificidades, para a poesia: uniformidade do tipo de discurso, denominador comum, centralização e encerramento da última voz; já, para prosa: plurilinguismo e interação equipolente com o discurso alheio (FIORIN, 2006, p. 77).

Fiorin (2006) caracteriza-as, guiando-se pela leitura de *Problema da Poética de Dostoievski* e *Questões de Literatura e Estética*. O autor está certo de que estas características são orientações decorrentes das duas tendências fundantes das formas discursivas de acolhimento da palavra de outrem, de apropriação da diversidade heterogênea dos discursos sociais (uma força centrípeta e uma força centrífuga, respectivamente). Esta última estaria dispondo o discurso para a exploração dos efeitos de sentido da explicitação do plurilinguismo; aquela, para a perscrutação dos efeitos

---

<sup>61</sup> Reinscrição é o movimento de transferência de uma dada realidade conhecida e avaliada para um novo plano axiológico, a partir de processos de acabamento estético (BAKHTIN, 2014, pp. 33 e 36).

relativos ao comedimento do plurilinguismo. Inscreve-se a poesia nesta última tendência, ao passo que a prosa, especialmente, a romanesca polifônica, inscreve-se na outra (FIORIN, 2006, p. 77-8).

Vale destacar que tais caracterização e inscrição causam certo mal-estar devido ao fato de que a comunidade acadêmica assumiu, erroneamente, em parte, que estas distinções estão sujeitas às consequências da oposição monologismo e dialogismo, cujas particularidades comuns, respectivamente, autoritárias e democráticas de relação com o discurso de outrem, implicam, *per se* (onde está o erro), posicionamentos ético-políticos conservadores e transformadores. Logo, seria questão moral para tal grupo fazer o elogio das características dialógicas (plurilinguismo e interação equipolente com o discurso alheio) e combater as monológicas (uniformidade do tipo de discurso, denominador comum, centralização e encerramento da última voz)<sup>62</sup>.

Isto se intensifica mais porque o desenvolvimento das teorias de vertente bakhtiniana tenham, inadvertidamente, axiologizado negativamente o monologismo discursivo que decorre da tendência centrípeta do discurso e positivamente o dialogismo da tendência centrífuga do discurso. O que é, conforme Fiorin (2006, p. 78) enfatiza, para a perspectiva círculo-bakhtiniana, inquestionavelmente, um “equivoco”. Fiorin apoia-se em Tezza (2003) para confirmar que Bakhtin não se posicionou em favor nem da poesia nem da prosa em detrimento uma da outra, pois esta questão desenvolve-se considerando uma análise dos dois planos teóricos do conceito de dialogismo, a saber, dos seus primeiros e segundo conceitos, este refere-se à manifestação dialógica na composição do discurso, enquanto aquele, à natureza da linguagem (FIORIN, 2006, p. 78-9).

Para tal, o autor discute que “o conceito de ‘polifonia’ não se confunde com o de dialogismo” (FIORIN, 2006, p. 79). A polifonia são “vozes equipolentes, ou seja, elas coexistem, interagem em igualdade de posição” (FIORIN, 2006), assim, “num romance polifônico, não há palavra final sobre os atos das personagens ou sobre sua personalidade” (FIORIN, 2006, p. 82), não havendo “a verdade de uma voz, mas a própria interação delas” (FIORIN, 2006, p. 82). Subentende-se daí que dialogismo não é polifonia por não requerer, necessariamente, a equipolência das diversas vozes sociais. Neste caso, segundo Fiorin (2006, p. 83), a questão da distinção entre prosa e poesia resolve-se por se “encenar ou não o espetáculo plurívoco do mundo”. É, nesse sentido, que se destacou,

---

<sup>62</sup> No próximo capítulo, na seção “Gêneros do discurso e autoridade poética”, tratar-se-á dos reveses dessa questão e da devida forma que a perspectiva dialógica aborda a questão da autoridade poética em oposição ao plurilinguismo prosaico.

anteriormente, as particularidades de usos discursivos em explicitar/encenar e comedir/não encenar o plurilinguismo.

Destaque-se, ainda, que as observações de Fiorin (2006, p. 82), neste ponto, concentram-se na questão política do uso discursivo, uma vez que, “as vozes do poder têm sempre uma ação centrípeta, desejam impor-se como centro de sentido, buscando reduzir o plurívoco ao unívoco” no sentido de fazer prevalecer as forças tendentes à monovalência, o que não se confunde com monologia, como se viu. No pensamento bakhtiniano, “o monologismo da poesia não é uma falta, uma carência, mas é uma das expressões históricas do discurso literário” (FIORIN, 2006, p. 83). A relação entre poesia e prosa é uma relação mediada pelo *continuum* centralização/descentralização do discurso heterogêneo, estabelecendo uma fronteira entre as vozes dos sujeitos discursivos, onde o confronto ideológico se deflagra e as acentuações sociais emergem.

Tezza (2014), defendendo a importância da noção de poesia no universo e projeto de estudo bakhtiniano, conclui que, para Bakhtin, “o poético é a expressão completa de um olhar sobre o mundo que chama a si a responsabilidade total de suas palavras” (TEZZA, 2014, p. 215). Esta conclusão compreende a particularidade dialógica, que, nesta postura de estudo, passou a ser conhecida como tendência da arte monológica, ou tendência à centralização composicional e/ou semântico-ideológica, que se orienta através do impulso poético em sentido de uma apropriação da linguagem alheia, percebida objetivada, com os direitos de coisa representada (BAKHTIN, 1988, apud TEZZA, 2014, p. 204).

A objetivação da citação de outrem, longe de ser um ato discursivo conservador, é mais uma forma constitutiva da arquitetônica valorativa concreta da vivência emocional-volitiva do mundo unitário e único do ato realizado (TEZZA, 2014, p. 199), ou seja, do evento único do ser, consistente das diferentes vivências axiológicas de autoria nas diversas formas de interação verbal e social. Há uma responsabilização discursiva total do poeta por suas palavras, isto é, a satisfação da consciência única da autoria na poesia – sua particularidade composicional monológica –, a qual não pode ser entendida, assim, como reificação da linguagem.

De fato, a exigência fundamental do estilo poético é que “a responsabilização constante e direta pela linguagem de toda a obra como sua própria linguagem, a completa solidariedade com cada elemento, tom e nuance” (BAKHTIN, 1988, apud TEZZA, 2014, p. 203) seja uma posição no ininterrupto e relativamente estável fluxo ideológico do discurso. Neste, as forças centrípetas e centrífugas, nas diversas arenas discursivas, lutam

em busca de hegemonização de formas específicas de articulação de relações semióticas e sociais. É nesta luta que ocorre a legitimação de acentos ideológicos, no *continuum* dialógico das práticas discursivas.

As tendências dessas práticas são a orientação, no caso da relação entre prosa e poesia, para a centralização de uma voz que busca isolamento pela responsabilização unilateral dos acentos postos no enunciado (poesia) e a descentralização de vozes que comungam ou não com acentos de outras vozes pela não responsabilização crítica dos pontos de vista presentes no enunciado (prosa). Em outras palavras, o discurso ora se orienta segundo um único centro de valor, ora, segundo vários.

Pense-se no caso da poesia “O desfecho”<sup>63</sup>, de Machado de Assis, em que uma voz autoral apresenta um ponto de vista sobre a condição humana de suplício e solidão inevitáveis, recorrendo, para tal, a uma interpretação do mito de Prometeu. Nesta poesia, esta interpretação, ideologização/axiologização, apresenta-se numa forma em que nenhuma voz é orquestrada de maneira que se conteste o valor desta perspectiva. Assim, ela constrói-se como se ela fosse inquestionável, porque neste enunciado e sua cadeia ideológica não houve uma contrapalavra interposta a sua palavra poética/discursiva. Diferentemente, ocorre quando Brás Cubas se posiciona chamando a Natureza/Pandora de “absurda”, posição contra a qual facilmente se contrapõe uma palavra que conteste sua validade/aceitabilidade/legitimidade, no próprio enunciado, em que se distinguem vozes dúbias sobre a crueldade do destino humano<sup>64</sup> e, principalmente, sobre a própria condição do autor poder emitir algum juízo.

O impulso prosaico, em contraste com o poético, tomaria a linguagem alheia, como parte do centro de valores do enunciado (TEZZA, 2014, p. 204). Assim, no *continuum* dialógico, cuja responsabilidade é compartilhada/disputada entre autores e heróis, nos termos bakhtinianos, o impulso prosaico estaria orientado pelo distanciamento entre a fala do eu e do outro, de modo que a fala alheia assumisse os direitos de fala substantivada e a concentração de vozes multidiscursivas repousassem como objeto do

---

<sup>63</sup> Eis a poesia “O Desfecho”: Prometeu sacudiu os braços manietados/E súplice pediu a eterna compaixão./Ao ver o desfilar dos séculos que vão/Pausadamente, como um dobre de finados.//Mais dez, mais cem, mais mil e mais um bilião,/Uns cingidos de luz, outros ensanguentados.../Súbito, sacudindo as asas de tufão,/Fita-lhe a águia em cima os olhos espantados.//Pela primeira vez a víscera do herói./Que a imensa ave do céu perpetuamente rói,/Deixou de renascer às raivas que a consomem.//Uma invisível mão as cadeias dilui;/Frio, inerte, ao abismo um corpo morto rui;/Acabara o suplício e acabara o homem. Disponível em: <<http://www.blocosonline.com.br/literatura/poesia/pmitolog/pmito008.htm>>, acesso 31/08/2017.

<sup>64</sup> Essa passagem encontra-se no capítulo “O delírio” em “Memórias Póstumas de Brás Cubas” (ASSIS, M. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Obra Completa, Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994).

estilo prosaico em vistas de concretização do encontro vivo de pontos de vista no mesmo enunciado (TEZZA, 2014, p. 202).

Enfim, o que há na obra de Bakhtin e do Círculo sobre poesia e prosa é um aprofundado debate a respeito de como compreender a especificidade da orientação dialógica do discurso sobre o papel da fala do outro em função dos pontos de vista assumidos ou não no enunciado.

Tezza (2014) trata de vivências do “eu do próprio eu” e do “eu do eu do outro”. Estas são entendidas, no sentido de que, na constituição do enunciado, a vivências do “eu do próprio eu” está relacionada com a monologia, ao passo que a vivência do “eu do eu do outro”, com a dialogia. No primeiro caso, a autoria discursiva prefere assumir cada ponto de vista inscrito concretamente no enunciado; já, no segundo, a autoria prefere a desresponsabilização. Não se deve esquecer que sempre se está pensando em tendências que se caracterizam contraditoriamente entre os polos (impossíveis) de total dialogismo e de total monologismo, e que nem este nem aquele são essencialmente “bons” ou “ruins”<sup>65</sup>.

No exemplo dado acima, a voz autoral poética em “O desfecho” está solidarizada com os acentos ideológicos a que se orientou; enquanto que a voz autoral

---

<sup>65</sup> Uma propaganda governamental como a veiculada para promover o “novo ensino médio”, pelo governo atual traz em seu enunciado vozes que questionam um “velho modelo escolar” valendo-se de discursos como de “ingresso no mundo trabalho”, “participação da comunidade nessa organização”, “base nacional comum”. Esta organização, de fato, apresenta vários graus de relação entre vozes a depender do horizonte (o que acentuará este objeto contraditoriamente), em que se esteja analisando tal discurso, por exemplo, se for um opositor ao governo, como a CNTE, entenderá que este novo ensino médio é uma prejudicial reorganização de modelos neoliberais de ensino, enquanto que grupos empresariais entenderão que é uma forma de garantir o desenvolvimento (industrial) do país. Já uma canção de funk como “bum bum granada”, cujo enunciado é composto por modos típicos de falar das ruas da periferia da cidade, com também por modos típicos da cultura de consumo de restritos espaços de elite, ganha popularidade, justamente, porque traz a fala da favela, embora receba a crítica de ser música de pouca qualidade. O fato a que se quer chegar é que nem a propaganda, nem a música, por elas mesmas, sejam quais formas composicionais tenham, dialógica ou monológica, garante uma atitude política genuinamente transformadora ou conservadora. O que fará com que o discurso assuma uma perspectiva transformadora em práticas sociais será sua constituição redutora da unidade da cultura a um “segmento” dela, como é o que ocorre com a propaganda política em questão que reduz todos os interesses da educação pública a interesses de mercado e da música que reduz toda a complexidade das relações humanas a interesses de consumo. Portanto, as vivências do “eu do próprio eu” na propaganda estaria comprometida por desvirtuar uma luta/prática discursiva histórica (em busca de uma base nacional comum como forma de garantir a diversificação do ensino em função das especificidades de cada região e da autonomia das escolas) como se a assunção desse discurso liberal fosse algo que se pode apresentar como autorizado socialmente, ao ponto de poder usar uma forma inquestionável; do mesmo modo a vivência do “eu do eu do outro”, na música, que põe no enunciado várias vozes da periferia, ao não se responsabilizar, necessariamente, com todas, acaba por alienar estas falas, conforme as equalize de acordo com valores de consumo (a propaganda se encontra disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iIszj0WWqfA>>, acesso 31/08/2017; a música em: <[https://www.google.com.br/search?q=bum+bum+granada+letra&oq=bum+bum+granada+letra&gs\\_l=psy-ab.3...62993.64181.0.64747.6.6.0.0.0.240.936.2-4.4.0...0...1.1.64.psy-ab..2.1.229...0j0i67k1.Ck6NXRChyx4](https://www.google.com.br/search?q=bum+bum+granada+letra&oq=bum+bum+granada+letra&gs_l=psy-ab.3...62993.64181.0.64747.6.6.0.0.0.240.936.2-4.4.0...0...1.1.64.psy-ab..2.1.229...0j0i67k1.Ck6NXRChyx4)>, acesso 31/08/2017).



prosaica de Braz, embora relate seu delírio, coloca em cena diversos sentidos comuns alheios, com os quais demonstra menos empatia, que vontade de perscrutar a fala alheia<sup>66</sup>.

Por força destas colocações, o problema da monovalência ideológica nas práticas discursivas, como uma tendência conservadora de grupos hegemônicos, não se confunde com questões de composição discursiva, sejam elas dialógicas ou monológicas. Pelo contrário, este problema aponta para a presença desta tendência em qualquer forma discursiva, sejam dialógicas ou monológicas, poéticas ou prosaicas, uma vez que a centralização ou descentralização emotivo-valorativa na constituição do discurso, tão somente, por isso, não podem ser entendidas como reificação do discurso, pois isto seria, então, a aceitação de que o discurso poético apenas se orienta para o reacionário. O problema da reificação no discurso decorre da exclusão/apagamento da presença concreta do sujeito histórico, em seu posicionamento ideológico, o que pode ocorrer em qualquer forma discursiva.

Sumariamente, na perspectiva círculo-bakhtiniana, o estilo poético caracteriza-se pelo seguinte: 1) autoridade de um único ponto de vista (TEZZA, 2014, p. 215); 2) princípio organizador da linguagem de si mesma (TEZZA, 2014, p. 214); 3) realização indubitável (TEZZA, 2014, p. 213); 4) isolamento composicional e semântico (TEZZA, 2014, p. 212); 5) autossuficiência estética (TEZZA, 2014, p. 212); 6) purificação e elevação (distinção) da linguagem (TEZZA, 2014, p. 211); 7) transcendência histórica (descentramento de sentidos práticos, “costumeiros”) (TEZZA, 2014, p. 210); 8) estranhamento do mundo comum (TEZZA, 2014, p. 208-9)<sup>67</sup>.

Não querendo cair em redundância, observe-se que cada uma dessas particularidades recobre em sua tipologia sentidos enviesados, visto elas serem definidas num período estilisticamente prosaico, isto é, “tempos linguisticamente descentralizadores, em que o forte contato entre línguas e a intensa estratificação linguística trabalham para solapar a autoridade de uma voz única e centralizadora” (TEZZA, 2014, p. 205).

No entanto, deve-se enfatizar, novamente, que o entendimento “antidemocrático” da monologia (ou autoridade poética) é uma interpretação

---

<sup>66</sup> Machado, caracteristicamente, no capítulo “O Delírio”, problematiza inúmeros discursos desde sentidos ordinários a citações eruditas; de personagens clássicos a picarescos, entre vozes respeitáveis e repugnantes, fazendo saltar desta inter-relação textual uma outra voz paradoxal e ambígua sem vínculos necessários com qualquer ponto de vista. Afinal, é em direção à propriedade heterogênea da linguagem (“conúbio”) que se orienta esta voz autoral prosaica.

<sup>67</sup> Basicamente, estas características explicam as apontadas por Fiorin (2003), acima.

incongruente com o pensamento de Bakhtin. De fato, as demarcações para o estilo poético, nessa perspectiva, estão fundadas “na inseparabilidade entre esse dialogismo primeiro da natureza da linguagem e os modos de sua realização estética em diferentes discursos” (TEZZA, 2014, p. 198) e consideram a interação verbal e social, a partir da propriedade “dialógica e assimétrica, a inevitabilidade da noção de valor para fundar o objeto estético e o poder da entonação como expressão de centros de valores” (TEZZA, 2014, p. 200). E, sobremaneira, consideram a presença do sujeito histórico na constituição composicional dos gêneros discursivos, inclusive, poéticos<sup>68</sup>.

Entendendo, assim, a diferenciação dos gêneros poéticos e prosaicos, certamente, enquanto formas de reiteração sócio-histórica, o pensador russo embasa seu projeto de filosofia moral que tenta romper a incomunicabilidade do mundo da cultura, como abstração do sujeito e sua história e o mundo da vida, como lugar indiferente a este sujeito (SOBRAL, 2014, p. 198-9).

Bakhtin (2014, p. 132), em “Questões de literatura e estética”, explica que “o problema central da teoria da poesia é o problema do símbolo poético<sup>69</sup>”. Pode-se depreender, a partir dessa asserção, uma forma de conceber a singularidade da poesia em

---

<sup>68</sup> Sobral (2014, p. 17) destaca que a poesia foi desde o início das reflexões círculo-bakhtinianas “senão o elemento desencadeador do tratamento da relação vida-cultura, ao menos um aspecto importante dele, a concentração ulterior na prosa parece ser decorrente do fato de nela a representação do agir verbal no mundo se mostrar mais evidente”.

<sup>69</sup> O símbolo é um efeito de sentido que decorre da relação entre o autor e dado objeto, a partir de um processo de acentuação deste autor, que se estabelece sem precisar recorrer a acentuações alheias, na verdade, evitando-as, uma vez que “logo que uma voz alheia, um acento alheio, um ponto de vista eventual irrompe nesse jogo do símbolo, o plano poético é transferido para o plano da prosa” (BAKHTIN (2014, P. 130). De fato, “entre o discurso e o objeto desencadeia-se todo o jogo do símbolo poético” (BAKHTIN (2014, P. 130). Pode-se dizer que o modo poético e prosaico de organização das vozes/dos efeitos de sentido no discurso são duas formas constitutivas de estabelecer a relação de mundo entre o sujeito e objeto, a partir de duas posturas, a saber, uma diabólica (prosaica) e outra simbólica (poética), na medida em que esta implica a unidade e aquela a desagregação (os prefixo *dia-* e *sim-* significam, respectivamente, movimento através de e simultaneidade. Assim, sentidos diabólicos seriam aqueles que se constituem a partir de contingências; os simbólicos, aqueles, a partir de abstração). Cada uma dessas formas é válida de acordo com os interesses históricos das sociedades, por isso, quando nas grandes comoções sociais, como a criação do império romano, o advento do cristianismo, as formação dos estados Modernos, os sentidos de unidade, simbólicos, são assumidos; já, por outro lado, com o advento da modernidade, os sentidos de individualização, ou no mundo não civilizado, os sentidos de integração, são sentidos diabólicos, marcados pela fragmentação, no primeiro caso e disseminação, pode-se dizer, no segundo. Enfim, resta dizer que a poesia, por ter como objeto o símbolo, está tradicionalmente relacionada com os discursos religiosos, míticos, místicos, etc., daí sua caracterização como palavra revelada, enquanto a palavra prosaica, ao contrário é caracterizada como palavra desintegrada, por assim dizer, por estar relacionada com discursos contestadores, paródicos. É nesse sentido que se compreendem “os embriões da prosa romanescas no mundo de línguas e linguagens diferentes da época helenística, da Roma imperial, no processo de desintegração e da queda da centralização ideológico-linguística da igreja medieval. Assim, também na Idade moderna, o florescimento do romance está sempre ligado à desintegração de sistemas ideológico-verbais estáveis e, em contrapartida, ao fortalecimento e à intencionalização da diversidade linguística tanto nos limites do próprio dialeto como fora dele” (BAKHTIN, 2014, p. 167).

relação à prosa – em que o problema básico está no problema “da representação literária da linguagem” (BAKHTIN, 2014, p. 138) – no fato de que nela não há a dispensa da pluralidade de vozes, mas a concentração formal da elaboração de uma imagem assinada apenas pelo autor do enunciado, o que não implica que não se possa perceber a bivocalidade no discurso poético, ou mesmo que a poesia não se volte para criar uma imagem da bivocalidade como recurso poético, como o faz o discurso de “n. d. a”. Nesse sentido, Bakhtin (2014, p. 94) nota que:

O mundo da poesia que o poeta descobre, porquanto mundo de contradições e de conflitos desesperados, sempre é interpretado por um discurso único e incontestável. As contradições, conflitos e dúvidas permanecem no objeto, nos pensamentos, nas emoções, em uma palavra, no material, porém sem passar para a linguagem. Na poesia o discurso sobre a dúvida deve ser um discurso indubitável.

A indubitabilidade do discurso poético está relacionada com a orientação monológica a que historicamente as formas poéticas responderam, como discursos unificadores de vozes sociais, sobretudo, em momentos, cujos anseios sociais se definem pela estabilização de valores. Em busca dessa unificação de vozes discursivas, que responde a uma única autoria, ocorre o que Bakhtin (2014, p. 104) chama de “‘expurgação’ de todos os momentos, intenções e acentos alheios da linguagem”. Deve-se lembrar que isto é uma apresentação, por assim dizer, do discurso como sendo uno, o que não implica a aceitação de que o discurso, inclusive, o poético, seja, em si, não dialógico. Sabe-se que o dialogismo generalizado atravessa todas as formas de produção discursiva. Nas palavras de Bakhtin (2014, p. 104):

Como resultado deste trabalho de expurgação de todos os momentos, intenções e acentos alheios da linguagem, do esfacelamento de todos os traços das diferenças de falas e de línguas, cria-se na obra poética uma forte unidade de linguagem. Esta unidade pode ser ingênua e existir somente nas épocas mais raras da poesia, quando ela não saía além dos limites de um grupo social ingenuamente fechado sobre si mesmo e ainda não diferenciado, cuja ideologia e linguagem ainda não haviam se estratificado efetivamente. Porém, habitualmente sentimos esta tensão profunda e consciente através da qual a linguagem poética única da obra literária se eleva do caos das diferentes falas e línguas, caos este da linguagem literária viva que lhe é contemporânea.

Formalmente, na poesia, o que se busca, em geral, é a quebra (transcendência/estranhamento/experimentação) da ligação da palavra com os usos naturalizados da palavra em dados contextos discursivos (BAKHTIN, 2014, p. 103). Assim, no discurso poético, se vê um trabalho de arquitetura da imagem poética que revela apenas o que ela apresenta em suas imagens típicas – seus símbolos (BAKHTIN, 2014, p. 103). O autor destaca que “tudo aquilo que penetra na obra deve se afogar no

Letes, esquecer a sua vida anterior nos contextos de outrem: a língua só pode lembrar de sua vida nos contextos poéticos” (BAKHTIN, 2014, p. 103).

Ora, o discurso poético busca sua imagem naquilo que ele historicamente desenvolveu de singular: a elaboração de uma visão totalmente de responsabilidade do autor. Este, de fato, é o sentido particular a que responde os gêneros poéticos e sobre o qual se esclarecerem as particularidades destacadas para a constituição poética, segundo a perspectiva dialógica, a saber, como se apresentou, até então: 1) uniformidade do tipo de discurso; 2) denominador comum; 3) centralização, encerramento da última voz; 4) autoridade de um único ponto de vista; 5) princípio organizador da linguagem de si mesma; 6) realização indubitável; 7) isolamento composicional e semântico; 8) autossuficiência estética; 9) purificação e elevação da linguagem; 10) transcendência histórica; 11) estranhamento do mundo comum. Enfim, o que confere à poesia sua autoridade.

Conforme seja o objeto desta pesquisa um enunciado cuja tessitura se organiza a partir da relação constitutiva entre visualidade e verbalidade, faz-se necessário discutir como a dimensão da verbo-visualidade do enunciado é constituída pela perspectiva círculo-bakhtiniana. Veja-se a próxima seção.

### 3. 6 DIMENSÃO DA VERBO-VISUALIDADE DO ENUNCIADO

A poesia antuniana, em “n. d. a.”, questiona o *status*, eminentemente, verbal da poesia. Na verdade, o deslocamento de formas consagradas neste discurso permite sugerir-se que os próprios limites entre traço e letra, por exemplo, sejam desestabilizados, pois a dimensão verbo-visual do enunciado é fundante neste discurso, já que é, nos limites entre esferas discursivas distintas, que suas formas particulares de acentuação de índices de valor urbanos são reinscritas. Sua poesia, de fato, não distingue o verbal e visual na produção de sentidos. Há, mesmo, nestas poesias, uma fusão a ponto de não se diferenciar o traço da letra. Sobre a relação constitutiva da verbo-visualidade no discurso, Brait (2013, p. 44) enfatiza que sua especificidade ocorre quando no enunciado, texto, discurso:

Tanto a linguagem verbal como a visual desempenham papel constitutivo na produção de sentidos, de efeitos de sentido, não podendo ser separadas, sob pena de amputarmos uma parte do plano de expressão e, conseqüentemente, a compreensão das formas de produção de sentido desse enunciado, uma vez que ele se dá a ver/ler, simultaneamente.

Esta percepção da dimensão verbo-visual do enunciado, conforme é postulada pela autora, sustenta-se teórico-metodologicamente pelas contribuições dos estudos

dialógicos, os quais fundam uma teoria geral da linguagem e não somente da linguagem verbal. Os conceitos a que recorre a autora são categorias que se prestam à leitura e análise do visual mediado na escrita (BRAIT, 2013, p. 47). São os seguintes: os conceitos de excedente de visão, imagem externa, exterioridade, vivenciamento das fronteiras externas do homem, imagem externa da ação, corpo exterior, todo espacial da personagem e do seu mundo – a teoria do “horizonte” e do “ambiente” (BRAIT, 2013, p. 47); a dimensão moral do autor, da autoria e a atividade criativa, responsabilidade, alteridade, inconclusibilidade, esfera (BRAIT, 2013, p. 48); reacentuação (BRAIT, 2013, p. 49); contexto, recepção e audiência (BRAIT, 2013, p. 50); dialogismo (BRAIT, 2013, p. 51); e inacabamento (BRAIT, 2013, p. 52).

Cada um destes conceitos pode explicar as diversas formas de criação de sentidos em diversos gêneros discursivos, inclusive, os poéticos, objeto desta pesquisa, o qual está disposto de modo que o visual e o verbal estejam articulados, ou, nas palavras de Brait (2013, p. 50):

Organizados num único plano de expressão, numa combinatória de materialidades, numa expressão material estruturada, para utilizar palavras cunhadas por Volochínov em *Marxismo e filosofia da linguagem*, além de mobilizarem complexamente as possibilidades desta articulação.

A dimensão verbo-visual do enunciado problematiza a relação homem e conhecimento, pois:

Funciona de maneira a constituir o objeto de conhecimento, a partir de um ponto de vista teórico-metodológico. A dimensão visual interage constitutivamente com o verbal (ou vice-versa), acrescentando-lhe valores. Sem esse jogo não se dá a construção do objeto de conhecimento, nem dos sujeitos da construção e da recepção (BRAIT, 2013, p. 62).

Essa relação entre conhecimento e homem amplia-se na singularização atual da dimensão verbo-visual nos enunciados nas práticas discursivas, assim, seu constitutivo confronto semiótico se impregna de uma rede de transformação material e simbólica que estará sensível em cada esfera discursiva, a qual a repercutirá em outras redes ideológicas na dinâmica das práticas discursivas. Por fim, esta dimensão tematiza a contradição e a transformação, uma vez que, pode colocar em evidência a tensão das relações discursivas, sobre as quais novas identidades são constituídas (BRAIT, 2013, p. 62), através de suas formas de apropriação de materialidades semióticas específicas.

Os conceitos-chave, acima (diálogo, esfera discursiva, ideologia, prosa e poesia e dimensão da verbo-visualidade do enunciado), conforme já se indicou, anteriormente, justificam e fundamentam, o entendimento/tom da conversa/diálogo/interação dos conceitos a se discutir a seguir (signo ideológico, tema e

significação e índice de valor e horizontes social) de maneira que, com o que se indicará como *reinscrição sígnica verbo-visual*, enquanto recurso fundante do discurso do objeto/sujeito estudado, ao se aplicar/questionar as categorias *bivocalidade* e *dialogismo interno*, o trabalho/diálogo com o signo ideológico (relativamente, estabilizado, por suas relações tensas entre suas dimensões temáticas e significativas, e suas particularidades de pôr em perspectiva dado índice de valor, situado em um horizonte social definido) é o ponto de partida para a presente pesquisa/conversa.

Nesse sentido, as palavras iniciais deste capítulo a respeito das bases epistemológicas e ontológicas da ADD e dos fundamentos analíticos e teóricos das noções estudadas até agora situarão as palavras seguintes.

### 3. 7 SIGNO IDEOLÓGICO

Bakhtin/Volochínov (2014) observa que o problema do discurso enquanto realidade material específica da criação ideológica será, devidamente, apreciado, caso se reconheça a concretude histórica das interações discursivas, ou seja, o caráter ideológico do signo. Ora, visto que “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 31), o signo linguístico só pode ser ideológico. A orientação para a exterioridade como especificidade da relação sígnica tem sentido, na medida em que se contrapõe às realidades físicas e naturais<sup>70</sup>, ou seja, não humanas, que não significam nada e coincidem consigo mesmas, ou seja, não entram numa cadeia dialógica de sentido. Materialidade sígnica, portanto, é a propriedade relacional de dada materialidade dirigir-se a outra para poder ter sentido relevante socialmente<sup>71</sup>. Esse é o caráter semiótico do signo.

<sup>70</sup> Segundo Bakhtin/Volochínov (2014, p. 35), “os signos só podem aparecer em um terreno interindividual. Ainda, assim, trata-se de um terreno que não pode ser chamado de ‘natural’ no sentido usual da palavra. A sociedade, evidentemente, é também uma parte da natureza, mas uma parte que é qualitativamente distinta e separada dela e que possui seu próprio sistema de leis específicas: não basta colocar face a face dois *homo sapiens* quaisquer para que os signos se constituam. É fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados, que formem um grupo (uma unidade social): só assim um sistema de signos pode constituir-se”. Natural e humano não se definem por um ser oposto ao outro, ou por este não fazer parte da natureza, mas pelo humano se organizar por regras diferentes das naturais, tanto na sua constituição quanto no seu sentido, que é dialógico, ideológico, por isso mesmo, relacional, transitório, contraditório e criativo.

<sup>71</sup> Pode-se dizer que um sentido socialmente relevante se define na medida em que “a cada etapa do desenvolvimento da sociedade, encontram-se grupos de objetos particulares e limitados que se tornam objeto da atenção do corpo social e que, por causa disso, tomam um valor particular. Só este grupo de objetos dará origem a signos, tornar-se-á um elemento da comunicação por signos. Como se pode determinar este grupo de objetos ‘valorizados’? Para que o objeto, pertencente a qualquer esfera da realidade, entre no horizonte social do grupo e desencadeie uma reação semiótico-ideológica, é indispensável que ele esteja ligado às condições socioeconômicas essenciais do referido grupo, que concerne de alguma maneira às bases de sua existência material. Evidentemente, o arbítrio individual

Como este movimento para a exterioridade não é homogêneo, sendo mesmo refratário<sup>72</sup>, ele sempre será situado, daí seu caráter ideológico. O signo é ideológico, de acordo com sua relação de sentido contraditória e transitória de diversas orientações sociais e seu valor de demarcação de posições axiológicas distintas, como se viu anteriormente, e é situado em horizontes sociais particulares. Possui, também, um caráter semiótico, de não coincidência consigo mesmo, “que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 33). A propriedade sónica e ideológica ocorre por conta do ato humano dar sentido a determinada realidade, no momento em que ela se relaciona com outra realidade de sentido inscrita numa cadeia discursiva.

É certo que o valor semiótico e o papel condicionante da comunicação social sobre a ideologia ocorrem, mais sensivelmente, nas relações discursivas, por isso “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 36). Assim, é importante compreender de que maneira as realidades do mundo especificam-se ideologicamente, por meio da concretude das relações discursivas. Para tanto, Bakhtin/Volochínov (2014) debruça-se sobre as propriedades básicas do signo ideológico, para perceber sua materialidade discursiva, uma vez que, conforme Bakhtin/Volochínov (2014, p. 36), é, justamente, na materialização da comunicação

---

não poderia desempenhar aqui papel algum, já que o signo se cria entre indivíduos, no meio social; é, portanto, indispensável que o objeto adquira uma significação interindividual; somente então é que ele poderá ocasionar a formação de um signo. Em outras palavras, não pode entrar no domínio da ideologia, tomar forma e aí deitar raízes senão aquilo que adquiriu um valor social. É por isso que todos os índices de valor com características ideológicas, ainda que realizados pela voz dos indivíduos (por exemplo, na palavra) ou, de modo mais geral, por um organismo individual, constituem índices sociais de valor, com pretensões ao consenso social, e apenas em nome deste consenso é que eles se exteriorizam no material ideológico” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 46). Em suma, a relevância social do sentido pode ser definida segundo a atenção, emergidas das vicissitudes materiais e simbólicas das relações de produção, que dado grupo dá a determinado objeto e a consensualidade transitória axiológica sobre este objeto. Cf. a seção “Índice de valor e horizonte social”, neste capítulo.

<sup>72</sup> Bakhtin/Volochínov (2014, p. 35) observa que “cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social”. É importante observar que os termos refração (e reflexão) possuem hoje um pejo acadêmico que compromete seu uso, sob pena de anacronismo teórico, por conta da acepção mecanicista e determinista sobre que se envolveram. No entanto, são outros os acentos que estes termos recebem, quando utilizados na perspectiva dialógica. Grillo (2014) usa refração, a partir de estudos feitos em Bakhtin/Volochínov (2014) e Bourdieu (2004), como uma perspectiva axiológica particular de dada esfera. Para tanto, cita a passagem acima de Bakhtin/Volochínov (GRILLO, 2014, p. 33), referindo-se-lhe como reelaboração da percepção da realidade, depois a autora, cita Bourdieu (*apud* GRILLO, 2004, p. 21-2): “uma das manifestações mais visíveis da autonomia do campo é sua capacidade de refratar, retraduzindo sob uma forma específica as pressões ou as demandas externas”. Paula (2013, p. 243) explica refração como “o modo de transpor a realidade objetiva conveniente à consciência humana”. Pode-se dizer que os usos de reflexão e refração, sob a perspectiva dialógica, estão relacionados com tais entendimentos.

social, em suas formas e condições básicas, que a natureza de todos os signos ideológicos consiste.

É, a partir desta materialidade, que se pode estabelecer uma metodologia coerente com a perspectiva dialógica de análise do discurso, que reconhece a constitutividade das relações sociais nas formas discursivas. Para tanto, são examinadas as seguintes propriedades do signo ideológico/discursivo: 1) pureza semiótica; 2) neutralidade ideológica; 3) implicação na comunicação humana ordinária; 4) possibilidade de interiorização; e 5) presença obrigatória em todo ato consciente. Sobre a pureza semiótica Bakhtin/Volochínov (2014, p. 36-7) expressa-se da seguinte forma:

A existência do signo nada mais é do que a materialização dessa comunicação. É nisso que consiste a natureza de todos os signos ideológicos. Mas esse espaço semiótico e esse papel contínuo da comunicação social como fator condicionante não aparecem em nenhum lugar de maneira mais clara e completa do que na linguagem. A palavra<sup>73</sup> é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social [...]. É, precisamente, na palavra que melhor se revelam as formas básicas, as formas ideológicas gerais da comunicação semiótica.

Já para a questão da neutralidade do signo ideológico, o que a distingue, conforme Bakhtin/Volochínov (2014, p. 37), é a particularidade de ser “neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa”. Quanto à questão da implicação na comunicação humana ordinária, sumariamente, a não vinculação, “neutralidade”, a uma esfera ideológica única permite o enriquecimento das formas discursivas por meio da dominância que a linguagem ordinária tem sobre estas que dela sempre se influenciam. Além disso, é na comunicação da vida cotidiana que a palavra é o material privilegiado (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 37).

Quanto ao ponto da possibilidade de interiorização, Bakhtin/Volochínov (2014, p. 37) observa que o discurso é construção social e interiorizada, o que é possível graças à propriedade da palavra de ser um material que prescinde de recursos

---

<sup>73</sup> Stella (2014, p. 178) destaca que o entendimento de palavra na perspectiva do Círculo apoia-se num reposicionamento em relação ao seu entendimento em correntes tradicionais. Segundo a autora, em *Discurso na vida e discurso na arte*, de Volochínov, a palavra define-se em relação à vida concreta, como parte dos processos de interação que atribuem valores axiológicos ao que dizem. Em “Marxismo e filosofia da linguagem”, de Bakhtin/Volochínov, palavra é apresentada como produto ideológico, porque acumula acentuações axiológicas, concentrando em seu bojo as lentas modificações da base social, *pari passu*, que pressiona mudanças nas estruturas sociais estabelecidas. Enfim, palavra é tomada como discurso situado e não tão somente como signo abstrato.



extracorporais, imprimindo-lhe o papel de material semiótico da vida/discurso interior, ou seja, da consciência. O signo ideológico está presente em todo ato consciente, porque consiste a compreensão do signo na aproximação de signos apreendidos, feita por sujeitos que performatizam práticas sociais, a outros signos já conhecidos. É, assim, que os signos são ideológicos porque só emergem na interação social (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 34).

### 3. 8 TEMA E SIGNIFICAÇÃO

Segundo Bakhtin/Volochínov (2014, p. 133), o tema é “um sentido definido e único [irrepetível], uma significação unitária, é uma propriedade que pertence a cada enunciação como um todo”. Já significação é compreendida como “os elementos da enunciação que são reiteráveis e idênticos cada vez que são repetidos”, enfim, “o tema é um sistema de signos dinâmico e complexo, que procura adaptar-se adequadamente às condições de um dado momento da evolução. O tema é uma reação da consciência em devir ao ser em devir. A significação é um aparato técnico para a realização do tema” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 134). Sobral (2009) coloca a importância dos conceitos de tema e significação para o entendimento de ideologia no pensamento de Bakhtin e do Círculo, porque está a ideologia fundada nas relações de estabilização e instabilização relativas dos sentidos sociais produzidos nas diversas atividades humanas, fundantes e fundadas, refletidas e refratadas nas interações verbais e sociais.

Dessa forma, tema define-se, enquanto “conjunto integrado de elementos únicos que se manifestam na enunciação concreta, os elementos não reiteráveis e não-idênticos da enunciação” (SOBRAL, 2009, p. 75) e significação, enquanto “conjunto de elementos da língua que são reiteráveis e idênticos, as formas fixadas da língua, elementos abstratos fundados numa convenção” (SOBRAL, 2009, p. 75). Ambos constituem o movimento ideológico de transformação/repetição das práticas sociais.

Nesse sentido, o autor observa as particularidades de, nos diversos horizontes sociais, ininterruptamente, novos sentidos, dependentes dos contextos específicos de uso, serem possibilitados pela propriedade temática e significativa da enunciação e a constitutividade do tema e da significação da “interação, que é sempre um evento irrepetível, mas que usa, transforma e cria formas repetíveis [donde] surgem formas de atuação linguística que, em seu decorrer histórico, acabam por transformar as próprias formas da língua de que partiram” (SOBRAL, 2009, p. 75).

A irrepetibilidade, no entanto, não pode ser confundida com ilimitação contextual, pois os contextos<sup>74</sup> “não são ilimitados, dado que o mundo concreto é constituído semioticamente (em termos de sentidos) a partir de vários ‘recortes’ da realidade, que são fruto do agir humano, naturalmente limitado” (SOBRAL, 2009, p. 76). Por isso, também, há a relação constitutiva entre tema, significação e ideologia, uma vez que a ligação entre recortes ideológicos e tema dá-se, porque “os sentidos criados nas situações concretas não são criações totalmente novas” (SOBRAL, 2009, p. 76), sendo advindos das relações sociais dos diversos sujeitos comprometidos com elas mesmas.

Certamente, “as necessidades sociais a que a palavra, a linguagem atende estão distribuídas nos numerosos interesses em confronto dos grupos particulares que povoam o todo social” (SOBRAL, 2009, p. 76). Enfim, tema e significação, bem como os conceitos radicais do pensamento bakhtiniano, são interconstitutivos e têm ressonâncias ideológicas, visto serem a emissão concreta do signo verbal:

Regulada pelas relações sociais, pelo processo de intercâmbio social que constitui a realidade. Assim os signos estão sujeitos aos critérios de avaliação ideológica, coincidindo o seu domínio com o da ideologia. Por conseguinte, todo produto ideológico tem valor semiótico, reflete (partir de) e refrata (constituir de uma dada maneira) a realidade (SOBRAL, 2009, p. 78).

Por este motivo, Sobral (2009) destaca que a relação entre os conceitos de tema e de significação está ligada às relações eu/outro; linguagem/sociedade; indivíduo/sociedade; formas composicionais/arquitetônicas, entre outros conceitos círculo-bakhtinianos, o que é permitido pela propriedade destes conceitos de estarem inscritos no movimento ideológico dinâmico e contínuo de relativa estabilização e instabilização de formas de interagir verbal e socialmente, ou seja, no movimento das relações dialógicas.

Sobral (2014, p. 28) explica que o tema está associado à possibilidade do discurso ser entendido como processo ininterrupto, uma vez que é “a concretização *in situ* das possibilidades expressivas da língua”. Já Grillo (2014, p. 139) destaca o fato de o tema incorporar “o caráter ativo da compreensão de um enunciado, ou seja, o processo interpretativo do coenunciador se dá na sua capacidade de dialogar com o enunciado, por meio de sua inserção em um novo universo social”.

Por sua vez, Silva (2013, p. 53) observa que “o sentido último ou tema da palavra é dado em cada interação específica”, pelo que o enunciado passa a ser

---

<sup>74</sup> Cf. no primeiro capítulo, na seção “Linguística Aplicada, Estudos Críticos da Linguagem e a Análise Dialógica do Discurso” a noção de contexto adotada aqui.

propriedade temporária dos interlocutores, que o constroem conjuntamente em cada aqui e agora de específicas interações verbais e sociais. Tudo isto faz do tema uma propriedade do discurso que lhe implica, inextricavelmente, um comprometimento ético<sup>75</sup>, característico das práticas sociais.

### 3. 9 ÍNDICE DE VALOR E HORIZONTE SOCIAL

A perspectiva dialógica de análise do discurso, como se tem discutido, até então, fundamenta-se na ideia geral de que cada enunciado responde concretamente a dado contexto sociodiscursivo, carregado de acentos ideológicos e, portanto, reverbera contradições históricas, ou seja, é sempre situado. Este local para onde estão orientados cada enunciado é o que se entende por horizonte social, já as posições axiológicas particulares da visão de mundo deste horizonte são os índices de valor. Segundo Yaguello (in: BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 16):

Bakhtin coloca igualmente em evidência a inadequação de todos os procedimentos de análise linguística (fonéticos, morfológicos e sintáticos) para dar conta da enunciação completa, seja ela uma palavra, uma frase ou uma sequência de frases. A enunciação, compreendida como uma réplica do diálogo social, é a unidade de base da língua, trata-se de discurso interior (diálogo consigo mesmo) ou exterior. Ela é de natureza social, portanto ideológica. Ela não existe fora de um contexto social, já que cada locutor tem um “horizonte social”.

O horizonte social, como se vê, é marcado pela especificidade ideológica e inscrição/situamento histórico em contexto social determinado, o que o relaciona às condições básicas de produção de grupos sociais particulares indispensáveis para sua existência material e simbólica. O horizonte social, em sua condição de base de produção histórico-discursiva, determina a criação ideológica de algum grupo social pertencente à determinada época histórica (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 116).

Em outros termos, o horizonte social é um espaço discursivo/lugar de cultura de produção de sentidos para o qual estão orientadas todas práticas discursivas, socialmente, relevantes. O horizonte social estabelece-se, a partir das diversas práticas sociais que o grupo pertencente a ele desenvolve, por isso ele é contraditório e transitório, além de regulador das formas que entram ou não em uso. De fato, uma significação

---

<sup>75</sup> Silva (2013, p. 51) observa que, segundo Bakhtin, “na filosofia do ato ético: os enunciados estão sempre ligados a uma atividade humana, desempenhada por um sujeito que tem lugar na sociedade e na história, ou seja, um sujeito que sempre está em interação com outros sujeitos”. O ato ético, portanto, é uma relação concreta (em oposição a qualquer concepção moralista abstrata) entre atitudes sociais mediadas por padrões de conduta relativamente estáveis, de cuja tensão seu sentido se produz. Cf. a seção “Análise Dialógica do Discurso”, onde se desenvolve o preceito de comprometimento ético desta perspectiva.

objetiva apenas entra em uso social (tem relevância significativa social), caso esteja estabilizada num horizonte social, do contrário, ela será apenas modismo ou criação individual sem vida social concreta. Assim, é, a depender da extensão do horizonte social, que uma forma de sentido terá ou não existência histórica.

Tratando do índice de valor, Bakhtin/Volochínov (2014, p. 35) assevera que o signo ideológico é constituído através das diversas formas de interação verbal e social e pela possibilidade de afetação do conteúdo deste signo pelo índice de valor que se lhe é assumido no ato de produção discursiva.

Além disso, como foi destacado, apenas aqueles objetos que tomam a atenção de dado grupo social a depender das especificidades do desenvolvimento/evolução das práticas produtivas são os que se tornam signos (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV 2014, p. 46)<sup>76</sup>. O corolário deste processo é que cada signo ideológico vai ser axiologizado, *in situ*, e será comprometido com uma cadeia ideológica singular, o que lhe fará um signo especificado por um índice de valor particular. Este índice é, portanto, uma forma de especificar um comprometimento a uma dada visão de mundo carregada de valores e acentos apreciativos que situarão as relações de sentido dentro de um horizonte social estabelecido. A este respeito, Bakhtin/Volochínov (2014, p. 47) destaca que:

O índice de valor é por natureza interindividual. O grito do animal, enquanto pura reação de um organismo individual à dor é despido de índice de valor. É um fenômeno puramente natural. O grito não depende da atmosfera social, razão pela qual ele não recebe sequer o esboço de uma formalização semiótica.

Nota-se, então, que a particularidade do índice de valor é ser social, ou seja, interindividual, tenso e, por isso mesmo, ideológico. Ele depende, de fato, da atmosfera social à qual está relacionado, em virtude do que, e somente por isso, pode receber sentido.

A partir de agora, feitas tais considerações, pode-se vislumbrar, especificamente, as categorias de análise desta dissertação: *bivocalidade e dialogismo*

---

<sup>76</sup> Recentemente, uma expressão tornou-se um desses objetos de atenção de grupos sociais e está bastante em uso. É o caso do termo “novinha”, que participa de diversos enunciados, sobretudo, os informais e os de discursos midiáticos (música pop, programas de tv, gíria). Pode-se dizer que esta expressão teve sua gênese, a partir de referências, em esferas discursivas *funk*, a garotas que, embora de menor, já participam de festas adultas. O termo deste horizonte específico passou para outros cujo sentido silenciou a conotação sexual e assumiu outro conotando ideia de jovialidade com traços ao mesmo tempo pueris e sedutores. Cada vez mais a expressão participa do vocabulário de diversas esferas sendo indicadas valorativamente de acordo com o horizonte no qual ela é utilizada. Isto, porque o ato discursivo, a comunicação por signos ideológicos, está sempre posto em perspectiva, isto é, orientado para os modos particulares de valorização de objetos materiais comuns a determinado horizonte de um grupo.

*interno*. Mas, antes de discutir a definição que se elucidará, aqui, tentar-se-á explicitar a relação entre os conceitos discutidos e essas categorias.

A *bivocalidade*, operacionalmente, nesta dissertação, servirá para evidenciar que cada enunciado (neste caso, o enunciado verbo-visual) está inscrito numa cadeia impregnada (dialogicamente) de outros enunciados, cruzados por outras cadeias (o que é possível pela constitutividade fronteiriça entre as esferas discursivas), cujos horizontes sociais, por isso, estarão em contradição (é sua indissociável particularidade ideológica). Disso decorre que cada enunciado, por meio da *bivocalidade* põe em perspectiva interindividualmente a possibilidade de pertencimento a dois sujeitos/mundos.

Por sua vez, o *dialogismo interno* vai servir para dar a entender que a incorporação do dialogismo promove a instabilização de índices de valor consagrados, de tal feita que uma desordem desses mesmos sujeitos/mundos seja desencadeada (os efeitos de sentido das relações fundantes temáticas e significativas são decisivos, aí), o que pode associar-se com a ressignificação de práticas sociais e verbais de interação daqueles com outros sujeitos/mundos.

De uma ou de outra maneira, poder-se-á perceber de que forma as práticas discursivas, a tratar de relações axiológicas, estão sensíveis às transformações sociais no que compete à valorização/legitimação de signos, historicamente, marginalizados.

Na análise que se fará, aqui, a respeito dos signos ideológicos em “n. d. a.”, serão observados, sobretudo, signos ideológicos que a tradição poética renegou à não-poeticidade, os mesmos que caracterizam práticas cotidianas de interação, e, que, por isso mesmo, e, por outras formas institucionais de desvalorização deles, foram significados como forma menor de cultura, o que, pode estar relacionado à constituição de interações depreciativas em relação a quem está associado a estes signos, tanto em seus horizontes quanto em outros.

### 3. 10 BIVOCALIDADE E DIALOGISMO INTERNO

De tudo que se discutiu, até aqui neste trabalho, já se tem as ideias/palavras cruciais que tecerão as definições/conversas/diálogos sobre as noções de *bivocalidade* e *dialogismo interno*, o que tornaria, portanto, esta seção uma espécie de epílogo, ensimesmado, de um modo, sobre as possíveis apropriações e reações sobre as palavras oferecidas para estas categorias e um prólogo, expansivo, de outro, por já deflagrar outras palavras que serão retomadas nos capítulos seguintes.

A *bivocalidade* e o *dialogismo interno* são um fenômeno discursivo, por excelência, dialógico, cujas formas são formas concretas da enunciação, especialmente, aquelas que põem em contradição vozes heterogêneas. Bakhtin/Volochínov (2014, p. 146) destaca, sobretudo, dentre estas formas “as mais estreitamente ligadas às condições reais da fala”, as mesmas que tornam todo discurso uma interindividualidade ideológica. Bakhtin/Volochínov (2014, p. 146) observa que as formas sintáticas, desde que orientadas por uma teoria da enunciação adequada, a dialógica, são, sobretudo, sensíveis a esta dialogicidade/condição ideológica.

Por isso, pode-se dizer, o estudo das formas de organização sintática dos textos pode justificar diversas relações dialógicas, inclusive, as bivocais e internamente dialogizadas, porque estas transmitem e integram, complexamente, as enunciações de outrem.

De fato, o discurso citado permite a “apreensão ativa do discurso de outrem que se manifesta nas formas da língua” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 152). A complexidade desta singularidade discursiva ocorre, pelo fato de que:

Naturalmente, há diferenças essenciais entre a recepção ativa da enunciação de outrem e sua transmissão no interior de um contexto. É conveniente levar isso em conta. Toda transmissão, particularmente sob forma escrita, tem seu fim específico: narrativa, processos legais, polêmica científica, etc. Além disso, a transmissão leva em conta uma terceira pessoa – a pessoa a quem estão sendo transmitidas as enunciações citadas. Essa orientação para uma terceira pessoa é de primordial importância: ela reforça a influência das forças sociais organizadas sobre o modo de apreensão do discurso (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 152).

Enfim, a recepção ativa, corporificada num material discursivo, tem sentido porque representa diálogos de linguagens, põe em perspectiva diferentes maneiras de se conceber o mundo através das formas de se articular os sentidos na/da linguagem. Ora, o sentido das formas bivocais e internamente dialógicas, portanto, é o mesmo da possibilidade de experimentação – levar ao limite – seu ponto de vista em confrontação com outros que lhe são contraditórios (BAKHTIN, 2015). Fica evidente o quanto a citação é uma forma disposta para tal atividade. Segundo Fiorin (2006, p. 22), “a dialogização interna da palavra é perpassada sempre pela palavra do outro, é sempre e inevitavelmente também a palavra do outro. Isto quer dizer que o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem que está presente no seu”.

Bakhtin (2015, p. 227) explica que, conforme se diminua o grau de objetificação do autor, que está em função da preponderância de suas escolhas avaliativas sobre o herói, ocorre “a conversão interna do discurso em discurso dialógico”. Morson e

Emerson (2008, p. 165) observam que a palavra bivocalizada é a aspeada, isto é, a que tem a percepção de um segundo centro de discurso. Bakhtin (2015, p. 223) destaca que ela se torna bivocal quando, ao se introduzir as palavras de outrem na fala do enunciador, este reveste-as de algo novo da sua compreensão e avaliação.

O caráter internamente dialógico evidencia-se pelo fato de que a relação entre linguagens se dá sem estabelecimento de fronteiras nítidas entre cada enunciador no mesmo enunciado, donde é dirimida a possibilidade de não contestação da soberania de alguma linguagem redutora das demais.

No caso de “n. d. a.”, o centro de valor único da autoria poética, embora preservado – do contrário não se poderia falar em poesia – assume imagens de estilos e linguagens alheias ordinários, cujo resultado é a multiplicação de diversas formas de expressão escrita, com seus específicos ideogramas<sup>77</sup> (a experimentação constitutiva dessas ideias em contradição com outras) e ideologias, conseqüentemente, de discursos e seus sujeitos.

Tudo isso em tensas cadeias de interação, sem que haja a sobreposição redutora/impositora de algumas delas. As representações discursivas de formas de organização das linguagens dos discursos sociais indiciam modelos de articulação composicional fundados em recortes, sínteses, associações, síncrese e anácrese, hibridismos sistemáticos de códigos, registros, sintaxes, lexemas, tons, enfim, de materiais plurilinguísticos, pluriestilísticos e plurivocais.

Esses recursos podem ser observados por exemplo, no seguinte caso: em um momento de um programa televisivo do SBT, “O Programa do Ratinho”<sup>78</sup>, o apresentador comenta a necessidade da reforma educacional, proferindo o enunciado – *tem que ensinar o ensino básico, o que é necessário agora, inglês, português, muito bem feito, matemática*

---

<sup>77</sup> Bakhtin (2014, p. 135) destaca que, no romance, “o sujeito que fala é um ideólogo e suas palavras são sempre um ideograma”. O que o filósofo compreende por ideograma e ideólogo entende-se a partir da atitude de representar com o discurso “um ponto de vista particular sobre o mundo, que aspira a uma significação social” (BAKHTIN, 2014, p. 135), sendo o ideograma o objeto não abstrato de representação, por isso mesmo, contraditório e transitório, explicitando a especificidade em limiar de cada posição ideológica, enquanto que o ideólogo é o sujeito que põe em perspectiva este ideograma. Pautado em Machado (1995, p. 312), pode-se dizer, o ideograma define-se segundo o fato de indiciar “o caráter ideológico da palavra e do discurso. Cada falante é um ideólogo e cada palavra é um ideograma, pois exprime ideias, reproduz a visão de mundo de uma esfera do contexto da interação social”. De fato, de acordo com Bakhtin (2015), o ideólogo é uma voz autoral que opera com representações de pontos de vista particulares sobre o mundo, experimentando-o ao limite, isto é, que experimenta seu ponto de vista em confrontação com outros que lhe são contraditórios, pondo-os sempre em situações limiares.

<sup>78</sup> Programa do Ratinho (03/10/16) - Ratinho fala sobre reforma da Educação. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=e5HKuy1Od10>>. Acesso em: 31 out. 2016.

*e educação física*. Esta fala, posicionando-se em favor dos interesses de governo liberais e elitistas, reverbera diversas posições ideológicas em conflito, que podem ser polarizadas na posição do atual governo e na posição da CNTE<sup>79</sup>. Esta fala, com efeito, é organizada num programa de entretenimento popular, que faz uma pausa no seu roteiro habitual, e promove uma entrevista política com o ministro da educação Mendonça Filho (DEM), em seguida, o apresentador comenta (traduz/refrata numa linguagem mais popular a fala do ministro) e noticia diversos dados sobre a questão.

Sendo, assim, analisando este discurso, situando-o num lugar e tempo históricos concretos de disputa entre modelo de educação “humanista” e “tecnicista”, percebe-se vozes sociais contraditórias (pluralidade de vozes), que se organizam em gêneros distintos (pluralidade de estilos) e modalidades formais e informais de discursos (pluralidade de linguagens), através do recorte de informações sobre a educação brasileira e não referência/silenciamento de sujeitos que contradizem esta informação, reduzindo toda a complexidade da questão, associando este projeto governamental a interesses sociais por garantia de emprego (já que as disciplinas mencionadas seriam as mais básicas para uma qualificação profissional). Neste caso, este discurso pretende relacionar uma voz social que vê na possibilidade de empregabilidade uma saída para sua condição de precariedade com a de um governo que quer orientar a educação para interesses de mercado (síncrese), para poder forçar uma voz que aceite a reforma educacional (anácrese).

Enfim, apesar da esfera em que o programa circula ter um tom corrente de entretenimento, escusando-se, em geral, de qualquer conteúdo mais denso como o político, tal enunciado destoa do que lhe é característico, assumindo um acento político através do qual se percebe, a dimensão política, neste discurso, do autor de programa de entretenimento “ratinho”, revelando outra dimensão/orientação de sua autoria, a de alguém relacionado às práticas discursivas políticas de agenciamento de formação de opinião para a consolidação de determinada agenda política, as quais, via de regra, recorre aos meios de comunicação de massa, a fim de mobilizar a opinião pública e, com isso, criar contextos orientados para dada atuação institucional.

---

<sup>79</sup> A Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) observa que a reforma educacional do governo atual “viola direito dos estudantes, pois não obriga os sistemas de ensino a ofertarem todas as áreas do currículo de aprofundamento. E será muito provável que os estudantes de várias regiões com interesse em se aprofundar nas ciências humanas ou da natureza, ou ainda na formação técnica profissional tenham somente como opções as áreas de linguagens e de matemática – aliás, essas são as únicas disciplinas obrigatórias nos três anos do ensino médio” (CNTE, 2016).



Sabe-se já que é da interação entre contraditórias linguagens, estilos e vozes que emerge o dialogismo e cada um desses tem um material específico com o qual se experimenta e permite sua vivência social<sup>80</sup>. Assim, tratando do caso específico do objeto desta dissertação, o dialogismo composicional do discurso antuniano compreende a ambivalência não de línguas, estilos e vozes antagonizando-se em um único enunciado; antes compreende a heterogeneidade do material e suas formas de articulação entre si, que permitem a ambivalência. Em outras palavras, não é a ambivalência da heterogeneidade que importa; antes, é a forma como o material discursivo permite essa ambivalência.

Desta feita, este discurso percebe o valor que tem a constitutividade do relativismo axiológico de cada material discursivo, a depender da participação numa esfera discursiva particular. É caso do uso de materiais característicos de esferas publicitárias, quando traz para o texto poético formas de *slogans*, ou de outras artes como a fotografia, quando se apropria de imagens e assinaturas de fotógrafos, bem como de desenho feito à mão<sup>81</sup>.

Na afirmação da pluralidade discursiva característica de interações verbais e sociais mais autênticas e menos institucionalizadas, ou seja, cotidianas, há o reconhecimento da contradição e ambivalência entre estas linguagens que não respondem

---

<sup>80</sup> Por exemplo, se veicula, nas redes sociais, uma crítica ao “entreguismo” de políticas de privatização do governo atual com enunciados que circulam em forma de meme, na rede, com a seguinte composição verbal : “Michel Temer está parecendo usuário de crack vendendo tudo que tem em casa” (sic); outrora, no governo, de mesma linha, de Fernando Henrique, com o mesmo problema de privatização, surgiu um cartaz com o enunciado seguinte: “Tucanos Productions and PSDB Privatizations apresenta... Fernando Henrique Cardoso e José Serra OS HOMENS QUE VENDERAM O BRASIL. Direção”, neste ponto do texto, segue diversos nomes de jornalistas e publicitários de TV e Jornal de grande circulação. Importa notar, nestes exemplos, que, tanto o conteúdo é semelhante (crítica contra a privatização), quanto à forma (recurso à comparação, num caso, com um dependente químico; noutro, com uma produção cinematográfica). É justamente sobre esta forma, a qual remete a acontecimentos públicos que ganharam bastante notoriedade/visibilidade social, que a especificidade concreta do discurso se orienta, sempre respondendo a elas, como forma de garantir sua inscrição histórica. A comparação com a produção de um filme e um hábito drogadito são singularidades do período específico em que se produziu e se fez circular cada um desses textos, ligando-os a sua vivência e horizonte social específicos. Esses textos encontram-se, respectivamente, em: <

<sup>81</sup> Cf. as poesias 5, 6, 10, 11 e 16 que compõem o *corpus* da pesquisa, no quarto capítulo.

mais a apenas um sujeito, nem encerram apenas um índice particular, mas repercutem uma historicidade que mira para diversos horizontes. Sobre tal reconhecimento, em termos gerais, se orienta a bivocalidade.

Especialmente, no que toca à composição genérica da poesia, a representação que se faz dela, em “n. d. a.”, é a da que se avizinha da fala coloquial, no que ela tem de característico das formas de interação verbal e social cotidianas da cidade. Esta se percebe na assimilação de diversos gêneros populares urbanos, como os publicitários, de outras artes, de conversas familiares, etc., como se viu. Nesse sentido, há, em “n. d. a.”, um ininterrupto processo de crítica da forma poética, à semelhança do que o dialogismo interno fez com a prosa.

Finalizando este capítulo, deve-se observar que se sustenta, aqui, a hipótese de que efeitos de sentidos podem ser construídos, a partir da organização textual tecida por formas que fazem signos ideológicos transitarem subversivamente de diferentes esferas ideológicas para a poesia (bem como para outros gêneros), de maneira que as axiologias específicas destas esferas sobre estes signos possam ser problematizadas – através de diversos diálogos/conversas, inclusive os acadêmicos (e positivamente ressignificadas), por meio de recursos discursivos e efeitos de sentido que explorem o que se estabelece aqui por *tendência à onissignificação temática e tendência à destabilização do significado*, ou seja, *a reinscrição signica verbo-visual*. Esta interpretação é operacionalizada pela aplicação das categorias analíticas *bivocalidade e dialogismo interno*<sup>82</sup>, especialmente, por organizar o discurso segundo efeitos de sentido decorrentes de usos singulares do signo ideológico, explorado por sua constitutividade temática e significativa, além de sua orientação para índices de valor e horizontes sociais situados. Tais categorias e noções sustentam-se, reitera-se, teórica e analiticamente, sob os pressupostos da Análise Dialógica do Discurso: diálogo; esfera discursiva; ideologia; prosa e poesia; e dimensão verbo-visual do enunciado.

---

<sup>82</sup> No quarto cap. retoma-se essa discussão, a propósito da conceituação e operacionalização desses dois preceitos teóricos metodológicos sob a perspectiva dialógica utilizados nesta pesquisa.

#### 4 AS PALAVRAS DE/COM QUEM SE FALA (O OBJETO/SUJEITO TEÓRICO E ANALÍTICO)

O girino é o peixinho do sapo./O silêncio  
é o começo do papo./O bigode é a antena  
do gato./O cavalo é o pasto do  
carrapato./O cabrito é o cordeiro da  
cabra./

O pescoço é a barriga da cobra./O leitão  
é um porquinho mais novo./A galinha é  
um pouquinho do ovo./O desejo é o  
começo do corpo./Engordar é tarefa do  
porco./A cegonha é a girafa do ganso./O  
cachorro é um lobo mais manso./O  
escuro é a metade da zebra./As raízes  
são as veias da seiva./O camelo é um  
cavalo sem sede./Tartaruga por dentro é  
parede./O potrinho é o bezerro da  
égua./A batalha é o começo da  
trégua./Papagaio é um dragão  
miniatura./Bactéria num meio é cultura.

(ANTUNES, 2017)

O terceiro capítulo desta dissertação tem como tarefa apresentar uma breve, porém, representativa, fortuna crítica da obra antuniana, destacando seus posicionamentos ideológicos sobre arte, poesia, cultura e sociedade, bem como as influências e interesses que motivam sua obra poética. Também, definir-se-á a noção de gênero discursivo, a partir da qual, se caracterizará a especificidade do gênero poético, entendida como autoridade poética.

Para se dar uma visão da fortuna crítica de Arnaldo Antunes se recorrerá a diversas entrevistas e ensaios, reunidos no *website* “Arnaldo Antunes”, que jornalistas, poetas, inclusive o próprio Antunes, e críticos fizeram, a respeito da obra antuniana, destacando a sua multifacetada obra artística de produção plural e contestadora de cânones sociais.

Já para a descrição dos gêneros do discurso, será desenvolvida uma reflexão sobre a relação entre os gêneros e as práticas sociais estáveis, observando que esta relação se orienta segundo as transformações históricas, através da inter-relação entre os diversos gêneros e as diversas esferas ideológicas.

Ao fim deste capítulo, pretende-se ter uma visão do potencial analítico que o diálogo entre os pontos de vista antuniano e da perspectiva dialógica tem para o interesse desta pesquisa de indicar de que maneira o discurso de “n. d. a.”, de Arnaldo Antunes pode apontar para a transformação de práticas discursivas marcadas pela exclusão de índices de valor marginalizados.

#### 4. 1 TIPO DE PESQUISA E CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

Esta pesquisa tentará interpretar, qualitativamente, as particularidades do signo ideológico do discurso poético de “n. d. a.”, de Arnaldo Antunes, buscando perceber os efeitos de sentido decorrentes das relações sociais produtivas que se estabelecem através do complexo embate entre índices de valor de esferas literárias e não literárias, encenado pelo uso de signos ideológicos comuns às práticas discursivas ordinárias.

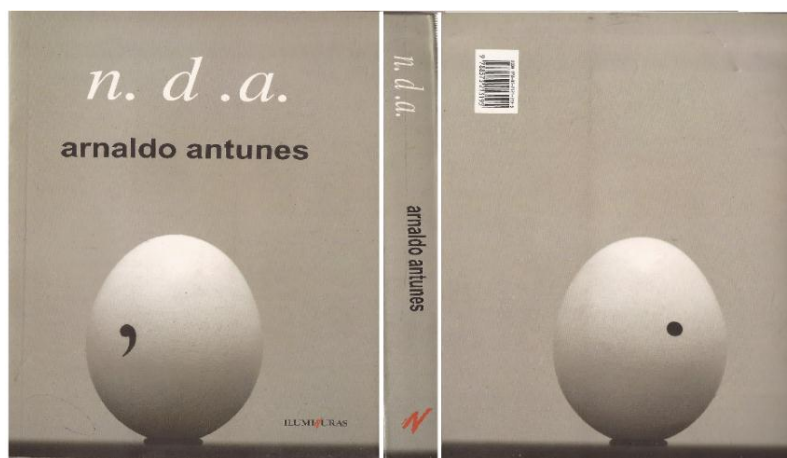
Para tal, será explicado o seu discurso poético como constituído através da relação entre formas de práticas sociais e verbais de cotidianos urbanos e formas poéticas consagradas, movimentando-se através da tensão entre heterogêneas esferas discursivas literárias e não-literárias.

O objeto analítico desta dissertação compõe-se de poesias da obra “n. d. a.”, de Arnaldo Antunes. Um livro de poesias de 2010, publicado pela editora Iluminuras, com 208 páginas. Segundo Silva e Silva (2012, p. 12), “Antunes se reconhece como herdeiro da antropofagia oswaldiana, do Concretismo e da Tropicália”. Tal posicionamento justifica-se, uma vez que sua obra, em geral, situa-se em diálogo com formas discursivas consagradas – sonetos, redondilhas, haicais – e discursos urbanos não canonizados, como pichações, murais, *outdoors*, fotografias, *Pop Art*, colagens, etc. e, conforme explica Amaral (2009, p. 75), “surge já imersa em uma atmosfera em que a noção de especialização encontra-se em xeque, como resultado justamente dessa mistura de linguagens que tomou forma e corpo na década de 1960”. Silva (2014, p. 31) observa, a este respeito, que Antunes “vive proliferando linguagens, sejam elas a do barulho, a do silêncio, da imagem, da poética, do palco, da música, do livro ou de outros variados modos”.

Então, nesse processo de reflexão sobre os limites da linguagem e suas práticas discursivas, Arnaldo Antunes tem uma preocupação singular com temáticas que envolvem a discussão sobre o *status* (social, cultural, místico, político, acadêmico) da poesia e do sujeito que a faz, sobremaneira, a respeito de quem pode fazê-la e qual material pode ser utilizado para tal fim, o que se vê, especialmente, em “n. d. a.”, sob diversas formas, desde a inclusão da assinatura de uma fotografia, a retomada da parte de uma poesia em outra, até reprodução quase integral de texto/imagem alheia (cf. poesias 1, 7, 11 e 16, de nosso *corpus*).

O livro “n. d. a.”, cuja capa está destacada, a seguir, é composto por três seções:

**Figura 1 – ANTUNES, 2010, capa, lombada e contracapa**



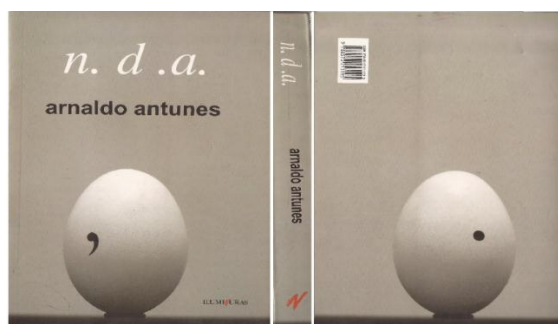
Fonte: Antunes (2010).

As seções são estas: “n. d. a.”, “cartões postais” e “nada de dna”. A terceira seção já havia sido publicada em 2006, no livro “Como É Que Chama O Nome Disso”, pela Publifolha. É clara a recursividade entre os títulos que gera diversos efeitos de sentido que transitam entre o esvaziamento e a disseminação de sentidos estabilizados. As interações entre esferas discursivas que se estabelecem a partir do termo “nada”, por exemplo, com a expressão inglesa *non-disclosure agreement* (“acordo de não divulgação”), atravessadas pelas siglas “dna” (ácido desoxirribonucleico) e “n. d. a.” (nenhuma das alternativas – a orelha/poesia do livro retoma esta ideia), nas quais as mesmas letras, a pontuação e o espaçamento apresentam efeitos de sentido de ruptura de sentidos dados, o que é característico desta obra.

A seção *Cartões Postais*, por sua vez, é formada por uma coleção de “enquadres” de imagens fotografadas nas ruas da cidade, que são inscritas no discurso

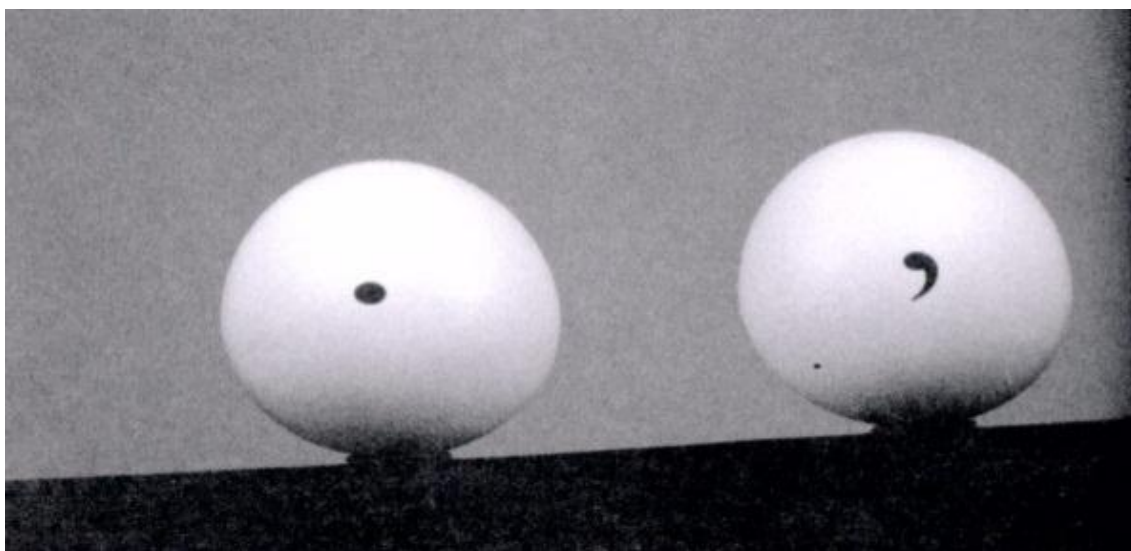
poético, de modo a permitir a criação de novas relações de sentido. Esta seção, em diálogo com as outras duas, promove constante instabilização dos limites formais dos modos de produção discursiva da esfera poética em tensão com outras distintas, como as midiáticas ou as das artes plásticas, o que, também, determina a ideia geral de “n. d. a.”, visto a proposta deste livro ser o diálogo e o extravasamento de fronteiras.

Nesse sentido, é interessante o fato de que diversas poesias desse livro são retomadas/referidas/introduzidas/reinscritas em outras, é o caso, além dos diversos *handmades* (destes selecionaram-se 2, cf. as poesias 10 e 11 do *corpus*), da própria capa, cuja arte se utiliza da poesia “ponto e vírgula” (presente no *corpus*). Ei-las:



(ANTUNES, 2010, capa, lombada e contracapa)

### Figura 2 - ANTUNES, 2010, p. 28



Fonte: Antunes (2010).

Isto não ocorre apenas com “recortes” de imagens, este recurso repete-se com temas e com uma espécie de “tradução”/comentário de alguma(s) poesia(s) em outra(s). Sobre o primeiro caso, veja-se a estrofe inicial da poesia “pra continuar” (ANTUNES,

2010, p. 71) e as poesias “fora dentro” (ANTUNES, 2010, p. 35) e “pedra cristal” (ANTUNES, 2010, p. 78), respectivamente, a seguir:

sai para andar, anda.  
vai, volta ao mesmo lugar,  
não adianta, cai  
parece que vai desmaiar,  
levanta, fica no ar  
descansa, cansa

sem memória para não ficar por fora

viro vento pra ficar por dentro

perco a hora pra não ficar por fora

ganho tempo pra ficar por dentro

vou embora pra não ficar por fora

me arrebento

pra ficar por dentro

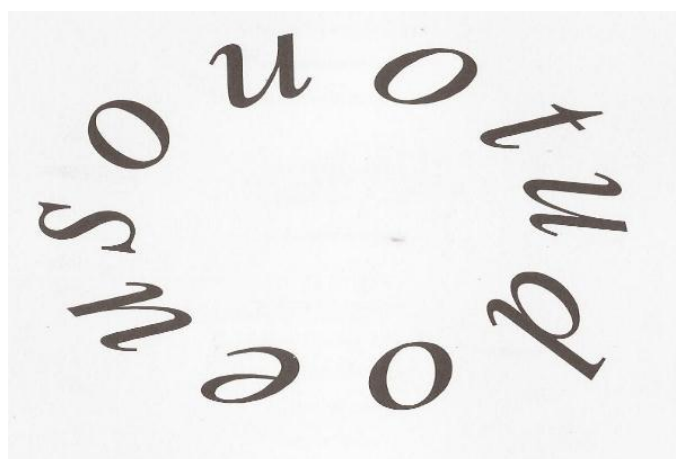
por fora pedra,  
dentro cristal  
  
e entre as camadas  
o caminho  
  
do minério  
ao mineral

Todas elas tratam da imagem/tema “dentro e fora”. Já a poesia “galinha, ovo” (ANTUNES, 2010, p. 29) retoma tanto o tema do ovo e galinha, quanto o recurso aos sinais gráficos ponto e vírgula (apropriados no projeto de capa).

galinha, ovo  
 ,  
 uma só e mais uma  
 galinha, ovo,  
 só uma  
 linha  
 .  
 de ponto a ponto,  
 de alto a baixo,  
 da base ao topo  
 e de n  
 ovo  
 ,  
 uma só  
 curva  
 ,  
 galinha, corvo

As poesias “tu do eu” (ANTUNES, 2010, p. 42) e “you soy you” (ANTUNES, 2010, p. 43) são uma espécie de tradução de si.

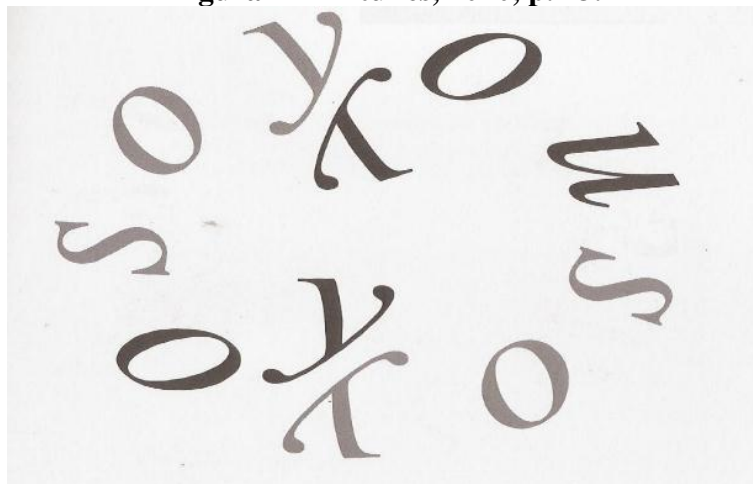
**Figura 3 – Antunes, 2010, p. 42.**



Fonte: Antunes (2010).



**Figura 4 – Antunes, 2010, p. 43.**



Fonte: Antunes (2010).

São múltiplas as possibilidades de ler/conversar/analisar estas poesias. No entanto é preciso estabelecer, aqui, uma perspectiva, a saber, a que se concentra em como a cultura ordinária age de maneira transformadora por meio das singularidades desse discurso. Enfim, em virtude de ser bastante extensa a quantidade de poesias desta obra, além de estarem dispostas em espécies de blocos, bem como pelo fato de algumas estarem “desdobradas/traduzidas”, como se viu, propõe-se fazer uma seleção que traz poesias que sintetizam os recursos discursivos que se fazem característicos na obra como um todo. Acredita-se que esta seleção pode servir de ilustração para a proposta geral do livro. A partir disso, a constituição do *corpus* da pesquisa pauta-se nos seguintes critérios. Observe-se que estes critérios se organizam conforme se concentrem na ideia de tensão e transitoriedade, as quais atravessam as noções dialógicas. Elas, de fato, baseiam-se na contradição entre linguagens e entre discurso poético e não-poético e na especificação desse discurso pela verbo-visualidade e tematização de imagens ordinárias urbanas. Eis os critérios:

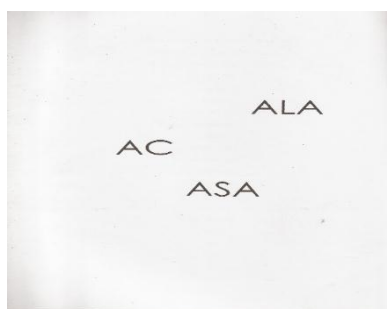
- o recurso à materialidade verbo-visual;
- introdução de vozes heterogêneas marginais ordinárias;
- saturação e desestabilização radicais dos limites de esferas discursivas poéticas e não poéticas;
- e o recurso a imagens do cotidiano coloquial e marginal das cidades<sup>83</sup>.

<sup>83</sup> Bakhtin (2014, p. 53) entende por imagem “não as representações visuais, mas os elementos formalizados no conteúdo”, o qual se define enquanto dimensão verbal ético-cognitiva (BAKHTIN, 2014, p. 35), ou seja, a realidade do conhecimento, não como um pensamento, mas como uma ação (BAKHTIN, 2014, p. 39). A imagem, portanto, nessa perspectiva, não é a representação visual, mas os elementos formalizados no discurso. Reconhece-se, nesse sentido, como imagens da cidade práticas

Pode-se crer que um fator determinante do valor dos quatro critérios estabelecidos para definir o *corpus* desta dissertação é a questão não da presença ou ausência deles nas demais poesias, mas da explicitação ou não deles na forma poética, na medida em que participam dos efeitos de sentido delas.

As poesias que não compuseram o *corpus* desta pesquisa não atendiam a alguma dessas quatro características. Para demonstrá-lo, tome-se um exemplo:

**Figura 5 - Antunes, 2010, p. 168**



*Fonte: Antunes (2010).*

Esta poesia, “acasala”, embora: 1) apresente uma tessitura que explore efeitos de sentido visuais como o movimento de leitura da direita (“AC”) para baixo e esquerda (“ASA”) e depois para cima (“ALA”), a fim de compor a palavra “acasala”/título da poesia, quase desenhando o símbolo de correto (✓), como se corroborasse o imperativo do título; 2) introduza diversos códigos, dialetos, jargões – o “AC”, significa em latim uma conjunção aditiva, em física, uma sigla para “corrente alternativa” (do inglês *alternating current*), cuja definição estabelece em contrário da corrente contínua, por ter seu sentido variando no tempo; 3) apresente algo que se refira a um comportamento urbano, a saber, a exacerbação do sexo, como produto de consumo; pouco diz sobre uma

---

sociais e discursivas que representam modos de interação singulares desse lugar cultural, como as relações entre “cenas” do cotidiano urbano, como, por exemplo, conversa entre namorados, passeio pela rua, visita ao cemitério, abastecimento de gasolina no carro, até sentimento, sentidos e vivências de mundo, como angústias, dramas e reflexões sobre os destinos da humanidade e suas filosofias e conhecimento de mundo. Elas são exploradas discursivamente quando Antunes “enquadra” estilisticamente algum momento próprio da vida da cidade em seu material poético. Em “n. d. a.”, os signos ideológicos, e seus índices de valor, específicos do cotidiano da cidade estão em tensão na forma das relações marcadas pela instabilidade e indecisão, como a necessidade de escolhas de diversas ordens que, no fim, parecem não ser alternativa nenhuma (cf. poesia 1) e saturação vertiginosa de relações paradoxais (cf. poesias 8 e 9); a pulverização de identidades tradicionais (cf. poesia 2 e 17); a sensação de fluidez e inconclusibilidade das vivências sociais (cf. poesias 3, 4, 10 e 11); a presença das imagens da rua (cf. poesias 5, 6, 7, 8 e 9); a pluralidade de linguagens (cf. poesias 5, 16 e 17); a multiplicidade plástica e a fusão de símbolos (cf. poesia 13 e 14); a dessacralização de espaços historicamente conservadores (cf. poesia 7 e 15). Tudo isso é representado, discursivamente, em conflito assumindo que a abertura e a contradição sejam a própria possibilidade de existência do discurso inscrito numa cadeia de embates de esferas discursivas heterogêneas.

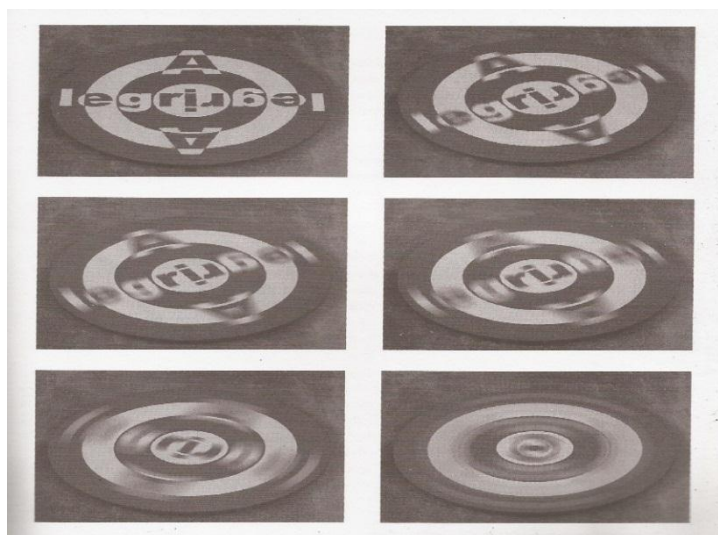
radical instabilidade do signo poético, que, depois do concretismo, se harmonizou com o recurso à espacialidade da folha (compare-se, neste ponto, as poesias *handmades* ou catões postais no *corpus*).

Por isso, essa poesia não compõe o *corpus*, cujas poesias explicitam a radicalização dos limites entre os materiais ditos poéticos e não-poéticos, questionando o *status* da forma poética tradicional e moderna, negando, para além dessas formas, a própria condição da linguagem, essencialmente, como lugar de entendimento mútuo<sup>84</sup>, no sentido de que suas poesias por trazer ou “apenas” fotografias, painéis e desenhos, ou “somente” palavras, como o soneto “um acidente” e “eutro” (poesias 13 e 15), fazem-no como se a fim de evidenciar que a questão da definição do material poético está além do problema do espaço em branco da folha, por assim dizer, estendendo-se para questões de ordem da própria constitutividade contingencial da linguagem.

No caso, a poesia “um acidente” assume o acidente (a contingência) como constitutivo das relações de sentido, já a poesia “eutro” assume sua condição forasteira, de linguagem sempre em estado de estranhamento. Ambas as assunções se fundam na negação da unidade racional de sentido como apoio fundamental das interações discursivas.

Por outro lado, veja-se a poesia “alegria” (ANTUNES, 2010, p. 19):

**Figura 6 - Antunes, 2010, p. 19**



Fonte: Antunes (2010).

<sup>84</sup> Cf. a seção “Concepção de linguagem sob a perspectiva dialógica” no primeiro capítulo, onde se discute o entendimento de linguagem a que se pode relacionar o aludido nessa passagem.

A tratar, verbo-visualmente, da relação entre alegria, riso e frenesi (movimento do disco), descartando a organização poética costumeira e retratando outro anseio da urbanidade, a busca de alegria, fá-lo sem incidir fortemente sobre as heterogeneidades discursivas coloquiais marginais cotidianas. Já a poesia “meu porto a vela” (ANTUNES, 2010, p. 179) parece ser mais estável em relação ao “código” poético, causando-lhe menos instabilidade. Ei-la:

meu porto a vela  
 naufraga devagar  
 pra meu corpo  
 seguro navegar

As duas poesias, desse modo, foram preteridas. Assim, das 125 poesias, formam escolhidas 17, porém crendo que, em geral, qualquer uma delas poderiam render produtivas análises, sob outros critérios. Enfim, o que se tentará observar, nesta pesquisa, é que, no discurso de “n. d. a.”, há uma cadeia discursiva de reacentuações dos índices de valor do cotidiano da cidade que desencadeia uma ressignificação dos posicionamentos tradicionais (de depreciar e/ou ser condescendente com a forma histórica de representar tais índices) das esferas discursivas oficiais. Assim, a seleção que se propõe, acredita-se, satisfaz o propósito de analisar a reacentuação positiva da cultura ordinária em discursos institucionais, como o poético.

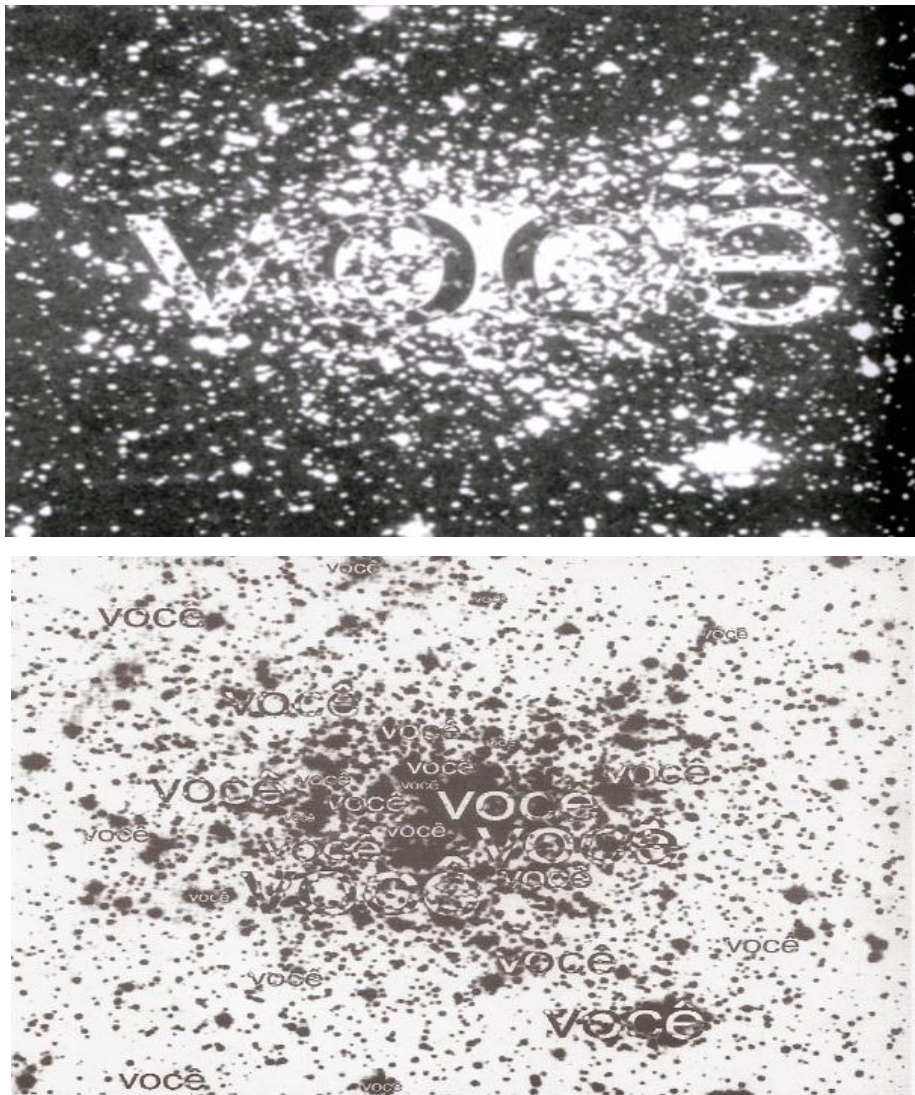
Isto posto, apresenta-se, a seguir, as poesias, que constituirão o *corpus* da pesquisa.

Poesia 1 (ANTUNES, 2010, primeira orelha)

**NENHUMA DAS ALTERNATIVAS  
 É UMA ALTERNATIVA  
 A ÚLTIMA ALTERNATIVA  
 É NENHUMA DAS ALTERNATIVAS**

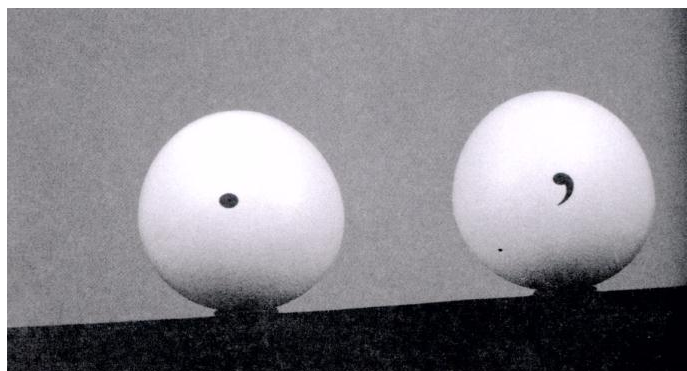
Poesia 2, “você” (ANTUNES, 2010, p. 202-3)

**Figura 7 – Antunes, 2010, p. 202-3**



Fonte: Antunes (2010).

Poesia 3, “ponto e vírgula” (ANTUNES, 2010, p. 28)





Poesia 4, “cartão postal” (ANTUNES, 2010, p. 95)

**Figura 8 – Antunes, 2010, p. 95**



*Fonte: Antunes (2010).*

Poesia 5, “cartão postal” (ANTUNES, 2010, p. 119)

**Figura 9 – Antunes, 2010, p. 119**



*Fonte: Antunes (2010).*

Poesia 6, “cartão postal” (ANTUNES, 2010, p. 151)

**Figura 10 – Antunes, 2010, p. 151**



Fonte: Antunes (2010)

Poesia 7, “cartão postal” (ANTUNES, 2010, p. 159)

**Figura 11 – Antunes, 2010, p. 159**



Fonte: Antunes (2010)

Poesia 8, “ela e você” (ANTUNES, 2010, p. 63)

<b>você abraça</b>	<b>ela amassa</b>
<b>você beija</b>	<b>ela chupa</b>
<b>você faz amor</b>	<b>ela fode</b>
<b>você tem um orgasmo</b>	<b>ela goza</b>
<b>você espera um filho</b>	<b>ela emprenha</b>
<b>você dá a luz</b>	<b>ela pare</b>

**você alcança só metade dela  
ela te penetra por inteiro  
você a alma falsa fora e ela  
dentro do seu corpo verdadeiro**

Poesia 9, “eutro” (ANTUNES, 2010, p. 13)

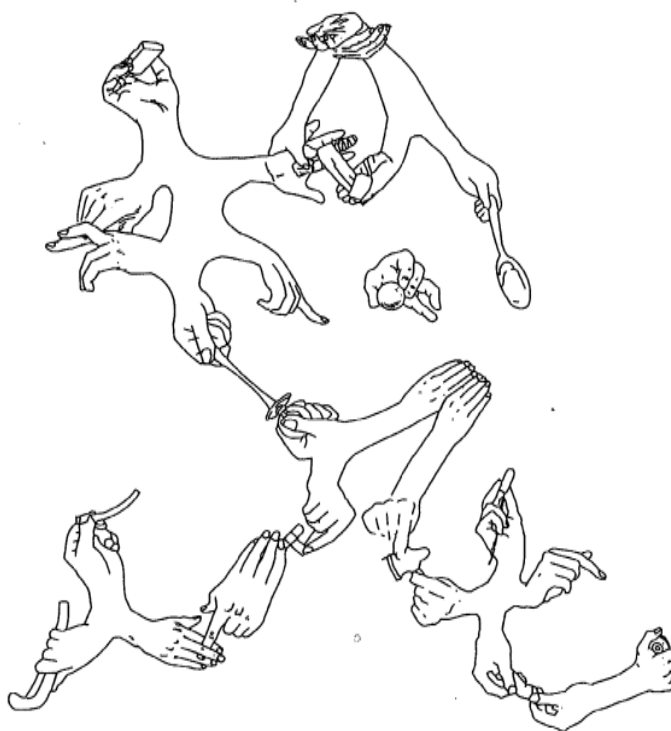
*intruso entre intrusos intraduzo*

*o me smo  
me  
me  
me  
no me io  
yo  
i  
je  
do eu tro*



Poesia 10, “*hand made 1*” (ANTUNES, 2010, p. 166)

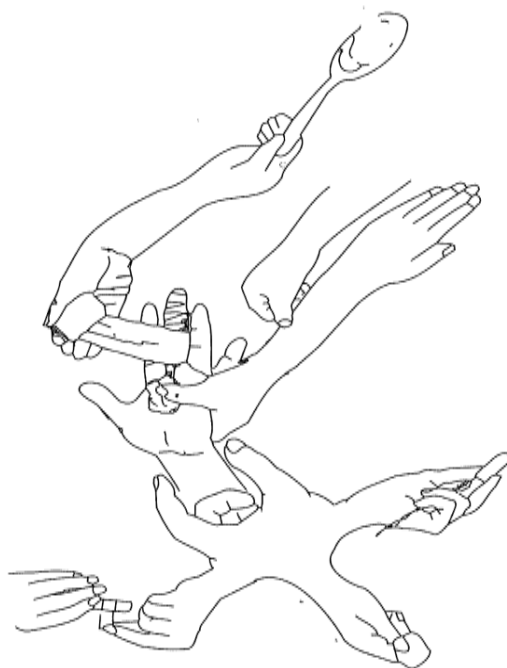
**Figura 12 – Antunes, 2010, p. 166**



*Fonte: Antunes (2010)*

Poesia 11, “*hand made 5*” (ANTUNES, 2010, p. 201)

**Figura 13 – Antunes, 2010, p. 201**



*Fonte: Antunes (2010)*





Poesia 15, “um acidente” (ANTUNES, 2010, p. 186)

O mal estar que exala quem discorda  
 Porque não sente quase ou não entende  
 Concorda bem com o de quem assente  
 Sem romper a casca, e não acorda.

Somente se distar de estar de frente  
 Distrai a sua mente da derrota.  
 Distante como diante de uma porta  
 Destrói na letra preta o branco ausente.

A vida do sentido o incomoda —  
 Vigor de ponta a ponta da serpente  
 Que o branco ovo a cada dia lota.

Suporta, não se importa ou então mente,  
 Não compreende o que o prende à borda —  
 O ouro da palavra, um acidente.

Poesia 16, “dna” (ANTUNES, 2010, p. 169)

**Figura 16 – Antunes, 2010, p. 169**

vareta de arame de palito de antena de graveto de prata

de uma pata de inseto

esculpida em planta

de ouro de couro

de uma couraça

escura de estanho

de aço por um

estranho pedaço

de nada de

dna

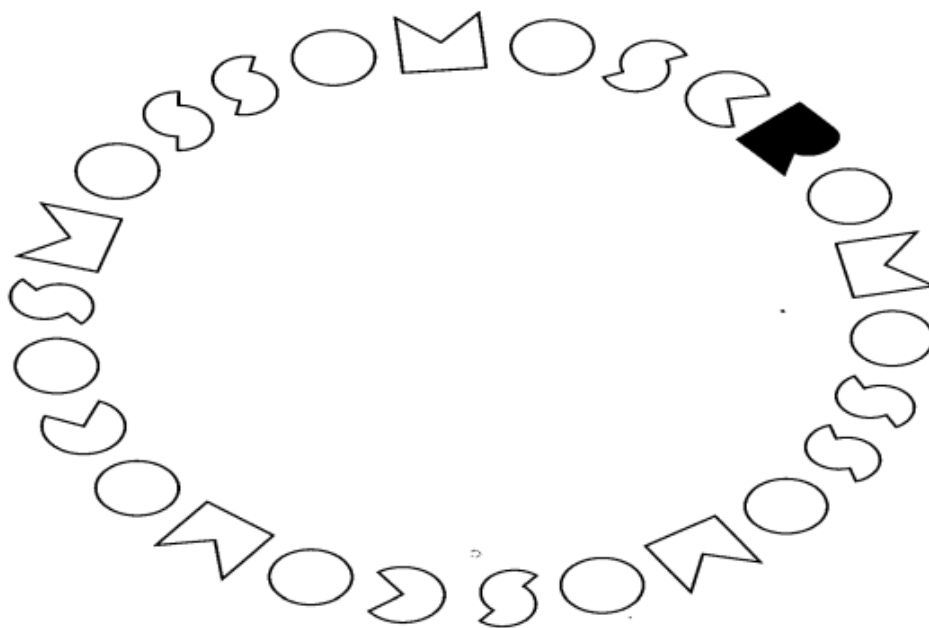


*foto: Fernando Lazlo*

Fonte: Antunes (2010)

Poesia 17, “como somos” (ANTUNES, 2010, p. 197)

**Figura 17 – Antunes, 2010, p. 197**



Fonte: Antunes (2010)

Os recursos plásticos, retóricos, multimodais utilizados nestas poesias adquirem efeito de sentido no encontro com orientações sociais polêmicas entre índices de valor de esferas discursivas literárias e não-literárias, concernentes às práticas sociais que envolvem produção, circulação e consumo de esculturas e outros objetos artísticos; bem como de bens e serviços mercantis; além das que se referem a enunciados da ciência; ou, ainda, aquelas que tomam corpo, a partir dos diversos textos que se materializam nos muros das ruas da cidade.

O discurso antuniano, nesta obra, se constitui, especialmente, pela problematização das contradições entre formas de relacionamento com os modos de organização dos discursos cotidianos da cidade. Estes modos de organização, que estão impregnados em signos ideológicos, são reinscritos, constantemente, em cadeias ideológicas institucionais diferentes, de maneira que as formas das falas coloquiais urbanas se tornam, elas mesmas, indistintas das formas oficiais, uma vez que estas reinscrições sígnicas, em sendo bivocais e internamente dialogizadas, a pôr em contradição formas discursivas institucionais e ordinárias, põem-na no limiar, assumindo aquilo que tem de ambivalente nelas.

Pode-se dizer que, em “n. d. a.”, ocorre o que seria uma refundação do material poético, que deixa de ser o “sublime” (mas não se torna seu antípoda, o “vulgar”), passando a ser o limite entre estes, aquilo que não se distingue nem de um, nem de outro – um nó entre ambos. Enfim, é neste horizonte complexo, plural, heterogêneo, ambivalente, impossível de ser totalizado numa positividade que o discurso poético desta obra emerge.

É, nesse sentido, que a perspectiva dialógica de análise do discurso é bastante produtiva para esta dissertação. Primeiramente, porque reconhece que o discurso é menos uma forma pacífica de interação que uma relação tensa, uma arena de lutas, onde axiologias heterogêneas, disputam hegemonias. Depois, porque prevê a pluralidade de perspectivas sociais que, a seu modo e em resposta às demandas sociais e a outras perspectivas discursivas, reacentuam todo índice de valor social, impregnado no signo ideológico. E, por fim, porque rompe com os paradigmas de explicação do mundo fundados na cisão entre sujeito e objeto<sup>85</sup>.

As singularidades discursivas referidas acima são exploradas, discursivamente, nesta obra de Arnaldo Antunes, conforme efeitos de sentido caracterizados pela opacidade e transitoriedade das formas de interação discursiva. Nessa obra, os limites entre imagem poética e contemplação são desestabilizados, do que decorre a sobreposição de imagens e inversão de pontos de vista, em que o sujeito que

---

<sup>85</sup> Quanto a este ponto, destaque-se que Tezza (2003) observa que o projeto bakhtiniano de dar conta de uma arquitetônica valorativa concreta, ou seja, uma explicação de mundo que não promova a cisão entre cultura e vida, homem real e conhecimento, como fez a tradição filosófica analítica, cientificista, positivista, idealista e outras, ilustra-se pelo (re) conhecimento das singularidades do mundo da arte, por este estar mais próximo do mundo unitário e único do ato concreto humano, no que ele tem de atividade de (in)acabamento e situamento históricos. Cabe colocar, ainda, nesse sentido, que o discurso literário ainda permite a legitimação de dada linguagem, uma vez que a consciência linguística, ao se tornar artisticamente ativa, “encontra-se com ‘linguagens’ e não com uma só linguagem. Ela se coloca diante da necessidade de escolha de uma linguagem” (BAKHTIN 2014, p. 101), o que pode, então, excluir ou não de um lugar de prestígio certa prática discursiva. Enfim, segundo Bakhtin (2014, p. 101), “ao entrar na literatura e participar da linguagem literária, os dialetos perdem evidentemente, no solo dessa linguagem, sua qualidade de sistemas sociolinguísticos fechados; eles se deformam e basicamente deixam de ser aquilo que eram enquanto dialetos. Porém, por outro lado, estes dialetos, ao entrar na linguagem literária e conservando nela sua elasticidade linguística dialetológica, sua condição de língua alheia, deformam igualmente a linguagem literária em que penetram e ela também deixa de ser aquilo que era: um sistema sociolinguístico fechado. A linguagem literária é um fenômeno profundamente original, assim como a consciência linguística do literato que lhe é correlata; nela a diversidade intencional que existe em todo dialeto vivo e fechado, torna-se plurilíngue: trata-se não de uma linguagem, mas do diálogo de linguagens”. Por todo diálogo implicar retomadas e transformações de índices de valor, além da inscrição e apagamento de dados objetos de seus horizontes, a escolha de uma linguagem do discurso literário está sempre comprometida ideologicamente.

olha, também é olhado e o acabamento discursivo é dúbio e recíproco, isto é, os interlocutores/heróis<sup>86</sup> assumem a perspectiva de autor.

Assim, autores e heróis distribuem, entre si, o poder de dizer sobre o outro e sobre si – há, de fato, a intrusão do outro (alheio/ordinário) no eu (institucional/poético) –, nesse discurso. Enfim, os índices de valor característicos de formas estáveis em esferas discursivas oficiais, como a pretensão a palavras e imagens claras, ao significado incontestável, peremptório, absoluto, à hierarquia das formas apropriadas, etc., passam a ser problematizados *ad nauseum*, aí.

A consequência disso é um processo de redefinição, através da reconfiguração de seu material discursivo, das bases sociais axiológicas de cada esfera que foi inscrita neste discurso, como as cotidianas e oficiais, cuja relação trava-se numa arena marcada por um antagonismo historicamente conservador entre discurso erudito literário e formas urbanas ordinárias de discursos. Tal embate é tematizado no sentido de que este enunciado poético bivocalizado e internamente dialogizado esvazia as barreiras entre erudição e ordinariedade, já que as próprias possibilidades de distinção entre ambas se dissipam, porque entrevê a não-positividade (“vazio constitutivo”) fundacionista de qualquer realidade, nas diversas formas de interação social e verbal da cidade, estetizadas no discurso estudado aqui.

Portanto, metodologicamente, num primeiro momento, busca-se destacar as particularidades do discurso de “n. d. a.”, observando alguns de seus recursos estilísticos<sup>87</sup> singulares, por exemplo: formas discursivas coloquiais como palavrões, gírias, desenhos e fotografias de “paisagens” da cidade; símbolos da vida na cidade, como crenças seculares sobre a origem da vida e do universo e práticas comerciais; introdução de práticas rotineiras cotidianas, como trânsito em vias urbanas, situações como encontros fortuitos entre anônimos.

---

<sup>86</sup> Deve-se entender que autor, aqui, se delinea como a fala que propõe o enunciado, e herói, a voz que pode entrar no discurso por meio do autor, referem-se não a pessoas reais individuais, mas a posições ideológicas, que, no discurso, demarcam acentos diversificados orquestrados no enunciado.

<sup>87</sup> Segundo Brait (2014, p. 98), estilo “implica sujeitos que instauram discursos a partir de seus enunciados concretos, de suas formas de enunciação, que fazem história e são a ela submetidos”. Desse modo, compreende-se que estilo não se resume em questões de autenticidade individual ou de escola, ou de características de algum conjunto de textos; estilo, efetivamente, é uma construção dialógica e, portanto, ideológica, implicando posições axiológicas particulares de horizontes sociais históricos. Assim, segundo Silva (2013, p. 59), “o estilo comporta algo que é do homem, marcado por sua posição social, histórica e ideológica. Marcado, mas não aprisionado, esse homem fala trazendo em seu discurso as vozes dos outros, mas articulando essas vozes de maneira única”. Volochinov (1926, apud BRAIT, 2014, p. 83) destaca que o estilo é “mais precisamente, uma pessoa mais seu grupo social na forma do seu representante autorizado, o ouvinte – o participante constante na fala interior e exterior de uma pessoa”.

Em seguida, aproximar-se-ão tais usos a posicionamentos estético-ideológicos que se lhe avizinham: o prosaísmo na poesia; a busca por linguagens puras poéticas; imagens e formas clássicas, modernistas e concretistas; e limites entre poesia e outros gêneros do discurso. Serão analisados, então, os efeitos de sentido do uso dos diversos signos ideológicos de distintas esferas sendo inscritos e reinscritos no contexto específico da esfera poética. Posteriormente, será relacionada a *reinscrição sígnica verbo-visual* àquelas reacentuações discursivas dos diversos índices de valor dos horizontes sociais percorridos em “n. d. a.”, de Arnaldo Antunes.

Por fim, a análise concentrar-se-á nas forças de descentramento, as forças discursivas centrífugas, do discurso oficial tradicional literário, possibilitadas pela afirmação de formas cotidianas urbanas de práticas discursivas, a fim de se demarcar de que forma interações ordinárias<sup>88</sup> podem ser constitutivas de discursos institucionalizados e quais as suas consequências sociais transformadoras<sup>89</sup>.

Como já se teve oportunidade de se verificar, o objeto analítico desta pesquisa tem possível a sua compreensão ideológica por conta da particularidade da ADD ser uma perspectiva crítica de análise das práticas sociais, discursivas, justamente, na sua orientação para a contradição social, o que compromete, eticamente, o analista com as causas sociais.

Nesta dissertação, fazemos a crítica de formas de deslegitimação das singularidades axiológicas e materiais de práticas discursivas de sujeitos sociais marginalizados, os quais são percebidos em discursos que tratam os modos de articulação da cultura ordinária como modos menores, ou “carentes”.

O discurso poético de Arnaldo Antunes aproxima-se da tendência ao tema onissignificante<sup>90</sup>, quando apresenta uma forma que significa mais pela situação concreta

<sup>88</sup> Considerando que, de acordo com Bakhtin (2014), o ato estético unifica o ato cognitivo e ético, se tem que esta formalização apresenta um conteúdo – a presença positiva de formas discursivas ordinárias em discursos oficiais – e um comprometimento em relação a este conteúdo – uma posição axiológica em favor desta presença. É assim que, em “n. d. a.”, o problema da afirmação da cultura ordinária é formalizado esteticamente.

<sup>89</sup> Deve-se notar que não se quer, aqui, cair em idealismos ou utopismos, que creem ser a linguagem ou cultura coloquial, popular, urbana, prosaica, *per se*, salvadoras dos vícios institucionais; da mesma maneira que não se quer dizer que a linguagem ou cultura tradicional, oficial são, *per se*, reacionárias; absolutamente. Quer-se, com efeito, vislumbrar uma forma de transformação de discursos hegemônicos reacionários, por estigmatizar, *a priori*, o valor para constituir formas de cultura institucionais dos signos cotidianos. Esta forma transformadora, que coloca como (um) centro organizador do mundo a perspectiva ordinária, é assumida por um material poético que emerge através das singularidades da organização dos discursos cotidianos da cidade.

<sup>90</sup> Em Bakhtin/Volochínov (2014, p. 135), tem-se a seguinte indagação: “perguntar-se-á, será que uma palavra onissignificante é realmente uma palavra? Sim, é precisamente uma palavra. Diremos ainda mais que, se um complexo sonoro qualquer comportasse uma única significação inerte e imutável, então esse



sempre inédita que pela unidade reiterável e semântica. Nesse discurso, ocorrem sucessivas reinscrições verbo-visuais de signos ideológicos próprios de discursos cotidianos (muros, marquises, e *outdoors*; sobreposição de imagens – textos; enunciados anônimos; sintaxes truncadas, prolixas, incompletas; ruídos, etc.), marcados por certo descentramento de relações produtivas hegemônicas (primado das verbalidade, “bom gosto” e clareza de estilo), através da sobreposição e contradição de diversos horizontes sociais e índices de valor ideológicos (co [-/m/n] fusão<sup>91</sup> entre pontos de vista).

Nesse processo criativo, há a abertura para novas formas de criação ideológica não conservadora por se estabelecer enquanto uma prática discursiva alternativa empoderadora de sujeitos historicamente marginalizados, nas diversas formas de interação discursiva, na medida em que encontre seu material naquilo que é mais comum nas interações coloquiais urbanas. Desse modo, pode-se dizer que a experiência discursiva em “n. d. a.” de apresentar indistinção entre signos ideológicos cotidianos e oficiais como forma constitutiva de sua poesia torna-se uma possibilidade de caminho transformador das relações assimétricas de estabelecimento de valores sociais, como uma crítica de formas estigmatizantes de signos ideológicos ordinários, assumidos como inferiores aos oficiais.

De fato, há uma busca, no discurso antuniano de “n. d. a.”, por impensados<sup>92</sup> modos de organização do discurso poético/institucional em relação a signos ideológicos cotidianos e seus índices de valor. Certamente, relações hierárquicas conservadoras tanto discursivas, como as posições de dominância entre narrador e personagem, letra e imagem, poesia e prosa, erudição e coloquialismo; quanto sociais, como a

---

complexo não seria uma palavra, não seria um signo, mas apenas um sinal. A multiplicidade das significações é o índice que faz de uma palavra uma palavra. [...] Sua significação é inseparável da situação concreta em que se realiza. Sua significação é diferente a cada vez, de acordo com a situação. Dessa maneira, o tema absorve, dissolve em si a significação, não lhe deixando a possibilidade de estabilizar-se e consolidar-se”. É, a partir desta referência, que compreendemos o que chamamos como *tendência ao tema onissignificante*, enquanto uma forma discursiva que explora justamente a instabilidade do sentido, apresentando-se como que descentrando e esvaziando qualquer sentido dado aprioristicamente.

<sup>91</sup> Esta grafia esdrúxula são uma licença “poético-acadêmica” a que nos permitimos para lançar mão de um recurso estilístico não usual a fim de dar a entender o caráter complexo da forma como as relações produtivas sociais se inter-relacionam, enquanto processo constituído conjuntamente *com* diversos modos de organização/moldação (fusão) de práticas sociais e semióticas; enquanto *co*-orientação deste processo, que se estabelece sempre opacamente, isto é, impossível de ser definido claramente, pois é *confuso*, implicando vazamentos (disseminação) e incorporação (fundição/unificação) de sentidos.

<sup>92</sup> Cf. no primeiro capítulo o valor transformador de “pensar o impensado” nas relações marginais e ordinárias, na seção “Linguística Aplicada, Estudos Críticos da Linguagem e a Análise Dialógica do Discurso”.

distinção/distribuição dos espaços elitistas e marginais, produtos de consumo de classes diferentes, tabus e cânones, são redimensionadas nas poesias do livro que ora se analisa.

A fim de se especificar o horizonte sobre o qual se debruça para se analisar estas relações de sentido, passa-se, nas três seções seguintes, a discutir as diversas posições sobre discurso, arte e poesia da obra antuniana e a relação entre estas posições e as do círculo de Bakhtin sobre o tema, além da definição de gênero discursivo poético, sob a perspectiva dialógica, que permeia cada uma dessas posições.

#### 4. 2 AS PALAVRAS DE/SOBRE ARNALDO ANTUNES

Arnaldo Antunes é um artista multifacetado. Numa entrevista, Daffara e Kebian (in: ANTUNES, 2017)<sup>93</sup> apresentam-no como “músico [ex Titans], compositor, poeta e videoasta, o artista multimídia [que] é obcecado por experimentações em busca da palavra perfeita, matéria-prima de seu trabalho. Palavra em movimento, ritmada, desordenada”. E por conta dessas experimentações, sua obra apresenta diversas formas, de tal feita que Ruiz (in: ANTUNES, 2017) elogia o fato de, na obra antuniana, haver:

Música, vídeo, performances, shows, grafismos, intervenções, ensaios críticos e poesia. Poesia papel, poesia falada, poesia visual, poesia totem/escultura, poesia cantada. A concentração poética mais completa de sua geração. Vanguarda total em sua absoluta contemporaneidade. Mil em um, multi-Arnaldos ocupando multiespaços. Talento que cabe inteiro em cada linguagem. Talento que não cabe em uma só linguagem. Talento para inventar/descobrir novas linguagens. Talento para explodir as linguagens existentes.

Por sua vez, Gonçalves (in: ANTUNES, 2017) apresenta Antunes como culminância do desejo de Mallarmé de realizar a plasmação poética, o que para ele seria a expressão de excelência da poesia. Essa plasmação consistiria no distanciamento absoluto da referencialidade (bem ao gosto isolacionista dos poetas da “raridade técnica” – simbolismo, parnasianismo, concretismo). No caso de Antunes, pode-se dizer que esta característica tomaria o sentido não de negação da dimensão informativa da linguagem, mas, justamente, da apropriação desta em conjunto com um efetivo trabalho em interseccionar, sobrepor e transcriar sentidos dados por meio do deslocamento de semioses conservadoras, convencionais e/ou estabilizadas. Gonçalves (in: ANTUNES,

---

<sup>93</sup> O Website “Arnaldo Antunes”, disponível em <<http://www.arnaldoantunes.com.br/new/index.html>>, reúne 57 registros/entradas que contém cada qual um texto que trata de sua obra, no que tange a questões de produção e veiculação, considerando, ainda, questões sobre criação e princípios estéticos e éticos da arte. É nesta fonte que parte das considerações feitas nesta pesquisa se apoia. Como são textos publicados, pelo próprio autor e por críticos literários e jornalistas, em diversos períodos da carreira de Arnaldo Antunes, reunidos num endereço eletrônico, as referências trarão o nome de Antunes e ano de acesso ao site. Já que se trata de endereço eletrônico, “assinado” por Antunes, não se indicará paginação.

2017) observa que a atitude poética antuniana promove um diálogo construtivo entre tradição e inovação, na medida em que:

O diálogo dessa poesia com a tradição se realiza por meio de um procedimento retórico que se poderia denominar paródia da retórica. São presenças ausentes de formas fixas destituídas de suas formas, como se fossem ruídos da tradição demovendo os rastros registrados em um palimpsesto; são delineios de gêneros (sobretudo o lírico) que rumorejam entre signos e semi-símbolos em nomeações desnomeadas que voltam ao quase referente, ao mesmo tempo desreferenciado, como que sem destino certo, em busca de um sentido, num tipo de deslocamento semântico perdido na esfera da moldura poética.

De fato, Antunes permite a construção de uma imagem artística singular marcada por uma atividade que se organiza em função de explorar a contradição, aproximação e desconstrução de sentidos, que vão sendo disseminados em diversas formas discursivas trazidas para dentro daquilo que a poesia pode reivindicar como poético, inclusive, levando este limite, pode-se dizer, ao limiar (valendo-se da terminologia bakhtiniana). Por isso, questionar qual é a imagem autoral, através da qual a obra antuniana permite ser tecida, instiga os comentadores, de tal sorte que a seguinte pergunta não soa estranha:

Quem é Arnaldo Antunes, então? O letrista consagrado de um grupo idem, autor de polaroids ácidas como "Porrada", "O que", "Lugar Nenhum", "Comida", "Medo", "O Pulso", que radiografam com precisão a miséria instituída e a banalidade do cotidiano, ou o poeta com sua estética fundada no concretismo dos irmãos Campos e que em "Tudos" procura ir além do mero epíteto reducionista que, para muitos, é a poesia concreta? Ou Arnaldo é uma mistura de "tudo" isso? (FINATTI, in: ANTUNES, 2017).

Arnaldo Antunes defende, em suas entrevistas e ensaios, que sua obra artística pode ser caracterizada mais pelo “como se faz” (pode-se dizer, pelo processo do fazer) que pelo “o que se faz” (pode-se dizer, pelo produto do fazer), exemplificando que:

A lavadeira ensaboando as roupas no tanque, o guarda de trânsito acenando para os carros, a secretária batucando no teclado do computador — todos podem exercer suas atividades com a mesma intensidade que caracteriza o que chamamos de arte, apenas pela maneira de se entregarem a elas (ANTUNES, 2017)<sup>94</sup>.

Nesse sentido, a prática artística para Antunes seria singularizada pela entrega especial que o sujeito estaria disposto a dar no exercício de sua atividade. Pressupõe-se que, em contrapartida, o ato não artístico não se realizaria ou estaria comprometido pela não entrega do sujeito. Embora Antunes não trate diretamente do que impede essa entrega, não é difícil imaginar que as práticas massificadoras dos modos de produção neoliberais tenham algum impacto nessa impossibilidade.

<sup>94</sup> Ao final deste capítulo, bem como na conclusão, retomar-se-á esta discussão sobre o “como se faz” e a “entrega” artísticas.

A hipótese da entrega implica tanto que tudo pode virar arte quanto que se não vira é porque não houve a possibilidade de entrega necessária do sujeito responsável por aquela prática. Também, implica o fato de que arte deve ser entendida como processo e não produto, de sorte que a prática artística se caracteriza pela tensão entre diversas formas de interação. Como o poeta mesmo afirma, de acordo com Szykier (in: ANTUNES, 2017): "eu sou muito mais a favor de promiscuidade do que de purismo".

Antunes (2017), resenhando o livro “Não”, de Augusto de Campos, observa que as práticas discursivas cotidianas se demarcam por indicarem uma (im)possibilidade entre falar e calar, donde admitir-se que o indizível sempre faz parte do que é dito ou pode ser dito. Nela, define-se o indizível como uma forma de realização da negação de formas estáveis de interação social e verbal. Por conta disso, inclusive, é possível compreender a particularidade da obra antuniana, em “n. d. a.”, objeto desta pesquisa, de buscar formas que desestabilizem discursos conservadores e proponham formas de escrita estranhas a diversos cânones semióticos.

Um dos principais cânones que o poeta desconstrói é o do limite entre palavra e imagem. Para tanto, revisita os sentidos da originalidade da escrita enquanto grafia/forma/desenho, definindo o seguinte a respeito da caligrafia; “arte do desenho manual das letras e palavras. Território híbrido entre os códigos verbal e visual. — O que se vê contagia o que se lê” (ANTUNES, 2017). Tal asserção explica a compreensão de que a poesia, tanto oral quanto escrita, faria sentido, sobretudo, porque envolveria o corpo, tanto no que ele tem de participação dos movimentos prosódicos, quanto visuais. Por isso que, de acordo com Antunes (ANTUNES, 2017) “o atrito entre o sentido convencional das palavras (tal como estão no dicionário) e as características expressivas da escritura manual abre um campo de experimentação poética que multiplica as camadas de significação”, a qual é uma característica marcante da poesia antuniana.

Esse movimento em direção à revisão/revisitação crítica de formas primitivas, originais de interagir socialmente valendo-se de palavras/práticas discursivas é, de fato, de interesse de Antunes no sentido de que a sua concepção de poesia se associa com a ideia de que “a origem da poesia se confunde com a origem da própria linguagem” (ANTUNES, 2017). Em função disso, o autor/poeta questiona sobre que “talvez fizesse mais sentido perguntar quando a linguagem verbal deixou de ser poesia” (ANTUNES, 2017). Por um lado, este entendimento deixa entrever que a poesia é um fenômeno social da mesma maneira que a linguagem o é. Por outro lado, pode endossar um entendimento

de que a poesia tenha algum *status* intrínseco que lhe garanta alguma especialidade em detrimento das demais formas de uso da linguagem.

O problema decorrente dessas questões são temas fundamentais nas considerações que serão feitas aqui, devido o propósito de se querer encarar a poesia não como um discurso idealmente distinto de outros discursos sociais (embora possa e se valha dessa imagem), mas como uma prática discursiva concreta que está sensível a particularidades da dinâmica social, inclusive, respondendo a como outros discursos são constituídos.

Note-se que a perspectiva bakhtiniana de poesia responderá a estes dois pontos de vista conforme compreenda que a poesia seja forma genérica inscrita nas tendências discursivas unificadoras da linguagem e que, portanto, se distingue apenas das demais formas, porque se organiza sob condições históricas específicas<sup>95</sup>.

A reflexão antuniana a respeito da natureza/origem/singularidade da poesia desenvolve-se em consonância com o entendimento círculo-bakhtiniano de prática discursiva como forma que integre signo e uso, pensando nas diversas faces das interações verbais e sociais, o que permite perceber a prática discursiva como integradora de sentidos construídos a partir de experiências limites entre as mais variadas semioses<sup>96</sup>, tais: música, poesia, pensamento, dança, imagem, cheiro, sabor, consistência, etc., de maneira que estejam conjugadas “em experiências integrais, associadas a utilidades práticas, mágicas, curativas, religiosas, sexuais, guerreiras” (ANTUNES, 2017).

A poesia, nesse sentido, seria, para o autor, um “oásis”, onde se reconfortaria da perda da inocência da palavra, isto é, da relação polivalente e sinestésica entre palavra e mundo não submetida ao que se pode chamar de primado da referencialidade que ocasionou, de acordo com Antunes (2017), o fato das “palavras se desapegaram das coisas, assim como os olhos se desapegaram dos ouvidos, ou como a criação se desapegou da vida”, ou seja, o desapego entre mundo da cultura e mundo da vida, nos termos bakhtinianos.

Neste momento de sua reflexão sobre a origem da poesia, Antunes cita Bakhtin/Volochínov (2014, p. 134-135) quando o filósofo observa que “o homem pré-histórico usava uma mesma e única palavra para designar manifestações muito diversas,

---

<sup>95</sup> Cf. seção “Gêneros do discurso e autoridade poética” para maior esclarecimento desta questão.

<sup>96</sup> Note-se que, em Bakhtin/Volochínov (2014), há constantes exemplificações das particularidades discursivas recorrendo-se a formas não eminentemente verbais, como teatro, escultura e pintura. Em Bakhtin (2010) fala-se dos aspectos plásticos-pictóricos da composição discursiva.

que, do nosso ponto de vista, não apresentam nenhum elo entre si”. Tal asserção, o poeta associa à ideia de que a poesia, por permitir o contato direto com as coisas/mundo, extrapolando o estado de dicionário/referencialidade, caracteriza-se por “seus paradoxos, duplos sentidos, analogias e ambiguidades para gerar novas significações nos signos de sempre” (ANTUNES, 2017).

É interessante notar o entendimento que o poeta destaca da comunhão original mundo-palavra que a poesia pode revelar/impregnar/corporificar, especialmente, em formas sintéticas, telegráficas, por aproximarem “os nomes da própria existência — como se a fala não estivesse se referindo àquelas coisas, e sim as apresentando (ao mesmo tempo em que se apresenta)” (ANTUNES, 2017)<sup>97</sup>. O trânsito da palavra poética por outros lugares que não o poético e vice-versa caracteriza o ponto de vista das formas como Antunes concretiza a sua prática artística e cultural. Veja-se que o autor explica que:

Foi por me sentir genuinamente desidentificado com qualquer sentimento nacionalista ou patriótico, ou com qualquer espécie de regionalismo, que escrevi e cantei coisas como: "Não sou brasileiro, não sou estrangeiro / Não sou de nenhum lugar, sou de lugar nenhum, sou de lugar nenhum / Não sou de São Paulo, não sou japonês / Não sou carioca, não sou português / Não sou de Brasília, não sou do Brasil / Nenhuma pátria me pariu", ou "Riquezas são diferenças", ou "Aqui somos mestiços mulatos cafuzos pardos mamelucos sararás crilouros guaranisseis e judárabes / Orientupis orientupis / Ameriquítalos luso nipo caboclos / Orientupis orientupis / Iberibárbaros indo ciganagôs / Somos o que somos, / Inclassificáveis, inclassificáveis" (ANTUNES, 2017).

Em uma poesia intitulada “cultura” (epígrafe deste capítulo), Arnaldo Antunes desenvolve um jogo de metáforas e antíteses, associando noções estranhas como estágios em evolução de dado fenômeno, o qual definirá cultura, sintetizada na imagem de uma bactéria num meio. Tal imagem será importante, nesta discussão, porque permite sua relação com o entendimento de cultura sob a perspectiva bakhtiniana, segundo a qual, ela seria um evento cuja a organização estaria fundada, através da interação entre as diversas formas de práticas sociais específicas das chamadas esferas cognitivas, éticas e estéticas (BAKHTIN, 2014)<sup>98</sup>.

<sup>97</sup> Esse procedimento e valor arrolados são os mesmos que Arnaldo destaca quando trata da poesia de Augusto de Campos, que, antes que se concentrar no dizer, procura “realizá-lo [o indizível] através da linguagem” (ANTUNES, 2017). A identificação entre dizer (referencialidade – pode-se dizer: abstração do uso) e interagir (pode-se dizer: reconhecer o sentido a partir da prática concreta) decorre da particularidade que a poesia pode assumir como lugar de encontro/confronto de pontos de vista particulares de esferas discursivas distintas. É o que ocorre em “n. d. a.”.

<sup>98</sup> Bakhtin (2011, p. 128) destaca que o ato cognitivo se inscreve “no mundo de objetivos estritamente práticos, de valores políticos e sociais, de significação cognitiva”. Já os estéticos, em “atos de criação ou percepção artísticos”. Por fim, os éticos, “no campo propriamente moral, no mundo dos valores estritamente éticos na relação imediata com o bem e mal”. A reciprocidade constitutiva entre as esferas ética, cognitiva e estética desenvolve-se através do que Bakhtin (2014, p. 29) denomina de

Cultura, portanto, é entendida como um ato humano concreto cujo sentido se estabelece por estar no limite dos diversos modos de articulação contraditória entre esferas ideológicas de criação. Logo, a imagem de um ser/evento em (trans)mutação como princípio fundador das práticas culturais explica a particularidade de práticas discursivas serem singularizadas pela tensão entre sentidos estáveis de domínios específicos, quando postos em confronto em situações limites de interação verbal e social. Tanto Bakhtin quanto Arnaldo Antunes, em suas obras, tratam detidamente de tal questão.

Logo, todo ato cultural é um ato não limitado a fronteiras, está no limite de vários lugares não pertencendo exclusivamente a algum deles, mas participando ativa e ubiquamente de todos. Esses ativismo e ubiquidade fundamentam a ideia de apatriotismo/não universalismo e inclassificabilidade apontadas acima. Tanto esta como aquela são possíveis graças ao reconhecimento da unidade da cultura. Por isso, alguns críticos artísticos observam que Antunes incorpora um dos objetivos oswaldianos que era imprimir na cultura um olhar de estranheza, ou seja, pode-se dizer, de descanonização. O próprio poeta destaca suas influências e entendimento de cultura nos seguintes termos:

Eu me interesso pelo Modernismo de 22, especialmente o de Oswald, por João Cabral de Mello Neto, que nos anos 40 foi o mais representativo, como Guimarães Rosa foi a nível de prosa. E o concretismo, que considero uma das coisas mais vigorosas que aconteceram neste século na literatura brasileira. Abriu perspectivas que não se tinha até então, foi responsável por uma série de coisas de importância inegável, como a visualidade, o pensamento menos discursivo, verborrágico, a busca do sintético, da materialização da palavra enquanto tal. Bebi de outras fontes também, li muita poesia beat. Tem caras que fazem hoje uma produção interessante retomando o verso que passou pelo não-verso da poesia concreta, como Paulo Leminski e Regis Bonvicino. Meu livro tem isso, uma sintonia com diversas coisas, mas sem se filiar a nenhum movimento. A cultura convive hoje com diferenças, a novidade aponta pra muitos lados. Não acredito numa crença estética dirigida ao futuro num sentido unívoco (MANSUR, in: ANTUNES, 2017).

Enfim, Arnaldo Antunes define poesia como risco. Em suas palavras: “sem dúvida. Poesia é aventura e risco. Objeto de linguagem para mexer com sentimentos estabelecidos, cristalizados. Trabalhar linguagem é trabalhar conteúdo. No meu caso, remexer em uma ideia é uma obsessão”. (DAFFARA e KEBIAN, in: ANTUNES, 2017). E quando é questionado sobre o que seria o poético responde o seguinte: “esta pergunta já foi respondida por vários poetas e de muitas formas. Mas a minha preferida é a

---

“sistematismo concreto de cada fenômeno cultural, de cada ato cultural isolado, de sua participação autônoma ou autonomia participante”. Aqui, a experiência cultural é entendida na sua particularidade tensa, explicada pela condição de limite entre pontos de vista, o que se opõe à ideia de cultura como abstração e simplificação das práticas sociais, ou seja, como fato, que se desenvolve linear e pacificamente. Em outras palavras, as práticas culturais são polêmicas como a ação de uma bactéria.

definição de Ezra Pound: poético é a ‘linguagem carregada de sentido em seu grau máximo’" (DAFFARA e KEBIAN, in: ANTUNES, 2017).

#### 4. 3 DIÁLOGO ENTRE O CÍRCULO DE BAKHTIN E ARNALDO ANTUNES

As próprias palavras de Arnaldo Antunes já estabeleceram o diálogo com Bakhtin, sobretudo, quando aquele cita este, a partir do livro de Bakhtin/Volochínov (2014). O ponto de contato entre si dá-se justamente no entendimento de que a linguagem e poesia se organizam enquanto práticas sociais que lidam com a necessidade do ser humano de dar sentido ao mundo motivada pelas contradições das relações sociais. Daí a citação que Antunes faz recai precisamente na questão da (im)possibilidade de estabelecimento de uma relação unívoca correspondente entre linguagem e mundo.

Ao fazer a crítica desta impossibilidade, o poeta reconhece a especificidade ambivalente do uso discursivo, do mesmo modo que o filósofo observa que as relações dialógicas são constitutivas dos sentidos sobre o mundo.

Ora, por conta disso, entrevê-se como ponto em comum das performances círculo-bakhtinianas e antunianas o fato de se conceber a arte, bem como toda a atividade humana como processo e não produto e, como tal, apenas fazendo sentido na medida em que dialogam com outras formas de produção semiótica. Também é ponto em comum conceberem a atividade artística enquanto forma ativa de explicação/construção do mundo em toda sua contradição, isto é, não somente uma forma de contemplação/representação do sublime do mundo.

A respeito disso, Bakhtin/Volochínov (2014, p. 159) destaca que “o discurso literário transmite com muito mais sutileza que os outros todas as transformações na interiorização socioverbal”, ou seja, está mais sensível às particularidades constitutivas do mundo da relação “eu-tu” num tempo e lugar determinados, que outras formas discursivas. Em Bakhtin (2010, p. 124), no mesmo sentido, destaca-se que:

Para dar uma ideia preliminar de uma tal arquitetônica concreta, – de ordem valorativa – arquitetônica que se compõe de objetos reais em inter-relação real, que se dispõem ao redor de um centro concreto de valores – analisaremos aqui o mundo da visão estética, o mundo da arte – que com sua concretude e impregnação de tons emotivo-volitivos é, de todos os mundos (no seu isolamento) culturais abstratos, o mais próximo ao mundo unitário e único do ato<sup>99</sup>.

---

<sup>99</sup> Que se frise que este ato é aquele responsável pelo outro numa situação histórica determinada, que se constitui de acordo com sua relação com as diversas esferas ideológicas, cuja verdade/valor é menos a da universalidade que a do evento concreto, irrepetível e axiologizado.



Assim, pode-se dizer que o que Antunes expõe como uma atividade multiorientada, seja para a música, arte visual, etc., que está imbricada pela intersecção com outros meios, midiáticos, populares, eruditos exigindo uma atuação artística híbrida avizinha-se do que o círculo de Bakhtin propõe como análise translinguística/dialógica que se concentra justamente no que se constitui ideologicamente nas fronteiras entre diversas esferas heterogêneas. Nesse ponto, a relação fundante entre a tradição e a subversão de cânones, é relevante. Tanto Antunes com seu interesse desconstrutor inclassificável, quanto a perspectiva dialógica com sua postura pautada pelo reconhecimento da inconclusibilidade das relações ideológicas vislumbram a constitutividade das práticas discursivas como fenômeno que se delinea conforme transite entre diversas esferas retomando sentidos, ao mesmo tempo em que os transforma<sup>100</sup>.

Nesse sentido, a poesia de “n. d. a.” caracteriza-se pelo deslocamento/diálogo de sentido e formas entre modos poéticos contra-hegemônicos, a partir da mistura/constitutividade entre formas semióticas diversas, como a verbo-visual, e registros, como o popular e o erudito, além de gêneros, como o poético, o publicitário, etc. A partir daí, compreende-se o valor ideológico e humano que tem o entendimento de que toda atividade pode ser artística, conforme emerja de uma entrega, ou seja, constitua-se de um ato autêntico, comprometido com as diversas esferas de atuação humana – cognitiva, estética e ética. Quando se trata da reificação discursiva como uma maneira de se excluir das relações discursivas as práticas concretas, de certa forma, se está tratado do impedimento de entrega do sujeito a dada atividade autenticamente humana, ou seja, comprometida com a unidade da cultura.

Este impedimento se realizaria na medida em que uma dimensão cultural (ética, estética, cognitiva, presentes nas esferas midiáticas, artísticas, acadêmicas, de consumo, etc.) estivesse se sobrepondo e obliterando as demais<sup>101</sup>, o que, dada as particularidades da ordem produtiva vigente, ocorre por força das dimensões, que de um modo ou de outro, reiteram uma lógica de cultura de massa e/ou de consumo. Enfim, o

---

<sup>100</sup> A respeito do entendimento dessa relação, que é de tensão entre estabilidade e instabilidade de sentidos, na perspectiva dialógica, cf. o primeiro capítulo, na seção “Concepção de linguagem sob a perspectiva dialógica”, onde se trata dos conceitos de tema e significação, inclusive, no que eles têm de iterabilidade.

<sup>101</sup> Aqui, haveria a ação das tendências monovalentes das formas de interação verbal e social. Cf. o capítulo anterior, na seção “Análise Dialógica do Discurso” e o primeiro, na seção “Concepção de linguagem sob a perspectiva dialógica”, onde se discute este problema da monovalência. Pode-se dizer que a lógica neoliberal seria uma força monovalente porque tenta reduzir todas as outras dimensões da cultura às vicissitudes dos imperativos de consumo e mercado.

diálogo entre Antunes e Bakhtin desenvolve-se de acordo com a ideia de que o uso discursivo poético está comprometido com outros usos sociais e nesse comprometimento se fundam as relações transformadoras que o discurso pode assumir.

Embora se tenha apresentado até agora as coincidências ente os autores, algumas contradições podem ser percebidas também nesse diálogo, principalmente, quando se tenta reservar à poesia um lugar original, superior em detrimento das outras formas genéricas.

A poesia organiza-se, certamente, de acordo com as situações históricas, bem como qualquer outro gênero. Neste caso, se é verdade que o romance, de acordo com Bakhtin (2014), seja uma forma recente, nascida na era da escrita, não é menos verdade que isto se deva mais a acidentes históricos que a privilégios essenciais que por ventura venha a ter algum gênero. Não há nada nas passagens teóricas e analíticas círculo-bakhtinianas que justifiquem uma anterioridade ou supremacia qualitativa da poesia sobre outros gêneros, pelo contrário, em sendo a perspectiva dialógica uma perspectiva histórica, no sentido de perceber seus objetos e métodos situados *hic et nunc*, não há espaço para considerações de caráter transcendental<sup>102</sup>.

O mesmo ocorre quando se entrevê nas passagens acima de Antunes a referência a uma característica da poesia como modo de encerrar o grau máximo de sentidos possíveis numa forma. De fato, o gênero poético, conforme a perspectiva dialógica, é apenas mais um gênero dentre os demais que respondem a particularidades genéricas gerais, bem como se inscreve singularmente em relação com os outros dada sua história específica.

Certamente, de acordo com Tezza (2003, p. 56-7):

Definir “poesia” com algum rigor é dessas tarefas que, uma vez colocadas, parecem condenadas *a priori* ao fracasso não tanto pelo objeto em si, mas pelo esmagador acúmulo de história que obrigatoriamente se apresenta, o que exigirá um desdobramento metodológico (com suas variedades) que dificilmente chegaria a algum fim – ou a um princípio. As escolhas teriam de ser tantas e tais, que no máximo poderíamos chegar, instavelmente, a alguma poesia, ou a um modelo que, definido, excluiria a multidão dos outros, um pecado que parece fazer parte da natureza das vanguardas. A própria ideia de que poesia possa ser definida – e certamente pode, como qualquer outro objeto de cultura – já implica, é claro, uma moldura teórica, um pressuposto estético e daí por diante.

---

<sup>102</sup> É possível, inclusive, vislumbrar a crítica de tendências individualistas subjetivistas que explicam as práticas sociais, na obra círculo-bakhtiniana. Note-se, também, que essa historicidade do gênero importará, nesta pesquisa, porque desassocia a ideia de autoridade poética de qualquer entendimento de superioridade em relação às demais autoridades discursivas. Sobre questões concernentes à autoridade poética e ao gênero do discurso, cf. próxima seção.

É certo também que Antunes não está fazendo ciência no sentido rigoroso do termo e nem Bakhtin estava fazendo ensaio literário, motivo pelo qual as conclusões aqui devem ser amainadas. No entanto, ambos estão manifestando-se culturalmente e dialogando através da unidade das reações dialógicas que fazem ecoar e encontrarem-se diversos enunciados e posições ideológicas.

Nesse sentido, quando a obra círculo-bakhtiniana faz frente contra os pressupostos formalistas e idealistas que tratam a poesia como suprassumo das atividades discursivas, ela acaba por tangenciar qualquer discurso que ecoe esses pressupostos. Não dizendo que Antunes compartilhe com esses ideais, pode-se entrever, nas passagens acima, animadas (por críticos e pelo próprio autor) em função de sua obra, uma polêmica a respeito do problema das origens da poesia, sobretudo, quando para resolvê-lo, vale-se de imagens da poesia como forma pura, misteriosa, irracional, autossuficiente, sagrada<sup>103</sup>. Essa imagem, como se verá, a seguir, não se sustenta quando se trata a poesia enquanto prática discursiva histórica.

Em suma, é evidente que, por conta da especificidade do objeto desta pesquisa, refletir sobre a constitutividade discursiva da poesia é indispensável. E, por conta da característica da perspectiva dialógica dos estudos do discurso de perscrutar os vieses ideológicos de dado fenômeno, compreendê-la enquanto gênero é o caminho a se tomar para essa reflexão. Assim, a próxima seção tratará da noção de gênero do discurso e sobre qual particularidade o poético se assume segundo a ótica bakhtiniana.

#### 4. 4 GÊNEROS DO DISCURSO E AUTORIDADE POÉTICA

A primeira consideração que Bakhtin (2011) faz no texto sobre os gêneros do discurso consiste na observação de que cada um deles está ligado a singularidades de uma esfera ideológica. Nesse sentido, destaca que os enunciados – que constituem os gêneros, ao ponto de confundir-se com eles – “refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo” (BAKHTIN, 2011, p. 263) e que cada esfera/campo estabelece formas rotineiras, relativamente estáveis, de interação social e verbal. Essa relação entre gênero e esfera discursiva define-se, na medida em que:

---

<sup>103</sup> Todas essas imagens são citadas por Bakhtin (2014; 2011) na definição das singularidades poéticas, embora não as admita como verdadeiras, recorrendo a elas para corroborar a relação que se estabelece entre a atividade autoral e interlocutora sob a confiança em que o autor do discurso poético tem autoridade para proferi-lo. Cf. a próxima seção, que trata dessas questões e a seção “Concepção de linguagem sob a perspectiva dialógica”, no primeiro capítulo, onde se discutiu (veja, especialmente, a nota 10) o entendimento de autoria.

A riqueza e a diversidade dos gêneros são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se complexifica um determinado campo.

Vê-se que, quanto mais complexas forem as formas de organização das práticas sociais, mais complexas serão as práticas discursivas que respondem a elas. Assim, a heterogeneidade do gênero está associada ao fato de que os gêneros discursivos estão orientados para as “condições da comunicação discursiva imediata” (BAKHTIN, 2011, p. 263). O que, por sua vez, delinea-se de acordo com a relação entre enunciados concretos e as experiências de vida/interações sociais. Conforme Bakhtin (2011, p. 265), “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados que a vida entra na língua”<sup>104</sup>. Um corolário dessa relação é que “os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2011, p. 268).

O imbricamento entre práticas discursivas, relações sociais e experiências de vida é mediado pelas contradições ideológicas que constituem cada uma delas. Esse imbricamento dá o tom histórico à noção de gênero. De fato, a relação da linguagem com a ideologia (re)constrói os diversos sentidos do mundo. Em o signo linguístico sendo ideológico, e, por isso mesmo, contraditório e transitório, as formas discursivas também estão orientadas segundo as particularidades rotineiras e institucionalizadas das diversas práticas sociais organizadas.

Morson e Emerson (2014) destacam que os sujeitos em situações de fala não apenas se utilizam de dadas formas padrões de uso da linguagem, como, também, decisivamente, na enunciação concreta, estes sujeitos modificam a consciência social que possuem destas formas, a responder a pressões contínuas de determinadas atividades sociais. E, “assim como as pressões mudam, mudam também as modificações; quanto mais disseminadas e duradouras forem as pressões, mais geralmente compartilhadas serão as modificações” (MORSON; EMERSON, 2014, p. 178), de modo que estas

---

<sup>104</sup> Em geral, os estudos sobre gênero, sob a perspectiva bakhtiniana, destacam a questão de sua organização temática – que indicia um conteúdo referencial; estilística – que corresponde à posição axiológica do sujeito; e composicional – que determina os limites estruturais. Esse entendimento é, de fato, um interesse de Bakhtin (2011). No entanto, outro grande destaque que o filósofo faz diz respeito ao problema da relação entre gênero e vida, como se percebe com a asserção acima. Nesse sentido, é que Bakhtin (2011) desenvolve seu estudo sobre gêneros no que toca ao tema, estilo e composição, para confirmar que esta unidade está orientada para as condições multiformes das atividades humanas.

“modificações costumam ‘cristalizar-se’ repetidamente em estilos distintos [...]” (MORSON; EMERSON, 2014, p. 178).

Portanto, as formas discursivas, enquanto signos ideológicos conformados segundo tendências fundantes de atividades sociais relativamente estabilizadas, estão sensíveis às diversas mudanças sociais. São, pois, “um excelente documento dessa mudança” (MORSON; EMERSON, 2014, p. 166).

Os gêneros do discurso delineiam-se enquanto uma relação constitutiva entre condições de produção, estrutura sociopolítica, comunicação verbal (e multimodal) e atos de fala. Nesse sentido, Bakhtin/Volochínov (2014, p. 43) destaca que “formas de interação verbal acham-se muito estreitamente vinculadas às condições de uma situação social dada e reagem de maneira muito sensível a todas as flutuações da atmosfera social”. Isto, porque:

As relações de produção e a estrutura sócio-política que delas diretamente deriva determinam todos os contatos verbais possíveis entre indivíduos, todas as formas e os meios de comunicação verbal: no trabalho, na vida política, na criação ideológica. Por sua vez, das condições, formas e tipos da comunicação verbal derivam tanto as formas como os temas dos atos de fala (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 43)

Por conseguinte, Bakhtin/Volochínov (2014, p. 202) situa sua perspectiva de estudo no caminho da “reflexão da evolução social da palavra na própria palavra”, na vertente da “história da palavra na palavra”. Esta perspectiva, com efeito, orienta-se, particularmente, pelo estudo do discurso, enquanto refração da manifestação essencial da língua nas estruturas da própria língua (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 202). Uma especificidade do discurso caracteriza-se no sentido de responsabilização pelo que diz (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 203), o que se pode compreender como a orientação dialógico-ideológica de um enunciado concreto, relativamente estável, sem o que o destino dele mesmo terá fim na “reificação da palavra, como uma deterioração do valor temático da palavra” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 203), isto é, a perda do horizonte concreto de uso discursivo, um fundamento dialógico do discurso.

Contra este destino massificado da história da palavra, conseqüentemente, da história do ser humano, volta-se o estudo das “novas formas de comunicação socioverbal, de interação verbal dos falantes e todo um novo mundo de interação verbal e de entoações sociais” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 197). Conforme esteja a enunciação orientada socioideologicamente, a compreensão da história da palavra, nos termos de

Bakhtin/Volochínov (2014), define-se pela compreensão da constitutividade da dinâmica social, tanto num contexto<sup>105</sup> mais amplo, quanto na situação mais imediata, do discurso.

Essa compreensão não perde de seu horizonte o fato de que “as vicissitudes da enunciação e da personalidade do falante na língua refletem as vicissitudes sociais da interação verbal, isto é, da comunicação ideológica verbal nas suas tendências principais” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 201). Isto, por força da particularidade dialética do discurso, de cuja realização se depreende não palavras abstratas, mas posicionamentos sociais, ou seja, conteúdos ideológicos (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 99), que se constroem na luta ininterrupta de forças sociais contraditórias, uma vez que “a palavra é a arena onde se confrontam os valores sociais contraditórios; os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior mesmo do sistema” (YAGUELLO, in: BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 14).

Enfim, uma forma linguística tem origem histórica, isto é, possui condições históricas indispensáveis ao seu desenvolvimento (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 192) e as transformações discursivas, segundo Bakhtin/Volochínov (2014, p. 196), tem relação com:

A evolução da língua, [como] um elemento da evolução da comunicação social, inseparável dessa comunicação e de suas bases materiais. A base material determina a estratificação da sociedade, sua estrutura sociopolítica, e distribui hierarquicamente os indivíduos que nela se encontram em relação de interação. Tais são os fatores que geram o lugar, o momento, as condições, as formas, os meios da comunicação verbal.

Certamente, Bakhtin (2011) situa o estudo dos gêneros em oposição a modelos que tratam de práticas discursivas a despeito da complexidade ambivalente das interações concretas, a qual é posta em segundo plano pela ideia de que o enunciado satisfaz, sobretudo, apenas às necessidades do objeto, ou a do enunciadador. Nestes modelos, com efeito, são negligenciadas as particularidades do fato de que cada enunciado está organizado em função da tensão com enunciados alheios. É por isso que:

Até hoje ainda existem na linguística ficções como o “ouvinte” e o “entendedor” (parceiros do falante, do fluxo único da fala, etc.). Tais ficções dão uma noção absolutamente deturpada do processo complexo e amplamente ativo da comunicação discursiva, [pois] sugere-se um esquema de processos ativos de discurso no falante e de respectivos processos passivos de recepção e compreensão do discurso no ouvinte. [Desconsidera-se o fato de que] o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o início, às vezes literalmente a

<sup>105</sup> A respeito da noção de contexto, sob a perspectiva dialógica, cf. a seção “Linguística Aplicada, Estudos Críticos da Linguagem e a Análise Dialógica do Discurso”, no cap. primeiro.

partir da primeira fala do falante [...]. O ouvinte se torna falante (BAKHTIN, 2011, p. 271).

As particularidades da constituição do gênero implicam que o enunciado nas diversas esferas ideológicas da atividade humana e da vida dependem “das diversas funções da linguagem e das diferentes condições e situações de comunicação” (BAKHTIN, 2011, p. 275). Os gêneros discursivos, dessa forma, organizam-se através de participações autorais, corporificadas pelas alternâncias de enunciados que projetam e tendem para:

A ativa compreensão responsiva, que pode assumir diferentes formas: influência educativa sobre leitores, sobre suas convicções, respostas críticas, influência sobre seguidores e continuadores; ela determina as posições responsivas dos outros nas complexas condições da comunicação discursiva de um dado campo da cultura (BAKHTIN, 2011, p. 279).

De fato, a alternância entre sujeitos sempre em posição autoral; orientação para atitudes responsivas; e a estruturação em formas típicas estáveis são as principais características dos gêneros discursivos. Assim, as formas genéricas, nas quais se moldam as práticas discursivas, em sua diversidade são determinadas em função da situação, posição social e relações pessoais “de reciprocidade entre os participantes da comunicação: há formas elevadas, rigorosamente oficiais e respeitosas desses gêneros, paralelamente a formas familiares, e além disso de diversos graus de familiaridade, e formas íntimas” (BAKHTIN, 2011, p. 283).

Bakhtin (2011, p. 284) observa que “os gêneros, particularmente os elevados, oficiais, possuem um alto grau de estabilidade e coação”, destacando que “o uso criativamente livre não é uma nova criação de gênero – é preciso dominar bem os gêneros para empregá-los livremente” (BAKHTIN, 2011, p. 284). Vê-se, aí, então a importância da, por assim dizer, *archaica* tradicional para o engendramento de atos transformadores. A normatização criativa é uma forma constitutiva dos gêneros do discurso e é, nesse sentido, que se pensa a questão de sua tipicidade relativamente estável.

É por isso que, embora se reconheça que tenham caráter normativo, os gêneros possuem extrema heterogeneidade “no tocante à construção composicional e particularmente à sua dimensão (a extensão do discurso) – da réplica monovocal ao grande romance” (BAKHTIN, 2011, p. 286). Tal heterogeneidade está associada à especificidade congênere dos enunciados com outros enunciados pelo tema (conteúdo semântico), estilo (escolhas personalizadas), e composição (organização textual). Destaque-se que:

Em cada época, em cada círculo social, em cada micromundo familiar, de amigos e conhecidos, de colegas, em que o homem cresce e vive, sempre existem enunciados investidos de autoridade que dão o tom, como as obras de arte, ciência, jornalismo político, nas quais as pessoas se baseiam<sup>106</sup>, as quais elas citam, imitam, seguem. Em cada época e em todos os campos da vida e da atividade, existem determinadas tradições, expressas e conservadas em vestes verbalizadas: em obras, enunciados, sentenças, etc. sempre existem essas ou aquelas ideias determinantes dos “senhores do pensamento” de uma época verbalmente expressas, algumas tarefas fundamentais, lemas, etc.

Nesse sentido, há uma interconstitutividade entre os gêneros em função de suas transformações/vicissitudes históricas, de maneira que a evolução dos gêneros responde, intimamente, ao fato de que, em cada época da evolução de dado gênero, as orientações são estabelecidas em consonância com outros gêneros, de maneira que os gêneros, pode-se dizer, são formas criativas típicas/estáveis de enunciados semelhantes em sua herança/memória transitória discursiva.

Por isso, deve-se reconhecer que é uma forma de ação concreta, ou seja, historicamente, situada. De fato, os gêneros indiciam modos rotineiros, autorizados e criativos, de interação social e verbal, pois eles “correspondem a situações típicas da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2011, p. 293), são, enfim, um ponto de contato das práticas sociais com as condições de uma disposição/contingência histórica, organizado num material discursivo.

Por conseguinte, a particularidade básica das formas dos gêneros discursivos de estar orientada para uma alteridade responsivamente ativa é dimensionada pela ideia de que existe um destinatário, pretendido, típico, com pontos de vista (axiologias), modos de discursos e agir estabilizados, no sentido de que cada enunciado tem um autor e destinatário que pode ser, de acordo com Bakhtin (2011, p. 301):

Um participante-interlocutor direto do diálogo cotidiano, pode ser uma coletividade diferenciada de especialistas de algum campo especial da comunicação cultural, pode ser um público mais ou menos diferenciado, um povo, os contemporâneos, os correligionários, os adversários, e inimigos, o subordinado, o chefe, um inferior, um superior, uma pessoa íntima, um estranho, etc.; ele também pode ser um outro totalmente indefinido, não concretizado (em toda sorte de enunciados monológicos de tipo emocional). Todas essas modalidades e concepções do destinatário são determinadas pelo campo da atividade humana e da vida a que tal enunciado se refere. A quem se destina o enunciado, como o falante (ou o que escreve) percebe e representa para si os seus destinatários, qual é a força e a influência deles no enunciado – disto dependem tanto a composição quanto, particularmente, o estilo do enunciado .

---

<sup>106</sup> Essa base, na qual as pessoas se apoiam, é uma forma de autoridade social, que permite a criativa repetição-não repetição das formas típicas genéricas de interação discursiva (gêneros do discurso). É assim que a perspectiva dialógica compreende a autoridade discursiva e é assim que se compreende a noção de autoridade poética. Esta questão é fundamental para esta dissertação.



Enfim, a concepção típica do destinatário determina os gêneros discursivos, na medida em que “a escolha de todos os recursos linguísticos é feita pelo falante sob maior ou menor influência do destinatário e da sua resposta antecipada” (BAKHTIN, 2011, p. 306). Esta última observação que Bakhtin (2011) faz em seu texto sobre os gêneros do discurso consolida a sua primeira, que, inclusive, está em todas as questões abordadas para a definição de gênero, que é sua vinculação/estruturação com esferas ideológicas.

É com esta concepção de gênero, enquanto fenômeno cultural que indicia modos de interação social e verbal que responde a particularidades, transformações, vicissitudes, contingências, contradições, específicas de determinadas esferas ideológicas, que se vislumbrará a noção de gênero poético, de acordo com a perspectiva dialógica de análise do discurso.

Desse modo, uma das especificidades a que os gêneros poéticos estão associados, segundo essa perspectiva, é que eles respondem como qualquer outro gênero às tendências sociais das práticas discursivas. Essa resposta dos gêneros, sempre, orienta-se em função das especificidades de outros gêneros e das práticas sociais e condições históricas nas quais eles se inscrevem. Nesse sentido, “pressupõe-se um lugar da poesia e da prosa como formas substancialmente diferenciadas de apropriação da linguagem” (TEZZA, 2006, p. 235), cabendo aquela o que, nesta perspectiva, se chama por autoridade poética que consiste no ato de chamar a si (a voz autoral) “a responsabilidade total de cada uma de suas palavras” (TEZZA, 2006, p. 247), como forma de apropriação das possibilidades das forças unificadoras das práticas discursivas. Tezza (2006, p. 247) aponta a seguinte imagem para descrever essa especificidade: a do poeta cuja voz se anuncia de um púlpito.

Pode-se compreender, a partir dessa metáfora que a prática discursiva concentrada no discurso poético se orienta pela assunção de atitudes que implicam uma circunstância discursiva, através da qual os sujeitos envolvidos (autor/herói) agem como se o discurso estivesse num estado de indubitabilidade, isto é, sob um acordo de confiança pautado na credibilidade do autor.

Deve-se notar que esse “discurso indubitável” (TEZZA, 2006, p. 247) não pretende ser “realmente” inquestionável, nem que não participe de relações dialógicas (por isso, nunca será dialogicamente inquestionável), ou que tenha algo, inexoravelmente, de universal, essencial, transcendental que faça dele uma voz etérea. Absolutamente.

O que se pretende com esta constatação é apontar uma relação discursiva particularizada pela aceitação da legitimidade/autoridade do que se diz e de quem diz. Em outras palavras, as práticas discursivas poéticas tendem para um acordo entre autor e heróis (personagens e destinatários) que garante ao poeta que sua palavra seja assumida solidariamente, de maneira que nenhuma palavra seja questionada como em contradição com outra palavra sua (o que seria a marca da prosa, enquanto discurso posto sempre a prova, por estar em contradição consigo mesmo)<sup>107</sup>.

Veja-se que este entendimento é decorrência do entendimento de prosa, que Bakhtin, em suas obras, associa às forças descentralizadoras do discurso, isto é, que implicam a heterogeneidade de vozes alheias em conflito na própria voz do autor (o que não ocorre segundo a tendência poética, marcada pela concentração/sobreposição da voz autoral em relação às demais). Isto está, profundamente, imbricado com as referências que o filósofo russo fez, em geral, à poesia.

Essa situação se caracteriza conforme a necessidade de se delinear os limites da prosa como resposta às críticas que se lhe faziam como obra menor por não se identificar com as características da poesia. No empreendimento de colocar no lugar o que era, de fato, constitutivo para a prosa, o filósofo estabeleceu um conjunto de problemas para os quais a prosa respondia positivamente.

A contrapartida foi comparar os dois comportamentos – o poético e o prosaico. Assim, quando se percebeu que os gêneros prosaicos, advindos da forma romanesca, são gêneros novos, nascidos, inclusive, no primado da escrita<sup>108</sup> (como fenômeno unificador dos acentos sociais, diferentemente da oralidade), tinham a especificidade de apresentarem um discurso tenso, conflitivo, evasivo, reticente,

---

<sup>107</sup> Embora a poesia seja descrita como um gênero monológico, isto não significa que seja, essencialmente, reacionário (cf., a respeito, no segundo capítulo, na seção “Poesia e prosa”), nem que não participe das relações gerais dialógicas.

<sup>108</sup> De acordo com Tezza (2006, p. 245), “a palavra escrita – a escrita em geral – tem sido ao longo dos séculos a expressão mais acabada da autoridade, a sua consolidação histórica. A história da escrita é também a história da dominação, do controle religioso e jurídico sobre os homens, de todas as formas de sacramento do poder político. A escrita tem um prestígio que nem remotamente o mundo da oralidade sonha ter. A escrita, a partir do próprio sentido de unificação da linguagem que ela exige, tem sido por excelência o espaço da ‘centralização da linguagem’ de que nos fala Bakhtin. As forças centrípetas da linguagem giram todas em torno da escrita e de suas formas de manutenção unitária, dos bancos escolares à letra da lei. O texto escrito parece que carrega consigo, por osmose, por memória milenar, o peso da verdade. A ideia de permanência, de eternidade e de transcendência que a escrita evoca lembra também a gravidade de suas formas; mais que isso, a evocação da autoridade”.

ambivalente<sup>109</sup>; a poesia<sup>110</sup> se apresentou como um discurso não ambivalente (composicionalmente, que não se esqueça, já que a poesia também se constitui do dialogismo comum a todas as práticas discursivas).

Logo, as caracterizações sobre poesia disseminadas na obra de Bakhtin estão todas enviesadas pela compreensão que seu duplo prosaico tem de dada particularidade. É desse modo que a noção de autoridade poética é delineada, na medida em que se estabelece como contraparte do modo característico da prosa desautorizado, questionado, fragmentado, escuso, enfraquecido, ambivalente, distanciado dos acentos postos no enunciado, na relação entre autor e herói.

Tezza (2006, p. 235) destaca que o conceito dialógico de poesia apenas fará sentido com relação ao conceito de prosa, que se sustenta de acordo com seu avizinhamo com as formas polifônicas, definidas enquanto “as vozes que ressoam no texto [que] não se sujeitam a um narrador centralizante; elas relacionam-se umas às outras em ‘condições de igualdade’”. De fato, a polifonia, está impregnada da, conforme Tezza (2006, p. 236):

Expressão de uma literatura cujo centro estava exatamente na ideia do “não-acabamento” do homem em oposição aos gêneros épicos, expressões justamente do “homem finalizado”, no tempo e espaço. Nela, nenhuma palavra é última palavra, é carregada de diálogo, parte integrante e inseparável de todas as outras vozes. Ocorre, inauguralmente, na dimensão democrática da estrutura romanesca.

É justamente nesse ponto da compreensão das formas prosaicas que tocam na ideia de “democratização” da relação entre vozes autorais e heroicas que se (mal) compreendeu a forma poética dialógica autoritária<sup>111</sup>, assim, “o que era, por princípio, a definição técnica de um gênero passou discretamente a ser entendido como um valor

<sup>109</sup> Cf. o capítulo anterior, na seção “Análise Dialógica do Discurso”, a respeito de como essas especificidades prosaicas determinam a constituição da ambivalência discursiva, especialmente, quando se trata dos aspectos composicionais sobre que Bakhtin (2015) e Bakhtin/Volochínov (2014) se debruçam.

<sup>110</sup> É importante não desconsiderar que as asserções bakhtinianas sobre poesia concentram-se numa noção clássica/tradicional de poesia e é somente sobre essa noção que se deve explicar, radicalmente, essas características. Sabendo disso, ao analisar as diversas formas que a poesia assumiu, socialmente, se deve vislumbrar que outras tradições compõem os gêneros poéticos, por isso, quando se fala em poesia, na perspectiva dialógica, se pretende situar uma tendência a que os diversos modos de discursos poéticos respondem, historicamente; e não a criação de uma forma canônica. Vale lembrar que tendência para Bakhtin (2015, p. 215) define-se “como propensão ao limite que não se atinge”. Isto reforça a ideia de que os limites dialógicos estão dispostos num tenso *continuum*.

<sup>111</sup> É interessante notar que este epíteto é menos a forma adjetiva sintética do substantivo “autoritário” que a da locução “de/com autoridade, autorização”. Nesse sentido, o discurso poético seria aquele reconhecido pelos sujeitos envolvidos como advindo de uma situação de autoridade/legitimidade reconhecida socialmente que dispensam dúvidas sobre a garantia de autoria de quem diz sobre o que diz.

desejável na vida: nós devemos ser polifônicos”<sup>112</sup>. A poesia, estritamente, organiza-se em torno do *continuum* centralização-descentralização, onde a polifonia estaria nos limites descentralizadores e a autoridade poética nos centralizadores (tão somente dos acentos postos no texto, que se frise). O mal-estar do conceito dialógico de poesia, nesse sentido, é agravado pelo fato de que, de acordo com Tezza (2006, p. 237), “a palavra ‘dialógico’, um princípio constitutivo da linguagem ela-mesma, em todas as suas realizações, confundiu-se com ‘polifônico’”.

De fato, quanto à autoridade poética, o que ocorre é uma pretensão formal discursiva de autoridade, que está inserida na rede dialógica de forças em tensão pela centralização/descentralização acentual. Nada que contradissesse, ainda segundo Tezza (2006):

O positivo absoluto, que no imaginário contemporâneo contempla todas as manifestações de natureza, digamos, democrática; a recusa de uma última palavra, seria também o gesto político de aceitar todas as vozes como vozes equivalentes (o mito da igualdade). Ao princípio formal de constituição de um gênero discursivo deu-se uma extensão filosófica, política.

Portanto, a noção de autoridade é uma noção que versa sobre a composição de um gênero, que, inevitavelmente, responde a outras formas genéricas, o que no caso da poesia, está intimamente ligada às formas constitutivas da prosa. Assim, a especificação do gênero poético responde ao fato de que, de acordo com Tezza (2006, p. 241), “no evento do ser, na urgência irrecorrível da palavra cotidiana, a linguagem jamais é única, neutra, desinteressada ou repetível”. Enfim, responde, ao fato de que a unidade linguística é uma construção histórica e social e não um dado natural da linguagem, uma vez que é a:

Linguagem entendida necessariamente como o ponto de encontro e de choque de muitas linguagens e visões de mundo. Cada palavra é no mínimo duas palavras; e cada evento da linguagem é a atualização de uma relação de forças entre sujeitos históricos distintos (TEZZA, 2006, p. 238).

Sendo assim, as práticas discursivas desenvolveram formas para lidar com esta diversidade seja ora lhe explicitando as vicissitudes, numa forma descentralizadora; ora problematizando o valor de relações unificadoras/autorizadas, nas formas centralizadoras, como a da poesia. Então, a prosa, por um lado, conforme Tezza (2006, p.

---

<sup>112</sup> A polifonia romanesca se define pela relação entre as vozes discursivas caracterizadas pela constante provocação sobre a garantia de que a voz autoral seja inquestionavelmente assumida, somente, pelo autor, por isso serem suas formas ambivalentes, isto é, contraditoriamente, participantes tanto do discurso do herói como do autor, de uma forma tal que nem autor, nem herói se responsabilizam por ela, ambos não pretendendo solidarizar-se com as palavras dessas formas. Estas formas ficam, portanto, por assim dizer, em “deriva esquizofrênica autoral”, não sem motivo, pois a obra dostoiévskiana, de onde o conceito é maturado, é toda composta por heróis transtornados.

243-4) apresentaria a linguagem “relativizada, desprovida de autoridade [pois] o prosador é aquele que ‘passa a palavra’. É uma autoridade entre outras. Uma duplicidade de consciências, concordâncias e discordâncias, desconfiança”. Desse modo, ocorre uma abdicação da autoridade discursiva. Por conseguinte, segundo Tezza (2006, p. 244-5):

Pode-se dizer que entre o prosador e sua linguagem há a necessidade absoluta de distância – esse seria, para Bakhtin, o pressuposto indispensável da linguagem romanesca. Essa renúncia significa [que] o autor coloca o centro significante de sua linguagem na perspectiva do outro; é a perspectiva do outro que lhe interessa.

Por outro lado – e aí se tece a noção de autoridade poética –, a poesia organizaria formas que assumissem sua autoridade em relação à palavra que seria “passada” para o outro com a convicção de que ela não está posta em dúvida, é solidarizada integralmente pelo autor, postura a qual o herói/destinatário responderia com a mesma convicção. Desse modo, o gênero poético organizaria suas formas, de acordo com Tezza (2006, p 253), valendo-se de sua autoridade em relação tanto à “audiência concreta e social que crê, aceita e outorga ao poeta o seu direito de dizer”, quanto ao “imaginário do seu tempo que reserva a quem escreve um quadro de valores dentro do qual a literatura, ou a poesia, fará sentido”.

Cabe ainda observar que o problema do discurso autoritário poético está impregnado da questão de como se concebeu tradicionalmente a relação entre discurso direto e indireto sobre o objeto. Estas, segundo Bakhtin (2014), giram em torno da necessidade do discurso bastar-se ou não na citação direta. O discurso que basta a si mesmo é aquele que permanece nos limites de seu próprio horizonte perceptivo, já o que não se basta é aquele, em que o “locutor penetra no horizonte alheio de seu ouvinte, constrói a sua enunciação no território de outrem, sobre o fundo aperceptivo do seu ouvinte” (BAKHTIN, 2014, p. 91). Por exemplo, o soneto “O amor é o fogo que arde sem se ver”, de Camões<sup>113</sup>, organiza-se na forma de um autor que assume as suas palavras como aquelas que ele quer que o herói/leitor reconheça como dele, sem que se recorra a outros discursos para que o seu seja compreendido. Já a poesia-piada “amor”, de Oswald de Andrade<sup>114</sup>, em sua única palavra “humor” recorre a diversas citações de outrem para corroborar o sentido carnavalizado, compartilhado, da posição autoral sobre amor. Logo, na primeira poesia tem uma relação autoral com um discurso que se basta (não explicita sua luta com outras enunciações concretas), enquanto que, no segundo caso, com um

<sup>113</sup> Esta poesia encontra-se em <<http://www.citador.pt/poemas/amor-e-um-fogo-que-arde-sem-se-ver-luis-yaz-de-camoes>>, acesso 30/08/2017.

<sup>114</sup> Esta poesia encontra-se em <<https://www.pensador.com/frase/ODMwMTYz/>>, acesso 30/08/2017.

discurso que não se basta (evidenciando suas contradições com outros discursos<sup>115</sup>).

Bakhtin (2014, p. 86) explica que:

A concepção de seu objeto, por parte do discurso, é um ato complexo: qualquer objeto “desacreditado” e “contestado” é aclarado por um lado e, por outro, é obscurecido pelas opiniões sociais multidiscursivas e pelo discurso de outrem dirigido a ele. É nesse jogo de claro e escuro que penetra o discurso, impregnando-se dele, limitando suas próprias facetas semânticas e estilísticas.

As formas de organização direta ou indireta de apresentação do objeto do contexto enunciativo define-se conforme se enfatize/esclareça/explicite<sup>116</sup> ou não a complicação específica que pode ou não está presente na apresentação de tal objeto. No caso do discurso poético, por esclarecê-lo, aproximou-se da imagem de um discurso de revelação (é a “linguagem dos deuses, sacerdotal” (Bakhtin, 2014, p. 2014)), ao contrário do discurso prosaico, que, por obscurecer seu objeto, se explica pela imagem de um discurso de descrença. A complexidade de orientações sobre um dado objeto é tematizada poética ou prosaicamente<sup>117</sup>, independentemente do gênero. Os gêneros líricos, épicos, dramáticos, romanescos podem apresentar tendências poéticas ou prosaicas, com tudo se resolvendo, de acordo com que:

A dialogicidade interna só pode se tornar esta força criativa e fundamental apenas no caso em que as divergências individuais e as contradições sejam fecundadas pelo plurilinguismo social, apenas onde as ressonâncias dialógicas ressoem não no ápice semântico do discurso (como nos gêneros retóricos), mas

<sup>115</sup> Não é inoportuno dizer que essas considerações sobre as poesias de Camões e Oswald são possíveis porque não se concentram nos tropos tradicionais (Linguística), mas na imagem da linguagem em interação (Translinguística), considerando que o discurso emerge “com seu sentido e com sua expressão através do meio de expressões de acentos estrangeiros harmonizando-se e dissociando-se com ele em diversos aspectos” (BAKHTIN, 2014, p. 87). Cf. o segundo capítulo, quando se discutiu a respeito da distinção entre a Linguística tradicional e a Translinguística bakhtiniana, na seção Análise Dialógica do Discurso.

<sup>116</sup> Destaca-se que a questão seja de ênfase ou não, porque, segundo a perspectiva dialógica, sempre “o significado linguístico de uma enunciação dada é conhecido sobre o fundo de uma língua e seu sentido atual, sobre o fundo de outras enunciações concretas do mesmo tema, sob o fundo de opiniões contraditórias, de pontos de vista e de apreciações, ou seja, justamente sobre o fundo daquilo que, conforme vimos, complica o acesso de qualquer discurso a seu objeto” (BAKHTIN, 2014, p. 87). É interessante notar, a partir desta constatação, as consequências éticas: se as relações de sentido são sempre fundadas na contradição, explicações que requeiram a passividade serão sempre alienadoras. Com efeito, sempre se considerou o outro nas reflexões sobre a linguagem; o problema é que muitas vezes estas o limitam a uma posição passiva. Ora, é a faceta transformadora da postura dialógica, uma vez que ela reclama/reconhece a participação ativa alheia (o fundo estrangeiro). A passividade/reificação/alienação é instaurada, quando a compreensão não passa de uma aceitação de um dado apriorístico (que busca reduzir justamente as outras enunciações concretas contraditórias desse dado) por parte do outro sujeito. Não é, então, um ato independente (independente, enquanto coletividade, não enquanto individualismo, característico das relações capitalistas, cf. a seção “O entendimento de crítica”, no primeiro capítulo) que reverbera “a força essencial que participa da formação do discurso e, principalmente, da compreensão ativa, percebendo o discurso como oposição ou reforço e enriquecendo-o” (BAKHTIN, 2014, p. 89).

<sup>117</sup> Por isso, pode-se pensar em uma tipologia que não restrinja esta força discursiva aos termos poesia e prosa; pode-se pensar em autoridade centrípeta e centrífuga, para substituir uma e outra, respectivamente. Isto, inclusive, dirimiria diversas polêmicas sobre este assunto.

penetrem em suas camadas profundas, dialogizando a própria língua, a concepção linguística do mundo (a forma interna do discurso), onde o diálogo de vozes nasce espontaneamente do diálogo social das “línguas”, onde a enunciação de outrem começa a soar como língua socialmente alheia e, finalmente, onde a orientação do discurso para as enunciações alheias passe a ser a orientação do discurso para as línguas socialmente alheias, nos limites de uma mesma língua [...].

A prosa romanesca foi a que historicamente primeiro melhor se adequou a estas necessidades. Isto não quer dizer que as demais não possam fazê-lo, nem que a prosa romanesca apenas se desenvolva dentro destas condições. Bakhtin (2014; 2015), quando está tratando das distinções entre prosa e poesia, destaca que estabelece seu sentido de prosa contrapondo-o a um sentido restrito de poesia, aquele que responde às tradições que concebem poesia enquanto expressão de um discurso que se pretende distinto dos demais discursos. A antinomia prosa x poesia “pura” – “um limite ideal dos gêneros poéticos” (BAKHTIN, 2014, p. 95), onde não há a admissão de prosaísmos – é, em última instância, um procedimento *ad hoc* para definir e dar direitos de cidade à prosa, uma vez que por bastante tempo foi marginalizada dos estudos da Linguística e da Poética clássicas.

Enfim, o que, na perspectiva dialógica, a se distinguir prosa de poesia, se pressupõe é que existem várias formas de indicar as posições ideológicas do autor – uma concepção/verdade/ordem do mundo, a que todo discurso se orienta, ou se distanciado (descrendo) ou se aproximando (solidarizando-se) dela, como o faz, respectivamente, o discurso prosaico e poético. Portanto, a relação do discurso sobre o objeto, que pode se pretender numa forma direta ou indireta (que se basta ou não, ou seja, não precisa recorrer à evidenciação das falas alheias sobre o mesmo discurso), reconhece que há diversas nuances para representá-lo, as quais se devem a ser o discurso uma disputa ideológica/arena de lutas sobre as diversas formas/concepções de mundo.

Ao final das discussões feitas nesta seção, pretende-se frisar que tanto de acordo com as passagens de Arnaldo Antunes e de críticos literários de sua obra, como com a perspectiva dialógica, as práticas discursivas relacionadas aos gêneros poéticos são compreendidas a partir de suas especificidades que as caracterizam antes como um processo que um produto.

Dessa forma, essa prática discursiva assume papéis sociais que se orientam, via de regra, promovendo a desestabilização de formas canônicas reacionárias, sejam da tradição poética ou não, especialmente, através da crítica de seus fundamentos e convenções, a saber: 1) relação entre o verbo, som e imagem; 2) transposição de situações e usos discursivos comuns para o imaginário poético; 3) o debate sobre a ambivalência e

possibilidades significativas do material poético e não poético; além de 4) seu alcance ético-político.

É importante frisar que a obra antuniana é compreendida considerando-se não apenas a técnica, mas o contexto de produção, circulação e recepção de seu texto num mundo cujas condições históricas marcam a leitura e a ressignifica, a partir da:

Nossa situação pós-industrial do século 20. É um mundo em que o texto não é mais rei. Como disse McLuhan, retornamos a uma sociedade pré-industrial de orientação oral e visual, em parte graças à nossa tecnologia e à comunicação de massas. Para nós, palavras funcionam tanto como imagens quanto pelo que dizem, não são apenas símbolos de algum significado externo, mas coisas em si. A televisão e a Internet são montagens de todo tipo de coisas. Imagens, textos, sons. Nós "lemos" esses sons, as texturas de uma publicidade, os gestos nas fotos, nos anúncios, ou de uma performance. Para nós, fazê-lo é instintivo, pois somos animais além de tudo, mas não há livros ginasiais de gramática que definam as regras dessa "linguagem". Com essa linguagem de formas e sons e imagens retornamos a uma espécie de sensibilidade pagã pré-alfabeto, onde todos os lugares, coisas e objetos têm vida, um espírito, e não só pessoas e animais. O mundo está vivo. Esse é o mundo que Arnaldo habita e está tentando definir. E é nosso mundo também (BYRNE in: ANTUNES, 2017).

Embora as formas atuais de interação verbal e social tenham exacerbado as bases da lógica que fez virar o foco da verbalidade para uma espécie de verbocovisualidade industrializada, midiaticizada, e os integrantes do Círculo de Bakhtin não as tenham experimentado, não significa que a obra círculo-bakhtiniana e a perspectiva dialógica não tenham percebido que as práticas discursivas estivessem remodelando-se em vistas dessas formas atuais. Estas respondem às vicissitudes das relações de produção da modernidade, marcadas pelo desinteresse das causas alheias, ou seja, indiferença. Conforme Faraco (in: BAKHTIN, 2010, p. 154):

O fato primordial que dá fundamento a um ato responsável é o meu não-álibi na existência. Esta, talvez, seja a assertiva mais forte do texto: não tenho desculpas. E, diante dela, a pergunta que não quer calar: é palpável, neste nosso tempo povoado de indiferença e álibis, uma filosofia moral tão inconcessível?

De fato, Bakhtin (2015) aponta e considera as transformações que o mundo moderno, liberal, capitalista imprimiu às práticas discursivas (no caso, o romance polifônico dostoievskiano) que se estavam consolidando, definindo um mundo em cujo:

Universo social, os planos não são etapas, mas estâncias, e as relações contraditórias entre eles não são um caminho ascendente ou descendente do indivíduo, mas um estado de sociedade. A multiplicidade de planos e o caráter contraditório da realidade social eram dados como fato objetivo da época.

Tanto a indiferença para com o outro, quanto a multiplicidade contraditória da realidade social são características do mundo que se figura na poesia de Arnaldo Antunes e no estudo poético e artístico na perspectiva dialógica. A respeito deste estudo, Bakhtin (2015) destaca que a polifonia (da palavra bivocal) dostoievskiana é uma resposta



contra a lógica capitalista individualista<sup>118</sup>, a que se pode vincular o caráter irresponsável, descomprometido, não solidário com a alteridade. Do mesmo modo, Bakhtin/Volochínov (2014) observa que a palavra revolucionária/polivalente está contra a palavra reificadora, monovalente.

Antunes desencadeia efeitos de sentido, em sua poesia, sobre uma consciência de entrega/compromisso que a irmana de qualquer atividade social experimentada com autenticidade, ou seja, sem alienação. Todas essas formas – a bivocalidade, a polivalência e a entrega artísticas – concentram-se no ato de reconhecer criatividade/transformação de relações reacionárias na articulação de práticas discursivas de pluralidades e voltadas para o acolhimento das marginalidades.

Recorreu-se a esta contextualização da fortuna crítica antuniana e da noção de gênero poético do discurso, a fim de se ter uma visão do potencial analítico que o diálogo entre os pontos de vista antuniano e da perspectiva dialógica tem para o interesse desta pesquisa de indicar de que maneira o discurso de “n. d. a.”, de Arnaldo Antunes organiza-se sob uma tendência para a transformação de práticas discursivas marcadas pela exclusão de índices de valor marginalizados.

Sendo assim, o diálogo entre Antunes e o Círculo de Bakhtin é bastante profícuo para os propósitos desta dissertação, no sentido de que se permite se considerar a orientação entre práticas discursivas e as contradições sociais, a fim de se identificar modos específicos de resposta transformadores de práticas conservadoras como aquelas que tentam tratar os índices de valor cotidianos da cidade como formas não legítimas ou impuras para constituir discursos oficiais. Este modo de organização e orientação discursiva indiciam que pode haver modos de engendrar práticas sociais que reduzam o valor positivo do individualismo alienador, ao passo que reafirmem valores de inclusão e solidariedade, como os que são experimentados em formas discursivas delineadas por composições híbridas e contra-hegemônicas ordinárias. É o que verá na análise dialógica da poesia de “n. d. a.”, de Arnaldo Antunes.

Antes, porém, serão discutidos a metodologia e procedimentos de análise que nortearão esta análise, na próxima seção.

#### 4. 5 CATEGORIAS E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Segundo Morson e Emerson (2008, p. 147), há um sentido primeiro de dialogismo, conforme o qual “qualquer enunciado é, por definição, dialógico; e um

---

<sup>118</sup> Cf. o primeiro capítulo, na seção “O entendimento de crítica”, onde se discutiu sobre a posição ideológica contra a lógica capitalista na perspectiva dialógica.

segundo, de acordo com o qual, alguns enunciados podem ser dialógicos, enquanto outros podem ser não-dialógicos”<sup>119</sup>. Tal constatação importa para o entendimento das categorias de análise desta pesquisa, *bivocalidade* e *dialogismo interno*, no sentido de que este está para o segundo dialogismo, enquanto que a outra está para o primeiro. Em outras palavras, sem querer se simplificar a questão, a *bivocalidade* seria demarcada extralinguisticamente; ao passo que o *dialogismo interno*, por algum material linguístico (nunca é muito dizer que esta separação é menos rigorosa que didática<sup>120</sup>).

A palavra bivocal seria aquela cujos efeitos de sentido derivam da exploração da constitutividade do discurso da convergência/reciprocidade do discurso representável (do herói) e do discurso representativo (do autor) (BAKHTIN 2015; BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014), presente numa matéria discursiva que consiste “precisamente no campo propriamente dito da comunicação dialógica, ou seja, no campo da vida autêntica da palavra, [cuja] vida está na passagem de boca a boca, de um contexto para outro, de uma geração para outra” (BAKHTIN 2015, p. 232).

O caráter geral da *bivocalidade* manifesta-se de acordo com que “as palavras do outro, introduzidas na nossa fala, são revestidas inevitavelmente de algo novo, da nossa compreensão e da nossa avaliação” (BAKHTIN 2015, p. 223), o que estabelece refrações/reacentuações das palavras de outrem.

Já o discurso internamente dialogizado é aquele que, ao introduzir esta palavra, reacentuando-a, explícita, materialmente, sua contradição com a palavra que a introduz, estabelecendo uma polêmica, que não é concentrada “simplesmente em seu objeto, mas é acompanhada de uma eterna atenção em outro homem” (BAKHTIN 2015, p. 36). Em suma, o *dialogismo interno* engendra duas axiologias em dois objetos num mesmo enunciado; a *bivocalidade*, duas axiologias que se contradizem numa cadeia ideológica impregnadas num mesmo objeto no enunciado.

Enfim, a *bivocalidade* e o *dialogismo interno* são especificidades do discurso que estabelecem relações de sentido (acentuação de dado objeto) a partir da inscrição do discurso numa cadeia discursiva que se estende por diversas esferas ideológicas, como ocorre neste texto: “A ‘maquiagem de *instagram*’ está nos tornando clones de beleza?

---

<sup>119</sup> Há, ainda um terceiro sentido: “como um conceito global, como uma visão da verdade e do mundo” (MORSON; EMERSON, 2008, p. 146).

<sup>120</sup> De fato, há bastante proximidade entre estas duas noções, uma vez que “o discurso bivocal sempre é internamente dialogizado” (BAKHTIN, 2014, p. 127).

esta é a pergunta que o site *the cut* faz na matéria que ainda vai dar muito o que falar”<sup>121</sup>. Por meio da interação com este enunciado se percebe uma tensão entre dois pontos de vista sobre a legitimidade ou não dos tutoriais sobre maquiagem. Um se apoia nestes para divulgar/disponibilizar técnicas; outro para contestá-los por eles esconderem/não se referirem à necessidade de um olhar profissional sobre essas técnicas. Enfim, sobre a autoridade para tratar das técnicas de maquiagem.

No próprio enunciado há o aspeamento da expressão *maquiagem de instagram* que representaria as práticas de orientação sobre auto maquiagem (objeto) e (re)acentuaria negativamente esta prática, no lugar de cultura da revista, por outro lado, esta é acentuada positivamente conforme a popularidade que este tipo de *post* tem na rede social *instagram*, outro lugar de cultura/esfera discursiva.

Assim, a depender da esfera ideológica em que a mesma prática/objeto é referida, sua acentuação será diferente, no caso, no horizonte da rede social – esfera cotidiana, positivamente; na revista especializada – esfera institucional, negativamente. Todo esse efeito de sentido é estabelecido porque este enunciado é internamente dialogizado, organizando duas axiologias antagônicas sobre dois objetos distintos (maquiagem profissional e de *instagram*).

Este texto também permite a consideração de que há uma intensa participação de empresas de cosmético e da indústria da beleza que financiam e estimulam, direta ou indiretamente, o consumo indiscriminado de estilos e produtos dessa área. Do mesmo modo, permite a consideração de que existe uma disputa pelo mercado da beleza, qual se trava através do acesso/negação da informação sobre estes produtos e seu mercado. Assim, a expressão *clones de beleza* é bivocalizada, porque tem seu objeto (a prática não profissional de maquiagem) acentuada tanto por intenções<sup>122</sup>/interesses de empresas de

<sup>121</sup> Esse texto, que compõe uma matéria de uma revista sobre maquiagem, encontra-se na seguinte fonte: BRITO, Emília. Maquiagem de *Instagram*. Revista Soulmake, jun/2016. In: <<http://www.soulmake.com.br/maquiagem-de-instagram/>>. Acessado em 08/07/2016.

<sup>122</sup> Vale notar que intenção em Bakhtin (2014) define-se enquanto modo de acentuação/significação, a partir da estratificação da linguagem, orientado para diversificação de pontos de vista/índices de valor, conforme se compreende nas seguintes passagens: “é por isso que insistimos continuamente sobre o aspecto objetual, semântico e expressivo, isto é, intencional, como força que estratifica e diferencia a linguagem literária” (BAKHTIN, 2014, p. 99); “dentro desse âmbito [expressivos de gêneros e de jargões], isto é, para os próprios falantes, estas linguagens de gêneros e estes jargões profissionais são diretamente intencionais – plenamente significativos e espontaneamente significativos” (BAKHTIN, 2014, p. 97); “o que nos importa é o aspecto intencional, isto é, a significação objetual e a expressividade da estratificação da ‘língua comum’” (BAKHTIN, 2014, p. 96); “se representarmos a intenção, isto é, a orientação sobre o objeto de tal discurso pela forma de um raio, então nós explicaremos o jogo vivo e inimitável de cores e luzes nas facetas da imagem que é construída por elas, devido à refração do ‘discurso-raio’ não no próprio objeto [...], mas pela sua refração naquele meio de discursos alheios, de

cosmético, que ganham ao diversificar mercado (maquiagem profissional x não profissional, no espaço da rede social), bem como ao o homogeneizar (estabelecendo uma prática de maquiagem oficial, no espaço da revista); de empresas de comunicação que, ao insistirem/criarem uma polêmica, ganham material com valor de notícia; e dos profissionais e amadores, que querem ser “reconhecidos” nessa prática e lugar social (canais de maquiagem na internet).

No caso específico desta dissertação, estes entendimentos sobre *a bivocalidade e dialogismo interno* permitem que se possam rastrear de que maneira tendências discursivas de organização do discurso estão formando-se, a partir da ressignificação de índices de valor cotidianos, na medida em que se pode reconhecer como o discurso indicia a contradição desses índices no uso de formas materiais específicas de esferas discursivas distintas.

Por exemplo, ao se analisarem as poesias “infinitozinho” e “máximo fim” (poesias 13 e 14, respectivamente), ver-se-á que, quando as formas materiais de organização da fala, através de sintaxes entrecortadas, ilegíveis/não-claras, redundantes, incompletas, corriqueiras, comuns às linguagens cotidianas<sup>123</sup> são assumidas por um discurso oficial, pode-se entrever que há uma tendência de relacionamento com a cultura não-oficial no sentido de assimilação desta por aquelas poesias. Isto pode ter caráter transformador, caso aponte para uma forma de vivência do mundo, pautada não tanto na crença de uma ordem homogeneizada, racional, única, que deveria ser atualizada em cada ato social, quanto na crença de que a ordem constitutiva do mundo é a ordem da contingência, do acidente, em que se cria uma ordem concreta continuamente respondendo aos imperativos do tempo e lugar situados historicamente (uma ordem responsável, diante da qual não se tem alibi, uma vez que não se pode estar em outro lugar; sempre se está comprometido pelo aqui e agora, segundo o qual se orientam as práticas discursivas).

A poesia de “n. d. a.” encerra um embate entre dois modos de organização das práticas discursivas. Por um lado, um modo racionalista/universalista/idealista que prevê que toda esfera discursiva deve adequar-se a um modelo oficial, caracterizado pela

---

apreciações e de entonações através do qual passa o raio, dirigindo-se para o objeto” (BAKHTIN, 2014, p. 87).

<sup>123</sup> Pode-se perceber uma imagem das singularidades da sintaxe das falas cotidianas, por exemplo, na dublagem ou encenação do falar típico de personagens de tv e cinema que interpretem “pessoas populares”. Confira-se a série brasileira “Contos do Edgar”, direção de Alex Gabassi, Cassiano Prado, Fernando Meirelles, Pedro Morelli, Quico Meirelles, onde os personagens são caracterizados, entre outras coisas, pelas singularidades da fala cotidiana da cidade.

clareza e linearidade de sentidos. Por outro lado, um modo caracterizado pela ambivalência de sentidos que redimensiona o movimento assimilador oficial/não-oficial, para um não-oficial/oficial, significando que a lógica agora é a de assunção do mundo oficial das especificidades do mundo não-oficial, o que é uma forma de garantir a possibilidade de formas de interação novas em que possam emergir o desmonte de hegemonias reacionárias fundadas na marginalização de índices de valor cotidianos, como os da cidade.

Este embate é indiciado na obra, a partir da reinscrição de signos ideológicos de esferas cotidianas no signo poético. Esta reinscrição, no caso da obra antuniana, notadamente consagrada, marcando um lugar dentro do cânone poético contemporâneo, vislumbra uma transformação da cultura que reconhece as vivências ordinárias como força ordenadora do mundo.

Assim, pretende-se, aqui, operacionalizar as categorias de análise *bivocalidade* e *dialogismo interno* que evidenciarão os embates de diversos índices de valor nesta poesia, valendo-se da interpretação dos efeitos de sentido da *reinscrição sígnica verbo-visual*, que tratará do movimento de reacentuação desses índices entre as esferas discursivas organizadas em “n. d. a.”.

De fato, o estudo das particularidades de cada esfera de criação ideológica apoia-se no fato das forças centrípetas e centrífugas constituírem as relações sociais produtivas e o discurso como arena dialógica de lutas. Essas forças opõem modos particulares de posicionar-se perante os modos de organização social, em que se encontra a tensão entre formas distintas de apropriação dos signos sociais, em cujas relações decorrentes emerge a relação assimétrica entre os sujeitos discursivos, por exemplo, a relação positiva ou negativa com os índices de valor populares e a consequente valorização ou não dos sujeitos associados a eles.

As relações polêmicas entre as diferentes esferas discursivas orientam a relativização das posições ditas como verdade, posto que a aceitação absoluta ou relativa de valores axiológicos depende das especificidades das relações de poder definidas dentro de tal ou qual esfera. Assim, os índices de valor sociais sofrem toda a carga destas tensões na sua construção, do que o discurso não pode fugir.

Ora, é sob este plano de construção tensa ideológica que a escritura pulverizada da obra “n. d. a.” se orienta, de sorte que fragmentação e diluição de sentidos são-lhe marcantes. Esses efeitos de sentido, nessa obra, em certas ocasiões, organizam-se pela ilegibilidade da própria letra; em outros, pela erupção abrupta da palavra; e, ainda,



No mesmo sentido, há um direcionamento para a demarcação da tensão social existente nas e entre esferas literárias e não-literárias distintas, que regimentam os usos de seus signos, vejam as poesias 5, 6 e 7:

Poesia 5, “cartão postal” (ANTUNES, 2010, p. 119)



Poesia 6, “cartão postal” (ANTUNES, 2010, p. 151)



Poesia 7, “cartão postal” (ANTUNES, 2010, p. 159)



Acredita-se que estes efeitos ocorrem em virtude do recurso ao que se denomina aqui por “instrumentos” de análise *tendência à desestabilização do significado*; *tendência à onissignificação temática*; e *reinscrição sígnica verbo-visual*.

Defende-se, portanto, que estes instrumentos de análise podem problematizar as marcas ideológicas presentes no discurso de “n. d. a.”, que desestabilizam o signo relativamente estável de esferas literárias tradicionais, abrindo o discurso para formas contemporâneas de diálogo e conseqüentemente para reacentuações dos índices de valor das esferas discursivas que se confrontam neste discurso. Os instrumentos de análise *tendência a desestabilização do significado*; *tendência à onissignificação temática*; e *reinscrição sígnica verbo-visual* percebem o discurso em orientação com as particularidades da criação ideológica, fundada em relações de desestabilização do signo dado, através da proposição de novas relações ideológicas de uso dele mesmo.

É preciso dizer que a *tendência à desestabilização do significado* caracteriza-se pela perda do apoio referencial que o signo ideológico tem na estabilidade da possibilidade de reiteração semântica. Em outras palavras, o signo se apresenta como “dissociado” de algum significado repetível, dado, universal, estável.

Por sua vez, a *tendência à onissignificação temática* ocorre quando a situação concreta imediata dos sujeitos discursivos das práticas sociais determina o sentido “totalmente” novo e não reiterável do signo poético, aproximando-o da onissignificação, do tema puro, cuja “significação é inseparável da situação concreta em que se realiza” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 135)<sup>124</sup>. Estas tendências, na verdade, são as faces de um mesmo processo, que é a *reinscrição sígnica verbo-visual* numa outra esfera discursiva<sup>125</sup>.

O que se propõe como instrumentos de análise, aqui, são formas de se perceber o carácter iterativo, da *archaica* da vivência discursiva (BAKHTIN, 2015; 2008), de renovação transformadora das relações discursivas, de relacionamento entre as diversas posições ideológicas em interação no discurso antuniano, em “n. d. a.”, que, em diversos graus, reordenam as relações e práticas sociais em suas orientações axiológicas.

---

<sup>124</sup> A onissignificação é entendida como uma tendência, conforme indicou-se em nota na seção “Gêneros do discurso e Autoridade poética”, no segundo capítulo, portanto em não havendo realmente algum enunciado concreto que não disponha de dado enunciado anterior, até porque, se existisse, de fato, o enunciado completamente independente de outros, irrepitível, isto é, determinado tão somente pela novidade da situação de fala, o dialogismo generalizado seria uma *contradictio in adjecto*.

<sup>125</sup> Estes três instrumentos de análise são definidos, a partir do entendimento da relação dialógica entre tema e significação na construção do sentido/diálogo no discurso. Sobre essas noções cf. a seção “Tema e significação”, no segundo capítulo.

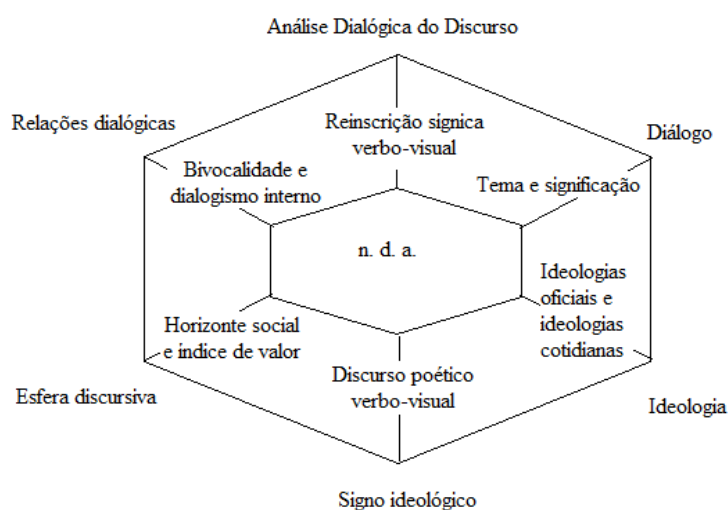


Isto, na medida em que, a se reconhecer a autoridade das formas cotidianas para a constituição de um discurso oficial, como da referida obra, problematizam-se formas conservadoras de interação com valores ordinários que pressupõem que estes valores não podem organizar discursos institucionais.

Assim, em última instância, essa problematização concentra-se no reconhecimento de um ato discursivo de empoderamento de sujeitos não-hegemônicos, constituídos/constituintes na/de práticas sociais e verbais cotidianas urbanas nos lugares de cultura oficiais, que, por isso mesmo, passam a ter seus índices de valor, nas suas formas específicas acentuados segundo o ponto de vista ordinário e não mais os hegemônicos/elitistas.

Abaixo segue o diagrama que ilustra os preceitos teóricos metodológicos que nortearão a análise dialógica dos signos ideológicos de “n. d. a.”.

### Quadro 3 – Categorias e procedimentos de análise



*Fonte: Elaborado pelo autor*

Vale destacar que a Análise Dialógica do Discurso é uma perspectiva científica que assume a complexidade das formas de interação verbal e social, conformando suas epistemologia e ontologia<sup>126</sup> ao caráter transitório e contraditório, saturado de sentidos instáveis/fluidos. Este diagrama, portanto, delinea-se de maneira que evidencia o fato de que cada noção e categoria analíticas estão interorientadas, a fim

<sup>126</sup> Cf. o primeiro capítulo, quando se discutiram as particularidades críticas da ADD.

de demonstrar que, antes que uma postura redutora, linear, abstrata desta complexidade, é uma postura que, para dar conta desta complexidade, tem de adequar seus preceitos teórico-metodológicos às singularidades destas relações.

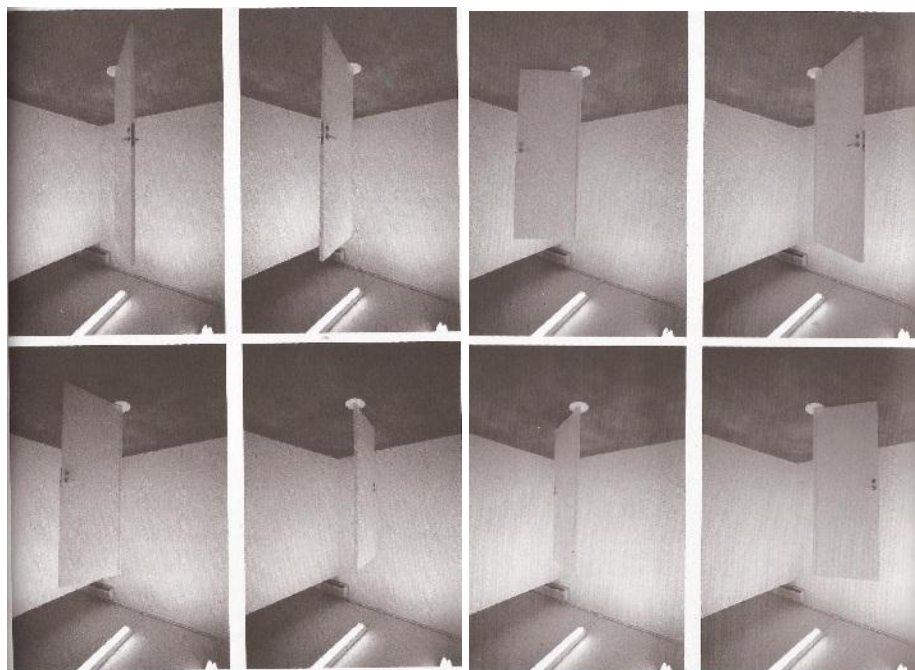
Deve-se destacar, também, que o objeto (sujeito) com quem esta pesquisa dialoga emerge destas relações complexas e que, sem esta organização metodológica, pouco se pode “sistematizar” cientificamente qualquer interpretação sobre esta obra. Ora, a complexidade das relações de sentido de “n. d. a.” requer, com efeito, procedimentos analíticos que se fundamentem nesta complexidade, que, nesta obra, se caracteriza, especialmente, pela sobreposição de cadeias discursivas.

Esta sobreposição, enquanto formas de confluência de diversos signos ideológicos (*reinscrição sígnica verbo-visual*) desestabilizados (relações entre tema e significação) de seus lugares de uso comuns (horizonte social), organiza-se problematizando sentidos consagrados (índices de valor) sobre formas institucionais de organização, como a poética (o discurso poético verbo-visual), do discurso (relação transformadora das ideologias do cotidiano sobre as ideologias oficiais) neste caso, as relações entre signos poéticos e não poéticos. De fato, esta poesia antuniana indicia uma forma discursiva (*bivocalidade e dialogismo interno*) de autoria que se apropria de signos alheios a sua esfera ideológica, desconstruindo diversas redes de sentidos que acentuam negativamente as particularidades constitutivas do signo ordinário.

Veja-se que se parte menos de um quadro metodológico estático onde se tem conceitos mais gerais que são subdivididos em outros mais específicos; e mais de uma malha conceitual-instrumental, cujos objetos teóricos e analíticos (os nós da conversa) vão sendo constantemente chamados/retomados para esclarecer dada questão.

Esclarecidos os procedimentos metodológicos, pode-se passar à análise dialógica dos signos ideológicos de “n. d. a.”. É o que se fará no próximo capítulo.

## 5 OS “FINALMENTES” DESSA CONVERSA (ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO DE “N. D. A.” DE ARNALDO ANTUNES)



(ANTUNES, 2010, p. 32-3)<sup>127</sup>

O livro “n. d. a.”, de Arnaldo Antunes, articula em seu discurso a tensão marcante das relações sociais. Com efeito, as contradições históricas, das quais emergem as relações sociais urbanas cotidianas, estão especialmente indiciadas na materialidade discursiva dessas poesias, conforme, ver-se-á, a seguir. Esse indiciamento será rastreado a partir da noção de prática discursiva como constituição de posições axiológicas dialogando contraditoriamente entre formas ideológicas distintas. Essas práticas, por sua vez, são organizadas em lugares de cultura/horizontes sociais mais ou menos amplos (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 124) ligados “às condições socioeconômicas essenciais do referido grupo, que concerne de alguma maneira às bases de sua existência material” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 46), nos quais, axiologias/índices de valor socialmente tornados consensos (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 46) disputam historicamente com outros para se estabilizarem.

Assim, neste capítulo de análise dialógica, inicialmente, serão apresentadas as poesias e algumas considerações gerais sobre como o discurso antuniano está sensível

<sup>127</sup> Considerando que o discurso poético antuniano é eminentemente verbo-visual, acredita-se que se deve explorá-lo, academicamente, das mais variadas formas, por isso a licença para essa citação.

às vicissitudes de luta social, organizando-se, a partir da articulação de diversos índices de valor sobrepostos numa materialidade tensa, marcada por efeitos de sentidos que exploram a transitoriedade das relações semióticas/simbólicas como forma criativa de práticas verbais/sociais transformadoras, para, então, serem retomadas em análises mais detidas. Nesse percurso, destacar-se-á a organização desse discurso por reinscrições sígnicas verbo-visuais, além da sua constitutividade dialógica/ideológica e de seu valor transformador, na história da palavra<sup>128</sup>. Para tanto, este percurso concentrar-se-á em questões importantes a respeito da constituição das especificidades da forma poética e do engendramento de posições axiológicas e de relações de abuso de poder.

## 5. 1 PRA COMEÇO DE CONVERSA: OBSERVAÇÕES GERAIS

### 5. 1. 1 A sobreposição de índices de valor no enunciado de “n. d. a.”

Na orelha do livro em análise, há uma observação constituída poeticamente que já evidencia a cadeia criativa ideológica de tensão de sentidos. Veja-se:

**NENHUMA DAS ALTERNATIVAS  
É UMA ALTERNATIVA  
A ÚLTIMA ALTERNATIVA  
É NENHUMA DAS ALTERNATIVAS**

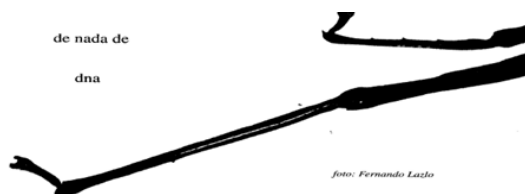
(ANTUNES, 2010, primeira orelha)

Na observação/poesia/orelha de livro, estabelece-se uma contradição de sentidos pela instabilização da prática comum de escolha de alternativa. A oposição entre os adjuntos “nenhuma das” x “uma”, topicalizados no sintagma nominal “é alternativa” – que se pode entender por primeiro período (as duas primeiras linhas) – nega a própria ideia de não escolha e/ou a própria impossibilidade da escolha mesma. Consequentemente, o significado reiterável perde-se e novos temas não previstos podem emergir sempre que haja a apropriação desse signo (esperando/em busca de significação). Dessa forma, o recurso ao paradoxo e efeitos gráficos de rotacionamento da letra orientam-se para a desorientação do leitor, especialmente, aquele afeito às características

<sup>128</sup> Cf. o quarto capítulo, na seção “Gêneros do discurso e autoridade poética”, onde se discutiu a noção de história da palavra, sob a perspectiva dialógica.

de esferas poéticas conservadoras, que perde de vista a unidade de sentido e isto, na mesma medida, em que, por tal, se permite a renovação do uso do discurso.

A construção do título da 3ª parte do livro: “nada de dna”, revertendo a ordem do título geral, reforça esta orientação. Este título, que, por sua vez, já remete para um “verso” da poesia “dna” (poesia 16).



O título dessa parte apropria-se das letras, além das do título dessa poesia, do próprio título do livro e ressignifica-o, ao passo que polemiza seu sentido costumeiro, enfatizando, por um lado, a relativa nulidade de sentido (nada) e, por outro, abrindo o discurso para novas orientações ideológicas (dna – herança genética/subversão de “n. d. a.”), dialogando com esferas discursivas relativas ao signo DNA e seus índices de valor particulares<sup>129</sup>.

Mais uma vez, a tensão entre dado e criativo estabelece-se no sentido de que se concretiza a relação entre tema e significado, entre não reiterável e uso estabilizado, que atravessa todo o discurso desta obra. Isto refrata as tensões hodiernas decorrentes de constantes releituras e problematização de práticas sociais, até pouco tempo inquestionáveis<sup>130</sup>. Nesse processo de questionamento das ordens discursivas conservadoras e conseqüentemente de normas de condutas passivas da modernidade, ocorre a constante referência ao esvaziamento de fronteiras rígidas de comportamento de práticas sociais, postas em limite em “n. d. a.”.

Tal ocorre, quando a escolha de formas expressivas, cujo entendimento não é pacífico, muito menos uno e acabado, faz a poesia orientar-se para a plurissemia absoluta (onissignificação temática) que desorienta a inter-relação entre sujeitos em esferas

<sup>129</sup> Cf. o segundo capítulo, na seção “Índices de valor e horizontes social”, onde estas noções são desenvolvidas.

<sup>130</sup> É interessante notar que, necessariamente, o que importa, nesse discurso, é a possibilidade da problematização/releitura de algo como caminho pelo qual se constituem as interações sociais e verbais contemporâneas, não, precisamente, os objetos delas. É, nesse sentido, que se fala do caso específico do objeto desta dissertação ser o dialogismo composicional do discurso antuniano, enquanto a compreensão da ambivalência não de línguas, estilos e vozes antagonizando-se em um único enunciado; antes a compreensão da heterogeneidade do material e suas formas de articulação entre si. Cf. cap. segundo, na seção “Bivocalidade e dialogismo interno”.

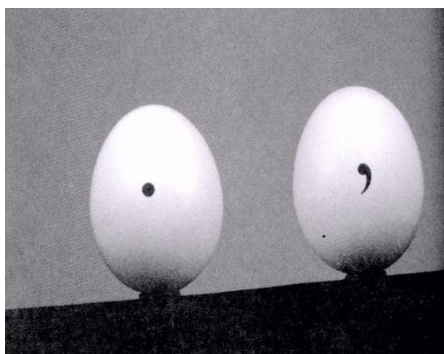
discursivas mais formalizadas, ou seja, este discurso trava recorrentemente as fluências de leitura e de interpretação consagradas.

Desta maneira, a palavra poética do discurso de Arnaldo Antunes aproxima-se da tendência ao tema absoluto, quando apresenta um estilo que significa mais pela situação concreta sempre inédita que pela unidade abstrata semântica. Percebe-se isto em “você”:



(ANTUNES, 2010, p. 202-3)

Nesta poesia, quase nenhum significado estável e reiterável, aprioristicamente posto, está presente no enunciado. É certo mesmo que toda compreensão viva esteja na enunciação que concretiza o ato de fala, que coloca, sempre numa situação de novidade, os interlocutores diante de um signo também sempre em devir, por isso, a sensação de flutuação e falta de ancoragem, porque não se tem, de fato, um apoio referencial, mas somente abertura a novos diálogos, de tal feita que a pulverização do lexema “você”, na primeira folha/estrofe da poesia, é retomada pela saturação de outros “você’s”, isto em sendo uma manifestação/página desse lexema uma espécie de problematização da outra. É como se se indicasse que a construção do sujeito fosse a constituição de posições axiológicas dialogando/articulando-se contraditoriamente entre formas ideológicas antagônicas. O mesmo ocorre na poesia “ponto e vírgula”, que dispomos abaixo:



(ANTUNES, 2010, p. 28)

A noção do ininterruptamente em cadeia, em devir, em fluxo (nesta poesia, a vírgula; na “você”, as manchas/buracos na forma *VOCÊ*) constitui-se avizinhandose do acabado, finalizado (nesta poesia, o ponto final; naquela, a forma integral, discernível de *VOCÊ*), de maneira que em cada uma dessas duas poesias, busca-se em vão alguma finalização/ancoragem de sentido, embora se reconheça que há a organização de diálogos potenciais, como um “você”, que entra em contradição com outros “você”, de cujo contato se estabelecem determinadas formas de interação (mesmo que não se as precise definitivamente). É o diálogo sobre a (im)possibilidade e especificidade do próprio diálogo que se estabelece disseminando, pulverizando e estendendo formas discursivas convencionais (você, ponto e vírgula) e símbolos sociais (ovo, cores, formas geométricas e indistintas).

Os cartões postais (poesias 5, 6 e 7 – no livro, ao todo, são 37) fundam-se através da apropriação da linguagem fotográfica que, por sua vez, apropria-se de cenas do cotidiano. Deve-se notar a presença criativa do cotidiano nesta obra, enquanto materialidade social criativa de novos elos ideológicos em esferas discursivas oficiais, como a poética, o que é marcante de algumas das relações produtivas contemporâneas que superam discursos estáveis e reacionários. Vejam-se as poesias/postais/fotografias, a seguir:



(ANTUNES, 2010, p. 95)



(ANTUNES, 2010, p. 119)





(ANTUNES, 2010, p. 151)



ANTUNES, 2010, p. 159)

Estas poesias valem-se de uma dialética da materialidade do signo ideológico<sup>131</sup>. A sua corporeidade material é percebida quando fenômenos naturais e objetos físicos, produtos tecnológicos de produção e artigos de consumo, através de índices de valor próprios do horizonte social de esferas particulares de criação ideológica, como das artes poéticas, gráficas e fotográficas, além das de produção e consumo, midiáticas e comerciais, são desestabilizados de sua sinalidade e inscritos ideologicamente na esfera poética. Essas camadas significativas ficam no discurso

<sup>131</sup> O que se chama aqui de “dialética da materialidade do signo ideológico” são os momentos constitutivos da semiologização/tematização/ideologização da realidade. Apoia-se, para tal, na constatação de Bakhtin/Volochínov (2014, p. 31) de que: “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia. Um corpo físico vale por si próprio: não significa nada e coincide inteiramente com sua própria natureza. Neste caso, não se trata de ideologia”; e de que: “ao lado dos fenômenos naturais, do material tecnológico e dos artigos de consumo, existe um universo particular, o universo de signos” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 31), sendo que “converte-se em signo o objeto físico, o qual, sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir e a refratar, numa certa medida, uma outra realidade” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 32). Cf. o cap. segundo, na seção “Signo ideológico”, onde se discutem as propriedades do signo ideológico, sob a perspectiva dialógica.



poético movimentando-se umas contra as outras de sorte que nenhum significado apriorístico fique intacto.

Disso decorre que cada esfera discursiva se renova constantemente, no mesmo movimento de relativa estabilidade específico da criação ideológica produtiva das relações sociais. Com efeito, fenômenos naturais e físicos, utensílios e objetos em si mesmos não são signos ideológicos, posto que, apenas com a orientação social, é que há a emergência do signo num corpo material – o que pode ser um objeto, uma imagem, um som, uma cor ou qualquer outra corporeidade social, desde que esteja comprometida com alguma esfera de criação ideológica fundada na interação de sujeitos organizados socialmente.

É curioso que estas poesias/postais são como que uma imagem do processo criativo de “n. d. a.”, que é o recurso à realocação de signos de dadas esferas em outras esferas discursivas, promovendo um dos efeitos mais característicos do discurso objeto de nossa pesquisa. Este efeito de sentido constitui-se de deslocamentos e reusos de signos ordinários nas especificidades do gênero poético. Em outras palavras: ocorrem sucessivas reinscrições de signos próprios tanto de discursos cotidianos, marcados por certa desestabilização de sentidos consolidados, quanto por discursos oficiais, marcados pela institucionalização de formas de interação. Estas reinscrições ocorrem através da sobreposição heterogênea de diversas camadas ideológicas. Por exemplo, nos postais apresentados, tem-se a sobreposição do discurso midiático, fotográfico, comercial e outros entre si.

Em geral, nesse processo criativo, a abertura a novas formas de criação ideológica estabelece-se enquanto uma forma alternativa de ação discursiva no mundo, já que, diante de pretendidas estabilidades de sentido, este discurso poético antuniano contradi-las e força-as para caminhos, pode-se dizer, imagináveis, porém inimaginados, até então.

Nesse sentido, no percurso do discurso de “n. d. a.”, *a tendência à desestabilização do significado* e *a tendência à onissignificação temática* são recursos fundantes, como ocorre na poesia 6 (ANTUNES, 2010, p. 151), por exemplo, que apresenta o texto “MODERNA PARA SEMPRE”.



Por mais que uma primeira leitura mais rápida apresente um significado mais estabilizado sobre a eternidade da modernidade, há ainda a possibilidade da relativização desse sentido. Conforme outra interação/leitura, pode-se já se perceber alguma contradição entre moderno e eterno. O que tão somente se intensifica na instabilização do significado com a leitura verbal ampliada pela imagem que, ao contrário do sintagma verbal, desconcerta pela dificuldade de situamento em algum esquema cognitivo visual e interpretativo. Este desenquadramento concorre para a abertura total da participação concreta dos interlocutores, os quais, a partir de seus contextos concretos situados por seus horizontes ideológicos, completarão o discurso marcando-o com a singularidade única de cada enunciação contingente. Assim, a abertura discursiva para o tema absoluto na poesia de Arnaldo Antunes marca este discurso. Por exemplo, veja-se a poesia 7 (ANTUNES, 2010, p. 159):



Ela, como recorte da fachada de um cemitério – realidade no horizonte produtivo do universo de necessidades sociais (p. ex. sepultamento) – perde seu valor de contiguidade metonímica e ganha, por conta da impossibilidade da visão total do cemitério, uma realocação da transitividade semântica da expressão, de cuja locução preposicional “DO ABC”, potencialmente, um adjunto adverbial ou adjunto adnominal, surge um novo sentido, grotesco<sup>132</sup> e irônico: o da morte e do espaço de descanso e/ou de

<sup>132</sup> Segundo Discini (2014, p. 58), “o termo grotesco, segundo Bakhtin, teve na origem a acepção de metamorfose ‘em movimento interno da própria existência’ (BAKHTIN, 1987). O termo decorre da etimologia de “grotta” (gruta), exprime “transmutação de certas formas em outras, no eterno inacabamento da existência” (BAKHTIN, 1987, apud DISCINI, 2014, p. 58). O entendimento de grotesco está associado ao da cosmovisão carnavalesca, que se constitui num sistema de imagens que testemunha, de acordo com Discini (2014, p. 55), “a permutação do alto e do baixo ou a lógica da

depósito da memória e/ou restos do alfabeto/palavra/discurso. Uma grande provocação sobre o material da poesia.

Do mesmo modo, as esferas discursivas da publicidade são tomadas pelo discurso poético num movimento destronizador da ordem comercial, marcada pela massificação das práticas sociais, o que é, para a vitalidade do discurso humano concreto, uma força contra a vida. Talvez por isso, a poesia 5 (ANTUNES, 2010, p. 119) faz emergir, de dentro do discurso cotidiano das práticas comerciais e de trabalho, o vocábulo inglês “hell”, que pode fazer as vezes do português “inferno”, “lugar de sofrimento”.



Assim, tem-se inscrito nesses discursos a necessidade histórica das práticas discursivas de buscar incessantemente possibilidades de construção da realidade renovadoras das práticas engessadas que marcam forças históricas conservadoras de relações de poder da sociedade. Com efeito, a busca pelo inimaginado, isto é, novos discursos, que possam, eventualmente, articular práticas que se particularizem por relações que não sejam assimétricas, é especificidade da palavra viva conseguida apenas na enunciação concreta, cuja particularidade responde ao confronto dialógico.

Neste caso, as perspectivas particulares de cada esfera entram na arena dialógica aplicando suas forças centrípetas e centrífugas, orientadas pelas mesmas dinâmicas de instabilidade das relações sociais produtivas.

Tal ocorre exemplarmente na poesia 8, “ela e você”, onde se nota a oposição entre modos particulares de posicionar-se perante a realidade.

---

inversão, própria à cultura popular”, são os princípios cômico-populares literários do “inacabamento de tudo o que há e o dos baixos regenerados, porque regeneradores”. Portanto, essa cosmovisão é composta pela função regeneradora do baixo grotesco, cuja ambivalência regeneradora é “confirmada por meio do ‘inferior’ corporal afastado do valor negativo e censor”, transferindo ao ele tudo que é elevado, enfatizando nas aberturas do corpo a concepção de que ele é “o lugar que o mundo penetra e de onde o mundo emigra” (DISCINI, 2014, p. 62).

você abraça	ela amassa
você beija	ela chupa
você faz amor	ela fode
você tem um orgasmo	ela goza
você espera um filho	ela emprenha
você dá a luz	ela pare

você alcança só metade dela  
 ela te penetra por inteiro  
 você a alma falsa fora e ela  
 dentro do seu corpo verdadeiro

(ANTUNES, 2010, p. 63)

Nela, encontra-se a tensão entre formas distintas de apropriação do mundo, de cujas vozes em perspectivas (ela x você), emerge a relação notadamente assimétrica entre os sujeitos discursivos. As relações polêmicas entre os diferentes grupos sociais orientam a relativização da verdade, cara à modernidade, sobretudo, porque a aceitação absoluta ou relativa de valores axiológicos depende das especificidades das relações de poder definidas dentro de dada comunidade. Assim, o signo sofre toda a carga destas tensões no seu estabelecimento, do que a escrita não pode fugir. Por isso, o estilo pulverizado destas poesias, cuja fragmentação e diluição dos sentidos, como se viu, são marcados, em certas ocasiões, pela descaracterização da própria letra; em outras, pela erupção abrupta da palavra; e, ainda, em outros momentos, pela contradição sintática e obscurecimento semântico (recortes, sínteses e associações de estruturas sintagmáticas), o que, de maneira geral, convoca diversas vozes (anácrese) a fim de fazê-las se provocarem e se imiscuírem (síncrese<sup>133</sup>).

Do que se tem analisado até agora, toda a orientação discursiva direciona-se para a demarcação da tensão social existente nas e entre as diversas esferas discursivas, até porque, como qualquer discurso, o de “n. d. a.” é atravessado pelas particularidades da situacionalidade histórica das práticas discursivas, como arena de conflitos. Conforme foi visto, isto ocorre em virtude do recurso ao que se denomina aqui por instrumentos de análise *tendência a desestabilização do significado*, que, “trazendo” para o discurso poético, diversos modos de organização de formas discursivas típicas de formas de interação verbal e social cotidiana, como a situação de namoro, a mirada para uma sacada de janela, a fachada de um cemitério, o deslocamento por vias urbanas e o consumo de

<sup>133</sup>

Cf. o cap. dois, onde se referiu a essas formas de organização discursiva

bens e serviços, desloca-as de sua estabilidade referencial, lhes enfatizando sua dimensão significativa instável.

Esta instabilidade do significado, *haud dubie*, é uma forma constitutiva da própria possibilidade de qualquer prática discursiva, uma vez que a aceitação de uma significação absoluta, implicaria a abstração de qualquer traço de situacionalidade da construção semiótica/ideológica. Assim, o discurso antuniano, aqui, assume uma tendência das práticas discursivas centrífugas, que é a exploração de efeitos de sentido não pelo que se crê inquestionável/estável no significado das noções sobre a realidade, mas, justamente, pelo que se percebe de mais insólito, fugidio, complexo na definição de dado sentido. É o que se percebe, por exemplo, com a apropriação que o discurso poético faz da forma “você”, tão familiar, embora arredia a qualquer tentativa de delimitação rigorosa de uma referência.

Dessa forma, nesse discurso, inscreve-se a *tendência à onissignificação temática*, que se avanta na medida em que qualquer projeção significativa para seu signo possa ser respaldada. De fato, o “você” pode ser preenchido segundo os mais diversos horizontes, sendo acentuado de formas inimaginadas. O mesmo ocorre com as demais poesias, as quais, se questionadas sobre o que dizem, podem responder que sobre quase nada, ao mesmo tempo que sobre quase tudo, dependendo de/para onde se olhe.

Estes dois recursos compõem o movimento de *reinscrição signica verbo-visual* de “n. d. a.”. Eles estabelecem-se, de fato, dentro das relações de relativa estabilidade específicas da produtividade transitória e tensa ideológica de sentidos, socialmente construída por meio de diversos embates dialógicos. Por isso, esta análise concentra-se em como os aspectos dialógicos/ideológicos são indiciados na obra. Veremos isto na sequência

### **5. 1. 2 Diálogo e ideologia: a transitoriedade criativa**

O dialogismo delinea-se conforme a interação de algumas enunciações que se incidem num enunciado. O diálogo no sentido de atos discursivos, nesse sentido, pode ser considerado como a enunciação em concretização/fluxo por entre as diversas apropriações discursivas de dado objeto. Certamente, ele é definido pela “palavra na atuação complexa e heterogênea dos sujeitos sociais, vinculada a situações, a falas passadas e antecipadas” (MARCHEZAN, 2014, p. 123) e inter-relaciona-se com o fluxo ininterrupto de criação discursiva ideológica.

Ao se esclarecer que o discurso poético<sup>134</sup>, via de regra, está associado ao monologismo, uma vez que sua enunciação se realiza como discurso de uma voz autorizada (TEZZA, 2014), não se afirma que ele não participe do dialogismo constitutivo da linguagem em geral. Importa tal constatação devido ao fato de que o discurso antuniano se especifica por categorias eminentemente dialógicas expressas na *bivocalidade* e *dialogismo interno* presentes na sua forma material. É sobre estas, sobretudo, que se pode entrever o valor transformador de tendências discursivas fundadas na apropriação positiva de signos ordinários.

Cabe dizer que este valor consiste no que estas tendências possuem de polivalência, que, em oposição à monovalência<sup>135</sup>, seria o reconhecimento dessa luta como constitutiva das práticas simbólicas/discursivas. Por conseguinte, compreender a refração dos diversos horizontes sociais no discurso em “n. d. a.” pelo deslocamento do signo poético na sua dialogicidade vislumbra a compreensão das formas das forças que estabelecem as relações axiológicas criativas do embate de posicionamentos ideológicos (que é o discurso, e, como tal, o discurso poético) pois, enquanto enunciação concreta, o discurso poético também faz “parte de um processo de comunicação ininterrupto, é um elemento do diálogo” (YAGUELLO, in: BAKHTIN/VOLOCHÍNOV), 2014, p. 15).

Logo, defende-se, aqui, que o que deflagra o diálogo transformador, em “n. d. a.”, é a inscrição de uma forma material discursiva de interação axiológica organizada numa cadeia ideológica de construção de sentidos, caracterizados por uma forma que desencadeie a rearticulação de enunciados/discursos/ideologias típicos de maneira que lógicas conservadoras sejam deslegitimadas.

Essa deslegitimação de lógicas conservadoras ocorre, sobretudo, pela expressão/assunção/responsabilização no discurso de lógicas transitórias criativas, características de formas de organização das culturas ordinárias. Estas formas se singularizam na medida em que se distinguem de pretensões de compreensão/constituição do mundo não monovalentes, as quais acabam por reduzir toda a complexidade da concretude das relações sociais, como se devessem sempre se orientar para uma dada ordem universal. Tal distinção delinea-se conforme reconheça a constitutividade de uma

---

<sup>134</sup> Tratou-se dessa questão nos cap. dois e quatro, nas seções, respectivamente, “Prosa e poesia” e “Gêneros do discurso e autoridade poética”.

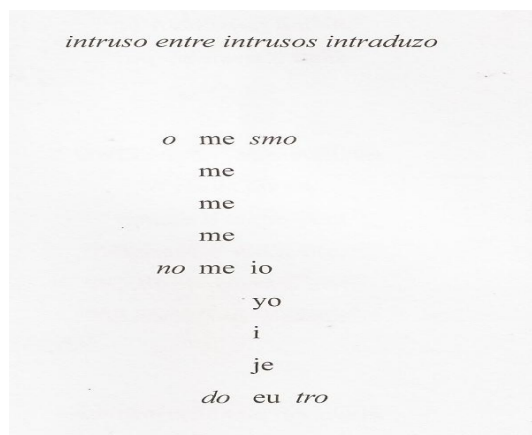
<sup>135</sup> A monovalência oculta/tenta desconsiderar a luta ideológica nas práticas discursivas, o que não se confunde com monologia. As noções de monovalência e polivalência são discutidas nas seções “Concepção de linguagem sob a perspectiva dialógica”, no cap. primeiro; “Análise Dialógica do Discurso” e “Diálogo”, no segundo capítulo.

falta temática, isto é, um excedente situacional que reorganiza/rearticula as relações estruturais do significado, segundo as contingências históricas simbólico-materiais, de maneira que este sempre esteja posto em perspectiva por aquele, ocasionando um sentido em constante inacabamento.

É justamente neste inacabamento/vazio constitutivo que as relações discursivas apresentam abertura para novas formas de organização social, as quais podem se articular de tal feita que relações não abusivas de poder possam ser tendência “hegemônica”. Por isso, a transitoriedade das relações produtivas verbais e sociais pode ter valor transformador, uma vez que pode orientar-se segundo aqueles índices de valor contra-hegemônicos.

Como se viu acima, a *reinscrição sígnica verbo-visual* é uma delas. Conforme sejam tematizadas neste discurso poético as tensões ideológicas da própria história da palavra, enquanto dinâmica social de confronto de horizontes sociais corporificados em signos discursivos, não escapa ao discurso poético de “n. d. a.” a reacentuação dialógica de signos ideológicos. Ora, a enunciação, porquanto, vira mesmo o tema do enunciado, na medida em que o problema da apropriação do signo se torna fundante deste discurso. O signo que perde sua estabilidade e ganha novos usos compõe os recursos da criação poética aí, portanto, as questões de disputas ideológicas lhe são fundantes. Por isso, o signo poético é bivocal e internamente dialógico<sup>136</sup>.

O que ilustra, acredita-se, esta especificidade do discurso nesta obra é a abertura para a presença do signo ideológico reinscrito de outras esferas discursivas no signo poético, que naturalizado em dado horizonte é desestabilizado a se sugerir que está em outro. Assim o faz a primeira poesia do livro. Veja-se:



(ANTUNES, 2010, p. 13)

<sup>136</sup> Cf. os capítulos segundo e quarto que tratam a respeito dessas categorias analíticas, nas seções, respectivamente, “Bivocalidade e dialogismo interno” e “Categorias e procedimentos de análise”.

Em “eutro”, os signos cotidianos contidos no léxico nacional *mesmo, meio, eu, tu, outro* e estrangeiro *io, yo, i, je* são “intraduzidos” – postos dentro – não do enunciado, mas do próprio signo, o que os deforma e reforma no movimento vivo de revitalização ideológica, que nunca permite a reiteração total do signo, buscando sempre em cada signo uma nova cadeia de enunciações, à maneira da citação concreta do discurso alheio. A “intradução” da forma do signo ordinário, explícita, efetivamente, a marca/presença do discurso poético oficial nas relações de instabilidade da criação ideológica. Desse modo, o dialogismo do discurso de Arnaldo Antunes em “n. d. a.” é, antes de tudo, marcado pelas especificidades das tensões de criação do signo ideológico dentro de horizontes sociais distintos trazidos para o mesmo enunciado.

As relações de sentido desta poesia deflagram-se por ser composta de pronomes pessoais tão-somente, os quais, a partir da sua função dêitica<sup>137</sup>, caracterizam a possibilidade de qualquer sujeito ser trazido para aquilo que a posição pronominal no texto determina. Essa determinação organiza-se conforme aproximações e distanciamentos de sentidos. A poesia define-se menos pela semelhança que pela possibilidade de distinção. Assim, os pronomes *io, yo, i, je* e *eu*, embora se assemelhem por poderem substituir um nome/um sujeito discursivo/uma posição axiológica, pela estranheza da construção sintagmática, a princípio sem referência clara, é, pela dissemelhança formal, que estes pronomes são relacionados, como se fossem palavras desconhecidas que compusessem um sintagma.

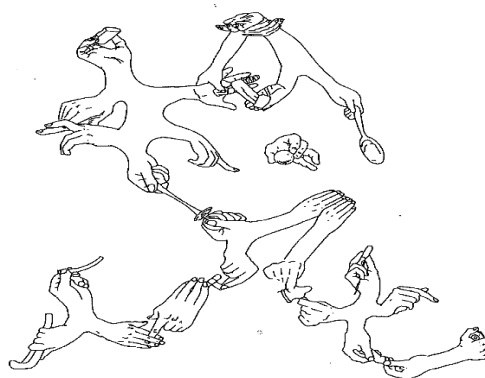
A transmutação do “outro” em “eu”/do “eu” em “outro” para “eutro” deforma/reforma a organização do signo (agora pela estranheza e não pela usualidade). Daí a imagem do título de linguagem como passagem adiante de algo “dado” (que, sabe-se, sempre é disputado), de acordo com a etimologia de “traduzir”: de TRANS-, “além, adiante” e DARE, “dar, entregar”. A tradução/passagem/prática discursiva, enfim, não significa pela unidade de semelhantes, antes estabelece semioses pela contradição de intrusos/heterogeneidades.

---

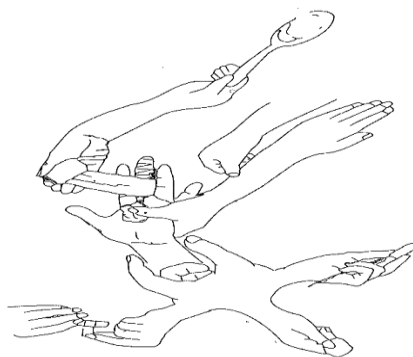
<sup>137</sup> Bechara (1999) observa que semanticamente, os pronomes caracterizam-se conforme indiquem dêixis (“o apontar para”), como se fossem gestos verbais indicadores, determinados ou indeterminados, explícito verbalmente ou implícito contextualmente (a dêixis *ad oculos*). Cavalcante (2000, p. 55) observa que “o grupo dos dêiticos conseguem cobrir todos os casos: a) a nominação, pela qual as informações-suporte ganham estatuto de referente e são categorizadas ou como pro-formas ou como rótulos; b) o procedimento dêitico, pelo qual são orientados os focos de atenção dos interlocutores; c) a pressuposição do posicionamento do falante ou do destinatário na situação real de comunicação”



Essa reflexão sobre a constitutividade “intrusa”/alheia das práticas discursivas indicia um movimento discursivo especificado pela singularidade instável do signo ideológico sem a qual a própria interação seria impossível, pois não haveria um eu/outro em contradição (eutro), mas apenas um eu que coincidiria com o outro. Em outras palavras, haveria transmissão de códigos/palavras abstratas, não comunicação de “verdades ou mentiras, de coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc.” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 99). O mesmo ocorre nos “*hand mades*”, que mostramos, a seguir.



(ANTUNES, 2010, p. 166)



(ANTUNES, 2010, p. 201)

Estes são poesias visuais/desenhos que se orientam pela tensão entre os signos “mãos/*hands*” que se inter-relacionam contraditoriamente, permitindo a criação de diversos modos de organizar-se (vários desenhos, cujos limites são indistintos), sem, por isso, se perder em alguma forma finalizada/delimitada. O movimento marca a ação das mãos por cujos dedos e braços as mais variadas combinações de posições e abertura a outras possibilidades de arranjos se constroem. Este movimento amplia-se quando recortes de outros desenhos, a partir do primeiro *hand made*, compõem os outros “*hand mades*”, como se vê no segundo.

Estas duas poesias orientam-se, a partir da relativa estabilidade de sentidos das produções ideológicas, quando o signo “mão” é deformado e/ou sua ação é ampliada pelo uso de outros objetos, o que remete para a própria ação do homem no mundo, marcada pelo domínio da técnica/natureza pelo uso produtivo dela mesma e de seus signos.

No mesmo sentido, organiza-se a poesia “palavra”.

dente e comida  
beijo e gengiva  
gargalo e lábio  
riso e cigarro  
garganta e água  
batom e língua  
ar e saliva

palavra

(ANTUNES, 2010, p. 18)

Nela, são acionadas as forças concretas sobre as quais o signo “palavra” constrói-se. Por conta disso, as representações idealistas e abstratas do signo, que, via de regra, são agenciadas para definir o significado estável ou metafísico da palavra são contestadas pelo fato de se remeter à concretude específica (metonimizadas e metaforizadas pelas referências à corporalidade). Isto, inclusive, corrobora o conceito de enunciação dialógica, que se particulariza pela propriedade de fazer emergir o signo de cadeias ideológicas criativas situadas historicamente, donde a constante tensão. O percurso discursivo de “n. d. a.” através das singularidades ideológicas assume que a linearidade requerida como fundante de uma interação verbal e discursiva é, senão falaciosa, no mínimo não suficiente. As poesias “infinitozinho” e “máximo fim” inscrevem-se nesse debate/diálogo.

(ANTUNES, 2010, p. 173)

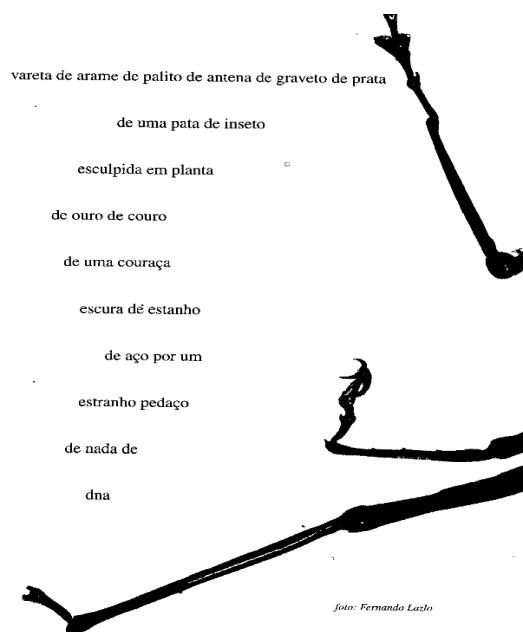
(ANTUNES, 2010, p. 177)

As poesias “infinitozinho” e “máximo fim” desfazem a prática comum de ler-se de cima para baixo e da esquerda para direita, apresentando, contingentemente, um signo poético renovado no sentido de estabelecer uma nova forma de interação entre os locutores, que devem sair de seus lugares comuns oficiais/habituais e se reorientar em relação às formas de apropriação do signo, sempre em postulação (disputa axiológica), nunca dado (abstraído de relações concretas).

Esta desterritorialização problematiza a própria natureza arbitrária do signo quando formas alheias surgem de dentro da palavra, ora se indicando no horizonte discursivo apenas uma forma física, que poderia significar apenas por si mesma, o que apagaria qualquer orientação externa do signo, apagando-se, assim, a possibilidade de interação social; ora, amalgamando distintas refrações – “(de/re)formação” de palavras a

partir de “parte” de palavras, além de a partir de símbolos químicos e místicos –, o que criaria um novo universo que neste horizonte estaria gravitando por entre orientações sociais particulares a que se ligaria eventualmente; isto tudo, sem deixar de estar inserido na esfera ideológica habitual, donde as diversas entradas/saídas em perspectiva emergem.

De fato, quando algum acento axiológico se vale das possibilidades da forma da constituição do signo, transitando entre a forma da palavra e símbolos/sinais não linguísticos, como na poesia “infinitozinho” e “dna” (a seguir), relacionados ao seu sentido, polemiza a linha de demarcação<sup>138</sup> do natural e físico contra o social e ideológico, onde se encontra o signo.



(ANTUNES, 2010, p. 169)

Por isso que, na poesia “um acidente”, em consonância com toda essa orientação, a tematização da particularidade da situacionalidade do signo é fio condutor da imagem poética que se realiza no verso “O ouro da palavra, um acidente”. Veja-se:

<sup>138</sup> A linha de demarcação seria um elemento de distinção entre a realidade material e semiótica/ideológica (cf. capítulo 1 de Bakhtin/Volochínov (2014)).

O mal estar que exala quem discorda  
 Porque não sente quase ou não entende  
 Concorda bem com o de quem assente  
 Sem romper a casca, e não acorda.

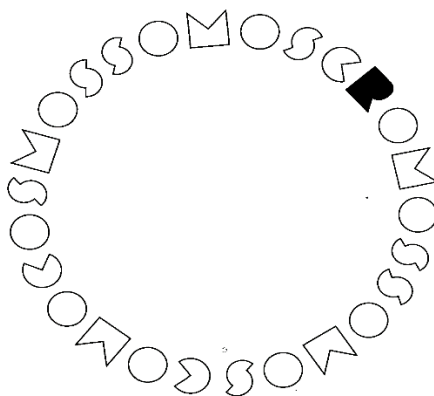
Somente se distar de estar de frente  
 Distrai a sua mente da derrota.  
 Distante como diante de uma porta  
 Destrói na letra preta o branco ausente.

A vida do sentido o incomoda —  
 Vigor de ponta a ponta da serpente  
 Que o branco ovo a cada dia lota.

Suporta, não se importa ou então mente,  
 Não compreende o que o prende à borda —  
 O ouro da palavra, um acidente.

(ANTUNES, 2010, p. 186)

A expressão apositiva desse verso relativiza a posição absoluta do signo enquanto unificador de sentidos, na mesma medida em que demarca num horizonte produtivo material-dialético (as relações de abuso, constrangimento, medo, etc.) a relação entre objetivo e subjetivo, entre arbitrário e motivado, entre abstrato e concreto, entre estável e instável, território limite em que tais antagonismos entram em contato e concretizam-se. Isto se vê também na poesia “cromossomos”, que expomos abaixo:



(ANTUNES, 2010, p. 197)

Nesta poesia, vê-se que a relação entre o fisiológico/natural/não ideológico (sem sentido/diálogo) e sógnico (com orientação axiológica) é tematizada (o que é uma marca da produção ideológica) por força da circularidade e amálgama dos signos/letras que compõem a poesia.

Com efeito, nesta análise dialógica do discurso poético de “n. d. a.”, percebe-se o discurso em orientação com as particularidades da criação ideológica, fundada na

cadeia dialógica em que os sujeitos sociais organizados estão inseridos. E é, por isso mesmo, que as categorias dialógicas decorrentes da análise dessa obra se fundam, a partir de relações de desestabilização do signo dado, através da proposição de novas aberturas de uso dele mesmo, enquanto produção dialógica/ideológica, transitória e criativa. Nesse sentido, entende-se que o signo poético antuniano, aí, emerge como resposta a uma necessidade da história da palavra atual que se compromete com a legitimação de signos cotidianos em esferas oficiais, quando eles contradizem discursos/ideologias cujas tendências materiais são conservadoras. É o que se verá ademais.

## 5. 2 DANDO PANO PRA MANGAS: QUESTÕES DE EMPODERAMENTO

### 5. 2. 1 Emergência do signo reinscrito e a História da palavra

O mundo ideológico, verbal e social, descentralizado estabelece-se na contemporaneidade e atualmente abre-se e “deita raízes”/corporifica-se em novas formas discursivas, dentre elas, a que chamamos de poesia dialógica verbo-visual, de que se vale o discurso de “n. d. a.”. Este mundo, segundo Bakhtin (2014, p. 165), emerge, por sua vez, das, cada vez mais complexas, formas de interação verbal e social de grupos ambigualmente diferenciados. Uma forma histórica de promover essa complexidade foi a intrusão da vida cotidiana nas formas de discurso oficiais. Justamente, o que especifica a forma poética dessa obra.

Vale ressaltar que a vida cotidiana entra no romance moderno especialmente com a heterogeneidade discursiva, máxime com suas formas bivocais e internamente dialogizadas, que, contraditoriamente, acentuadas promovem-lhe a revitalização histórica, transformação de formas anacrônicas. A disseminação da vida ordinária e de sua heterogeneidade discursiva bivocal e internamente dialogizada penetrou *erga omnes* nas práticas discursivas relevantes socialmente como as científicas, midiáticas, educativas e, como não poderia deixar de ser, as poéticas.

Em “n. d. a.”, de Arnaldo Antunes, a novidade está em fazer encontrar o enunciado poético com esta heterogeneidade discursiva. Neste caso, por meio da reinscrição de signos urbanos característicos de esferas discursivas que tradicionalmente lhe foram postas como estranhas. Foi pela hibridização deste enunciado poético marcada pela fusão verbo-visual que signos cotidianos heterogêneos puderam tonar-se constitutivos do discurso poético, como se viu, mais flagrantemente, nas poesias cartões postais.

O dialogismo da poesia não é o mesmo do da prosa. Esta se particulariza enquanto momento tendente a construções de enunciados bivocais híbridos, os quais definem a essência deste discurso; ao contrário do da poesia, cuja bivocalidade não precisa ser explorada em todas as possibilidades dentro da especificidade estabelecida em seu gênero. Segundo Bakhtin (2014, p. 154), a prosa vai servir-se, *in itinere*, em todos os sentidos das diversas formas dialógicas de transmissão da palavra de outrem. Orienta-se, pois, sob a imagem da linguagem, que é sua orientação não para o símbolo, mas para o plurilinguismo (BAKHTIN, 2014, p. 153).

É importante, aqui, não desconsiderar que a prosa romanesca surge, diferentemente da poesia, no contato direto com os modos de falares do cotidiano<sup>139</sup>. A prosa vale-se das formas elaboradas de citação do discurso de outrem enquadradas, a partir de seus usos na vida cotidiana. É certo que “o tema do sujeito que fala tem um peso imenso na vida cotidiana” (BAKHTIN, 2014, p. 139) e, também, que o peso do cotidiano como determinante das práticas modernas concorreu para a emergência desta prosa. Na história da palavra, ele foi cada vez mais se endossando à proporção que o discurso poético não pudesse mais não se contagiar dele em suas orientações.

Não é de se estranhar que a poesia se volte para o discurso do cotidiano, até porque ela é histórica e como tal responde ao seu tempo. A chamada época prosaica inscreveu seus imperativos nesse discurso, assim, a crítica da palavra alheia é traduzida pela imagem poética que nos limites da sua singularidade lhe assume o *jus possidendi*.

O exemplo de “n. d. a.” é característico: se a apropriação estética da transmissão do discurso (“a passagem de boca a boca” (BAKHTIN 2015, p. 232) da palavra viva), na prosa romanesca, especialmente, a polifônica dostoiévskiana, demarca-se pelo deslocamento polêmico desse discurso para novos contextos enunciativos na produção de sentidos ideológicos, ou seja, pode-se dizer, a reinscrição da citação em esferas distintas; em “n. d. a.”, o caminho foi o da reinscrição verbo-visual do signo ideológico de outras esferas na poética, a qual se apropriou, assim, das singularidades do signo ordinário, justamente, no que ele tem de plurívoco e fê-lo movimentar-se como material poético. É o que se pode constatar, por exemplo, na poesia “dna” que reúne em

---

<sup>139</sup> A poesia serve-se da centralização univocal no sentido de explorar os momentos da materialidade estética da palavra incontestável, que tende à homogeneidade, isto é, busca ser tomada como absoluta, universal, sagrada, neste caso, a orientação é para o símbolo (BAKHTIN, 2014, p. 50). Cf. a seção “Poesia e Prosa”, onde se discute a questão do símbolo na poesia.

sua imagem poética, uma imagem plástica, que, por sua vez, remete a materiais encontrados nas ruas da cidade.



(ANTUNES, 2010, p. 169)

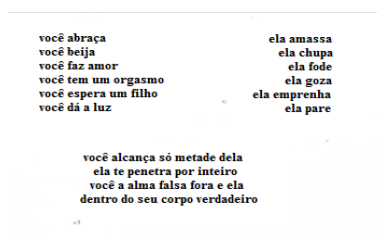
Esta imagem é particularmente interessante porque tais objetos são anônimos, abandonados, quebrados, enfim, quase (“kafkianamente”) abjetos, como o desenho de algo que se assemelha a uma pata de inseto. É sobre tais objetos que o discurso poético de “n. d. a.” se debruça e sua visão estética se estabelece. Por conseguinte, uma conservadora relação de antipatia entre poesia oficial e o mundo vulgar desestabiliza-se.

Embora o romance tenha-se tornado a forma, por excelência, da introdução das vozes alheias, sobremaneira, as cotidianas, isto não quer dizer que outras tradições genéricas não o possam fazê-lo, nem que não já o tenham feito, em algum grau, em certo momento da história, e que, muito menos, isto se aplica à poesia. Não introduzir vozes alheias cotidianas é condenar o discurso poético (e qualquer outro) ao ostracismo, à irrelevância social, ou à monovalência/reacionariedade, uma vez que, como se viu acima, o tempo contemporâneo é prosaico, surgido na emergência inescapável da constitutividade da heterogeneidade nas práticas sociais.

As formas que a prosa romanesca elaborou para introduzir a vida cotidiana foram basicamente três: discurso direto, gêneros intercalados e construções híbridas (BAKHTIN, 2014). O discurso de “n. d. a.” distingue a *reinscrição sígnica verbo visual* como uma forma de intrusão de acentos alheios no discurso poético num plano principal, o que permitiu a singular relação transformadora com os índices de valor da cultura ordinária, bem como as poesias 8 e 9 exemplificam-no, categoricamente.

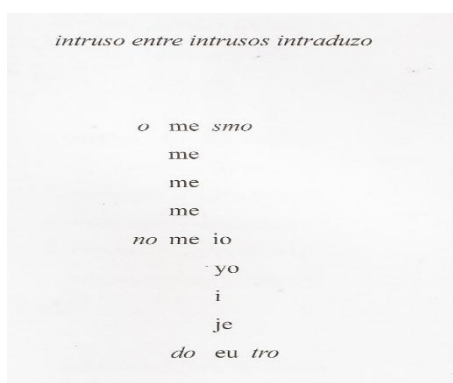


## Poesia 8, ela e você



(ANTUNES, 2010, p. 63)

## Poesia 9, eutro



(ANTUNES, 2010, p. 13)

É oportuno frisar agora que esta análise dialógica se interessa pela formalização de um saber (científico) a respeito do valor transformador que a reacentuação de signos do cotidiano tem em esferas institucionais, como as literárias. Nesse sentido, assevera-se que em “n. d. a.” se reacentua o valor constitutivo do signo cotidiano no sentido de ser assumido/axiologizado enquanto objeto *sine qua non* da produção poética institucional, do que decorre um valor ético de legitimação dos sujeitos e suas formas culturais pertencentes a este signo, doravante neste discurso e, possivelmente, nas práticas que lhe sucedem, positivamente, valorizados<sup>140</sup>.

Ao lado disso, o discurso poético organizado na fronteira de formas criativas de esferas não artísticas funda-se nas práticas sociais e verbais marcadas pela consciência da imagem do plurilinguismo. Assim, o diálogo com o material verbal, visual<sup>141</sup> e formas extra artísticas, situado nos contextos de produção multimodal das práticas semióticas hodiernas é assumido pelo discurso antuniano.

<sup>140</sup> O que tanto ocorre na esfera literária, quanto na acadêmica que, a fomentar esse tipo de estudo, o faz, por reconhecer o acento legítimo das práticas que revitalizam a cultura ordinária e seus índices de valor.

<sup>141</sup> A emergência do visual no discurso relaciona-se com a transformação das relações contemporâneas, marcadas pela áudio-visualidade das esferas midiáticas.

Por isso, pode-se afirmar que sua poesia é dialógica em todas as concepções que diálogo tem, tanto no sentido geral, como inscrição num grande diálogo já estabelecido por enunciados anteriores e por outros a se projetar (a consciência de passado e de futuro da palavra – sua *arquáica* criativa); quanto, no sentido composicional, como forma que se constitui no limite entre duas enunciações<sup>142</sup>. Esta afirmação aventa a particularidade discursiva, estudada, aqui, de se reinscrever verbo-visualmente signos ordinários, lhes reacentuando, positivamente, decorrendo disso, o caráter transformador deste discurso.

Essa transformação dá-se conforme o diálogo, sendo confluência de pontos de vista ideológicos e, podendo ser reverberação da superação de forças monovalentes, possa ser reacentuação positiva/legitimação de um signo marginalizado de esferas institucionais, o que acaba por revitalizar a história da palavra no discurso.

De fato, na interação entre sujeitos cotidianos, literários, acadêmicos, todos sujeitos historicamente situados, pode-se entrever suas acentuações e consequentes posições sociais, em cujo confronto, a história da palavra se orienta e com cujas relações dialógicas cada sujeito pode legitimar-se no uso autêntico da linguagem. Desse modo, a abertura ideológica do signo poético em “n. d. a.”, ao autorizar a linguagem cotidiana como objeto da materialidade discursiva da obra, associa-se à legitimação de todos os responsáveis por ela e seus horizontes, práticas e lugares sociais.

Ora, o discurso poético dessa obra é um ato discursivo revitalizador da polivalência da história da palavra, a abrir cadeias ideológicas oficiais para presenças axiológicas de sujeitos historicamente excluídos de esferas oficiais, o que é um ato ético-político, comprometido e responsivo na alteridade.

Arnaldo Antunes, ao apresentar este signo ideológico poético tendendo ao que se chama por onissignificação temática, abre-o para o ativismo do outro que vem dos lugares de cultura cotidianos da cidade. Certamente, é como se o outro assumisse o eu que objetiva (o autor) o próprio eu do discurso poético (o objeto), donde se estabelece a abertura polivalente (que não subsome a valorização do signo ordinário à alguma lógica conservadora) do discurso poético de “n. d. a.”.

Portanto, os não distanciamento e total responsabilização da voz autoral poética, em vez de tender este discurso para a monovalência composicional, recorrendo a palavras monovocais, caracterizam-no, composicionalmente, de maneira internamente

---

<sup>142</sup> Cf. cap. dois, na seção “Categorias e procedimentos de análise”, as concepções de diálogo.

dialógica e bivocalizada. Não se trata de propor que, em “n. d. a.”, Arnaldo Antunes refaz as particularidades fundamentais do estilo<sup>143</sup> do discurso poético. Não é o caso, com efeito, de se questionar a especificidade de ser a língua do poeta sua própria linguagem, estando ele nela e dela inseparável (TEZZA, 2014, p. 204).

Tal questionamento contra a propriedade geral monológica constitutiva do discurso seria não reconhecer a própria dialogicidade da linguagem, enquanto tensão contínua entre impulsos transitórios contraditórios, que oscilam entre a monologia e a dialogia. Também seria negar a própria especificidade do gênero poético, constituído nas formas centrípetas.

Esta dissertação tenta entender quais são as formas discursivas que se abrem à polivalência e de que modo isto se concretiza neste discurso. No caso de seu objeto (parceiro de conversa), através da *reinscrição signica verbo-visual*, que legitima as acentuações populares nos processos criativos de esferas institucionais poéticas. Portanto, o que se está em jogo é a inscrição autêntica de grupos não-hegemônicos em espaços de cultura historicamente interditados para si, tais quais, os da “alta” literatura, através de estratégias discursivas.

Para dividir as duas linhas estilísticas do romance europeu, Bakhtin (2014, p. 192) recorre à distinção entre ambos em partirem de lugares ideológicos opostos: a primeira linha caminha para o plurilinguismo de cima para baixo, já a segunda parte deste para chegar ao que o autor chama de literaridade. Nessa distinção, o momento estético emerge diferentemente em cada linha. Em “n. d. a.”, ocorre que o movimento/orientação entre discurso poético e cultura urbana parte desta para aquele, não o contrário, como se tenta destacar. Isto, em maior ou menor grau, reordena toda a constituição fundante das esferas poéticas, bem como transforma, historicamente, as particularidades de cada linha romanesca.

Até agora se pôde perceber que a orientação para a ideologia do cotidiano, nesse discurso, é dimensionada, poeticamente, pela *reinscrição signica verbo-visual*, que se fundamenta pelo fato de que índices de valor acentuados especificamente em dada esfera têm seus signos deslocados para outras, lhes transformando a acentuação. Essa orientação promove um efeito de sentido singular que estabelece mudanças nas posições axiológicas correntes em cada esfera relacionada. Nesse discurso, permite-se uma

---

<sup>143</sup> Um estilo não se faz individualmente, é um processo histórico. Neste caso, tenta-se apenas identificar quais procedimentos discursivos presentes em “n. d. a.” indiciam uma forma de transformação das relações entre cultura popular e oficial.

profunda reflexão sobre as bases ideológicas das principais tendências discursivas que norteiam a relação entre poesia, crítica e culturas, dentre estas, as cotidianas. Isto na medida em que tensiona sentidos criados em esferas discursivas heterogêneas, a partir das orientações de cultura ordinária.

Em função disso, os efeitos de sentido decorrentes problematizam posições axiológicas fundantes de discursos institucionais sobre as formas de interação entre culturas poéticas e urbanas, sobretudo aquelas que apregoam a superioridade essencial daquela sobre esta. A orientação para os signos da cidade abre os diversos discursos latentes nas poesias de “n. d. a.” para a possibilidade (vontade/necessidade/desejo) de reacentuações de índices de valor urbanos como uma forma de transformação das relações históricas entre cultura popular e erudita, pois, para criar suas poesias percorre os espaços comuns das ruas da cidade – a praça onde namorados ficam e brigam, o posto de gasolina, os prédios comerciais, os condomínios, os *containers*, encontrando-se com corpos, gestos e produtos da cidade, mãos anônimas, camisinhas, violência, angústias. Tudo (ao mesmo tempo agora, com 2 ou + corpos no mesmo espaço, e tempo)<sup>144</sup> em turbilhão de sensações.

Assim, há a possibilidade de inferências a modos de acentuações da palavra alheia das ruas ou com benevolência e/ou curiosidade exótica; ou, simplesmente, com negação, o que são posições que demarcam bem delimitadas tendências de esferas poéticas tradicionais, no discurso de Arnaldo Antunes. Em “n. d. a.”, estas posições são problematizadas radicalmente. As esferas cotidianas e poéticas são encenadas não mais como concorrentes, mas como consequência do embate que travaram, de cujos limites de contato emergiu uma forma poética em que não se pode mais separar o material da linguagem artística do da linguagem cotidiana.

Com o discurso de “n. d. a.”, outro discurso (des)constrói-se: o que não se pode distinguir dos discursos em que posturas ou vestígios de cisão entre cultura oficial e coloquial persistissem. Esta tentativa de combate a essa cisão é uma marca histórica das interações sociais e verbais emancipadoras específicas da contemporaneidade, bem como uma forma que endossa posicionamentos empoderadores de sujeitos sociais marginalizados. Esta questão é o tema do próximo tópico.

### **5. 2. 2 História da palavra e transformação social**

---

<sup>144</sup> Os parênteses aqui são outra licença “poético-acadêmica” a que se recorre para lançar mão de alguns trechos de poesias e músicas de Arnaldo Antunes. O primeiro deles, tiramos da composição “Comida” e o outro, do livro de poesias com o mesmo título.

A concretude dos usos da linguagem na interação social estabelece-se, a partir das relações dialógicas entre os sujeitos históricos que interagem significativamente através dos diversos acentos erigidos nos discursos que vão sendo postos em confronto nas fronteiras de cada esfera discursivo-ideológica. É o caso, por exemplo, da poesia 5, que se concentra nos interesses de sujeitos que se relacionam com os serviços e os bens de consumo específicos da esfera discursiva constituída nos limites do lugar de cultura posto de gasolina.



(ANTUNES, 2010, p. 119)

Estes sujeitos, frentistas, consumidores, vendedores ambulantes, atendentes de lojas de conveniência, fornecedores, empresários, publicitários, ambientalistas, criminosos, poetas (aqui, o diálogo já se amplia indefinidamente: pesquisadores, professores, alunos, etc.) e outros eventuais, cada qual, a partir de suas necessidades produtivas, socioeconômicas e culturais, axiologizam a vida do cotidiano do posto, contraditoriamente.

Daí a (des/re)focalização do lexema “*shell*” na sua parte “*hell*”, a qual ocorre, devido a uma mirada para este logotipo de uma perspectiva inusitada, que achaca uma relação negativa que se tem com o referido lugar de cultura. Esta relação é acentuada negativamente por causa de estar inscrita numa cadeia discursiva marcada por práticas de exploração financeira (preço abusivo), trabalhista (precarização do trabalho) e ambiental (poluição).

No entanto, não se pode negar o atual estabelecimento de certa imprescindibilidade do uso dos serviços e bens desse lugar, o que é consolidado por uma rede de relações de consumo que constroem formas de determinados comportamentos (a aquisição desses produtos), embora se reconheça suas contradições (quase numa

relação cínica), reconhecendo a histórica organização abusiva em que eles se sustentam. Assim, esta poesia constrói-se na medida em que tematiza as relações de sentido distintas que cada esfera discursiva (do direito, da publicidade, do comércio, etc.) estabelece com o objeto “posto de gasolina” e em contradição entre si.

A forma básica desta significação real desenvolve-se pela heterogeneidade/contradição transitória histórica fundante da própria possibilidade do devir humano. Bakhtin (2014, p. 155) reitera, enfaticamente, que:

A língua é historicamente real, enquanto transformação plurilíngue, fervilhante de línguas futuras e passadas, de linguagens aristocráticas afetadas que estão morrendo, de *parvenus* linguísticos, de incontáveis pretendentes a ela, de maior ou menor sucesso, de maior ou menor envergadura de alcance social, com uma ou outra esfera ideológica de aplicação.

A concretude dos usos da linguagem na interação social possui uma história na medida em que emerge das tendências centrífugas e centrípetas do discurso, que balizam a transformação socioideológica das linguagens e da sociedade, em cada um desses usos. Pode-se dizer, com isso, que, em cada enunciado, se corporifica parte da história das relações produtivas da humanidade.

O entendimento da palavra e da sua história como evolução material-dialética das forças polivalentes e monovalentes ilustra o problema da heterogeneidade e da transformação social, ou seja, o devir discursivo<sup>145</sup> que retoma e transforma as práticas discursivas. Esse problema arrola-se ao problema da continuidade histórica das ações humanas, ao mesmo tempo em que ao das contradições das contingências desta mesma ação. Não à-toa que o símbolo da arena de lutas para as formas de interação discursiva convém para delinear as confluências de forças ideológicas que tecem as vicissitudes do discurso, que são sempre situadas historicamente.

Assim, em sendo as tendências básicas do discurso as forças centrípetas e centrífugas (aquelas promovendo a centralização e muitas vezes a reificação<sup>146</sup> da palavra e estas a descentralização e, algumas vezes, transformação) e em o discurso de “n. d. a.” assumindo as particularidades contemporâneas de organização discursiva, pode-se dizer que este discurso “(in)traduz” uma tendência histórica da palavra atual, que é transformar as relações reacionárias sobre a palavra ordinária.

---

<sup>145</sup> Cf. o primeiro capítulo, na seção “Linguística Aplicada, Estudos Críticos da Linguagem e Análise Dialógica do Discurso”, onde se trata da palavra e de seu devir.

<sup>146</sup> Acredita-se que o que Bakhtin (2014, p. 54; 60-5) chama de reificação é a desconsideração do momento concreto da produção discursiva, que apaga a presença autoral do sujeito histórico.

Na base da evolução do discurso poético clássico, agiram as tendências ideológicas unificadoras e centralizadoras, que se orientaram para os gêneros oficiais, o que marginalizava os demais, ao ponto de negar-lhes a poeticidade e legar-lhes a um *status* de inferioridade. No discurso de “n. d. a.” entrevê-se o movimento histórico de evolução das formas de organização da heterogeneidade discursiva nos discursos oficiais. Assim, os signos cotidianos, antes, desprestigiados, ou utilizados como mero recurso para afirmar uma qualidade prestigiada, agora, na condição constitutiva do discurso poético, indiciam um novo momento da tendência das relações poéticas/oficiais com os índices de valor ordinários. Isto, na medida em que se delineia enquanto uma forma particular de atualizar nas ideologias oficiais as forças centrífugas fundadas na heterogeneidade discursiva, o que garante a vitalidade das práticas estáveis de interação discursiva.

Vale ressaltar que, segundo Bakhtin (2014, p. 83):

Enquanto as variantes básicas dos gêneros poéticos desenvolvem-se na corrente das forças centrípetas da vida verbo-ideológica que unifica e centraliza, o romance e os gêneros literários e prosaicos que ele atrai para si constituíram-se historicamente na corrente das forças descentralizadoras e centrífugas. E enquanto a poesia, nas altas camadas socioideológicas oficiais, resolvia o problema da centralização cultural, nacional e política do mundo verbal-ideológico, por baixo, nos palcos das barracas de feira, soava um discurso jogralesco, que arremedava todas as “línguas” e dialetos, desenvolvia a literatura das fábulas e das *soties*, das canções de rua, dos provérbios, das anedotas. Nesses palcos não havia nenhum daqueles centros linguísticos onde o jogo vivo se realizava nas “línguas” dos poetas, dos sábios, dos monges, dos cavaleiros, etc., e nenhum aspecto seu era verdadeiro e indiscutível.

O mundo atual, de tendência prosaica, distancia-se dos imperativos de unificação nacionalista, ou organização do Estado, ou ainda de salvaguarda de uma tradição e consciência de classe, como ocorreu nos períodos ditos poéticos, cuja imagem da linguagem tida como absoluta deveria constituir os discursos oficiais. Por outro lado, aquelas mesmas práticas discursivas iconoclastas da praça pública e das ruas da cidade, ao longo dos anos, ganharam cada vez mais acentos positivos, sobretudo, porque (novamente) se vive uma experiência de mundo em decadência.

Conforme a relação entre homem, palavra e realidade seja de enquadramento, acabamento, de posicionamento e comprometimento entre si, as condições de produção da época (no caso, da contemporaneidade, marcada pela complexidade de sentidos) estão sensíveis nos discursos sociais, por meio do que estabilizaram as especificidades ideológicas daqueles espaços e sujeitos sociais. Estas, então, passam a orientar as tendências discursivas oficiais.

Especialmente, no discurso antuniano de “n. d. a.”, essa orientação é feita pela reinscrição dos signos cotidianos exteriores das esferas poéticas nestas esferas, a partir de um novo ponto de vista, orientado para a constitutividade da cultura cotidiana da cidade no discurso poético.

Quando o discurso de “n. d. a.” promove a integração das formas dos signos da realidade cotidiana urbana com as formas de constituição dos signos poéticos, ressignificando os signos da cidade nos horizontes discursivos das esferas poéticas institucionalizadas, garante a vitalidade<sup>147</sup> histórica deste discurso e endossa os movimentos discursivos responsáveis pela expansão e experimentação dos limites constitutivos das interações verbais e sociais, cumprindo sua missão “de ampliar e de renovar seu significado em contextos novos e vivos” (BAKHTIN, 2014, p. 152). Afinal, a palavra de “n. d. a.” supera a reificação monovalente a emergir das relações originais entre cultura oficial e popular não mais como antítese, nem síntese corretiva, mas como integralidade<sup>148</sup>.

Este discurso, portanto, é uma forma de concretização da tendência dialógica pluridiscursiva/heterogênea da história da palavra, a qual permite a autoridade das diversas vozes sociais em todas as esferas ideológicas, a despeito das forças conservadoras que buscam o silenciamento e deslegitimação dos discursos contra-hegemônicos.

Com efeito, a heterogeneidade discursiva faz confluír diversas perspectivas ideológicas, de cuja contradição, as práticas discursivas evoluem em oposição à monovalência que não consegue captar e/ou se recusa a aceitar “um mundo mais amplo com muito mais planos e perspectivas” (BAKHTIN, 2014, P. 204). Nesta passagem, Bakhtin (2014, p. 204) vale-se de uma metáfora de espelhos frente a frente refletindo-se,

---

<sup>147</sup> Pode-se dizer que o discurso morto seria aquele que se organiza, historicamente, conforme desconsidere/abraia as suas contradições fundantes. De fato, nas palavras de Bakhtin/Volochínov (2014, p. 48), “a memória da história da humanidade está cheia destes signos ideológicos defuntos, incapazes de constituir uma arena para o confronto dos valores sociais vivos”. Pode-se dizer, ainda, nesse sentido, que o discurso vivo seria aquele que não evita “a luta dos índices sociais de valor”, contra os interesses hegemônicos que “tende a conferir ao signo ideológico um caráter intangível e acima das diferenças de classe” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 48).

<sup>148</sup> Aqui, o que se denomina por relação antitética entre cultura oficial e cotidiana relaciona-se à proposta de uma poética que se apartava da linguagem vulgar. Já o que se denomina por relação sintética corretiva relaciona-se à uma poética, que, quando se aproxima da linguagem cotidiana, o faz sem superar, profundamente, a cisão entre sublime e vulgar, porque parte daquele para este. Por fim, o que se denomina por relação integralizadora relaciona-se a uma poética caracterizada pela relação entre poesia e signos cotidianos no sentido de que o movimento não é mais da poesia já constituída para o cotidiano que passaria por seus filtros, mas é partindo dos índices cotidianos que a poesia emerge, sendo indistintos seus materiais e seus conteúdos.



mas cada qual a seu modo algum ângulo específico. O tropo remete à singularidade de cada esfera discursiva que participa da unidade da cultura, mas que não perde sua especificidade. Assim, a noção de iterabilidade, de repetição e renovação interconstitutivas, subjaz, por meio do plurilinguismo, o fenômeno linguístico, que em movimentos de canonização e reacentuação promovem as transformações na história discursiva.

Portanto, a resinscrição sêmica fundante do discurso poético antuniano na obra que ora se estuda pode concorrer para a evolução da história da palavra, pois, devido à reacentuação que faz das linguagens cotidianas da cidade, possibilita a constituição de novas ordens criativo-ideológicas cujo ponto de partida são os horizontes sociais populares. É importante notar que os sujeitos constituídos e constituintes nesta esfera discursiva poética sempre poderiam não “investir” nesse tipo de poesia, todavia, por fazê-lo, inscrevem-se nas tendências polivalentes referidas e comprometem-se com a evolução do discurso.

Frise-se que, nessa evolução, não se deve apenas substituir-se uma voz dogmática por outra – não valeria em nada, se a posição axiológica em “n. d. a.” fosse intransigente com as demais e se quisesse porta-voz de uma nova poética, a despeito das demais poéticas –; deve-se antes promover-se um enfrentamento das assimetrias discursivas que estabelecem valores normativos abusivos nas práticas sociais. É o que este discurso faz.

É importante, também, notar que, com o dito acima, não se está afirmando que haja um projeto programático de crítica de estilos poéticos diferentes do de “n. d. a.”, absolutamente. Ao contrário, busca-se, aí, apenas identificar uma tendência da dinâmica social da linguagem que é estar sensível às mais pequenas e assistemáticas transformações sociais, através do descentramento de ordens discursivas conservadoras. A revitalização da história da palavra dá-se através de forças centrífugas<sup>149</sup>, que, conforme Morson e

---

<sup>149</sup> Numa passagem a respeito do sentido de mundo clássico, em Bakhtin (2011, p. 163-4), destaca-se o entendimento do compromisso trágico, através do qual se depreende o seu valor transformador conforme este se estabeleça na construção positiva de uma atitude que será avaliada, a partir da manutenção ou não de um laço responsável com uma tradição, memória, história de um povo, de um grupo social. Veja-se a passagem: “em que terreno axiológico medra o caráter clássico, em que contexto axiológico cultural é possível o destino como força positivamente axiológica, que organiza e conclui artisticamente a vida do outro? O valor genealógico como categoria do ser consolidado da alteridade, que incorpora a mim a seu círculo axiológico de realizações – eis o terreno em que cresce o valor do destino (para o outro). Eu não começo a vida, eu não sou o seu iniciador axiológicamente responsável, não disponho sequer de um enfoque axiológico que me permita iniciar ativamente a série de vida responsável pelos valores e pelo sentido; eu posso agir e emitir juízos de valor com base na vida já dada e valorada; a série de meus atos não parte de mim, eu apenas lhe dou continuidade (como a dou também

Emerson (2008, p. 48), “são uma panóplia dos mais heterogêneos elementos. Podem não ter relação alguma com as outras, salvo na sua divergência do ‘oficial’”.

Destaque-se, ainda, que não se defende que o entendimento de composições centrífugas que refranjam particularidades de descentralização de poder nas interações verbais e sociais implique, necessariamente, que as forças centrípetas não possam ter ou tenham tido valor transformador em certas épocas em que a necessidade de unificação social fosse o anseio coletivo, nem que hoje produções culturais importantes clássicas fundadas nessa tendência tenham perdido seu valor, pense-se, por exemplo, em obras como *De pueris*, de Rotherdam, ou *Lusíadas*, de Camões<sup>150</sup>, que, a seu modo, cada uma apresentou um modelo unificador de respostas às causas coletivas.

Enfim, em “n. d. a”, de Arnaldo Antunes, ganha uma orientação transformadora a ação sígnico-ideológica de esvaziamento de significados tradicionais e tematização de relações de sentido marginais e alternativos, ao passo que reinscrevem signos cotidianos urbanos em diversos limites de esferas discursivas oficiais, sem estabelecer uma lógica/ordem conservadora.

Num mundo prosaico cuja expectativa moral afirmada é a do sujeito sensível à pluralidade cultural, a autoridade poética deve estar afeita a tal, sob pena de ficar anacrônica ou de não responder eticamente aos anseios sociais. Desse modo, a voz absoluta do poeta na organização do material poético pode não se tornar dogmática, caso se oriente para as especificidades dos discursos cotidianos. Isto, porque, com esta orientação, via de regra, funda-se a assunção das formas, materiais e conteudísticas, que organizam discursos prosaicos, que, como se viu, tendem à hibridez e ambivalência, específicos da pluralidade verbal e social. Certamente, essa particularidade discursiva é uma espécie de adequação ideológica para com os valores das ideologias do cotidiano.

---

a meus atos-pensamentos, aos atos-sentimentos e aos atos-feitos); estou ligado por uma indissolúvel relação de filiação à paternidade e à maternidade genealógicas (no sentido estrito de linhagem-povo, do gênero humano. Na pergunta: “Quem sou?” ouve-se a pergunta “Quem são meus pais, qual é a minha genealogia?”). Eu só posso ser o que essencialmente sou; não posso renegar o meu essencial já-ser, porquanto ele pertence não a mim, mas à minha mãe, a meu pai, ao gênero, ao povo, à humanidade”. Nesse sentido, talvez a aversão gratuita e irracional à “unidade” (como se essa implicasse antinomia à pluralidade) esteja em torno de certa crise de criação de engajamento geral sobre uma grande causa social, o que explica a dificuldade de organização de centro de valores “épicos”, “heroicos” e menos “decadentistas”, por assim dizer, que configura as práticas massificadas da contemporaneidade, as quais, em geral, esvaziam as relações sociais de humanidade. Também não se defende que produções prosificadas sejam algum meio salvador da sociedade. O que se defende, com efeito, é que, em tempos prosaicos, as suas formas discursivas são mais suscetíveis e sensíveis à transformação social.

<sup>150</sup> Cf. ERASMO. *De pueris* (dos meninos). Texto Integral. 2. ed. Tradução, Introdução e Notas de Luiz Feracine. São Paulo: Escala, 2008. (Grandes Obras do Pensamento Universal, 22) e CAMÕES, L. *Lusíadas*. Texto integral. Lisboa, 1997.

Nesse sentido, a voz inquestionável que reduz a seu ponto de vista todo índice de valor posto na palavra poética, antes que se distinguir discursivamente por uma particularidade reacionária, hegemônica; fá-lo por sua sensibilidade e inteligência do valor e poder criativo das formas ordinárias, já que o ponto de vista que se solidariza com todos os índices de valor postos na poesia é aquele que reconhece no seu o ponto de vista cotidiano.

Pode-se vislumbrar aqui, inclusive, a perseguição e prosseguimento de uma linha histórica de renovação da palavra pela crítica da monovalência, como, dentro de suas especificidades, o fez a forma polifônica. Por conseguinte, a história da palavra ecoada, aí, tem mais um momento de vitalidade, uma vez que transforma relações conservadoras dentro de instituições oficiais (as de esferas poéticas – no caso estudado, a poesia institucional implicada no discurso de “n. d. a.”), pondo-as em revista pela crítica de convenções reacionárias, como a negação do valor constitutivo de formas coloquiais no discurso poético. Isto reforça sua polivalência, conforme ressignifique e aceite ideologicamente os signos, índices e horizontes próprios de esferas cotidianas. Eis o valor transformador do discurso de “n. d. a.”, de Arnaldo Antunes.

Enfim, deve-se ressaltar que uma das principais características do que Bakhtin chama de “romancização” da cultura (2014, p. 399) é o “criticismo de gênero”, que se define pela “inacomodação” ou “desarmonização” com os gêneros tradicionais. É a crítica das convenções genéricas, de suas formas e linguagens consagradas e engessadas, através de uma reinterpretação e, conseqüentemente, uma reacentuação destes nas formas particulares de orquestração prosaica nos gêneros atuais. Bakhtin (2014, p. 400) destaca que a “romancização” nos gêneros que não são romances expressa-se pelo fato de que:

Eles se tornam mais livres e soltos, sua linguagem se renova por conta do plurilinguismo extraliterário e por conta dos estratos “romanescos” da língua literária; eles dialogizam-se e, ainda mais, são largamente penetrados pelo riso, pela ironia, pelo humor, pelos elementos de autoparodização; finalmente – e isto é o mais importante – o romance introduz uma problemática, um inacabamento semântico específico e o contato vivo com o inacabado, com a sua época que está se fazendo (o presente ainda não acabado).

Observe-se que a assunção do inacabamento de sentidos dados<sup>151</sup>, a novidade do processo de romancização cultural, pela voz autoral poética é potencializada pela

---

<sup>151</sup> Paulo Bezerra, na sua tradução de “Estética da criação verbal”, de Bakhtin, observa que “em toda obra de Bakhtin, o termo “sentido” (*smisl*) é uma categoria central, ao contrário do termo ‘significado’, ao qual ele dá pouquíssima importância e não emprega como categoria de seu pensamento. Isto se deve ao potencial dialético do ‘sentido’, que Bakhtin interpreta sob uma ótica filosófica e dialética, e ao aspecto

constitutividade solidária com os índices poetizados de maneira que se solidarize com as formas de organização da heterogeneidade discursiva. A solidariedade autoral torna-se uma forma de positivar a experimentação de formas de inclusão de efeitos de sentido através da intrusão da palavra alheia, por meio da reinscrição de signos verbo-visuais de esferas extraliterárias em esferas poéticas.

Tal reorientação das práticas de autoria poética implica uma negativização dos limites tradicionais entre prosa e poesia, entendida aquela pela singularidade de transmissão da palavra alheia, e esta pela ornamentação da palavra universal. Assim, o discurso poético pode passar mais livremente a transitar por entre as características discursivas tendentes à prosificação e à poetização da cultura, renovando os *modus operandi* discursivos que poderão ser agenciados nas diversas formas de interação discursiva.

De fato, a especificidade de organização romanesca, originada sem cânone consagrado (BAKHTIN, 2014, p. 397), permitiu a especificação crítica e autocrítica de outros gêneros, o que lhes exige renovação dos fundamentos de literaridade e poeticidade dominantes (BAKHTIN, 2014, 402). Deve-se considerar que, de acordo com Bakhtin (2014, p. 400):

Certamente, não se pode explicar o fenômeno da “romancização”<sup>152</sup> somente pela influência direta e espontânea do próprio romance em si. Mesmo onde semelhante influência possa ser constatada e prontamente demonstrada, ela se entrelaça indissolúvelmente com a ação direta das transformações da própria realidade, que determinam também o romance.

Deve-se considerar também que “a nova consciência cultural e criadora dos textos literários vive em um mundo ativamente plurilinguístico” (BAKHTIN, 2014, p. 404). Logo, acredita-se que se pode afirmar que as formas poéticas bivocalizadas e internamente dialogizadas são parte dos processos sociais de transformação das relações entre cultura oficial e marginalizada, acentuadas sob o ponto de vista de “desegemonização” das relações de abuso de poder nas interações discursivas, fundando-se via a reciprocidade entre culturas, ideologias e linguagens. No caso que se estuda, nesta dissertação, percebe-se isto pela legitimação de uma zona de contato entre as práticas e

---

estático do termo ‘significado’, visto mais por uma ótica linguística. Bakhtin adjetiva a todo instante o substantivo ‘sentido’ (*smislovói*), o que cria dificuldade para a tradução pela ausência de um adjetivo para ‘sentido’ na língua portuguesa. Por essa razão traduzi *smislovói* por ‘semântico’, termo cognato e mais adequado em nossa língua (N. do T)” (BAKHTIN, 2011, p. 7).

<sup>152</sup> Ressalta-se, ainda, que essa “romancização” não implica em imposição de um cânone romanesco aos outros gêneros, até porque o romance é “por natureza, acanônico” (BAKHTIN, 2014, p. 427). Trata-se do ato de crítica de suas formas, de, enfim, libertar-se de tudo que é reacionariamente normativo.

ideologias cotidianas e a alta poesia tal qual se confere na poesia 15, onde a ordinaryidade (“o acidente”) é transformada na grande arte (“o ouro da palavra”).

O mal estar que exala quem discorda  
 Porque não sente quase ou não entende  
 Concorda bem com o de quem assente  
 Sem romper a casca, e não acorda.

Somente se distar de estar de frente  
 Distrain a sua mente da derrota.  
 Distante como diante de uma porta  
 Destruí na letra preta o branco ausente.

A vida do sentido o incomoda —  
 Vigor de ponta a ponta da serpente  
 Que o branco ovo a cada dia lota.

~  
 Suporta, não se importa ou então mente,  
 Não compreende o que o prende à borda —  
 O ouro da palavra, um acidente.

(ANTUNES, 2010, p. 186)

Até então, como se viu, em toda esta dissertação, estar-se tentando demonstrar que os fundamentos discursivos de “n. d. a.” estão relacionados com os modos de organização dos discursos das culturas ordinárias urbanas. Disto, decorre que um dos caminhos analíticos de sua interpretação é compreender esta relação com a cultura popular da cidade no fluxo de interações complexas entre ideologias do cotidiano e ideologias oficiais, nas quais aquelas resistam aos anacronismos reacionários destas, impondo-lhes suas axiologias.

Desse modo, entendendo que, conforme Bakhtin (2011, p. 268), “os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros do discurso, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem”, pode-se dizer que o gênero poético, vivenciado nesse discurso antuniano, pode dar forma/gerar um tipo de enunciado que tematize um momento de reflexão sobre o valor constitutivo do plurilinguismo e do diálogo nas formas sócio-ideológicas dos índices de valor ordinários das/nas práticas discursivas.

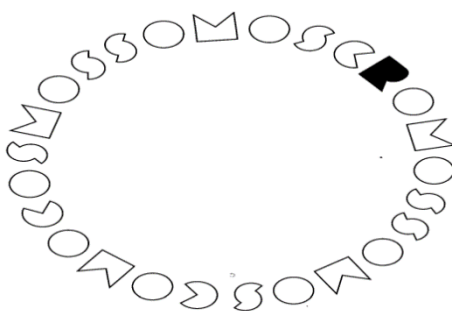
Isto, porque esta poesia constitui-se através da imagem do discurso enquanto fenômeno discursivo sensível às práticas empoderadoras de grupos marginalizados, justamente, através da apropriação transformadora de elementos ordinários da cultura coloquial urbana. Vale ressaltar que a particularidade situada e concreta do signo ideológico, na medida em que se opõe ao caráter universalista, abstracionista, enciclopedista das linguagens oficiais mortas, reacionárias, é que permite a humanização

do homem. De fato, a introdução de linguagens e vozes alheias no discurso pode responder às práticas sociais fundadas a partir da emergência das relações verbais e sociais no limiar, como retrata, formalmente, as imagens poéticas de “n. d. a.”.

### 5.3 OS PINGOS NOS IS: AS FORMAS MATERIAIS DE EMPODERAMENTO NO DISCURSO

#### 5.3.1 Questões do signo ideológico na poesia de “n. d. a.”

A poesia 17, “como somos” organiza-se pela problematização da possibilidade de existência do próprio signo.



(ANTUNES, 2010, p. 197)

Pode-se dizer que o discurso da poesia “como somos” faz o signo desestabilizar-se de seus usos comuns e o reinscreve em outra cadeia ideológica, de sorte que os valores associados a ele se transformem/rearticulem-se. Esse movimento/momento marca o caráter transitório e limítrofe de todo signo ideológico. O signo não existe de outra forma que não enquanto semiose/possibilidade de significação/orientação social, remetendo a algo situado fora de si mesmo, que está nas práticas sociais.

Tal distinção demarca-se através de uma perspectiva que separa a “suficiência”<sup>153</sup> do sinal e a “indexicalidade” do signo, ou seja, aquilo que é criado socialmente, a partir de mediações históricas com aquilo que tem valor apenas instrumental, de produção material. Nesta poesia, os lexemas *cromossomos*, *somos*, *como* e *cosmos* são vocábulos em cuja forma diversos outros podem ser compostos/decompostos.

<sup>153</sup> O que não é signo, o sinal, basta-se, orienta-se para si, em suas funções utilitárias e naturais. De acordo com Bakhtin/Volochínov (2014, p. 96-7), “o sinal é uma entidade de conteúdo imutável; ele não pode substituir, nem refletir, nem refratar nada; constitui apenas um instrumento técnico para designar este ou aquele objeto (preciso e imutável) ou este ou aquele acontecimento (igualmente preciso e imutável). O sinal não pertence ao domínio da ideologia; ele faz parte do mundo dos objetos técnicos, dos instrumentos de produção no sentido amplo do termo”.

Por exemplo, em “cromossomos”, vê/lê-se “cromo, (h)omo, osso”; já em “cosmos”, “osmo” – radical de osmose. A (de)composição destes termos/sentidos promovem a fusão de si, por conta da aglutinação das formas gráficas e lexicais, o que, inevitavelmente, remete para o constitutivo imbricamento de diversas esferas de produção ideológica, as quais, trazidas para a leitura/visão do texto, fazem contradizerem pontos de vistas específicos.

Para ilustrá-lo, veja-se: a assunção dos valores impregnados no termo “cromossomos”, que estão orientados para sentidos relacionados a campos científicos (biológicos, sobretudo), por suas situações concretas comuns de uso, via de regra, inscreve-se em enunciados de tom assertivo, didático, sentencioso, ou pedante, imperativo (comuns nas falas de acadêmicos), professorais, etc. As práticas características dessa esfera, em relação a discursos tidos, em sua perspectiva, de natureza não-científica, são de rivalidade, no sentido de pautar um padrão normativo de proceder, na disputa pelo poder (e exclusividade) de explicar o mundo. Historicamente, elas afirmam-se na negação do contraditório como valor explicativo, e, tradicionalmente, são definidos por oposição a discursos tidos como artísticos, leigos, religiosos, por estes pretenderem formas ambíguas, reticentes, polivalentes, complexas.

Assim, a carga histórica do termo “cromossomos” é/pode ser lembrada, discursivamente rememorada, para dar corpo aos efeitos de sentidos paradoxais<sup>154</sup> entre posturas que se pretendem formas canônicas, claras, lineares contra outras, pretendidas, por ela, obscuras, ingênuas<sup>155</sup>.

O termo que encerra estas outras pretensões é “cosmos”.

COSMOS

Na poesia, várias vozes são organizadas através do recurso à forma da primeira pessoa do plural, que se revela atravessada por índices de valor de esferas ideológicas heterogêneas como as poéticas, científicas e de ideologias do cotidiano, uma

<sup>154</sup> Não se concorda que a análise tradicional não reconheça a existência de efeitos de sentido do paradoxo, nem que, apenas sob a perspectiva dialógica, se o compreenderá; pelo contrário, afirma-se que a análise linguística pode continuar seus serviços de forma mais apropriada, considerando que existem hoje modos discursivos de organização de efeitos de sentido que requerem o reconhecimento de novas figuras, como ocorre em *cromossomos* e *cosmos*, cuja sobreposição/amálgama visual de vocábulos são-lhe característicos.

<sup>155</sup> Cf. o cap. primeiro, na seção “O entendimento de crítica”, a respeito dessas posturas.

vez que a extensão do “somos” pode compreender todos os espaços sociais onde haja interação discursiva.

Ao contrário do termo “cromossomos”, comum a típicos enunciados situados em interações científicas, escolares, profissionais, acadêmicas; o termo “cosmos” aparece, comumente, em práticas místicas, religiosas, poéticas, cotidianas e, inclusive, científicas. Esta última acepção já aproxima esses territórios e é, justamente, sobre a possibilidade de aproximação de modos de refração de dado signo, como condição de instabilização/estabilização de sentidos verbais e sociais, ou se já, discursivos (condição da própria possibilidade da linguagem), que essa poesia se organiza.

“Cromossomos” e “cosmos” estão numa posição de identidade<sup>156</sup> na função de predicativo do mesmo sujeito “nós”. No entanto, suas histórias apontam para particularidades que tornam esta semelhança tensa. Certamente, nesta poesia, colocam-se em discussão tanto esferas discursivas distintas e, às vezes, tidas como antagônicas – ciência, filosofia e poesia – quanto acentos apreciativos sobre temas relevantes socialmente<sup>157</sup>, portanto, ambivalentes, sobre a natureza biológica e metafísica do ser humano e possibilidade de fusão sem hierarquização de todos pontos de vista com que se tenha contato.

Em sabendo que cada objeto/fenômeno do mundo se orienta para dada situação de relações de produção, assumindo, assim, um valor social, é, conforme Bakhtin/Volochínov (2014, p. 31), na não-coincidência consigo mesmo que um objeto se torna signo, por conseguinte, ideológico; em outras palavras, quando um objeto passa a remeter para algo fora de si, situado e axiologizado numa prática social é que emerge o signo. Esse processo dá corpo a esta poesia, onde, se destaca formalmente uma espécie de necessária não coincidência de cada signo, para que todos possam reinscrever-se e reacentar-se, ou seja, remeter a outros horizontes. É o que ocorre com a forma lexical “cosmos”, que, de um lugar ideológico místico, impregnado de sentidos encorpados por práticas sociais pautadas no mistério da revelação de saberes sagrados, passando para a poesia, é acrescida de um novo tom, o de discurso voltado para a elaboração composicional como maneira de refletir sobre cosmogonias humanas (o ser da poesia/do ser humano).

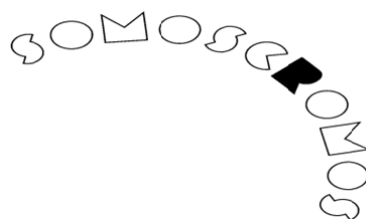
---

<sup>156</sup> Essa constatação é percebida conforme se possa depreender o seguinte sintagma: “[nós] somos cromossomos como [nós somos] cosmos”.

<sup>157</sup> Sobre a relevância social do sentido, cf. a seção “Signo ideológico”, no segundo capítulo.



No caso específico desta poesia, outro sentido é inscrito em “cosmos”, não o de forma cultural oposta ao cientificismo, mas como disseminadora dos sentidos das formas de cultura representativas do ideário a que o termo “cromossomos” se associa. Esse processo de devir sígnico, que se estabelece, materialmente, em torno de uma espécie de linha de demarcação entre o mundo objetual e o ideológico (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV 2014, p. 32), a partir da qual, em tese, um objeto pode ter valor sígnico ou não, é importante para o entendimento da poesia acima, porque ela se constrói segundo o uso de formas similares a objetos físicos, tais quais formas geométricas (que fora da instância valorativa das ciências matemáticas e em contextos cotidianos, pouco têm sentido), além da percepção de duas cores – preto e branco (o que seria apenas processo psicofisiológico). O jogo de sentidos decorrente da lide com simbologias de cores é acionado através da construção/sugestão de que “somos cromo (s)” deriva de um jogo de palavras com “como somos”, “cromossomos”.



Logo, haveria, a organização de uma aparência de apenas a reunião de objetos e não de signos ideológicos. No entanto, pode-se dizer, já que a poesia reflete sobre a essência das relações pessoais (“como somos”), o fato de se remeter a insinuante presença de uma cor não padrão no conjunto da obra – o preto destoando-se no branco – se associa à tendência contemporânea de sentimento de inadequação, ou de impossibilidade de acabamento dogmático, ou, simplesmente, à falência moral de qualquer vontade de unidade. O que já é a axiologização/ideologização do signo.

Sendo assim, cada forma-sinal está associada a formas-sígnicas convencionais, como as verbais “cromossomos, somos, cosmos, somos”, além de símbolos, tal qual o círculo (que remete à infinitude, perfeição e ao ciclo da vida). Este processo de associação, ou de remessa a sentidos, que se fundam em práticas sociais distintas, é permitido pela superação da linha de demarcação objetual das formas postas na poesia, que, embora reforcem uma forma de coisa, desorientando a estabilidade de um signo, o faz justamente para lembrar os processos transitórios de emergência instável constitutivos de qualquer signo ideológico.

Por fim, desse modo, os posicionamentos institucionais sobre a natureza/condição humana são relativizados quando se pensa no modo “confuso”, na co(m)-fusão de vivências sociais que as práticas cotidianas fazem, sendo este acento assumido na poesia que permite seu modo particular de produção de sentido. Aqui, ocorre a construção da possibilidade de se ter uma voz delimitadora de uma posição “desterritorializadora” de quaisquer posições conservadoras de esferas ideológicas para a “definição” da “natureza” do homem.

Isto, tanto, porque qualquer voz, no texto, é materializada numa forma sígnica e o signo apenas se torna signo ao remeter para o exterior social<sup>158</sup>, o que lhe dá a particularidade transitória; quanto, porque, a se valer de um “nós”, por assim dizer, eventualmente sensível e aberto a qualquer sujeito social, do enunciado “somos”, põe qualquer expressão verbal e social enviesada, pois toda orientação discursiva para grupos de pessoas será contraditória, na medida em que a coletividade implica alteridade (e responsabilidade sobre ela).

### 5. 3. 2 Questões do material estético na poesia de “n. d. a.”

Um exemplo emblemático da renovação histórica da palavra poética/signo ideológico no discurso de “n. d. a.” é a poesia 16, “dna” (ANTUNES, 2010, p. 169).



Sua leitura já desconcerta, desde o título, que não está exposto (uma prática comum nesta obra), sendo indicado apenas no sumário (o que já é um recurso estilístico).

<sup>158</sup> É importante perceber que este “exterior” não pensamos como uma realidade positiva fundacionista que existe anterior e independentemente ao ato discursivo; consideramo-lo como uma “pretensão” de exterioridade, que estabelece estrategicamente um “exterior”, que promoveria uma condição de existência a dado fato, mas que, no fundo, não deixa de ser um ato discursivo, simbólico e transitório.

Esta poesia é composta por uma imagem – a de parte de uma escultura, que “retrata” uma forma de inseto; uma assinatura – de um fotógrafo, que, inclusive, têm diversas fotografias que compõem o livro; e 10 versos, dispostos num formato curvilíneo, em espiral.

Esta apresentação/disposição/performance do material da poesia demarca-se como forma estranha à disposição tradicional poética, a qual é composta por formas canônicas (sonetos, redondilhas, etc.) e/ou inovadoras (de versos e estrofes livres, não preestabelecidos, e, em maior grau, verbais), enformadas por palavras, num suporte textual – a página em branco – que, tradicionalmente, pouco interfere na construção do sentido poético. Os versos são compostos por alguns substantivos e um pronome substantivado (“vareta, estranho, planta, nada”, etc.) e uma série extensa de locuções adjetivas (“de arame, de palito, de antena”, etc.) e alguns adjetivos e participios (“esculpida, escura”), além das palavras funcionais “de”, “por” e “um (a)”.

O ritmo estabelece-se por um longo verso de dezenove sílabas poéticas, o primeiro, com a seguinte escanção: 2<sup>a</sup>/5<sup>a</sup>/9<sup>a</sup>/12<sup>a</sup>/16<sup>a</sup>/19<sup>a</sup>, que alterna cesuras entre quatro e três sílabas poéticas; um verso, o último, “sem ritmo”, a sigla “dna”; e redondilhas menores, sextilhas e quadras, os demais versos; além do que se pode chamar por “verso-página”: os recuos e margens que dão a impressão de movimento à poesia.

Os tropos e figuras recorrentes são: a metonímia – a exemplo de “prata de uma pata de inseto” –, e assonâncias – como, por exemplo, “ouro de couro” – e aliterações –, que se exemplifica com “couraça escura”, além de *enjambements*. O tema refere-se à descrição de uma imagem de um objeto retorcido, a que se associa com a fotografia de escultura, que lembra as patas de um inseto.

A leitura desta poesia possibilita, ainda, outros “movimentos” de leitura que apenas o convencional horizontal-vertical, da esquerda para a direita e de cima para baixo (o que, inclusive, é comum a este discurso, como se viu). Pode-se lê-lo de baixo para cima, a partir da referência à fonte fotográfica, ou a partir da imagem. Além disso, a leitura requer um constante movimento da imagem para o verbo, já que se trata de um enunciado de dimensão verbo-visual.

Nesta leitura, percebe-se uma “cena” em que alguém está diante de dado objeto (uma perspectiva de uma escultura fotografada) e começa a descrever a sua forma (um pedaço de ferro contorcido). No entanto, esta descrição parece mudar de “tom”, ao final da poesia, quando a descrição passa a ser uma explicação sobre a natureza do objeto, que é inanimado, ou seja, não tem código genético. Considerando esta mudança de

perspectiva, pode-se crer que são vários os sujeitos que “olham” tal escultura (e, por extensão, que leem e reagem, axiologicamente, à poesia/objeto), o que é comum ao gênero “exposição” (e à poesia).

Nesse sentido, é possível que o enunciado “vareta de arame” não é do mesmo “autor” do “pedaço de nada de dna”. Entendendo que a atividade discursiva poética é caracterizada pela responsabilização integral de qualquer valor posto na poesia, estabelece-se que há, ainda, uma “voz maior” que assume e organiza cada um desses enunciados, na forma poética. Logo, uma “chave-interpretativa” para esta poesia é o diálogo de vozes e discursos que constroem os sentidos de dado objeto do/no mundo.

Sabe-se que “dna” é o título desta poesia que compõe o livro “n. d. a.”, de Arnaldo Antunes, e que a poesia está na terceira parte deste livro, “nada de dna”, a qual, fora, antes, publicada como parte da antologia “Como é que chama o nome disso” (Publifolha). Por esta referência, já se pode atestar a contradição dialógica como elemento constitutivo desta poesia. Veja-se que o último sintagma desta poesia é uma antítese do seu título, que, por sua vez, entra em contradição com o título da parte do livro. Este diálogo (como não poderia deixar de ser) não termina aqui. Todas estas formas sígnicas ideológicas estão em tensão com o título do livro “n. d. a.”, o qual, por não ter um “referente” mais determinável, parece assumir cada uma destas posições, embora não determine nenhuma hierarquia, ou dê um juízo final sobre estas lutas de sentidos.

Pode-se dizer, especialmente, que se tem, nesta poesia, a construção da imagem da contemplação estética, a qual Bakhtin (2010, p. 143) define como relacionamento do objeto ao plano axiológico do outro, do que não é difícil apreender a consequente confrontação destes planos na arena de lutas ideológicas, que são os atos discursivos. Nesta poesia, faz-se uma espécie de entrecruzamento de diversas formas de arte, aproveitando-se desde seu material a seus pontos de vistas e interesses temáticos. Assim, nela, são trazidos – isolados e unificados – além dessas formas, seus sujeitos, corporificados por pontos de vista, que lhes podem ser associados.

Assim, emergem nesta poesia a imagem do fotógrafo que dá sua assinatura ao registro fotográfico; do espectador e produtor de esculturas, que, certamente, interagem com a escultura motivo da fotografia; e do poeta-autor, que dá um acabamento poético a estas formas de intersecção de práticas culturais.

De fato, Arnaldo Antunes dialoga com discursos contemporâneos que propõem o fim de barreiras conservadoras e a pluralidade de ideias e formas nas atividades criativas. Efetivamente, o objeto estético desta poesia é realizado pela

organização peculiar de formas artísticas e não artísticas heterogêneas – pode-se dizer: estranhas, alheias, não convencionais, tais como: ferro (escultura), foto (fotografia), “versos prosaicos” (poesia). Deve-se destacar que essa relação não passaria de mera justaposição de elementos díspares, caso não estivesse relacionada, justamente, com esse sentido (e vontade/interesse/orientação) poética de pluralidade.

Desse modo, é realizada uma posição diante de uma tradição poética, na medida em que ela se inscreve dentro do debate concreto sobre o *status* “verdadeiro” da poesia. Esse debate pode ser assim enunciado como inscrito por entre afirmativas controversas: por um lado, a poesia é uma forma pura e, por isso, não deve ter contato com gêneros menores; ou, por outro lado, a poesia é um gênero histórico, e, portanto, deve assumir as formas sensíveis do seu tempo, ou por outros pontos de vista que, a respeito da “natureza” da poesia, referem-se a ela como um discurso intimista ou uma forma catártica das emoções humanas<sup>159</sup>.

Pode-se crer que essa poesia busca o seu valor poético, justamente, na enformação estética da sua historicidade, isto é, na elaboração de um objeto poético que se constitua de uma imagem discursiva que enquadre, formalmente, diversas posições axiológicas em contradição sobre o *status* da poesia, especialmente, e da arte, em geral.

Cada material que compõe esta poesia traz o sentido de estranheza, de marginalidade, de abjeção – o ferro, o inseto, uma assinatura alheia – com os quais, o autor simpatiza ao lhe dar um lugar legítimo constitutivo na sua poesia. Cada um deles também está inscrito em outras esferas discursivas – escultura, fotografia, vida cotidiana – marcadas por posições axiológicas específicas: por um lado, por parte de determinado grupo, este material é chamado de arte abstrata, concreta, desconstrutora de padrões tradicionais; por outro, é denominado de incompreensível ou, ainda mesmo, por outros

---

<sup>159</sup> Não se está dizendo que o poeta deva assumir estes preceitos, ou que a poesia apenas tenha valor conforme se oriente por esta ou aquela perspectiva; mas, sim, que o analista deve considerá-los, caso queira uma análise avizinhada das formas dos debates que considerem a dimensão dialógica da linguagem. Também não se quer dizer que, apenas, há criticidade, ou consideração, de questões éticas na perspectiva estética bakhtiniana; antes, afirma-se que essa perspectiva tem valor por, pautada em seu fundamento axiológico, se concentrar nas relações emotivo-volitivas contraditórias, que atravessam qualquer evento verbal e social. E que, neste horizonte, o debate sobre a complexidade das relações práticas pode ser aprofundado sem se partir de qualquer preconceito dado aprioristicamente, universalizante ou conservador. Não se quer também dizer que dada obra artística só merece ser valorizada conforme “revele” relações éticas. Quer-se tão somente apresentar uma perspectiva de análise de discurso que tenha como objetivo a discussão sobre o que Bakhtin (2010) chama de ato responsável, isto é, o compromisso inalienável do ser perante o mundo e enfatizar que os discursos que formalizam tal ato devem ter seu lugar garantido como objeto de estudo legítimo. Ainda, como ressalva, não se está dizendo que tratar de “posicionamentos políticos-práticos” seja considerado, indiscriminada e levianamente, como o fim último da poesia. Como se vê, neste estudo, a estrutura composicional faz parte da arquitetônica da obra, sendo ambas fundamentais para que o texto “conquiste” o plano poético.

mais, é qualificado como qualquer coisa menos arte. Esta reunião de sentidos transfigura o valor do material verbal dando-lhe um acabamento estético novo.

Pode-se dizer, ainda, que a materialidade desta poesia se compõe de uma estrutura genérica que se forma a partir da união de composições específicas de outros gêneros discursivos, no caso, a união verbo-visual de elementos da escultura, da fotografia e da poesia não convencional.

Além disso, percebe-se que a sua composição sintática basicamente se define por um grande sintagma composto da seguinte estrutura: (SN + SP) + SP<sup>160</sup>, que se desenvolve, sucessivamente, de maneira que o sintagma preposicional seguinte retome os sintagmas anteriores como um grande SN. Cada um desses sintagmas pode ser a enunciação de um sujeito que tenha visto tal escultura e se pronunciado perante ela. Assim, “vareta de arame” está associado a um herói que estranhe tal escultura, ou a outro que se surpreenda com a criação artística a partir de material tão inusitado.

A imagem, na poesia em análise, de uma forma que lembra um inseto, por sua vez, associa-se ao herói que se vale desta forma contemporânea de arte. Além dessas vozes, há a do autor-artista, que organiza esse material e acentua-o, axiologicamente, à sua maneira, que, pode-se dizer, é valorada em função da ruptura de fronteiras e corporificada pela união de performances artísticas distintas e não-convencionais.

É, neste sentido, que se pode dizer que o gênero poético tem uma relação crítica com outros materiais além do verbal, e esta relação é tematizada em favor da ruptura da imposição do não diálogo entre materiais diversos: imagem e palavra, além de outros procedimentos, tais como inclusão de uma assinatura e colagens. Desse modo, “dna” passa a ser, arquitetonicamente, uma posição autoral de empatia com a imagem da arte contemporânea que estabelece o limite entre formas como o ponto de partida da criação estética.

Por isso, o título, que, de um conteúdo que remete à herança genética, a partir da combinação com diversos materiais de outras formas artísticas, torna-se ato histórico de endossamento de uma tradição poética experimental, que tem, em sua origem, o diálogo entre fronteiras culturais. Portanto, mais que homenagem, ou simples recortes de formas artísticas diferentes, a poesia antuniana em análise faz um posicionamento axiológico que envolve uma rede de relações históricas em torno do *status* da poesia. Tal

---

<sup>160</sup> Tais siglas referem-se a sintagma nominal (SN) e sintagma nominal (SP).

posicionamento pode ser alcançado, caso se supere o material discursivo e se chegue aos diálogos culturais estabelecidos na forma arquitetônica.

Segundo Bakhtin (2010, p. 130), organiza-se a “disposição arquitetônica do mundo da visão estética em torno de um centro de valores – um ser humano mortal”. Assim, uma análise dialógica não deve perder de vista as relações valorativas que estão orquestradas numa obra. Pelo exposto, pôde-se identificar alguns centros de valores em “dna”, os quais são assumidos por determinados autores, a saber, o do autor-artista; autor-objetificado (o que orchestra o material e conteúdo); e outros heróis (outros artistas/expectadores). O sentido dessa composição, construído a partir da imagem da escultura, em forma de inseto, trazida para a poesia em destaque (o conteúdo-material), é diferenciado conforme a forma axiológica que a põe em perspectiva (como se viu acima, nas vozes discursivas que acentuam esta obra como arte, não arte, ou algo incompreensível). Segundo Bakhtin (2010, p. 140):

Arquitetônica concreta do mundo da visão estética, o componente valor é em todo lugar condicionado não por um princípio logicamente fundante, mas do lugar único que ocupa um objeto na arquitetura concreta do evento, do ponto de vista do lugar singular de um sujeito participante. Todos os componentes da arquitetura são afirmados como momentos singulares de um ser humano concreto.

Desta forma, em “dna”, os componentes materiais estão relacionados entre si, sob a tutela dos centros (não absolutos) valorativos concretos dos heróis e autores, a partir dos quais, os sentidos são estabelecidos e confrontados, (o valor de obra de arte, dado pelo herói objetificado; o de parafernália sem sentido, pelo “opositor”, ou “antipático” deste estilo, herói pressuposto – expectador, outros artistas; o de corporificação de um princípio estético, pelo herói autor-artista). Enfim, há a organização de axiologias heterogêneas do eu e dos outros, que “não é passiva nem casual, mas ativa e imperativa. Esta arquitetura é tanto algo dado, como algo a-ser-realizado [*danai zadana*], porque é a arquitetura de um evento” (BAKHTIN, 2010, p. 143). É desse modo que a forma artística de “dna” sintetiza este evento humano do vir a ser a partir do que já se é, unificando, dessa maneira, tensas singularidades de ativismos discursivos, artísticos e não artísticos.

### 5. 3. 3 Questões de organização de axiologias na poesia de “n. d. a.”

Retome-se, inicialmente, a poesia 8, ela e você (ANTUNES, 2010, p. 63):

você abraça	ela amassa
você beija	ela chupa
você faz amor	ela fode
você tem um orgasmo	ela goza
você espera um filho	ela emprenha
você dá a luz	ela pare
você alcança só metade dela	
ela te penetra por inteiro	
você a alma falsa fora e ela	
dentro do seu corpo verdadeiro	

Ela, textualmente, é organizada numa estrutura gramatical, especialmente, caracterizada pela antítese entre formas lexicais e sintáticas. Veja-se: para o primeiro caso, há a escolha paradigmática de vocábulos polidos e formais – os verbos “abraçar; beijar; fazer (amor); ter (orgasmo); esperar e dar (um filho) à luz”. Estes polemizam-se com outro grupo lexical de termos informais e vulgares – “amassar; chupar; foder; gozar; emprenhar; parir”. Considere-se que, no caso do segundo grupo, os sintagmas apresentam apenas sujeito e verbo intransitivo, implicando que a ação verbal é autossuficiente. Já, os sintagmas que se apropriam dos lexemas formais são analíticos, compondo-se de verbo transitivo e complemento, o que implica o extravasamento da ação verbal para uma terceira pessoa – “você abraça/beija alguém; faz amor/tem um orgasmo com alguém; espera/dar à luz um filho de alguém”.

As relações lógicas antitéticas também se estabelecem pelo uso pronominal. Na terceira estrofe, o dêitico “você” (pronome de tratamento de terceira pessoa), além de opor-se discursivamente a “ela”, é retomado pelo oblíquo “te” (pronome de tratamento de segunda pessoa), o que, normativamente, pela visão da gramática tradicional, evidenciaria um erro linguístico. No entanto, a retomada seguinte do pronome de tratamento faz-se, em parte, pelo possessivo “seu” (de terceira pessoa), reestabelecendo o paralelismo morfosintático.

O sintagma “ela dentro do seu corpo verdadeiro” é ambíguo, devido ao fato de que o dêitico pode se referir tanto para você quanto a ela. O sintagma nominal “corpo verdadeiro” desestabiliza uma relação de sentido usual (a verdade se verifica formalmente por entre argumentos, premissas e conclusões; e não sobre fatos e entes, dos quais se verifica a existência) a associar o epíteto “verdadeiro” ao substantivo “corpo”, evidenciando uma crítica da lógica tradicional de que a poesia está impregnada, no sentido de que categorias explicativas das relações humanas baseadas na ideia de “certo e errado” é insuficiente para dar conta da complexidade das relações contemporâneas.

Desta feita, há uma antítese de ordem estilística opondo registro informal a formal, de cujo confronto, ocorre uma ênfase no sentido do verbo a que o oblíquo



complementa: o sintagma hiperbólico “ela te penetra por inteiro” ganha um valor semântico de ruptura de dada ordem canônica.

Uma ordem que é subvertida, enfim, é a gramatical. Isto se observa em diversas incidências de usos que seriam tomados como “erro” gramatical, como a ausência de pontuação. Neste caso, percebe-se um paradoxo estilístico: se a antítese é um recurso retórico produtivo no texto, a ênfase que um ponto-e-vírgula causaria, por exemplo, no período “você alcança só metade dela [;] ela te penetra por inteiro” apenas corroboraria os efeitos de sentido que as antíteses encerram no texto. O mesmo ocorreria com as demais sentenças.

Logo, aqui, apresentar-se-ia um dilema para o analista deste texto. Haveria alguma inconsistência na escritura textual? Caso se leia esta poesia como um encômio ao amor natural dela que estaria em seu próprio corpo verdadeiro, justamente, pelo fato de que ela consegue penetrar o corpo por inteiro do outro, parindo, gozando, amassando, etc., autossuficientemente; em detrimento do amor ideal que abraça, faz amor, dar à luz, embora apenas alcance metade dela, por isso, ficando fora do corpo verdadeiro, tornando-se uma alma falsa – pode ser que sim.

Por outro lado, se se ler este texto como uma crítica, no sentido de pôr em crise/confronto pontos de vista/axiologias das diversas formas de se conceber as relações afetivas; absolutamente, não. Neste caso, a ausência de pontuação sugere um movimento complexo e ambivalente de aproximação e distanciamento de pontos de vista contraditórios. Logo, a ausência de pontuação, juntamente com a dupla referenciação do pronome “seu”, indexicalizam outro recurso discursivo fundante deste texto, a saber, a dialogia interna, que se estabelece, também pela ausência de pontuação, o que torna a disposição visual da poesia parte constitutiva do enunciado.

Claramente, nesse discurso, há uma crítica de formas ideológicas de relacionamento antagônicas. Nesse sentido, é preciso que, materialmente, tal sentido esteja presente no texto. É nesse momento que os expedientes lógicos-linguísticos são ampliados pelos translinguísticos, já que, conforme Machado (1996, p. 93-4) explica, “ao entender que, embora pressuponham uma língua, as relações dialógicas não existem no sistema da língua, mas nos enunciados concretos elaborados no processo da interação sócio-histórica”.

Assim, torna-se bastante relevante perceber que o material poético utilizado nesta poesia está organizado em enunciados contraditórios dispostos visualmente que põe face a face duas axiologias a respeito da experiência de uma relação sentimental e uma

terceira que parece contemplar as demais. Percebe-o pela visualidade desse enunciado que se organiza em três blocos delimitados: o primeiro, que resume um ponto de vista idealista, romântico (marcado no texto pelos lexemas: “abraça, beija, faz amor”) e polido (pelos lexemas: “tem orgasmo, espera/dá à luz um filho”) sobre afetividade e sexualidade:

**você abraça  
você beija  
você faz amor  
você tem um orgasmo  
você espera um filho  
você dá a luz**

O segundo, por sua vez, encerra, numa relação dialógica conflituosa com o primeiro posicionamento, uma perspectiva naturalista, animalesca, sensual, vulgar, (materializada textualmente pelos lexemas: “amassa, chupa, fode, goza”) e informal (pelos lexemas: “emprenha, pare”):

**ela amassa  
ela chupa  
ela fode  
ela goza  
ela emprenha  
ela pare**

Já a última apresenta uma espécie de olhar sintético sobre cada uma das posições anteriores, avaliando a impossibilidade de coincidência entre os pontos de vistas contraditórios (a partir do enunciado “você alcança só metade dela”), embora vislumbre a apropriação de um sobre o outro (“ela te penetra por inteiro”), indicando que a visão naturalista, sensual, informal seria a “verdadeira” (a partir do oxímoro “alma falsa fora x corpo verdadeiro dentro”):

**você alcança só metade dela  
ela te penetra por inteiro  
você a alma falsa fora e ela  
dentro do seu corpo verdadeiro**

É possível que uma leitura interpretasse essa poesia como um manifesto a favor da visão de “ela”, em detrimento da de “você”. No entanto, os dois heróis/personagens desta poesia “ela” e “você” não são apresentados diretamente; há uma terceira pessoa que introduz, indiretamente, a voz de cada um. É este “terceiro de fora” da cena enquadrada dos possíveis enamorados que põem em perspectiva esta situação e acentua seu olhar em favor do segundo ponto de vista. Diante disso, o interlocutor deste

discurso poderá entrever ainda que esta posição é a deste sujeito que avalia as axiologias dos dois namorados. Logo, deve-se pensar que é apenas uma voz ideológica dentre tantas outras (que poderiam assumir/tomar-lhe a posição), e mais: que outras poderiam posicionar-se, justamente, porque o dêitico<sup>161</sup> “você” inclui o interlocutor, que, naturalmente, não é apenas um, mas qualquer outro que, por ventura, venha a ler a poesia, ou mesmo saber dela.

Reconhecendo que a própria poesia (em sendo dialógica) se organiza na possibilidade de contradição, interiormente organizada no enunciado, de ideologias, é legítimo crer que quem venha assumir o ponto de vista do “você”<sup>162</sup>, possa entrar em contradição com os pontos de vista até então polemizados na poesia.

Assim, antes que uma conclusão a respeito de qual voz está correta a respeito das formas de relacionamento afetivo vivenciadas nas diversas práticas sociais, há uma provocação das possibilidades axiológicas de entonação deste fenômeno social. Essa leitura é permitida, caso se considere a dimensão verbo-visual do enunciado (sincrético/anacrético/bivocalidade), que desencadeia as relações de sentido relativas a três posições contraditórias: dimensão verbal que se vale de um dêitico potencialmente ambíguo e ambivalente; a visual que “desenha” as posições de cada herói na cena – por exemplo, uma praça, onde alguém observa as atitudes de uma casal de enamorados; e a verbo-visual que liga significativamente as outras, deflagrando o conflito ideológico. Isso tudo internamente dialogizado, pois cada expressão tematizada na poesia está carregada de um conflito ideológico que versa sobre quais os limites e juízos sobre relações afetivas, polarizadas em distinções idealistas-formais e naturalistas-ordinárias e bivocalizadas, já que cada expressão dessa está atravessada por outras enunciações históricas.

Nesta poesia, há, de fato, a pluralidade de materiais discursivos como linguagem verbal em diferentes registros, desde os vulgares, os impolidos até os formais; além de modalidades verbais (sintagma e léxico) e procedimentos gráficos e ortográficos (titulação, paginação, espaçamento), visuais (o desenho de cada estrofe, formando blocos que parecem o desenho de pessoas que estão face a face) e da dimensão verbo-visual (a disposição alternativa do alinhamento à esquerda – bloco 1, à direita – 2, e centralizado –

---

<sup>161</sup> Cf. nota 137.

<sup>162</sup> Vale ressaltar que este “você” não se limita a um “ele” preenchido por alguém representante do gênero masculino (pela antinomia gramatical ele x ela); ele pode ser assumido por qualquer sujeito social: “ela”, “ele” ou “elx”. Este pronome instaura, inclusive, uma introdução abrupta do interlocutor/leitor/herói na cena da poesia que é transformado em personagem, chamado, por isso mesmo, a posicionar-se na cena, confirmando ou refutando, as vozes que lhe foram imputadas.

3). Há, ainda, uma crítica da própria composição poética tradicional, pela apropriação não-canônica desses elementos.

Desse modo, a intrusão de linguagens ordinárias em contradição com discursos oficiais (veja-se que o discurso polêmico de “ela” vem, seguindo o discurso conservador de “você”, cuja plástica verbo-visual sugere o movimento histórico de contestação depois da consolidação) ocorre como forma de renovação da linguagem poética, que, para conseguir dar voz aos embates complexos das ideologias cotidianas, busca renovar os cânones da poética tradicional. Entreveem-se, aí, mais duas vozes sociais, nesta poesia, agora num plano autorreferente, que trata da “natureza” da linguagem, *status* e interesses da poesia. É, nesse sentido, que essa poesia assume orientações prosaicas. Por conta disso, o discurso poético consegue constituir-se de um material que articula enunciados internamente dialogizados.

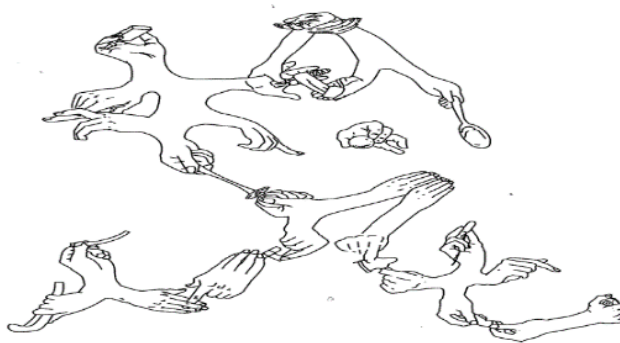
Perceba-se que cada fala citada na poesia é reorientada por uma fala alheia. Assim, o discurso “eu faço amor” direto, relacionado ao “você faz amor” indireto, ao ser implicado no “você alcança só metade dela” sofre diversas refrações valorativas, particularmente, por estar atravessado por acentos ideológicos alheios, inclusive, os relacionados ao do “eu gozo”, “ela goza” e do “ela te penetra por inteiro”.

Cada um desses enunciados são bivocais, porque trazem consigo vozes marcadas por axiologias favoráveis e depreciativas sobre a valorização de conceber o ato afetivo tão somente como amor (idealização) ou tão somente como sensualismo (naturalização), em, pelo menos, enunciações de dois sujeitos de horizontes sociais contraditórios no mesmo signo (ato enamorado). Por fim, nesta poesia, por esta dialogicidade interna e bivocalidade, diversas ideias são experimentadas, isto é, a imagem de ideólogos que problematizam suas ideias ao limite é tematizada, sem se chegar, é claro, a uma finalização/conclusão dessa contradição.

#### **5. 3. 4 Questões de autoridade poética e relações de poder**

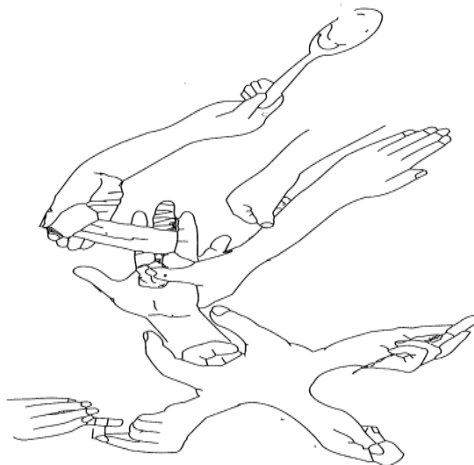
A poesia 10, “hand made 1”, a 11, “hand made 5”, a 12, “palavra” e a 15, “um acidente” têm em comum o fato de indiciarem sentidos de mal-estar e experiências táteis – não como implicado numa relação causal com o outro, mas como sensações ambíguas decorrentes de vivências tensas. Veja-as:

Poesia 10, *hand made 1*



(ANTUNES, 2010, p. 166)

Poesia 11, *hand made 5*



(ANTUNES, 2010, p. 201)

Poesia 12, *palavra*

dente e comida  
 beijo e gengiva  
 gargalo e lábio  
 riso e cigarro  
 garganta e água  
 batom e língua  
 ar e saliva

palavra

(ANTUNES, 2010, p. 18)

### Poesia 15, um acidente

O mal estar que exala quem discorda  
 Porque não sente quasc ou não entende  
 Concorda bem com o de quem assente  
 Sem romper a casca, e não acorda.

Somente se distar de estar de frente  
 Distrai a sua mente da derrota.  
 Distante como diante de uma porta  
 Destrói na letra preta o branco ausente.

A vida do sentido o incomoda —  
 Vigor de ponta a ponta da serpente  
 Que o branco ovo a cada dia lota.

Suporta, não se importa ou então mente,  
 Não compreende o que o prende à borda —  
 O ouro da palavra, um acidente.

(ANTUNES, 2010, p. 186)

As poesias “hand made 1” e “hand made 5” exploram a visualidade espetacular surreal do contato entre pessoas (metonimizadas pelas mãos) ambigualmente particularizadas (metaforizado pela disposição de cada mão assumindo uma função específica, algo que uma mão faz – num jogo de palavra entre o título e imagem) e massificadas (metaforizado pelo anonimato e fusão entre os limites de cada mão).

No mesmo sentido, a poesia “um acidente” apresenta o espetáculo massificado do trato pessoal esvaziado de sentido humano, mecanizado por relações engessadas – o assentimento e o receio automáticos de convenções retrógradas – realizados alienadamente (o sujeito que não tem compreensão dos imperativos a que responde: discordar e concordar sem estar consciente dos termos; que busca fugir da contrariedade; que tenta assegurar-se em certezas absolutas e incomoda-se com a casualidade).

Essa reflexão está atravessada pela constatação de que os sentidos são antes, por assim dizer, diabólicos (como se viu, aqueles que se constituem a partir de contingências)<sup>163</sup>, na mesma medida em que simbólicos, ou seja, ao mesmo tempo dissemelhantes e semelhantes. Tal asserção pode decorrer do fato de aceitar-se que o meio de se gerar sentido – o verbo, especificamente, e a semiose/ideologia, em geral, – é constitutivo de um acidente (o ouro da palavra).

No entanto, como acidente, a prática discursiva, semiótica, verbo-visual, é-o não porque esteja desvirtuada de uma lógica não acidentada, é-o, porque, justamente, não

<sup>163</sup> Cf. a seção “Poesia e Prosa”, do segundo capítulo, a respeito desse sentido.

pretende a abstração, mas a contradição transitória ideológica, a fim de poder associar sua voz a cada forma heterogênea de prática social e semiótica.

Logo, o termo acidente (semanticamente remetido a sentido negativo) associado a ouro (semanticamente remetido a sentido positivo) orienta a poesia para uma crítica lógica racionalista/linear/universalista/positivista<sup>164</sup>, ressignificando aquilo que para esta lógica seria incômodo. Assim, quando, na poesia 12, a palavra (semiose) é descrita, a partir da imagem de uma zona do corpo (boca) em contato com materialidades consumíveis (comida, água, batom, cigarro) e biologicamente indispensáveis (ar), tem-se uma reversão da lógica clássica dos sentidos serem resultados de exercícios essencialmente intelectuais, sendo, mesmo, contingências da ação humana mediada pelo seu (deixar) estar concreto no mundo, materializado pelo contato vivo que dá as bases para a interação mediatizada pelos signos ideológicos.

Esse mesmo sentido/sensação é referido nos *hand makes* conforme eles se concentrem numa corporalidade atuando em diversas práticas humanas tanto biológicas (sexo – metonímia/desenho de um preservativo em uso; e menstruação – metonímia/desenho de um absorvente interno), quanto de práticas culturais e econômicas (metonímia/desenho de uma colher; borracha, esparadrapo).

Veja-se:



Cada uma dessas referências implicam o imbricamento da convencionalidade das relações humanas, sejam elas naturais ou consumistas, pois tudo aí remete a alguma atividade material humana. Todas elas originadas de experiências concretas e de necessidades básicas (biológicas e culturais) do corpo.

Desse modo, pautada na ligação entre linguagem e atos humanos que estas poesias fazem emergir em seu diálogo, depreende-se uma posição autoral que defende uma ideologia sobre a constitutividade prática da linguagem (e das práticas sociais) fundada numa atitude não-hegemônica que reconhece o valor da concretude marginal das

<sup>164</sup> Essa crítica é apropriada mesmo aos preceitos teóricos-metodológicos da ADD. Cf. a respeito a seção “O entendimento de crítica”, no cap. primeiro.

interações discursivas (condensadas na imagem do corpo/humanidade em contato com outros corpos/humanidade).

Sabe-se que este ato está carregado de sentidos contra-hegemônicos, enquanto remete à crítica de concepções de mundo que veem as práticas cotidianas como corruptela de uma norma. Sendo assim, quando a voz poética elogia, de seu púlpito, que os sentidos são construídos na contradição (e não abstração) de sujeitos cotidianos (e não oficiais), valendo-se de sua autoridade, endossa-se e deflagra-se uma voz social em favor da legitimação dos índices de valor populares (relacionados aos signos/corpos/sujeitos marginalizados) como meios de construir sentidos sociais, como os poéticos, sobretudo, no que eles têm de particular: reconhecer a pluralidade, o contato tenso ideológico.

Por fim, é preciso dizer que estas asserções, em sendo menos uma interpretação textual tradicional do que uma interpretação dialógica/translinguística, se concentram no “rastreamento” de tendências discursivas que não distinguem interação verbal e social no que elas possuem de ato comprometido politicamente. Dessa forma, o que se estão analisando são as tendências discursivas fundadas nas vicissitudes das interações sociais e verbais, que impregnam e estão impregnadas das diversas práticas sociais.

No caso destas poesias de “n. d. a.”, vislumbra-se a forma como este discurso responde aos imperativos sociais de transformação de relações de poder excludentes de grupos marginalizados, como aqueles que se particularizam pelo uso de índices de valor cotidianos e urbanos, o que se dá através da autorização institucional (preferência no discurso oficial de formas constituídas por modos de interação verbal e social característicos da vida coloquial) das formas de dizer da cultura urbana prosaica. Como se viu, essa forma se estabelece pelo trabalho com imagens de relações de sentido emergidas de relações concretas organizadas segundo a experimentação de contradições vivas; em detrimento da abstração de elementos pretendidos como universais.

O valor transformador dessa forma discursiva, caracterizada na medida em que endossa maneiras de relação pautadas na hibridização de signos ideológicos, decorre do fato de contrapor-se ao individualismo capitalista<sup>165</sup> que se delineia enquanto uma tendência redutora da complexidade da unidade da cultura que desvirtua todos os diálogos

---

<sup>165</sup> Cf. o primeiro capítulo, na seção, “O entendimento de crítica”, onde se discutiu sobre o individualismo capitalista/cultura de solidão.



possíveis entre as particularidades ideológicas de esferas que não sejam as de mercado e de consumo, fazendo-os situarem-se conforme estas lógicas.

Na poesia “um acidente”, por exemplo, há a imagem de estado de uma vivência em “borda”, já nas poesias “palavra” e “*hande made 1*” e “*hande made 5*”, há, por sua vez, imagens de zonas baixas do corpo/comportamentos marginais. Estas imagens carregam estes discursos com sentidos de marginalidade por meio das quais os mesmos se reorientam ao passo que sentidos de positividade derivados de construções como “ouro da palavra”, “riso” e “beijo”, bem como gestos de ajuda e complacência (o toque, o curativo) participam dessa relação semiótica.

Enfim, esta não é uma relação simplesmente antitética. Antes ela se desenvolve pela redefinição dos lugares de tradicionais dicotomias que fundam os sentidos básicos de hegemonias sociais, tais como certo e errado, bem e mal, centro e periferia, culto e marginal. Por isso, há sempre uma outra perspectiva (“terceira margem”) que descentra os sentidos comuns de oposições conservadoras. É o que ocorre quando o ato corporal ambíguo se apresenta, nos *hande mades*, sob diversos gestos que não se reduzem a um sentido claro, implicando algo reduzido a questões de bondade ou maldade, alegria ou tristeza, enfim, que se enquadra em algum esquema de antinomias racionalistas.

Esta ambivalência (bivocalidade/dialogismo interno da imagem) abre vereda para uma perspectiva que explore cada estranheza (sentido a margem das dicotomias cartesianas) experimentada por relações humanas que foram renegadas pela lógica idealista/objetivista que negligencia a dubiedade, a deslinearidade e obscuridade como elementos constitutivos das formas de interação discursiva (comuns às práticas não oficiais).

Essas relações de sentido, também, ocorrem, quando, na poesia “um acidente”, a forma soneto é invadida por uma linguagem secular, marcada por coloquialismos, que realoca o lugar clássico do soneto nos discursos poéticos da contemporaneidade e, quando, na poesia “palavra”, o conceito de linguagem é deslocado por uma perspectiva que acolhe as “bordas/baixezas/corporalidades” (ao contrário do incorpóreo “cogito” cartesiano) do sentido (dente, saliva, etc.) não como uma positividade ou negatividade em si, mas sim como uma possibilidade relativa, que apenas, em tensão, possui sentido (a construção sintagmática coordenada assindética, nas poesias 12 e 15; a fusão – coordenação – de desenhos, nos *hande mades*).

Ao final deste capítulo, então, pode-se dizer que a poesia antuniana em “n. d. a.” organiza-se, a partir da saturação/impregnação/sobreposição de diversos signos,

oriundos de esferas discursivas poéticas e não poéticas, em um só signo. Isto tensiona a aparente estabilidade das relações de sentido das práticas discursivas. Ademais, estes signos são utilizados no limite de sua forma não sígnica, quase como se não se tratasse de um fenômeno discursivo, sendo outra coisa que não linguagem verbal: desenho, por exemplo, como se viu, nas poesias 10 e 11; pintura, na 2; escultura, nas 3 e 16; fotografia, nas 5 e 7.

Nesse sentido, a poesia de “n. d. a.” situa-se no limite entre o sinal e o signo, em que esta poesia indicia as formas singulares das relações discursivas marcantes da contemporaneidade<sup>166</sup>, onde a complexidade/emergência instável e ininterrupta de sentidos transitórios, a disputa velada entre diversas manifestações de posturas conservadoras e não-hegemônicas, são o que fundamentam a instituição dos sentidos/signos, de fato, em “n. d. a.”, o amálgama transitório de sentidos que remetem a diversos lugares de cultura é tecido, através dos diálogos estabelecidos, na poesia, por meio da intrusão de diversos acentos ideológicos, segundo a reinscrição/desestabilização de usos discursivos (signos ideológicos) consagrados.

*In terminis*, deve-se dizer que cada uma das particularidades discursivas estudadas nestas poesias da obra de Arnaldo Antunes indiciam uma tendência de práticas sociais que se orientam para a afirmação de uma cultura contra-hegemônica, delineada a partir da crítica de sentidos conservadores, fundamentada na oposição contra formas “oficiais”, que se instituem não pelo “valor” acolhedor, mas pelo excludente de formas que não se identifiquem com uma pretensa ordem “lógica/ideal” do mundo, que, tradicionalmente, se consolidou pelo silenciamento das formas plurais, heterogêneas e ambíguas das relações humanas, justamente, aquelas que caracterizavam as minorias sociais, orientadas por índices de valor e horizontes sociais urbanos coloquiais/ordinários.

De acordo com a análise dialógica feita, pode-se dizer, portanto, que tal posição ideológica é assegurada por uma posição autoral que delineia seu discurso, valendo-se de uma prática discursiva, em que a relação entre autor-herói-destinatário emerge de um acordo de confiança, estabelecido por ser o poeta autorizado<sup>167</sup>, pelos

---

<sup>166</sup> Cf. o primeiro capítulo, na seção “Linguística Aplicada, Estudos Críticos da Linguagem e a Análise Dialógica do Discurso”, onde se discutem as especificidades da contemporaneidade.

<sup>167</sup> Sobre a autoridade discursiva poética, cf. a seção “Gêneros do discurso e autoridade poética”, no cap. três.

sujeitos sociais envolvidos nessa prática, a dizer o que diz, sobretudo, porque responde a tudo o que diz<sup>168</sup>.

Esta relação organiza-se numa forma composicional que busca explicitar sua distinção formal de linguagens massificadas (por exemplo, a métrica do soneto decassílabo e dos dísticos tetrassílabos ou a possibilidade da escrita poética estabelecer-se visualmente), apropriando-se (revitalizando/desreificando/reestabelecendo o diálogo com a unidade da cultura, no sentido de não se reduzirem a relações individualizadoras) de signos específicos das cidade (preservativo, faca, borracha, esparadrapo, colher, beijo, comida, cigarro, trato/conflito interpessoal, namoro, cemitério, posto de gasolina, etc.), assim, reconhecendo, positivamente, as particularidades ordinárias de interação discursiva constitutivas de formas institucionais, como da poesia.

Enfim, terminamos este capítulo de análise, com a sensação de que conseguimos dar uma ideia sobre como o discurso antuniano, organizando-se por *reinscrições sígnicas verbo-visuais*, pautadas na sua constitutividade discursiva dialógica/ideológica, está sensível às vicissitudes de luta social, constituído e constituindo-se nas especificidades da sua forma poética e do engendramento de posições axiológicas, envoltas em relações de abuso de poder.

Agora, podemos passar às considerações finais, onde destacaremos o fato de que as singularidades dessa poesia coadunam contraditórias diversidades, problematizando cânones discursivos e estabelecem seu valor transformador por meio do orquestramento de formas materiais e modos agir contra a reificação do homem, que tenta silenciar o diálogo criativo de vozes diferentes.

---

<sup>168</sup> Inclusive, não permitindo que nenhum acento em seu discurso seja questionado por algum herói, o que é, com efeito, desnecessário, já que a crítica da palavra conservadora já é feita nessa forma monológica discursiva.

## 6 TROCANDO EM MIÚDOS ... (À GUIA DE (IN)CONCLUSÃO)

Jamais perdemos de vista o fato de que as vicissitudes da enunciação e da personalidade do falante na língua refletem as vicissitudes sociais da interação verbal, da comunicação ideológica verbal nas suas tendências principais (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 201)

Ao final desta conversa/pesquisa, pode-se apontar como conclusão que: 1) as singularidades discursivas da poesia de “n. d. a.” não podem ser interpretadas, unicamente, pelos tropos tradicionais – figuras de pensamento, de palavras, de composição e som. As relações de autoria em “n. d. a.”, de Arnaldo Antunes, põe em tensão contraditórias diversidades, desafiando vários cânones sociais e verbais – os limites dos objetos e funções artísticas, poéticas e ético-políticas; e 2) do atrito entre signos e esferas ideológicas distintas, emerge o valor transformador do discurso de “n. d. a.”, que consiste na organização de formas materiais que indiciam modos de agir que problematizam atividades de reificação do homem, caracterizadas pelo silenciamento do diálogo criativo de vozes marginais cotidianas.

A autenticidade desse diálogo, nos termos antunianos, é decorrente da total entrega<sup>169</sup>, um atitude não massificada, não alienada, não reduzida/abstraída a uma única dimensão da atuação humana, negligenciando-se, assim, o diálogo com todas as outras dimensões da unidade da cultura.

Nesse sentido, a análise dessas singularidades pôde recorrer à Análise Dialógica do Discurso para poder perscrutar, apropriadamente, as relações de sentido, simbólicas e éticas, características desse discurso. Esta propriedade, sobretudo, delineia-se conforme se admita o objeto como um sujeito com quem se dialoga. Mais que uma metáfora, esta comparação é, na verdade, um recurso estilístico-acadêmico que destaca a necessidade de não desconsiderar, em nenhum momento da pesquisa, que a discussão acadêmica se funda em interesses sociais, cuja orientação mor deve concentrar-se na integralidade das relações humanas autênticas, marcadas pelo diálogo ininterrupto e transitório que se constitui entre as fronteiras dos diversos lugares de cultura.

Quanto à primeira conclusão, a ADD permite organizar um conjunto de estratégias/recursos/figuras discursivas que se concentram não nos efeitos de sentido de lógicas baseadas na relação entre sujeito e objeto (as figuras e tropos tradicionais) e sim

---

<sup>169</sup> Cf. o quarto cap., na seção “As palavras de/sobre Arnaldo Antunes”, onde se discutiu sobre o entendimento de Arnaldo Antunes sobre a prática artística como entrega.

nos efeitos de sentido decorrentes da relação complexa entre vários sujeitos sobre vários objetos, como a *reinscrição sígnica verbo visual*. Em outras palavras, as figuras discursivas dialógicas são aquelas que se articulam estabelecendo sentido através da problematização de tensões, constitutivas, entre esferas discursivas. Quanto à segunda, a ADD organiza-se em consonância com a discussão de questões concernentes à relação interconstitutiva entre prática social e política, atravessada por relações culturais históricas. Nesta perspectiva, essas relações são fundadas conforme as vicissitudes das relações materiais e simbólicas situadas num lugar e tempo determinados. Assim, é uma perspectiva de estudo marcada pelo engajamento político.

Foi amparado nesses preceitos teórico-metodológicos e nessas conclusões que se pôde reconhecer que a poesia antuniana em “n. d. a.” indicia uma prática discursiva caracterizada por se constituir de ação discursiva atravessada pela crítica de ideologias hegemônicas conservadoras, ao articular formas de interação orientadas pelo reconhecimento da constitutividade fundamental do mundo oficial de axiologias marginais. Assim, estas práticas desenvolvem-se pela experimentação do confronto de diversos signos ideológicos por entre esferas discursivas distintas.

Por isso que a apreciação que a autoridade da voz poética faz da explicitação da orientação para discursos de outrem acaba por afirmar a validade da possibilidade transformadora de usos de discursos híbridos impregnados de axiologias “impensadas”. Esta é uma forma de destacar a constitutividade positiva de presenças marginais como condição de criação de práticas alternativas contra a monovalência discursiva e cultural. Tal forma se singulariza conforme se estabeleça como provocação de limites das formas de organização de práticas sociais consagradas e questionamento de interesses sociais institucionais.

Em “n. d. a.”, as relações dialógicas delineiam um modo de organização do discurso orientado segundo a tendência de uma voz autoral poética que contempla as formas como os discursos, em geral, são constituídos por linguagens alheias e que lhes reconhece o valor positivo, na medida em que as apresenta de maneira não objetificada, ou seja, isoladas das condições contraditórias de produção social de sentidos. Essa humanização das linguagens alheias tece-se através da redefinição da relação histórica da voz poética conservadora com as linguagens ordinárias, a qual ou as distanciava da esfera poética, ou, no máximo, lhes tirava efeitos de sentido por sua tipicidade.

Esta voz poética, que ora estudamos, em sua autoridade, busca, justamente, evidenciar o que ela tem de heterogêneo e por isso se entrega ao escrutínio das formas de

disseminação das palavras de outrem nos discursos sociais; e busca reinscrevê-las nos (novos) limites poéticos. Quando Bakhtin (2015) compara o romance monológico monovalente ao dialógico polifônico destaca que aquele possui uma atividade que menospreza qualquer ponto de vista que não seja os comuns ao seu horizonte social, assim, faz a voz autoral poética conservadora e é como tendência alternativa a esta postura que o discurso antuniano analisado se orienta, a assumir que sua constituição responde à lógica das linguagens alheias, sobretudo, das coloquiais-urbanas, que tendem para a hibridização de acentos ideológicos.

Desse modo, este discurso poético se constitui não na apresentação de linguagens diferentes em conjunto com a poética; antes se funda, através da constitutividade da linguagem poética de diversas linguagens não-poéticas. Cada contato intersemiótico revela e é revelado pela inconclusibilidade do grande diálogo histórico-discursivo com outras linguagens, marcado pela mutação, mistura, e conseqüentemente esvaziamentos de hierarquias, daí seu potencial criativo.

Nada, pois, escapa ao olhar da voz poética, seja o *outdoor* publicitário, ou a troca de gentilezas numa praça pública, seja o comércio diário, ou os dilemas do cidadão do mundo, ou, ainda, os acidentes e conflitos urbanos, ou, mesmo, as ambigüidades das práticas cotidianas e oficiais. Logo, pretende-se que nenhuma linguagem, nas suas formas materiais, seja banida da organização do discurso poético, pois todo ele é constituído pelo contato entre as particularidades das formas das linguagens poéticas e não poéticas. Portanto, de acordo com o que o discurso de “n. d. a.” sugere, diversos índices de valor e horizontes sociais alheios expressos nas linguagens da cidade se cruzam no discurso poético, e este cruzamento é apropriado no que ele tem de ético, no sentido de responsabilização pelas singularidades alheias.

Ao longo dessas considerações, reconhece-se que muito ainda pode ser dito, por exemplo, sobre os efeitos de sentido decorrentes das relações semióticas entre as imagens do corpo nas poesias antunianas, ou sobre o valor fundante de sentidos através de jogos estilísticos entre os títulos das poesias e sua retomada em outras poesias, ou, mais, sobre a relação entre verbo e outras semioses como música, bem como sobre a presença, nessa obra, da cosmovisão carnavalesca e grotesca. Enfim, reconhece-se que o que se discutiu por hora é uma porção do imenso caldeirão de sentidos que são as poesias de “n. d. a”, mas se reconhece, também, que o propósito que conduziu as considerações teórico-analíticas desta dissertação: problematizar relações políticas constituídas e constituintes em/de discursos, indicadas na obra “n. d. a.”, foi trilhado, satisfatoriamente.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, J. F. B. **Arnaldo Antunes: o corpo da palavra**. Dissertação. (Mestrado em Letras Vernáculas, Literatura Brasileira). 2009. 111f. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

ANTUNES, A. **n. d. a.** São Paulo: Iluminuras, 2010.

BAKHTIN, M, VOLOCHÍNOV. V **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2014.

BAKHTIN, M. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro e João editores, 2010.

BAKHTIN, M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance**. 7. ed. São Paulo, Hucitec, 2014.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Ed. Lucerna: Rio de Janeiro, 1999.

BOHN, H. As exigências da pós-modernidade sobre a pesquisa em linguística aplicada no Brasil. In: FREIRE, M.; ABRAHÃO, M. H. V.; BARCELOS, A. M. F. (Orgs.) **Linguística Aplicada e Contemporaneidade**. Campinas: Pontes. ALAB, 2005. p. 11-23.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2014, p. 9-31.

BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n. 2: p. 43-66, Jul./Dez. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bak/v8n2/04.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2016.

CAVALCANTE, M. M. A dêixis discursiva. **Rev. de Letras** – v. 1/2, n. 22 - - jan/dez. 2000, p. 47-55.

CAMÕES, L. **Lusíadas**. Texto integral. Lisboa, 1997.

CONSELHO NACIONAL DOS TRABALHADORES DA EDUCAÇÃO. **Análise da medida provisória nº 746, que trata da reforma do ensino médio: texto atualizado em 26/09/16**, após a constatação de que o MEC manterá excluídas as disciplinas de artes,

educação física, filosofia e sociologia do currículo do ensino médio. Disponível em: <[http://www.cnte.org.br/images/stories/2016/ensino\\_medio\\_analise\\_CNTE.pdf](http://www.cnte.org.br/images/stories/2016/ensino_medio_analise_CNTE.pdf)>.

Acesso em: 04 nov. 2016.

DISCINI, N. Carnavalização. In: BRAIT, B. (org) **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2014, p. 53-93.

ERASMO. **De pueris (dos meninos)**. Texto Integral. 2. ed. Tradução, introdução e notas de Luiz Feracine. São Paulo: Escala, 2008

FABRÍCIO, B. F. Transcontextos educacionais: gêneros e sexualidades em trajetórias de socialização na escola. In: SILVA, D. N.; MARTINS FERREIRA, D. M. M.; ALENCAR, C. N. (Orgs.) **Nova Pragmática**: Modos de fazer. São Paulo: Cortez, 2014. p. 145-189.

FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L.P. da. (Org.). **Por uma linguística aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 45-65.

FARACO, C. A. Bakhtin e filosofia. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 45-56, Maio/Ago. 2017.

FERREIRA, D. M. M. e ALENCAR, C. N. Contexto: problemáticas ad infinitum. In: SILVA, D. N.; MARTINS FERREIRA, D. M. M.; ALENCAR, C. N. (Orgs.) **Nova Pragmática**: modos de fazer. São Paulo: Cortez, 2014. p. 190-204.

FERREIRA, R; RAJAGOPALAN, K. **Um mapa da crítica nos estudos da linguagem e do discurso**. Campinas, São Paulo: Pontes editores. 2016.

FIORIN: J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

GERALDI, J. W. Perspectivas críticas dos estudos da linguagem do Círculo de Bakhtin. In: FERREIRA, R; RAJAGOPALAN, K. **Um mapa da crítica nos estudos da linguagem e do discurso**. Campinas, São Paulo: Pontes editores. 2016.

GONÇALVES, J. B. C. e ALVES, B. F. O texto como enunciado na perspectiva translinguística bakhtiniana: uma análise da capa da revista Istoé. **Intersecções** – Edição 18 – Ano 9 – Número 1 – fevereiro/2016, pp 219-39. Disponível em: <<http://www.portal.anchieta.br/revistas-e-livros/interseccoes/pdf/interseccoes-ano-9-numero-1.pdf>>, acesso em: 26 out. /2016.

GONÇALVES, J. B. e AMARAL, M. R. S. Estética bakhtiniana e perspectiva ético-cognitiva: análise do poema 'dna' de Arnaldo Antunes. In: FERREIRA, D. M. M. (org.). **Estudos críticos da linguagem** – Coletânea. (no prelo)

GONÇALVES, L. E. Q. **Quem vê capa não vê coração**: um olhar bakhtiniano sobre a construção de sentidos da imagem dos evangélicos em capas da Veja. 2015. 218 f. Dissertação. (mestrado acadêmico em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015.



GRILLO, S. V. C. Esfera e campo. In: BRAIT, B. **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2014, p. 133-160.

KUMARAVADIVELU, B. A linguística aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES, L.P. (Org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 129-148.

MACHADO, I. **O romance e a voz**. A prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin. Rio de Janeiro, Imago, São Paulo, FAPESP, 1995.

MACHADO, I. **Texto como enunciação**. A abordagem de Mikhail Bakhtin. Língua e Literatura, n. 22, p. 89-105, 1996.

MARCHEZAN, R. C. Diálogo. In: BRAIT, B. **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2014, p. 115-131.

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2014, p. 167-76.

MOITA LOPES, L.P. A transdisciplinaridade é possível em linguística aplicada? In: SIGNORINI, I. e M. C. CAVALCANTI (orgs.) **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade**: questões e Perspectivas. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

MOITA LOPES, L.P. Linguística Aplicada e Vida Contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L.P. (Org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 85-107.

MOITA LOPES, L.P. **Oficina de linguística aplicada**: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas. Campinas: Mercado

MORSON, G; EMERSON, C. **Bakhtin**: criação de uma Prosaística. São Paulo: Edusp, 2008.

OLIVEIRA, M. A. **Reviravolta Linguístico-Pragmática na Filosofia Contemporânea**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

PAULA, L. Círculo de Bakhtin: uma Análise Dialógica de Discurso. **Revista de estudos da linguagem**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 239-258, jan./jun. 2013

SILVA, A. P. P. F. Bakhtin. In: OLIVEIRA, L. A. (org.). **Estudos do discurso**: perspectivas teóricas. São Paulo: Parábola, 2013.

SILVA, D. N.; ALENCAR, C. N.. Violência e significação: uma perspectiva pragmática. In: SILVA, D. N.; MARTINS FERREIRA, D. ALENCAR, C. N. (Orgs.) **Nova Pragmática**: modos de fazer. São Paulo: Cortez, 2014. p. 259-283.

SILVA, E. G. **Análise do discurso carnavalizado na narrativa fílmica de animação Valente**: "Eu decidi fazer o que é certo e... quebrar a tradição". 2016. 219 f. Dissertação (Mestrado acadêmico em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em

Linguística Aplicada Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Fortaleza, 2016

SILVA, E. R. G.; SILVA, S. S. A memória devoradora na poesia de Arnaldo Antunes. In: IV SEMINÁRIO NACIONAL LITERATURA E CULTURA, 4. 2012. São Cristóvão, SE **Anais eletrônicos...** São Cristóvão, SE: GELIC/Universidade Federal de Sergipe, v. 4. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/view/30554739/a-memoria-devoradora-na-poesia-de-arnaldo-antunes/8>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

SILVA, M. das G. V. **Elementos da cibercultura e suportes performanciais em 2 ou + corpus no mesmo espaço, da Arnaldo Antunes.** 2014. 122 f. Dissertação. (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.

SIPRIANO, B. F. **Vozes sociais e produção de sentidos:** a representação do beato José Lourenço e do movimento Caldeirão na cobertura do jornal *O Povo* (1934-1938). 2014. 212 f. Dissertação (mestrado acadêmico em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014.

SOBRAL, A. **Do Dialogismo ao Gênero:** as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

STELLA, P. R. Palavra. In: BRAIT, B. **Bakhtin:** conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2014 p. 177-190.

TEZZA, C. **Entre a prosa e a poesia:** Bakhtin e o formalismo russo. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

TEZZA, C. Poesia. In: BRAIT, B. **Bakhtin:** outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2014, p. 195-218.

VELMEZOVA, E. Mikhail Bakhtin, o mecânico e as fronteiras. In: ZANDWAIS, A. (org.) – **Mikhail Bakhtin:** contribuições para a filosofia da linguagem e estudos discursivos. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2005. p. 73-82.